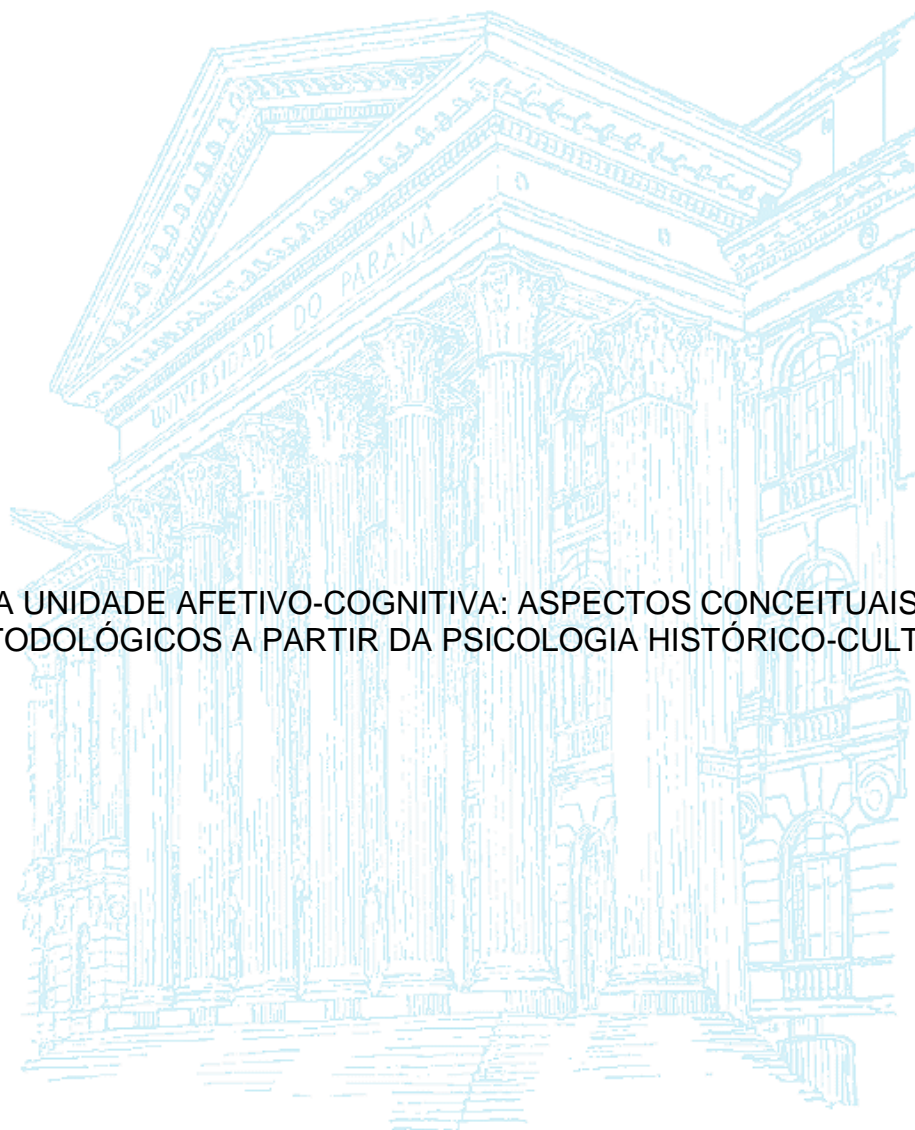


PATRICIA VERLINGUE RAMIRES MONTEIRO

**A UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA: ASPECTOS CONCEITUAIS E
METODOLÓGICOS A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**



**CURITIBA
2015**

PATRICIA VERLINGUE RAMIRES MONTEIRO

**A UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA: ASPECTOS METODOLÓGICOS E
CONCEITUAIS A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Psicologia, linha de pesquisa “Práticas Educativas e Produção da Subjetividade”.

Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Rossler

**CURITIBA
2015**

Catálogo na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Monteiro, Patricia Verlingue Ramires

A unidade afetivo-cognitiva: aspectos metodológicos e conceituais a partir da psicologia histórico-cultural – Curitiba, 2015.

192 f.

Orientador: Profº. Drº. João Henrique Rossler

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Cognição – Psicologia. 2. Homem – Atividades. 3. Consciência. 4. Psicologia histórico-cultural. I. Título.

CDD 370.15



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas.
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO
PSICOLOGIA



PATRÍCIA VERLINGUE RAMIRES MONTEIRO

"A UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA: ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL"

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e Aprovada (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.

Prof. Dr. João Henrique Rossler
Universidade Federal do Paraná
Professor orientador

Prof.ª Dr. Lígia Márcia Martins
Universidade Estadual Paulista
Professora titular

Prof.ª Dr.ª Graziela Lucchesi Rosa da Silva
Universidade Federal do Paraná
Professora titular

Curitiba, 10 novembro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho tão significativo na minha constituição como pessoa às milhões de pessoas que tornaram este conhecimento genérico possível de ser sintetizado em um trabalho acadêmico e às pessoas do meu coração que tornaram possível que *eu* realizasse tal tarefa.

E de modo muito singular, dedico este trabalho ao meu companheiro da vida, Mozart, que sintetiza sentimentos e sonhos em uma relação.

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho não foi realizada apenas por mim, foi influenciada por estudos, vivências, pensamentos e sentimentos em cada dia, em cada momento de estudo e escrita. Esses estudos, pensamentos, vivências, sentimentos, inferências etc. vieram do auxílio e da convivência com diversas pessoas que tornam o mundo um lugar recheado de sentido para mim. Por isso, quero deixar claros os meus agradecimentos às pessoas que, de modo direto ou indireto, tornaram esta dissertação possível.

Primeiramente, quero agradecer ao professor Dr. João Henrique Rossler pela sua orientação. João, você foi essencial para que esse trabalho acontecesse, sua confiança, sua paciência, suas correções rigorosas, sua preocupação etc. foram essenciais para que este trabalho chegasse a esta síntese "final". Fico admirada com a sua inteligência e a sua capacidade em "pirar" comigo nas supervisões... a gente ia longe, mas você sempre arranjava um jeito de voltar e unir todos os pontos com uma capacidade de síntese e com um domínio da teoria que algum dia eu também gostaria de ter. Você sempre me acolheu com calma, simpatia e responsabilidade mesmo quando eu estava meio que "surtando". Foi muito bom aprender com você. Obrigada por todas as contribuições neste processo.

À querida professora Dra. Lígia Regina Klein que sempre foi uma mestra inspiradora. Professora, obrigada por me ensinar a pensar de forma crítica desde o início de minha formação acadêmica em Psicologia. Obrigada por me mostrar que se deve ultrapassar as barreiras da realidade para superá-las. Obrigada por insistir tão avidamente para que estudássemos o método lá no Nupe-Marx e fora dele. Obrigada por me ajudar a pensar no projeto desta dissertação que hoje "se finaliza"! Mesmo longe você está presente em cada ideia, capítulo e construção deste trabalho. Obrigada!

À professora Dra. Graziela Lucchesi Rosa da Silva que esteve presente na minha vida acadêmica em todos os momentos! Graziela, você é parte fundamental deste trabalho, porque você já faz parte de mim e da minha forma de escrever e pensar (*unidade afetivo-cognitiva!*). Obrigada pelo companheirismo de sempre, pela paciência, pela confiança, pelo encorajamento e pela amizade.

E como agradecer a professora Dra. Lígia Márcia Martins que com sua genialidade, carisma e carinho deixa-nos todos admirados e cheios de vontade de estudar mais e lutar mais? Professora, talvez você não saiba, mas seus estudos, cursos, palestras e ideias foram parte essencial da minha formação e são parte da forma como compreendo o mundo. Muito obrigada por aceitar fazer parte da minha banca e ler o meu trabalho, suas contribuições, sugestões e ideias estão sendo um tesouro para minha pesquisa.

Às professoras Maria Tereza Castelo Branco e Norma Ferrarini por aceitarem tão prontamente meu convite. Obrigada pela disponibilidade, paciência e entusiasmo para ler o meu trabalho, suas contribuições serão muito importantes para mim também.

Aos professores Melissa Rodrigues e Vitor Schuhli pela sua contribuição em minha formação teórica na Psicologia Histórico-Cultural. Obrigada pela atenção, amabilidade e disponibilidade para discutir nas aulas, cursos e grupos de estudos.

Ao pessoal do NUPE-MARX pelo ensino de parte significativa do conteúdo crítico que forneceu respaldo à minha pesquisa. Este núcleo foi determinante na minha formação teórica. Obrigada a todos companheiros e companheiras do NUPE que pelas conversas, aulas, discussões, leituras etc. auxiliaram no meu processo de ideação e escrita deste trabalho. Como rebentos desse grupo, quero agradecer especialmente aos amigos Marcelo José de Souza e Silva, Lilian Odeli, Rhayane Lourenço da Silva, Francisco da Cunha, Jamile Nascimento e Renato Almeida Freitas Jr, por me acolherem sempre, por serem pacientes e me ajudarem a elaborar as ideias mais mirabolantes desta dissertação. Marcelo, obrigada pela leitura atenta e rigorosa de meu trabalho, pelo empréstimo de livros (o que eu sei que não é uma coisa fácil pra você), pelas suas traduções que me ajudaram indiretamente, pelas sugestões e pelas discussões calorosas! Rhay e Jami, obrigada por me ouvirem sempre e por me ajudarem a elaborar e a concatenar as minhas ideias de forma mais coerente.

Aos amigos do grupo de pesquisa interinstitucional "Alternativas para o enfrentamento da violência na Educação Básica: uma demanda à Psicologia Escolar" por me ajudarem a aprofundar meus estudos no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural de uma forma sistemática, mas leve, cheia de risos e camaradagens. Um muito obrigada especial ao Alex que me ajudou com a pesquisa no Portal da Capes, sem você eu teria quebrado (de novo) o meu computador! Ao pessoal do grupo da UEM, principalmente à Prof. Sonia Shima, à Marina Shima e à Prof. Marilda Facci, muito obrigada pelas sugestões de textos, por escutarem pacientemente meus

devaneios no início desta pesquisa e por me ajudar a articular teoricamente tais devaneios.

Também quero agradecer a minha família: Alayr, Rosa, Matheus e João. Obrigada por buscarem viabilizar meu acesso à educação na UFPR, mesmo quando as condições não permitiam tal acesso. Agradeço pela confiança, pelo carinho, pelas orientações, pelo companheirismo, pelas piadas, enfim, agradeço por todo o esforço e energia empregados para que eu pudesse me desenvolver. Não posso deixar de agradecer também a “vó Lólinha”, o “vô Layr” e a “vó Tereza” que sempre me ajudaram e apoiaram carinhosamente. Agradeço ao tio João por sempre se preocupar e me encorajar nos estudos. Além disso, agradeço a todos os tios e tias (que são muitos!), primos e primas por sempre me apoiarem e estarem dispostos a me ajudar incondicionalmente.

Ive, obrigada por me encorajar e cuidar de mim, mesmo que de longe. Você é minha “prima-irmã” companheira!

Aos familiares que agora são do coração, Angela Silvano & cia e Neander Pereira & cia, meu muito obrigada por me acolherem sempre com carinho, mas por entenderem também as minhas faltas, por mandarem aquela “quentinha” maravilhosa no domingo à tarde e por me quererem bem. Vocês são partes deste trabalho também.

Quero agradecer também aos meus amigos do curso de Psicologia e depois do mestrado, Alisson Ferreira, Ana Cristina Schneider, Gabriela Martim e Luciana Tiemi e Marcos Roberto, que me ajudaram mais diretamente nesse processo de pesquisa. Obrigada pela paciência; pelas discussões, abraços, risadas e conselhos. Vocês são ótimos amigos e companheiros da vida.

Às minhas amigas de uma vida toda, Steffanie Lopes, Nayara Brante, Caroline Santos e Marluce Peron, por tornarem a vida mais leve, feliz e divertida mesmo nos momentos mais reflexivos ou nos momentos ruins. Obrigada também por entenderem as minhas faltas e por sempre me fornecerem suporte, comprovando a tese de que os sentimentos podem ser duradouros, se complexificarem e se intensificarem. Nay, obrigada pela revisão carinhosa, divertida, criteriosa e responsável. Obrigada por fazer música com as minhas citações também!

Aos amigos Susana Pimenta e Fernando Malewschik por estarem sempre presentes com uma amizade serena, alegre e sincera.

Aos amigos Ricardo Fadel, Patrick Cesar, Paulo Talal e Ramon Bassani por proporcionarem boas risadas, boa música e por tentarem entender melhor o "universo paralelo" da Psicologia.

Às novas amizades que fiz no Hospital Pequeno Príncipe, principalmente à Julia Silva e à Simone Passos por aturarem minhas ansiedades finais tão gentilmente e acolhedoramente. Obrigada a todos pelo apoio!

Aos amigos Fernanda Oda, Renan Costa, Érika Leão, Lucas Almeida e Guilherme Gonçalves pela amizade doce, leve, sincera e ao mesmo tempo profunda, sólida, formativa. Obrigada amigos por me acompanharem, mesmo que de longe, neste processo tão importante da minha vida. Obrigada por evidenciarem o melhor de mim e por me ajudarem a melhorar aquelas coisinhas que me falta desenvolvimento para perceber. Obrigada pelo amor, compreensão e companhia. Vocês tornam a vida mais gostosa de ser vivida.

À Fernanda Magalhães por me ajudar a me perceber neste processo, por me ajudar a ver a beleza de ter autonomia e de ir tomando consciência sobre mim mesma.

À Camila Moro, minha grande parceira de mestrado. Cami, foram tantos momentos, tantas emoções, tantos desesperos que nem sei como sintetizar... Obrigada por fazer parte desse processo de desenvolvimento, por compartilhar sentimentos, reflexões, textos, estudos, tarefas, trabalhos, pelas críticas construtivas, pelas poesias, citações etc. Obrigada por dividir comigo as suas angústias sobre o mestrado e sobre as peripécias da vida. Você é uma grande amiga que levarei sempre comigo.

Por fim, quero agradecer ao Mozart, meu grande amigo, companheiro e amor. Eu sei que todo mundo aqui me ajudou muito, mas você me forneceu o suporte necessário para que este trabalho acontecesse da melhor maneira possível. Obrigada pelas leituras desta dissertação, pelos empréstimos de livros, pelas discussões teóricas, pelas críticas, por aguentar as minhas reclamações, por entender as minhas faltas e por estar sempre ali para me dar aquele abraço reconfortante que faz com que todos os problemas pareçam pequenos e fáceis de serem resolvidos. Obrigada pelas conversas por horas a fio sobre o que afinal seria a unidade afetivo-cognitiva. Obrigada por construir um sentido para a vida e para o mundo junto comigo.

Obrigada a todos vocês, amigos, por tornarem o mundo um lugar menos obscuro e recheado de um sentido libertador para mim.

EPÍGRAFE

*Darwin nos informou que somos primos dos macacos,
e não dos anjos. Depois, ficamos sabendo que
vínhamos da selva africana e que nenhuma cegonha
nos tinha trazido de Paris. E não faz muito tempo
ficamos sabendo que nossos genes são quase
iguazinhos aos genes dos ratos.*

*Já não sabemos se somos obras-primas de Deus ou
piadas do Diabo. Nós, os humaninhos:*

os exterminadores de tudo,

os caçadores do próximo,

*os criadores da bomba atômica, da bomba de
hidrogênio e da bomba de nêutrons, que é a mais
saudável de todas porque liquida as pessoas, mas
deixa as coisas intactas.*

os únicos animais que inventam máquinas,

*os únicos que vivem ao serviço das máquinas que
inventam,*

os únicos que devoram sua casa,

*os únicos que envenenam a água que lhes dá de
beber e a terra que lhes dá de comer;*

*os únicos capazes de se alugar ou se vender e de
alugar ou vender seus semelhantes,*

os únicos que matam por prazer,

os únicos que torturam,

os únicos que violam.

E também

os únicos que riem,

os únicos que sonham acordados,

os únicos que fazem seda da baba dos vermes,

os que convertem lixo em beleza,

os que descobrem cores que o arco-íris desconhece,

os que dão novas músicas às vozes do mundo

e criam palavras, para que não sejam mudas

nem a realidade nem sua memória.

Eduardo Galeano, *Humaninhos*

RESUMO

O presente estudo, de caráter teórico-metodológico, teve por objetivo sistematizar o conceito de *unidade afetivo-cognitiva* a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Esse objetivo se justifica pela escassez de estudos acerca deste tema na Psicologia e pela observância de que há uma predominância de visões dualistas acerca da razão e da emoção nos estudos psicológicos. Nesse sentido, o estudo da unidade afetivo-cognitiva pode trazer acréscimos à Psicologia por discutir os aspectos metodológicos da cisão razão/emoção e por evidenciar, mais detalhadamente, a união entre esses processos como parte essencial do processo humano de apreensão e conhecimento da realidade. Sendo assim, buscou-se situar metodologicamente o materialismo histórico-dialético e a Psicologia Histórico-Cultural como descendente desse método para, a partir dessa base teórica, discutir a constituição da consciência humana e da estrutura da atividade como unidades de análise da unidade afetivo-cognitiva, bem como compreender a condição humana alienada na sociedade de classes capitalista. Com isso, analisou-se, a partir de Leontiev e Vigotski, a estrutura da atividade humana e sua expressão pelos significados sociais e sentidos pessoais como unidade afetivo-cognitiva, chegando-se, por fim, à expressividade dessa unidade afetivo-cognitiva na constituição da personalidade humana. Essa investigação resultou na constatação de que a estrutura da atividade e a constituição da consciência humana demandam funções afetivo-cognitivas para formar a imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano. Por isso, indicou-se, conforme afirma Vigotski, que entender a unidade afetivo-cognitiva como sistema semântico da consciência, demanda o destrinchamento da relação entre a atividade humana e a forma como o ser torna essa atividade consciente. Foi esse o esforço principal empregado nesse trabalho, isto é, abstrair a unidade afetivo-cognitiva das relações sociais para então reposicioná-la, mesmo que brevemente, nas relações sociais de classe alienadas, porém num nível superior de compreensão e organização. Contudo, salienta-se que, ainda que a unidade afetivo-cognitiva da atividade consciente humana se manifeste concretamente imersa em relações sociais alienadas, o foco desta dissertação foi buscar compreendê-la teórico-metodologicamente priorizando, portanto, sua análise abstrata, isto é, momentaneamente isolada dessas relações. Sendo assim, buscou-se apresentar certas diretrizes preambulares para o estudo da unidade afetivo-cognitiva sob a égide de relações alienadas no modo de produção capitalista.

Palavras-chave: unidade afetivo-cognitiva; atividade humana; consciência; Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This study, of theoretical and methodological nature, aimed to systematize the concept of affective-cognitive unity from perspective of the Cultural-Historical Psychology. This goal is justified by the lack of studies on this subject in psychology and the perception that there is a predominance of dualistic approaches regarding the relation of reason and emotion in psychological studies. In this sense, the study of affective-cognitive unity can bring increments to Psychology by discussing the methodological aspects of the separation between reason/emotion and demonstrating in detail the link between these processes as an essential part of the human process of apprehension and knowledge of reality. Therefore, we sought to situate methodologically the historical-dialectical materialism and the Cultural-Historical Psychology as a descendant of that method in order to, from this theoretical standpoint, study the constitution of human consciousness and the structure of activity as units of analysis of the affective-cognitive unity and understand the alienated human condition in capitalist class society. Thus, in accordance with Leontiev and Vygotsky, we analyzed the structure of human activity and the expression of the affective-cognitive unity through personal and social meanings, arriving at the expression of that unity in the constitution of the human personality. This investigation resulted in the conclusion that the structure of the activity and the constitution of human consciousness require affective-cognitive functions to form a subjective image of objective reality in the human psyche. Therefore, it was pointed out that, according to Vygotsky, to understand the affective-cognitive unity as semantic system of consciousness demands a detailed investigation of the relationship between human activity and the way in which the self renders this activity conscious. That was the main effort employed in this work, ie, abstract the affective-cognitive unity of social relations and then reposition it, however briefly, into the alienated class social relations, but in a higher level of understanding. Nevertheless, it is noted that, although the affective-cognitive unity present in the human conscious activity manifests itself concretely immersed in alienated social relations, the focus of this work was to seek to understand it theoretically and methodologically therefore prioritizing its abstract analysis, ie momentarily isolated from those relationships. Therefore, we sought to provide some initial guidelines for the study of affective-cognitive unity under the aegis of alienated relations in the capitalist mode of production.

Keywords: affective-cognitive unity; human activity; consciousness; Cultural-Historical Psychology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - O MÉTODO MATERIALISTA-HISTÓRICO-DIALÉTICO, A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO BASE METODOLÓGICA À COMPREENSÃO DA UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA	23
1.1 A relação subjetividade-objetividade no desenvolvimento do materialismo histórico-dialético	24
1.2 A lógica dialética como esteira do método marxiano de elaboração do conhecimento	38
1.3 A apropriação do materialismo histórico-dialético pela Psicologia Histórico-Cultural e a dissolução da dicotomia razão - emoção	58
1.3.1 A crise da Psicologia	59
1.3.2 O dualismo razão - emoção e sua superação pela <i>análise por desmembramento em unidades</i> de Vigotski	63
CAPÍTULO II - A UNIDADE ENTRE ATIVIDADE E CONSCIÊNCIA HUMANA COMO LÓGICA PARA O ENTENDIMENTO DA UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA	75
2.1 A implicação da ontologia do trabalho e a criação da história no processo de constituição do ser humano	77
2.2 A atividade humana	84
2.3 O desenvolvimento do psiquismo humano: a determinação da atividade humana no desenvolvimento das funções psicológicas superiores	94
2.3.1 O significado da palavra como fundamento da formação de conceitos	112
2.3.2 Sentido pessoal, Significado Social e a Constituição da Consciência Humana	119
2.3.3 A produção de alienação humana	127

CAPÍTULO III - A Unidade Afetivo-Cognitiva como expressão da relação entre Atividade Humana e Consciência	134
3.1 A matriz sensorial como fundamento dos processos afetivo-cognitivos	140
3.2 A complexificação da relação afetivo-cognitiva: o significado e o sentido como expressões dessa unidade.....	148
3.2.1 Unidade afetivo-cognitiva: relação afetivo-cognitiva com os conceitos que engendram a atividade gerando sentido.....	157
3.2.2 O sentido e o significado como expressão da unidade afetivo- cognitiva na personalidade humana	164
3.3 A alienação da unidade afetivo-cognitiva: apontamentos preliminares .	176
Considerações Finais.....	182
REFERÊNCIAS.....	187
ANEXOS	193

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da relação (ou da não relação) entre afeto e cognição, ou razão e emoção, que encampam as ideias psicológicas datam dos primórdios da Filosofia, quando o ser humano passou a prestar atenção às suas emoções e ideias. Contudo, do ponto de vista científico, a Psicologia somente obteve bases materiais sólidas para se desenvolver enquanto área do saber independente, a partir do século XIX, e no Brasil após meados do século XX. Isso porque com o desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente da noção de indivíduo, o conhecimento psicológico passou a ser demandado socialmente. Sendo assim, apesar de se apresentar como um “braço” da Filosofia, foi em meio à Medicina que a Psicologia pôde se desenvolver, de modo que os estudos acerca da loucura, da cognição, do comportamento, do desenvolvimento infantil etc. forneceram diversos nichos de inserção à ciência psicológica nascente. No que tange a compreensão acerca do afeto e da cognição, a Psicologia incorporou noções que dualizavam esses processos psíquicos ora por tratá-los apenas como componentes orgânicos do ser (processos elementares estritamente fisiológicos, instintivos, epifenômenos da consciência etc.), ora por considerá-los unicamente em seu aspecto introspectivo (processos provenientes da alma do ser, inconscientes por natureza, sinalizações somatopsíquicas da alma/do inconsciente).

No âmbito da Psicologia Histórico-Cultural o termo *unidade afetivo-cognitiva* vem sendo utilizado para expressar a noção de unidade entre afeto e cognição. Essa noção de união é elemento metodológico instituinte dessa abordagem psicológica, partindo da lógica dialética do conhecimento, que nesse caso em específico aponta a não dicotomização entre afeto e cognição ou emoção e razão. Assim, a Psicologia Histórico-Cultural, encabeçada por Lev Semionovich Vigotski¹ (1896 - 1934), Alexis Nikolaevich Leontiev (1903 - 1979), Alexander Romanovich Luria (1902 - 1977) e outros da Universidade de Moscou², apresenta-se como uma possibilidade de superação dessas visões dicotômicas no âmbito da ciência psicológica³. Esta abordagem psicológica carrega consigo a possibilidade da crítica e superação da

¹ Nesta dissertação se adotará a grafia *Vigotski*, respeitando-se as diferentes grafias nos casos de citação, uma vez que o nome deste autor pode variar em decorrência das diferentes traduções de sua obra.

² L. I. Bozhovich, A. Zaporozhec, P. I. Zinchenko, P. Y. Galperin, V. Davíдов, D. Elkonin, M. Lisina, A. Smirnov, S. L. Rubinstein, A. Petrovski, dentre outros.

³ A união entre Vigotski, Luria e Leontiev é denominada *troika*. Segundo Schuhli (2014), pode-se caracterizar essa união a partir de quatro aspectos essenciais: 1) a tese da natureza social do psiquismo humano; 2) a lei genética do desenvolvimento social; 3) o conceito de mediação; 4) a concepção da atividade humana enquanto síntese das possibilidades orgânicas e sociais.

psicologia tradicional, por conta de seus fundamentos epistemológicos e metodológicos: o materialismo histórico-dialético (BOCK, 2001).

O tema das emoções e sentimentos teve sua primeira obra expressiva, porém inacabada, com livro "A Teoria das Emoções", de Vigotski (2004). Apesar de não conseguir efetivamente concluir uma teoria completa das emoções, em função do agravamento de sua tuberculose, o autor forneceu as bases para tal estudo.

Para Vigotski (2004), a primeira tarefa no estudo das emoções seria superar o enfoque dual, cartesiano, que assolava o entendimento da relação razão/emoção na filosofia e nas ciências, dentre elas a Psicologia, bem como no senso comum da época. Além disso, para o autor, um estudo acerca das emoções deveria se configurar como um par com o estudo sobre o desenvolvimento intelectual humano, com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, incluindo-se nestas os sentimentos e as emoções. Tudo isso sem se perder de vista que é na atividade humana que essas funções (inclusive a afetividade) se constituem e se expressam⁴.

Nesse sentido, a crítica tecida por Vigotski defende, justamente, a existência de uma unidade entre afeto e cognição na atividade humana que determina o sistema interfuncional da consciência. Contudo, apesar de indicar a possibilidade desta unidade, o autor (2004) não chega a analisá-la de modo aprofundado, tanto no sentido metodológico quanto conceitual.

Considerando-se a aparente ausência de um desenvolvimento teórico-conceitual sistemático do problema da unidade afetivo-cognitivo no campo da Psicologia Histórico-Cultural, buscou-se por estudos científicos recentes, realizados a partir desta abordagem teórico-metodológica e que tivessem abordado sistematicamente o problema.

Para tanto, foi realizada pesquisa no Portal da Capes⁵ com a palavra-chave - *unidade afet cogn*, em que foram filtrados os estudos acadêmicos que apresentassem

⁴Ao relacionar aqui a unidade afetivo-cognitiva com a atividade humana, está-se partindo do pressuposto que há continuidade e consonância entre as teorias desenvolvidas por Vigotski e Leontiev. "Com isso, identificamos autores (São eles: Valsiner & Van der Veer, Alex Kozulin, Fernando González Rey e Guillermo Blanck) que, em favor de uma leitura purista de Vigotski, mais ou menos evidente, defendem abertamente uma ruptura entre Vigotski e Leontiev. Também identificamos os autores (James Wertsch e Vladimir Zinchenko) que, na tentativa de defender uma complementariedade entre ambos, acabam por incorrer em um mesmo problema presente naqueles que defendem a ruptura: uma dicotomia entre Atividade e Linguagem. Esta dicotomia é expressa especialmente pela oposição entre os conceitos de instrumento e signo, que vulgariza a relação entre consciência e trabalho. Em última análise esta é uma dicotomia entre subjetividade e objetividade, calcada pela velha e ainda tão moderna filosofia metafísica que opôs matéria e espírito" (SILVA, 2013, p. 18).

⁵ O Portal de Periódicos da Capes oferece acesso a textos completos publicados em mais de 37 mil publicações periódicas, internacionais e nacionais. Esse portal conta com artigos publicados em periódicos, resumos de trabalhos acadêmicos e científicos, patentes, teses e dissertações dentre outros tipos de estudos. Como exemplo que outros portais de busca que

pelo menos duas dessas palavras, a fim de se investigar em que sentido elas geralmente são utilizadas. Neste levantamento, foram encontrados 231 artigos de diversas áreas do conhecimento⁶. Estes estudos foram tabulados (tabela em anexo, em que constam: o título, nome do(s) autor(es), ano, periódico, resumo e link do artigo) e, na sequência, foi realizada a leitura de seus resumos, a fim de se verificar se os conceitos de afeto e cognição eram abordados na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. No entanto, dos artigos encontrados, apenas 04 abordavam os referidos conceitos nesta perspectiva teórica. Estes artigos foram então analisados para identificar o termo “unidade afetivo-cognitiva” (ou derivados como: "unidade entre afeto e cognição", "relação dialética entre afeto e cognição", unidade afetivo-cognitivo, "unidade dos processos afetivos e intelectuais"). A partir disso, realizou-se a classificação do termo encontrado no artigo como sendo: a) noção não sistemática (quando o autor referencia a importância da unidade entre afeto e cognição sem explicá-la, por exemplo no artigo de MARTINS, 2003⁷, e DIOGO; MAHEIRIE, 2007⁸); b) noção sistemática (quando o autor cita o termo, explicando-o, porém sem desenvolvê-lo e conceitua-lo, como em COMBINATO; QUEIROZ, 2008⁹, e MELLO, 2010¹⁰); c) conceito sistemático (quando o autor efetivamente sintetiza o termo "unidade afetivo-cognitiva" num conceito teórico, explicando-o e situando-o cientificamente no âmbito Psicologia Histórico-Cultural, o que não foi encontrado em nenhum dos artigos analisados).

Ao final dessa etapa, constatou-se a quase inexistência de estudos científicos que empreendessem uma sistematização conceitual e metodológica do termo em foco¹¹ em vista dos artigos publicados no Brasil nos últimos quinze anos. Do que foi encontrado na literatura da área até o momento, a tese de livre-docência de L. M.

estão incluídos no Portal da Capes, encontra-se: Scientific Electronic Library Online (SciELO); American Psychological Association (APA); Index Psi Periódicos (IndexPsi); Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC).

⁶ A pesquisa em base na referida base de dados ocorreu nos meses de maio e junho de 2013.

⁷ De Maria Silvia Cintra Martins, *A escrita e as outras linguagens (Alfa: revista de linguística)*. Obtido em 04/06/2013 (vide referências).

⁸ De Maria Fernanda Diogo e Katia Maheirie, *Uma breve análise da constituição do sujeito pela ótica das teorias de Sartre e Vygotski* (periódico *Aletheia*). Obtido em 04/06/2013 (vide referências).

⁹ De Denise Stefanoni Combinato e Marcos De Souza Queiroz, *Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski* (periódico *Ciência & Saúde Coletiva*). Obtido em 04/06/2013 (vide referências).

¹⁰ De Suely Amaral Mello, *Ensinar e Aprender a Linguagem Escrita na Perspectiva Histórico-Cultural* (periódico *Psicologia Política*). Obtido em 04/06/2013 (vide referências).

¹¹ O filtro dessa pesquisa não foi estendido aos periódicos internacionais existentes no Portal da Capes, dada a busca por uma sistematização desse objeto em nível nacional, primeiramente.

Martins (2011)¹², acerca do desenvolvimento do psiquismo humano e a educação escolar, avança nos estudos acerca da unidade afetivo-cognitiva, podendo ser considerado o que há de mais avançado sobre o assunto, embora este não fosse diretamente seu objeto de investigação e se constitua apenas em um dos aspectos abordados pela autora ao tratar do psiquismo humano. Assim, vê-se a dificuldade de se falar em unidade afetivo-cognitiva, já que essa noção se dilui por todas as obras dos autores da Psicologia Histórico-Cultural. De modo que se faz mister dissertar sobre tal unidade, uma vez que não se encontrou uma análise sistemática desse termo.

Em meio à escassez de estudos acerca da unidade afetivo-cognitiva na Psicologia, e mesmo no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, e da observância da prevalência da visão dualista acerca de emoção/razão até hoje, entende-se como importante uma investigação sistemática acerca da unidade afetivo-cognitiva, uma vez que

[...] entender a dialética entre os processos cognitivos e afetivos - como opostos interiores um ao outro, e não como processos dicotômicos - é requisito metodológico para a compreensão da unidade afetivo-cognitiva, e, conseqüentemente, o primeiro passo para o estudo materialista histórico-dialético das emoções e sentimentos. A unidade afetivo-cognitiva que sustenta a atividade humana demanda, então a afirmação da emoção como dado inerente ao ato cognitivo e vice-versa, uma vez que nenhuma emoção ou sentimento e, igualmente, nenhum ato de pensamento, podem se expressar como "conteúdos puros", isentos um do outro. (MARTINS, 2011. p. 193)

Entende-se, por conta disso, que é muito fácil cair numa noção que dualize a relação sujeito/objeto, objetividade/subjetividade, e, portanto, afeto/cognição. Isso, porque essa dicotomia é amplamente difundida nos ideários presentes na sociedade capitalista. Como tais ideários não são noções que pairam sobre a materialidade sem se relacionar com ela, pode-se dizer que esses ideários científico-filosóficos

¹² Convém esclarecer que este trabalho não foi encontrado no Portal da Capes. Neste trabalho, L. M. Martins apresenta as bases para a sistematização teórica da *unidade afetivo-cognitiva*, segundo os fundamentos do materialismo histórico-dialético adensados nos trabalhos dos estudiosos soviéticos. Essa autora, não recai numa visão purista e idealista de Vigotski, ao entender que é pelo trabalho e pela atividade humana que tal unidade se expressa na vida do sujeito. Diferentemente dessa visão, encontra-se os contemporâneos Valsiner & Van der Veer, Alex Kozulin, Fernando González Rey, Guillermo e Blanck, Bader B. Sawaia, que ao retirarem o conceito de *vivência* de Vigotski de sua base material, a atividade, acabam por recair e fundamentar um subjetivismo no âmbito da abordagem histórico-cultural e, com isso, abrem brecha a uma visão dicotômica entre razão e emoção/ afeto e cognição, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade. Não há como se aprofundar em tal discussão aqui, mas recomenda-se como leitura inicial de como essa ruptura se desenrola no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, o trabalho de R. L. Silva, *Leontiev e a natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história*, 2013.

fundamentam reflexões e práticas de produção e de exploração no capitalismo. Com isso, se está afirmando que estas noções dicotômicas, dominantes nos ideários contemporâneos, perpassam as reflexões teóricas e as práticas presentes em diversos campos de nossa sociedade, em especial, na educação e no trabalho, bem como nas ciências que lhe dão sustentação, todos eles afinados com o atual processo de reestruturação produtiva do capital, em que as relações de trabalho, em termos tecnológicos, organizacionais e gerencias, se complexificaram¹³.

Tendo em vista que a unidade afetivo-cognitiva é requisito metodológico para o entendimento da atividade humana e para o estudo materialista histórico-dialético acerca das emoções e sentimento; entendendo, também, que uma sistematização da unidade afetivo-cognitiva é requisito instrumental na luta contra a cooptação subjetiva e a dominação humana no contexto do capital; pergunta-se: o que é, de fato, a unidade afetivo-cognitiva ou, em outras palavras, quando genericamente se alude a unidade afetivo-cognitiva está se falando exatamente do que? Questão esta que implica responder: como se dá a gênese, o desenvolvimento e o posicionamento da unidade afetivo-cognitiva dentro do complexo categorial da Psicologia Histórico-Cultural.

Na busca por respostas críticas a tal questionamento, tem-se por objetivo geral, na presente pesquisa, sistematizar teórico-metodologicamente o conceito de *unidade afetivo-cognitiva* a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, foram delimitados alguns objetivos específicos: 1) situar metodologicamente o materialismo histórico-dialético e a Psicologia Histórico-Cultural como descendente desse método, destacando-se o método por decomposição em unidades elaborado por Vigotski; 2)

¹³ Ao longo do século XX, diversas crises econômicas, principalmente a da década de 1970, assolaram as estruturas do capitalismo, de modo que se fez necessária uma reestruturação produtiva das organizações (principalmente a partir do modelo toyotista) em direção a formas mais flexíveis e globais de gestão/produção (ANTUNES, 2011). Isso implicou em uma nova configuração do mercado de trabalho e em novas determinações no que concerne à constituição subjetiva do trabalhador e dos seres humanos em desenvolvimento. Sendo assim, o trabalhador passou a se deparar com novas facetas de um processo de precarização e expropriação que acabou por exacerbar a exploração de suas forças corpóreas e psíquicas, em que o trabalhador fica ligado subjetivamente à organização em que atua. Essa alienação não se restringe à dimensão ideológica, mas apreende a totalidade das relações sociais sob a forma do capital, em que a operacionalização das atividades produtivas torna obscuro os significados sociais e os sentidos pessoais para a realização da atividade de trabalho. O que pode produzir uma formação desequilibrada e desintegrada, portanto, alienada, da unidade da atividade humana, da sua unidade afetivo-cognitiva. Assim, a presente pesquisa se localiza no campo das pesquisas sobre os fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, fornecendo subsídios conceituais às diversas áreas de estudo no âmbito dessa abordagem. Nesse sentido, é parte integrante de uma pesquisa maior, intitulada "Contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Histórico-Cultural para o campo da Psicologia do Trabalho", ligada ao Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural, do Departamento de Psicologia, do Setor de Ciências Humanas da UFPR, e sob a coordenação do Professor Dr. João Henrique Rossler. .

discutir a constituição da consciência humana e a estrutura da atividade como unidades de análise da unidade afetivo-cognitiva, bem como a condição humana alienada na sociedade de classes capitalista; 3) discutir o entrelaçamento entre as necessidades, motivos e finalidade da atividade humana e sua expressão na consciência pelo conteúdo sensível, pelos significados sociais e sentidos pessoais como unidade afetivo-cognitiva propriamente dita, a partir de Leontiev e Vigotski.

Assim, se propõe nesse estudo a desenvolver uma reflexão metodológica e conceitual sobre a unidade afetivo-cognitiva, à luz das contribuições filosóficas de autores do campo do marxismo e de autores do campo da Psicologia Histórico-Cultural. Com destaque especial para os estudos de A. N. Leontiev (1978a; 1978b) sobre as relações entre atividade e consciência, ou seja, sobre a atividade consciente e os elementos estruturantes da consciência humana, a saber, seu conteúdo sensível, os significados sociais e os sentidos pessoais. Baseado neste autor, formula-se a hipótese de que, aprofundar e sistematizar o problema da unidade afetivo-cognitiva implica considerá-la e defini-la, de fato, a partir de uma perspectiva materialista, como sendo dialeticamente uma unidade de contrários, que partindo do *conteúdo sensível* da materialidade chega a ser *afetivo-cognitiva*. Daí a importância de se destacar o viés metodológico e conceitual da presente pesquisa. Metodológico, posto que a discussão do conceito passa pela questão do método de pensamento materialista-dialético; conceitual, posto que a discussão do método remeterá ao desenvolvimento qualitativo do conceito.

Em outras palavras, porque somente metodologicamente, ou seja, apropriando-se da lógica dialética de compreensão da realidade, é que se pode encaminhar um estudo radical acerca do desenvolvimento da consciência humana. Segundo, porque entender a unidade afetivo-cognitiva como sistema semântico da consciência (VIGOTSKI, 2009), pressupõe o entendimento mais aprofundado do próprio desenvolvimento da consciência, que, por sua vez, se dá por meio dessa unidade.

Pode-se dizer, de antemão, que esta investigação teórico-metodológica se trata de uma *tentativa* de sistematização do conceito em causa, tendo em vista o emaranhado complexo de relações teórico-práticas que engendram o fenômeno da união afeto/cognição, além do caráter incipiente, imitando as palavras de Pasqualini (2010), da tradição de pesquisa calcada efetivamente no método materialista histórico-dialético na Psicologia. Dessa forma, há de se afirmar que não existe pretensão, por parte deste estudo, de esgotar a sistematização do que se convencionou chamar *unidade afetivo-cognitiva*.

Espera-se que o resultado deste esforço de pesquisa possa contribuir para um avanço na compreensão da unidade afetivo-cognitiva da atividade humana, em prol

de, futuramente, também contribuir teoricamente para a elaboração de práticas psicológicas mais críticas no âmbito da psicologia do trabalho (no enfrentamento da cooptação emocional do ser humano no processo de produção), da psicologia da educação (na luta contra práticas naturalizantes e psicologizantes dos fenômenos da aprendizagem e do desenvolvimento), da psicologia da saúde (no entendimento do processo saúde/doença e do sofrimento humano) etc.

Para dar conta de seu propósito, a presente pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, organiza-se metodologicamente a partir de três momentos diretamente articulados, os quais correspondem ao movimento de construção da análise de seu objeto, análise esta que se cadencia em três capítulos distintos. O primeiro momento (cujo capítulo intitula-se “O método Materialista-histórico-Dialético e a Psicologia Histórico-Cultural”) busca destacar os aspectos gerais do método materialista-histórico-dialético fundamentados nos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels, explorando: a) a relação subjetividade-objetividade no desenvolvimento do materialismo histórico-dialético; b) a lógica dialética como lógica de investigação científica da realidade humano-social, tendo como produto inerente o desenvolvimento do processo de elaboração do conhecimento teórico preconizado por Karl Marx; c) a apropriação do método materialista histórico-dialético pela Psicologia Histórico-Cultural no contexto da URSS e da *crise da Psicologia*; d) a apropriação da lógica dialética pela Escola de Vigotski e seu papel na dissolução da dicotomia razão-emoção, presente nas abordagens psicológicas da época; e) apresentação do *método por decomposição em unidades*, elaborado por Vigotski e seus colaboradores, como produto do movimento da lógica dialética e essencial ao entendimento da unidade afetivo-cognitiva.

Diante da inexistência de ou da inacessibilidade¹⁴ às teorizações sobre a unidade afetivo-cognitiva, o segundo momento (cujo capítulo intitula-se “A unidade entre atividade e consciência humana”), procura constituir, daquilo que existe sobre a ontologia do desenvolvimento humano, um núcleo conceitual de análise da unidade afetivo cognitiva, apontando a unidade entre atividade e consciência humana como firmamento da unidade afetivo-cognitiva. Dessa união entre atividade e consciência, buscar-se-á abstrair e generalizar elementos que subsidiem a reflexão posterior sobre unidade afetivo-cognitiva. Com o apoio de autores clássicos e contemporâneos que tangenciam a temática (K. Marx e F. Engels, L. M. Martins, N. Duarte, L. Klein, F. Asbahr, M. Facci, dentre outros), estuda-se principalmente as contribuições de A. N.

¹⁴ Muito do acervo soviético é ainda indisponível no mundo ocidental, provavelmente, conforme aponta Lazaretti (2008), devido à menor expansão da língua russa para o ocidente e aos vestígios do comunismo real.

Leontiev, A. R. Luria e L. S. Vigotski em relação: a) ao desenvolvimento ontológico humano pela atividade de trabalho; b) a estrutura geral da atividade humana, em que se explica a função das necessidades, motivos e finalidades da atividade humana; c) à determinação da atividade humana na constituição do psiquismo e das funções psicológicas superiores; d) à formação do significado social e do sentido pessoal da atividade humana na consciência como união da razão e da emoção no sujeito, mostrando, por fim, como essas relações se desintegram, se alienam, nas sociedades de classes, mais especificamente, na sociedade capitalista.

Chega-se, então, ao terceiro momento, ou seja, à unidade afetivo-cognitiva, (cujo capítulo intitula-se “A Unidade Afetivo-Cognitiva como expressão da relação entre Atividade Humana e Consciência”). Aqui, buscar-se-á destacar: a) a matriz sensorial como instauradora dos processos afetivo-cognitivos; b) a complexificação da relação afetivo-cognitiva, apontando o significado e o sentido como encarnações dessa unidade na personalidade humana; c) a relação afetivo-cognitiva com os conceitos que engendram a atividade gerando sentido; d) algumas considerações iniciais acerca da alienação da unidade afetivo-cognitiva. Partindo de um movimento próprio ao materialismo histórico-dialético, buscar-se-á abstraí-la de suas relações concretas e históricas, como produto das relações de alienação e exploração da sociedade capitalista, para analisá-la como unidade inerente à atividade humana e organizadora do desenvolvimento psíquico humano. Portanto, com um concomitante potencial humanizador. Para então, na sequência, reposiciona-la, mesmo que brevemente, nas relações sociais de classe alienadas, porém num nível superior de compreensão e organização.

CAPÍTULO I - O MÉTODO MATERIALISTA-HISTÓRICO-DIALÉTICO, A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO BASE METODOLÓGICA À COMPREENSÃO DA UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA

Como trágica ladainha a memória boba se repete. A memória viva, porém, nasce a cada dia, porque ela vem do que foi e é contra o que foi. Aufheben era o verbo que Hegel preferia, entre todos os verbos do idioma alemão. Aufheben significa, ao mesmo tempo, conservar e anular; e assim presta homenagem a história humana, que morrendo nasce e rompendo cria.

Eduardo Galeano, *Celebração das contradições*/

Neste primeiro e fundamental capítulo da dissertação, discorrer-se-á acerca dos fundamentos filosóficos, ontológicos, epistemológicos e metodológicos que orientam o percurso da presente pesquisa, qual seja o de sistematizar teórico-metodologicamente o conceito de *unidade afetivo-cognitiva* a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

Para melhor se compreender o arcabouço teórico que tornou possível a noção de unidade afetivo-cognitiva na psicologia marxista, faz-se mister uma digressão mais aprofundada ao método materialista histórico-dialético e sua posterior apropriação pela psicologia soviética. Isso porque, em geral, os métodos e os conceitos desenvolvidos por Vigotski e seus colaboradores descendem do método marxista. Sendo assim, esse método é chave e essência de toda investigação no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural. Após isso, explicar-se-á mais aprofundadamente a apropriação desse método pela Psicologia Histórico-Cultural, de modo que se engatilhe a discussão da questão razão x emoção, a fim de se apresentar uma breve contextualização da gênese do termo *unidade afetivo-cognitiva*.

Nesse ínterim, tem-se como pano de fundo a relação entre sujeito e objeto no âmbito filosófico e psicológico, a fim de se caracterizar a união entre objetividade e subjetividade, conforme defendida pelos estudiosos marxistas. Seu entendimento é a base para a explicação da relação razão e emoção que, por sua vez, conecta a discussão da objetividade – subjetividade à unidade afetivo-cognitiva. A relação entre subjetividade e objetividade advém dos primórdios da filosofia, em que se tentava explicar como o ser humano se apropria do mundo, podendo conhecê-lo e senti-lo ou não. Diferentes prerrogativas a esse respeito levaram a diferentes concepções acerca da forma como o ser humano se relaciona com o mundo ao seu redor; as principais

concepções destacadas neste capítulo serão a materialista e a idealista. A partir da caracterização dessas duas concepções será apresentado e explicado o método materialista histórico-dialético, que nasceu da crítica encaminhada por Marx e Engels aos filósofos (idealistas ou materialistas mecânicos) de sua época.

1.1 A relação subjetividade-objetividade no desenvolvimento do materialismo histórico-dialético

A exploração da problemática do método empreendida por Marx e Engels é um todo complexo que merece certo cuidado investigativo. Na monumental obra marxiana¹⁵ – a qual não se restringe aos livros publicados, mas também inclui uma quantidade expressiva de artigos de jornais, manuscritos etc. – não se encontra uma articulação sistemática exaustiva do seu método de investigação da realidade. Em Marx, tem-se muito pouco da discussão metodológica de modo separado do desenvolvimento teórico de suas investigações¹⁶. Embora a obra marxiana não conte com textos explícitos em relação à temática do método, um método muito sistemático e contundente pode ser derivado de sua obra: o materialista histórico-dialético. É do modo pelo qual Marx apresenta, analisa e explica seu objeto de pesquisa (as relações sociais e econômicas presentes na sociedade capitalista) que estudiosos de sua obra extraem um método de análise da realidade, o qual unifica os conceitos discutidos por Marx em busca da crítica da sociedade capitalista, bem como do esboço de um caminho para a sua superação.

Nesse sentido, para os fins desta dissertação, entende-se como sendo necessários dois momentos para se falar do método em Marx e Engels: primeiro, entender o contexto histórico em que esses estudiosos estavam inseridos, a dizer do debate com o idealismo hegeliano e com o materialismo feuerbachiano, principalmente, e sua proposta de superação desses modos de entender a realidade; segundo, abordar o método de investigação da realidade elaborado por Marx como dinâmica viva de sua crítica aos idealistas e aos materialistas mecanicistas¹⁷, o que

¹⁵ Aqui, refere-se a "obra marxiana" levando-se em consideração as obras produzidas em conjunto com Engels também.

¹⁶ Na bibliografia consultada nesta pesquisa, Marx discute acerca do método de investigação da realidade em excertos dos seguintes textos: *A Sagrada Família* (1845); *Miséria da Filosofia* (1847); *Grundrisse* (1857-1858); no prefácio à *Contribuição para a Crítica da Economia Política* (1859); e, nos prefácios e posfácios às edições de *O Capital*.

¹⁷ Como o materialismo e o idealismo predominaram desde a Grécia Antiga até meados do séc. XIX, assumiram diversas formas e tiveram vários representantes expressivos. Aqui, contudo, cabe tratar apenas daqueles que foram expoentes significativos para a "construção"

direciona sua crítica e luta revolucionária contra a economia política e as relações de produção e de vida expressas nessa sociedade. Aqui parte-se dos filósofos Aristóteles, Immanuel Kant, Georg F. W. Hegel, Ludwig Feuerbach e Baruch Spinoza para apontar as interlocuções entre aspectos de seus postulados com a obra marxiana na compreensão do que pode vir a ser a *unidade afetivo-cognitiva*. A partir disso, é possível entender como esse método foi apropriado pela Psicologia Histórico-Cultural. Essa dinâmica faz sentido na análise do objeto desta pesquisa, uma vez que é a partir desse método que os autores da Psicologia Histórico-Cultural construíram a noção de *união* entre afeto e cognição, embasados também na filosofia espinosana, que anteriormente foi influência e conteúdo de análise de Karl Marx.

A discussão do método materialista histórico-dialético é fundamental para a discussão da unidade afetivo-cognitiva, uma vez que, para se sistematizar um conceito no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, faz-se mister entender as intrínsecas relações dialéticas que esse conceito mantém com a realidade, que é social, material e histórica. É nesse momento que a discussão acerca do método pode fundamentar e encaminhar de forma mais contundente a sistematização e análise do presente objeto de pesquisa, que tem suas raízes filosóficas na discussão acerca da *união* ou *dicotomia* entre *sujeito e objeto*; entre *objetividade e subjetividade*; entre *razão e emoção*.

Emir Sader (2007), na apresentação do livro *A Ideologia Alemã*, de Marx e Engels, explica que a busca do conhecimento pelo pensamento humano partiu da dicotomia entre sujeito (subjetividade) e objeto (objetividade), a qual se desenrola num tipo mais profundo de dualização: razão (cognição) x emoção (afeto). Dessa forma, idealistas, materialistas, empiristas, racionalistas, metafísicos etc. compunham correntes de pensamentos que buscavam respostas para as questões acerca da interpolação sujeito-objeto¹⁸. Em complemento a isso, explica-se que

De maneira geral, independentemente das intenções dos filósofos, a concepção metafísica prevaleceu, ao longo da história, porque correspondia, nas sociedades divididas em classes, aos interesses das classes dominantes, sempre preocupadas em organizar duradouramente o que já está funcionando, sempre interessadas em "amarrar" bem tanto os valores e conceitos como as instituições existentes, para impedir que os homens cedam à tentação de querer mudar o regime social vigente. (KONDER, 2012. p. 9)

do materialismo histórico-dialético. Dada a limitação deste trabalho, abordar-se-á tais autores apenas de modo sucinto.

¹⁸ Para este trabalho, cabe deter-se (mesmo que muito brevemente) na metafísica, no idealismo e no materialismo, já que a incorporação, negação e, por fim, superação desses deu origem ao que se chama materialismo histórico-dialético, método defendido aqui como mais desenvolvida forma de se conhecer o mundo.

Segundo Konder (2012), já a partir da filosofia clássica, na Grécia antiga, o pensamento metafísico¹⁹ – que entende as coisas como essencialmente imutáveis, sendo o movimento um fenômeno apenas aparente, superficial – se torna hegemônico (prevalecendo sobre os demais) em detrimento da lógica dialética, sendo este um modo de pensar e compreender a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, de modo que a luta entre contrários gera um movimento que não é superficial, mas da coisa em sua totalidade. Um grande expoente do pensamento metafísico na Antiguidade foi Aristóteles (384 - 322 a.C.), sendo que para o pensamento aristotélico,

[...] a verdade se identifica com a ausência de contradição. Se A é igual a A, não pode ser igual a B ou a qualquer não-A. Simplesmente isso. Sua lógica codifica essas normas elementares, sem as quais qualquer discurso se torna impossível. Se uma coisa é igual a outra coisa, e diferente de si mesma, se ela é igual a si mesma e igual a outra coisa, trata-se de uma contradição, indicação insofismável de uma falsidade. (SADER, 2008. p. 9)

Essa lógica exemplificada por Sader e denominada *lógica formal*²⁰ ou lógica da identidade pauta-se no princípio metafísico de investigação e norteou a maioria das correntes do conhecimento ao longo dos séculos, desde a Antiguidade até os dias hodiernos. Essa lógica se sustenta a partir do princípio da identidade e não contradição, em que sempre $A = A$ e $A \neq B$, pois nesse critério lógico-formal de análise os elementos da realidade são estáticos e não relacionáveis. Entretanto, não se nega a necessidade desse tipo de lógica para se caracterizar, identificar, denominar e classificar os elementos em suas especificidades – apenas se aponta a insuficiência desse tipo de lógica no estudo de relações mais complexas e dinâmicas da realidade. Segundo Sader (2008, p. 9), pode-se comentar que a lógica formal "[...] continua a moldar o senso comum, consistindo na leitura mais difundida da realidade empírica, tal como ela costuma ser vivenciada por grande parte da humanidade. Nela a contradição é sintoma de falsidade".

No seio desta perspectiva metafísica, desponta-se, no século XVIII, um dos maiores filósofos modernos: Immanuel Kant. Para o filósofo alemão, a consciência humana – regulador moral – interfere ativamente na realidade, fato que complica o

¹⁹ Segundo Politzer (1954), as características do método metafísico são: rejeição da transformação; separação do que é inseparável – dualismos; compreensão da parte como se fosse todo; e exclusão sistemática dos contrários. Ou seja, o método metafísico deixa escapar a essência da realidade, que é a mudança incessante.

²⁰ Voltar-se-á a esse ponto mais adiante, na discussão acerca da lógica formal e da lógica dialética no que tange a crise da psicologia.

conhecimento humano – ciência – sobre o mundo. Em seu idealismo²¹ crítico, Kant considerou o conhecimento como produto da aplicação de princípios *a priori* da razão sobre os dados da experiência. Em *Fundamentação da metafísica dos costumes*, o filósofo afirma que não se pode conhecer a *coisa em si*, mas apenas o fenômeno tal como se apresenta imediatamente ao entendimento humano (KANT, 2008). Para Konder (2012), o centro da filosofia kantiana está na reflexão acerca da natureza exata e dos limites do conhecimento humano.

Fixando sua atenção naquilo que ele chamou de 'razão pura', o filósofo se convenceu, então, de que na própria 'razão pura' (anterior à experiência) existem certas contradições – as 'antinomias' – que nunca poderiam ser expulsas do pensamento humano por nenhuma lógica. (KONDER, 2012. p. 20)

Desse modo percebe-se que, para Kant, o ser humano nunca será capaz de apreender a realidade em sua totalidade e objetividade, uma vez que a contradição, para ele, emana subjetivamente da consciência – como defeito desta – no processo de conhecimento da realidade. Segundo Konder (2012), no pensamento kantiano essa contradição é característica imanente e irresolúvel do pensamento humano, sendo moldada pelo *imperativo categórico*²², que suplementa de modo independente e autônomo a *razão pura* – o conhecimento *a priori*.

Em Kant se encontra que os meandros desse processo estão na noção de que todo o conhecimento humano passa pelos sentidos, da qual se deriva o princípio de que, sem as sensações, nenhum tipo de conhecimento acerca do mundo seria possível. Lessa e Tonet (2008) ressaltam que para a filosofia kantiana as *sensações* possuem duas limitações fundamentais: primeiramente, são os órgãos dos sentidos humanos (localizados no corpo humano, portanto) que produzem os sentidos e não as determinações do mundo externo; em segundo lugar, as sensações sempre se referem a fatos ou eventos isolados. De novo o conhecimento acerca do mundo se torna praticamente impossível, uma vez que as sensações, as quais seriam a porta de entrada do mundo externo na consciência, são, na verdade, produzidas no e pelo sujeito, informando apenas sobre a *percepção* da *coisa* e não acerca do que a *coisa* de fato é – a *coisa em si* (LESSA; TONET, 2008). Kant chega a essa conclusão asseverando que o que se pode conhecer e especular "é a imagem do mundo que a

²¹ É importante salientar que, via de regra, o idealismo não nega a existência da matéria; afirma, porém, que esta é incognoscível em sua totalidade, uma vez que o mundo material apenas pode ser reconhecido segundo a forma que assume na consciência.

²² Em *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant (2008, p. 36) explica que o *imperativo categórico* é "agir de maneira tal que seja possível desejar que a máxima da ação deva tornar-se lei universal".

nossa consciência produz a partir da organização das nossas sensações no tempo e no espaço" (KANT *apud* LESSA; TONET, 2008. p. 41).

Segundo esses autores (2008), o que confere sentido à *sensação* para Kant é a articulação com a universalidade do mundo (seu lugar e sua função). Como as sensações são isoladas, não revelam tal universalidade. O que revela, para Kant, essa universalidade é a *razão*, sendo esta portadora de conceitos universais e imutáveis de tempo e espaço na consciência dos sujeitos, de modo que as *sensações* (e as emoções provenientes desta) atrapalhariam a plenitude do funcionamento racional. A partir disso, num âmbito mais amplo, tem-se que a *história* passa a ser entendida como uma luta de ideias racionais, ou nas palavras de Lessa e Tonet (2008, p. 42) "como o processo constante de autoaperfeiçoamento do espírito humano".

Sendo assim, Kant é considerado um importante expoente do movimento idealista preconizado por René Descartes, justamente porque fundou sua filosofia calcada no sujeito do conhecimento e não no objeto que se conhece, de modo que a consciência é o fundamento de todo o *conhecimento*. Para Lessa e Tonet (2008), Kant retratou um polo da relação homem-natureza²³, sendo que seu pensamento tendia a "compreender todo o universo como resultante da atividade da consciência humana" (LESSA; TONET, 2008. p. 36).

Em meio a isso, Georg F. W. Hegel (1770 – 1831) desponta como um importante crítico do idealismo kantiano, porém a partir do próprio idealismo. Com base no desenvolvimento das forças produtivas, possível pela Revolução Industrial²⁴, Hegel demonstra que, na relação homem-natureza (subjetividade-objetividade), o primeiro é predominante, pois é responsável pela história da humanidade (LESSA; TONET, 2008). Voltando seus olhos também para a Revolução Francesa, o filósofo alemão percebe que é pela evolução das ideias que a história é construída pela humanidade. "Entre o início da Revolução Francesa e a execução da família real, diz Hegel, o que mudou foi a opinião dos homens [...]. É pela evolução das ideias, conclui ele, que os homens fazem a sua própria história" (LESSA; TONET, 2008. p. 36).

²³ Isso significa que historicamente esse pensamento filosófico emerge de um contexto em que o precário desenvolvimento das forças produtivas exigia uma dependência da humanidade em relação aos eventos naturais para produzir seus meios de vida.

²⁴ No final do século XVIII e início do século XIX, os conflitos políticos e econômicos passaram a não se restringir somente à alta cúpula dos palácios, mas a se expressar nas lutas que precederam e desencadearam a Revolução Industrial (1776 - 1830) e a Revolução Francesa²⁴, em 1789. Neste período as massas plebeias foram mobilizadas, e as pessoas que constituíam o *povo* foram obrigadas a pensar e discutir acerca de questões políticas que anteriormente ficavam restritas a uma elite reduzida – a aristocracia. Deter-se-á aqui, inicialmente, no fato de que era uma minoria *ociosa* que produzia o conhecimento acerca do mundo e dos seres humanos, a filosofia.

Percebe-se em Hegel, como em Kant, a primazia do sujeito (da consciência ou espírito) sobre o objeto, mas em Hegel nota-se não a simbiose homem-natureza, mas a dominação volitiva do primeiro sobre a segunda. Se para Kant a "revolução copernicana" no pensamento humano se pautava em colocar o sujeito como eixo do conhecimento e da moral eternos, deixando-o à margem da história (VÁZQUEZ, 2007), para Hegel a "revolução copernicana" no pensamento humano veio com a reversão da identidade de que "toda contradição é sintoma de falsidade" (SADER, 2008. p. 9). Assim, para Hegel, a lógica da contradição leva à apreensão da dinâmica essencial de cada fenômeno do espírito humano. Logo, captar a contradição dos fenômenos existentes passa a sintomatizar a apreensão do verdadeiro movimento desses fenômenos – como motor do movimento do real. Portanto, para Hegel, apreender a contradição da relação sujeito-objeto significa apreender a essência de cada polo, passando à compreensão do sentido de sua relação mútua.

Essa inversão feita por Hegel coloca em outro patamar a discussão da dicotomia sujeito-objeto, que é base para o entendimento da discussão acerca da *unidade afetivo-cognitiva*. Segundo Sader (2008, p. 9), antes essa dicotomia era condição à reflexão epistemológica: "do cogito cartesiano ao eu transcendental kantiano, a diferenciação sujeito/objeto habitou, com diferentes roupagens, todos os sistemas filosóficos pré-hegelianos". Assim, como forma de inserção do ser humano no mundo, tinha-se a separação entre subjetividade e objetividade. Para Hegel, a questão acerca do conhecimento do mundo passa a ser a busca dos motivos que levaram sujeito e objeto a aparecerem separados e contrapostos. Desse modo, tem-se em Hegel a redefinição dos termos subjetividade e objetividade, e o enfoque no estudo desses passa a ser sua relação (sua unidade), e não sua separação.

Nesse contexto, Hegel também se posiciona contra o nascente positivismo que emprega larga e unicamente a lógica formal no processo de investigação da realidade. Em contraposição à Kant, Hegel busca na contradição (nas antinomias) a força motriz que impulsiona a relação sujeito-objeto. No entanto, segundo Konder (2012), havia concordância entre Hegel e Kant no reconhecimento de que o sujeito humano é ativo e interfere na realidade. E foi o contexto histórico em que Hegel vivia que possibilitou tal conjectura²⁵.

Assim, pode-se caracterizar o idealismo hegeliano como um tipo de idealismo objetivista²⁶ (ou absoluto, conforme Vázquez, 2007), enquanto o idealismo elaborado

²⁵ Na época da Revolução Francesa, o povo tomou a Bastilha e instituições monárquicas antiquíssimas que pareciam ser eternas e imutáveis, o que reforçou a compreensão do papel ativo do homem em relação à realidade.

²⁶ É objetivo porque é encarnado na consciência humana.

por Kant (e pelos filósofos alemães Schelling²⁷ e Fichte, com quem Hegel constantemente dialogava), é considerado um idealismo subjetivista²⁸. Dessa forma, Hegel vai buscar na realidade objetiva explicações para o movimento da relação contraditória entre sujeito e objeto.

Apesar de ter fornecido bases importantes para o materialismo histórico-dialético, Hegel, como um bom idealista, subordinava o movimento da realidade material à lógica dialética da Ideia Absoluta, ou Espírito Absoluto, pois o real era, para ele, *racional*. Em Hegel, diferentemente dos idealistas subjetivistas, espírito e mundo se elevam a uma *identidade absoluta* – são inseparáveis, assim como sujeito e objeto. Essa ascensão revela, em Hegel, o processo de reconhecimento dialético do mundo (que é espírito), que nada mais é do que um processo de autoconhecimento espiritual, tanto no que tange o objeto quanto o sujeito. Este último não se eleva imediatamente ao *Saber Absoluto*, que é o saber pleno. Para tanto, deve seguir um itinerário fenomenológico que desemboca no reconhecimento pleno de si enquanto espírito, ou seja, como sujeito. Aqui, Hegel assevera que desaparece todo o dualismo da relação sujeito-objeto (de consciência do objeto e objeto da consciência) (VÁZQUEZ, 2007). Isso porque a apreensão da verdade do real consiste em relegar suas aparências, que dicotomizam subjetividade e objetividade, chegando-se justamente na explicação da forma pela qual o real acaba por se desdobrar em sujeito e objeto como aparentemente cindidos – uma vez que, para Hegel, essa dicotomia é ilusória. E esse é o desdobramento da *lógica dialética* preconizado por Hegel.

Marx entra em contato com a teoria hegeliana quando se muda para Berlim, em 1836, para estudar na Universidade de Berlim, onde a influência do pensamento

²⁷ Schelling foi reitor da Universidade de Berlim após a morte de Hegel. Esse reacionário era partidário da política de Frederico Guilherme IV e empreendeu um saneamento dos discípulos de Hegel na Universidade em questão.

²⁸ Segundo Vázquez (2007), no idealismo subjetivista de Kant, Hegel identifica um dualismo que distingue da consciência *de si* todas as *coisas em si* (coisas reais, materiais). Em Fichte, há uma redução de tudo o que é *Não-Eu* ao âmbito do *Eu*, pois não se pode admitir a existência de nada que não seja a consciência do sujeito. Para Schelling (mais próximo de Hegel), há uma identidade entre sujeito e objeto, no Absoluto ou na Razão Absoluta. Hegel interpreta isso como um novo dualismo, em que há uma unidade sujeito-objeto no Absoluto e uma diversidade entre eles no plano real. Em todos esses idealismos apresentados, o que não compõe o sujeito é, em última instância, parte subjetiva da consciência do sujeito; então, tudo está no sujeito e é criado por sua consciência. Hegel, por sua vez, entende que "o conhecimento do Absoluto – ou o conhecimento que este tem de si mesmo – é um processo, no qual não existe um abismo intransponível entre a consciência comum e a consciência filosófica, e no decorrer do qual a consciência se eleva do nível mais baixo – a certeza sensível – até o Saber Absoluto" (VÁZQUEZ, 2007. p. 65). Aqui, vê-se que, para Hegel (diferentemente de Kant), o conhecimento do mundo é possível. Adiantando um pouco, o materialismo se contrapõe ferrenhamente a essas formas de explicação. Para o materialismo tudo existe (a natureza, as ideias os objetos) independentemente da consciência humana.

de Hegel²⁹ era dominante³⁰ e difundida pelos neo-hegelianos. Aqui, Marx pôde se apropriar mais aprofundadamente da obra de Hegel. Conforme Buey (2009, p. 39), "embora inicialmente oposto à filosofia de Hegel, cuja música ('uma melodia grotesca e pesada', diz) não lhe agradava, Marx se sentia ao mesmo tempo subjugado pela grandiosidade intelectual do sistema hegeliano". Hegel desenvolveu em sua *lógica* algumas questões relativas à razão já tratadas pelos filósofos: Aristóteles, Descartes, Leibniz e Kant. Marx buscava, então, aprofundar-se nessa lógica hegeliana a fim de invertê-la, isto é, Marx preencheu de materialidade a lógica dialética hegeliana.

A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. (MARX, 2013. p. 91)

Segundo Buey (2009), foi precisamente a crítica materialista³¹ de Feuerbach à religião no livro *Essência do cristianismo*, de 1841, que influenciou os estudos de Marx nos anos seguintes e, principalmente, a crítica marxiana à teoria hegeliana. Nesse momento pode-se dizer que

De Hegel [Marx] havia tomado, sem dúvida, sua concepção dialética do processo histórico, mas não lhe satisfaziam nem o sistema nem os desdobramentos mais concretos da filosofia hegeliana do direito e do Estado. Com Bauer concordava sobre a necessidade de uma revisão crítica da mitologia cristã, mas discordava dele no tema da relação entre cristianismo e judaísmo e, sobretudo, na apreciação do que haveria de ser a emancipação dos seres humanos. Por certo, leu com identificação o Feuerbach da *Essência do cristianismo* e das *Teses*

²⁹ Pode-se localizar Hegel como o maior expoente do idealismo alemão, influenciando o desenvolvimento da filosofia idealista, que, com diferentes roupagens, é expoente importante do pensamento filosófico até os tempos hodiernos.

³⁰ Nessa época, Hegel havia falecido há cinco anos. Segundo Buey (2009), os principais discípulos de Hegel se dedicavam, desde 1832, a editar lições não publicadas e desenvolver alguns eixos da doutrina hegeliana.

³¹ Segundo Löwy (2008), a primeira corrente materialista vem dos enciclopedistas, para quem as ideias e concepções de mundo são produtos das circunstâncias sociais em que vivem os homens, sendo que essas circunstâncias produzem a consciência e as ideias ou ideologias. É na época do modo de produção feudal que aparece o materialismo de tipo mecânico (como próprio da máquina que produz e reproduz eternamente o mesmo fenômeno) ou vulgar, uma vez que esses enciclopedistas são opostos a essa ordem social que produz o obscurantismo e o fanatismo, e gera, por consequência, dogmas e preconceitos. Entretanto, esses materialistas mecânicos entendem que, para se romper esse mecanismo das circunstâncias materiais que produz obscurantismo, faz-se mister encontrar uma figura excepcional, que esteja acima da sociedade e que tenha força para transformar a materialidade. Pensavam, os enciclopedistas terem encontrado este indivíduo soberbo em alguns inteligentes monarcas europeus. Essas figuras históricas (por exemplo, Frederico II da Prússia) eram recorrentemente denominadas déspotas esclarecidos e teriam a tarefa de romper com as circunstâncias vigentes, criando um mundo de conhecimento, luz e sabedoria. Como é sabido, tais déspotas não mudaram nada de essencial no modo de configuração da sociedade.

provisórias e se entusiasmou com a inversão, de tipo materialista, que este realizava da filosofia hegeliana e também com a formulação da ideia de alienação prática do homem religioso, que cria seus fantasmas e a eles se submete; mas, em seguida, também se separou parcialmente da filosofia de Feuerbach, com a consideração de que este dava muita importância à natureza e muito pouca à política, à análise do ser social do homem. (BUEY, 2009. p. 59)

Marx e Engels³² ajustaram sua crítica ao pensamento hegeliano vigente, influenciados pelo filósofo materialista Ludwig Feuerbach (1804 – 1872). Este autor se propôs a criticar o idealismo hegeliano (e dos neo-hegelianos), partindo do ponto de que o sistema de pensamento criado por Hegel desembocava em *ilusões psicológicas*, as quais são uma típica expressão do pensamento religioso, *alienado*. É pela via da alienação religiosa que Feuerbach criticou o idealismo de Hegel, portanto.

Hegel entendia que, primeiro, tem-se o Espírito, o qual entra em contradição consigo mesmo, autodilacera-se e passa a compor o mundo, o Espírito-Mundo (NETTO, 2002). Inclusive, daqui extrai-se o famoso postulado tese - antítese → síntese, expressão da superação dialética (conservação, negação e negação da negação). No materialismo mecanicista de Feuerbach, esse postulado dialético era insignificante, pois esse filósofo se preocupava em inverter o pensamento hegeliano, mostrando que não é o espírito que cria o mundo existente (para Hegel, a consciência), mas são os homens que, não conhecendo sua origem, criam um ser onipotente – Deus – para regê-los. Desse modo,

A filosofia especulativa de Hegel é assim criticada por partir de um universal abstrato, de um ser indeterminado, de um pensamento vago, a partir do qual o filósofo idealista vai construindo a realidade. Contra essa visão fantasmagórica, Feuerbach propõe a inversão materialista denunciadora de todo o edifício conceitual hegeliano como uma teologia disfarçada, um sistema alienado que subverte as relações reais entre o pensamento e a realidades. (FREDERICO, 2009. p. 26)

Contra esse tipo de raciocínio religioso alienado, Feuerbach propôs que se colocasse de lado a especulação e que se partisse do ser real, do ser humano, ou seja, da objetividade da natureza. Dessa forma, o filósofo materialista levantou a realidade imediata da natureza humana – realidade evidente, plenamente determinada – contra as mediações do pensamento especulativo (FREDERICO, 2009). Indo mais adiante nessa linha de pensamento, tem-se que Feuerbach rejeitou os "jogos

³² Segundo Netto (2002), por volta de 1843, Marx trabalhava numa Revista em Paris, os *Anais Franco-Alemães*, onde, em um belo dia, recebe o texto intitulado "Esboço de uma crítica da Economia Política" de Friedrich Engels. Esse texto introduz Marx no campo da Economia Política.

especulativos da dialética" (FREDERICO, 2009. p. 27). Influenciado por Feuerbach, Marx sintetiza a seguinte crítica à Hegel:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo.

[...] Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (MARX, 2007. p. 94)

Essa é a inversão de cunho materialista que Marx elabora em sua crítica ao pensamento idealista de Hegel. Nesse processo, Marx se apoiou no materialismo de Feuerbach para explicitar que é a vida material dos homens que, ontologicamente, determina a constituição da consciência e não esta que determina como a vida material dos homens será³³. Contudo, se em Hegel tem-se uma ênfase demasiada no polo *subjetivo* da relação sujeito – objeto, em Feuerbach tem-se o contrário: uma reclusão ao polo *objetivo* dessa relação. E é nesse sentido que Marx voltou-se ao Hegel invertido, à lógica dialética hegeliana, portanto, para criticar a objetividade severa e estanque feuerbachiana em *As teses sobre Feuerbach* (2007).

Nesse sentido, o materialismo feuerbachiano é conhecido como *contemplativo* por não entender a atividade sensível como unidade entre sujeito e objeto e por não captar o movimento essencial da realidade material pela prática humana. Ao não incorporar a categoria *trabalho* em sua crítica a Hegel, Feuerbach reduz a superação das ilusões a um processo de desmistificação acerca da realidade, transformando-se, ironicamente, no seu contrário: um idealista. Explica-se: ao resolver o problema da alienação religiosa pela contemplação e desmistificação da realidade, o autor recai na forma mais clássica de idealismo, qual seja a noção de que, ao se mudar a consciência humana, muda-se a configuração da realidade (VÁZQUEZ, 2007).

Vê-se que, na medida em que Feuerbach ignorou a objetividade social como resultado da atividade sensível dos sujeitos determinados historicamente, seu materialismo engendra a realidade apenas como exterioridade contraposta ao ser humano, podendo este apenas mentalizá-la, pois no âmbito da contemplação não há

³³ "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência." (MARX, 2007. 94)

nenhum outro vínculo entre objetividade e subjetividade, ficando estas isoladas e imóveis em suas esferas duais. Por isso, Marx e Engels (2007), apesar de reconhecerem a brilhante contribuição de Feuerbach para os seus estudos, asseveram que não se encontra história no materialismo de Feuerbach, assim como se se toma uma perspectiva histórica em sua obra, ela já não é mais materialista. Em Feuerbach, portanto, materialismo e história são noções oclusas e estanques que divergem completamente. Não é à toa que Marx escreve suas Teses sobre Feuerbach, dizendo que

O principal defeito de todo o materialismo até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto, a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto ou da *contemplação*, mas não como *atividade humana sensível*, como *prática*; não subjetivamente. Daí o lado *ativo*, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente desenvolvido pelo idealismo – que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento: mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva. Razão pela qual ele enxerga, n'A *essência do cristianismo*, apenas o comportamento teórico como autenticamente humano, enquanto a prática é apreendida e fixada em sua forma de manifestação judaica, suja. Ele não entende, por isso, o significado da atividade "revolucionária", "prático-crítica". (grifos do autor. MARX, 2007. p. 533)³⁴

A tônica que impera nessa crítica é a de que "os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo" (MARX, 2007. p. 535)³⁵. Trata-se de compreender a realidade para transformá-la revolucionariamente a partir do ponto de vista de classe, da classe dominada. O caráter materialista da abordagem marxiana se associa à afirmação de que não é a consciência que determina o ser, mas o *ser social* (e não o indivíduo isolado) e as relações materiais que determinam a consciência e a subjetividade humana. "O idealismo filosófico se esquece de que nossas ideias têm alicerce na prática. Assim se torna vítima da ilusão de que é o pensamento que cria a realidade" (EAGLETON, 2012, p. 114). Essa compreensão é contrária à falsa concepção idealista neo-hegeliana, na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real e de que a transformação da sociedade seria empreendida por uma luta crítica (espiritual/ideal, não material).

Há outro filósofo que apresenta um materialismo contundente na análise da relação subjetividade-objetividade e que vai inspirar Karl Marx no que tange tanto a sua crítica ao idealismo alemão quanto à dimensão cognitivo-afetiva desse processo –

³⁴ Teses sobre Feuerbach - Tese 1. (MARX, 2007)

³⁵ Teses sobre Feuerbach - Tese 11. (*Idem*)

o filósofo Baruch Spinoza (1632-1677)³⁶. Spinoza estava interessado em elaborar uma ética, um modo de ver o mundo, que não separasse Deus e natureza, corpo e mente. Nesse sentido, Spinoza é considerado um filósofo monista, pois, ao criticar o dualismo cartesiano, defende a unidade de polos duais apresentados na filosofia até então. O materialismo espinosano critica a forma idealista de colocar Deus enquanto ente absoluto e criador de toda a existência. Para Spinoza a existência humana é determinada pela sua relação com a natureza, de modo que Deus (se entendido enquanto "criador") não pode ser outra coisa senão a própria natureza. Para Chauí (1995), Spinoza estava interessado em discutir a servidão humana e as redes sociais invisíveis que tolhiam a liberdade do homem de sua época, como a religião, a monarquia etc. Nesse sentido, Spinoza convida a pensar a realidade a partir da noção de unidade. Em meio a isso, Chauí aponta as principais contribuições de Spinoza para o desenvolvimento de conceitos marxistas:

Outros intérpretes, que acompanharam o processo de constituição do pensamento de Marx (que leu e anotou o *Tratado teológico-político* e a *Ética*), consideram inegável que ele deve a Espinosa muito do que elaborou na teoria da alienação, na crítica à ideia burguesa de contrato social, e sobretudo na compreensão do peso do poder teológico-político na Alemanha, o que lhe permitiu fazer a crítica da filosofia política de Hegel. (CHAUI, 1995, p. 81)

Marx, portanto, incorpora a filosofia espinosana, assim como a de Hegel e de Feuerbach, e a supera. Ele reconhece o valor teórico da formulação de Spinoza acerca da base objetiva dos processos racionais e emocionais, além de se apropriar da noção formulada por Spinoza de que, para que o sujeito possa conhecer o mundo, este deve afetá-lo de alguma forma e continuar esse processo de afecção indefinidamente. Entretanto, Marx sente falta na obra espinosana de uma explicação acerca dos meandros desse processo do conhecimento, isto é, Spinoza não avançou a ponto de conseguir explicar a atividade humana como determinante no processo de constituição da consciência humana e das necessidades materiais como fator afectogênico essencial para a instauração dessa atividade. Marx, como é bem sabido, vai analisar a constituição humana a partir do *trabalho*. Para os estudiosos marxistas, é na atividade de trabalho e pelas necessidades que vão surgindo nesse processo que o ser humano pôde se diferenciar dos outros animais, constituindo-se psíquica e fisicamente de forma diferente de tudo o que tinha sido desenvolvido na natureza até então.

Segundo a autora:

³⁶ Baruch de Espinoza foi um dos grandes racionalistas do século XVII, representante da Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz.

Ao articular internamente alma e corpo, forma pensante e forma imaginante, virtude e aptidão para pensar e agir, e ao tornar inseparáveis o pensamento e o sentimento, a liberdade e a felicidade, não nos oferece uma via ampla – embora árdua e difícil – para compreendermos as relações entre o psíquico e o físico, o intelectual e o afetivo, a autonomia e a alegria de viver? Que é o Deus-Natureza de Espinosa senão nós mesmos quando descobrimos a forma para pensar e agir livremente na companhia dos outros? Que é a filosofia espinosana senão o mais belo convite a perder o medo de viver em ato? (CHAUÍ, 1995, p. 82)

Para Marx, no entanto, ao não analisar suas unidades – psíquico e físico, afeto e cognição etc. – a partir da atividade humana, Spinoza recai num processo parecido com o de Feuerbach, isto é, em uma análise abstrata, descritiva e interpretativa da realidade material, sem calcar seu estudo no ser humano de carne e osso, na vida prática humana.

De forma alguma esses filósofos perderam seu valor por conta disso. Entende-se que foi o próprio movimento das condições materiais em que esses filósofos viviam que não os permitiram ir além. É com a Revolução Industrial e com o desmantelamento da ideologia da Revolução Francesa que as contradições e a exploração de classe ficaram mais evidentes. É partindo daí que Marx consegue irrigar com a dialética as concepções materialistas e monistas de seu tempo, criando, juntamente com Engels, uma nova teoria: materialista histórica e dialética.

Da mesma forma, o materialismo histórico-dialético, de Marx e Engels, supera os impasses presentes no idealismo, o qual reduz a luta de classes ao embate de ideias; e no materialismo mecanicista, o qual desconsidera o papel das ideias na história da humanidade. Na abordagem marxiana, contudo, objetividade (materialidade) e subjetividade (consciência) são distintas, mas igualmente reais, uma vez que, sem a materialidade natural, a consciência humana não existiria. A matéria é anterior à consciência, portanto. Contudo, o ser social, a condição de humanidade, pressupõe uma síntese entre materialidade e consciência (que inicialmente é dada pela prévia-ideação da atividade) (LESSA; TONET, 2008). Essa síntese é a pedra angular da sociedade humana, em que o ser social produz uma nova esfera objetiva por meio de sua relação consciente com a natureza e com os outros homens – a materialidade existente. No que tange o objeto do presente trabalho, a unidade afetivo-cognitiva, se tem a síntese em que os estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural se apoiarão para defender a relação entre a atividade e a consciência humana enquanto unidade subjetivo-objetiva, o que demanda uma compreensão mais aprofundada dos meandros da lógica dialética na formação da noção de *unidade*.

Em Marx e Engels encontra-se que a *unidade* posta pela atividade humana entre subjetividade e objetividade se dá numa relação dialética, em que não há uma oposição antinômica, mas sim uma relação de transitividade, em que cada um dos polos subsiste como um momento no processo de vir a ser do outro. Portanto, na concepção marxista sujeito e objeto sempre têm sua relação mediada pela atividade. A atividade humana se objetiva no mundo por meio de um processo de pré-ideação, de teleologia, antecipando idealmente o produto de sua atividade. Lukács (2003) adensa esse conceito, explicando que o sujeito reproduz no pensamento (consciência) a legalidade própria do objeto, uma vez que a teleologia figura na pré-ideação um fim objetivo como momento da prática real. É nesse movimento de apropriar-se e se objetivar teleologicamente [conscientemente, portanto] no mundo que o ser humano constrói sua própria história, seus próprios meios de vida por meio do *trabalho*. Para Marx,

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder "fazer história". Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 2007. p. 32-33)

Não considerar o caráter histórico das formações sociais pode levar, por exemplo, à noção de que as relações sociais burguesas são derivadas de princípios naturais e eternos, constituídas a partir de relacionamentos sociais comuns a todas as épocas históricas (como se a história se desenrolasse em etapas estanques, como visto em Kant). Em Marx, tem-se como eixo metodológico, a *centralidade do presente*³⁷ no processo de conhecimento dos fenômenos históricos. Nesse sentido, a história é um processo em desenvolvimento permanente, sendo o presente o fenômeno histórico que fornece a substância do que constituiu o passado e do que do passado continua constituindo o presente. Assim, para Marx: é a anatomia do homem que permite conhecer-se a anatomia do macaco, e não o contrário (FREDERICO, 2010). Tem-se aqui uma noção dialética de história, com profundas implicações metodológicas, em que o fenômeno mais complexo é a chave para explicação dos

³⁷ A centralidade do presente tem importância teórico-metodológica na teoria social marxiana devido à categoria de *totalidade* – que será explicitada no próximo ponto.

fenômenos mais simples, uma vez que o primeiro resguarda os limites e possibilidades do segundo, enquanto o segundo compõe o primeiro.

Pode-se dizer que essas são as bases filosóficas para o materialismo histórico-dialético. Em concordância com Lessa e Tonet (2008), afirma-se que o materialismo histórico-dialético é a superação histórica do idealismo e do materialismo mecanicista, uma vez que torna possível a compreensão da relação sujeito-objeto (subjetividade-objetividade) no processo dialético de constituição material das ideias e, simultaneamente, no processo de expressão das ideias no processo de (re)produção social. Contudo, vale ressaltar que Marx e Engels não deixaram uma teoria sobre o método, com diretrizes e formas de aplicação; apenas pode-se afirmar que foi extraído da vasta obra marxiana um movimento lógico de deslindamento das formas fenomênicas da realidade social datada. Do movimento lógico da teoria³⁸ de Marx e Engels, portanto, encontra-se um método que permite a um determinado sujeito apreender as determinações constitutivas do objeto.

1.2 A lógica dialética como esteira do método marxiano de elaboração do conhecimento

Aprofundar-se no estudo da lógica dialética é premissa para se falar em unidade afetivo-cognitiva no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, uma vez que esse tipo de lógica foi consistentemente utilizado pelos psicólogos soviéticos, ancorados na teoria marxista, para fundamentar e desenvolver os principais conceitos e formulações de suas teorias. Além disso, o próprio desdobramento histórico do termo "dialética" fornece a base para se analisar a necessidade de razão e emoção terem sido dualizadas na sociedade contemporânea, além de indicar um caminho sistemático na tentativa de se entender afeto e cognição como *unidade*.

A história da dialética remonta à Grécia antiga e sobrevive aos "trancos e barrancos" até os dias hodiernos. Na Antiguidade, a palavra *dialética* se referia à arte do diálogo que, por meio da argumentação, definia conceitos e resultados de uma dada discussão. Contudo, no livro *O que é dialética*, de Konder (2012. p. 7-8), encontra-se que, na acepção moderna do termo *dialética*, o significado é outro, pois a dialética enquanto lógica que orienta o pensamento e a atividade humana sobre o mundo é caracterizada como "o modo de pensarmos as contradições da realidade, o

³⁸ Segundo Netto (2002), a *teoria* contém a representação ideal do movimento de um determinado objeto, sendo as *categorias* de uma dada teoria expressão dos traços constitutivos do movimento desse objeto.

modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação".

Ainda na Grécia antiga, Heráclito de Éfeso (aprox. 540-480 a.C.) foi o filósofo dialético que mais se aproximou da acepção de dialética que se tem hoje. Para esse filósofo antigo a mudança é permanente em todas as coisas existentes, sendo o conflito constante o criador e gerenciador de todas as coisas, pois vida ou morte, juventude ou velhice, sono ou vigília são realidades que se transformam umas nas outras (KONDER, 2012)³⁹. O problema de Heráclito, segundo Konder (2012), é que as pessoas de seu tempo o achavam muito *obsuro*, pois sua filosofia do movimento negava qualquer existência de estabilidade no ser. Sendo assim, quem reinou teoricamente nessa discussão foi Parmênides de Eléia (aprox. 530 - 460 a.C.), o qual argumentava que a essência do ser era imutável, sendo o movimento ou a mudança fenômenos aparentes e ilusórios provenientes dos sentidos humanos, pois o movimento não modificava e nem chegava perto de desvelar a essência das coisas. Esse tipo de pensamento, como já se comentou neste capítulo (em Kant mais especificamente), caracteriza a linha de pensamento denominada *metafísica*, a qual prevaleceu sobre Heráclito e perdurou no pensamento filosófico em geral no decorrer da história humana⁴⁰.

Apesar da hegemonia do pensamento metafísico, a dialética foi sobrevivendo aqui e ali de forma deturpada – "metafísicizada" – correspondendo às necessidades dos filósofos metafísicos de colocarem uma pitada de movimento às suas explicações acerca do mundo. Como já se referenciou, Aristóteles foi um grande metafísico da Antiguidade que se utilizou da dialética, da noção dinâmica e mutável do real para explicar seus conceitos de *ato* e *potência*⁴¹, por exemplo. No regime feudal, a sociedade era estratificada, baseava-se na existência de duas classes sociais – senhores e servos –, podendo ser caracterizada como *estamental*, na medida em que

³⁹ Também é de Heráclito o exemplo famoso de que um mesmo homem não se banha no mesmo rio duas vezes, porque ao entrar novamente no rio o homem já terá mudado e o rio também, não sendo as mesmas águas que o banhará novamente.

⁴⁰ Vale lembrar também que a metafísica se tornou hegemônica porque correspondia aos interesses das classes dominantes, uma vez que era interessante a ideologia de que a transformação da sociedade é impossível e de que as pessoas que estão no *poder* são essencialmente destinadas a esta posição social.

⁴¹ Esses conceitos se referem a um movimento circular das *coisas*, em que um ato pode se transformar em potência (de outro ato) e a potência culmina em um ato (destinado a *alguma coisa*). Por exemplo, uma semente é a árvore em potência e não em *ato*, assim como uma árvore gera sementes que são árvores em potência. O problema aqui, é que o filósofo vê essa dinâmica como um universo estanque, cíclico e dual. Não compreende a mudança como parte de um processo, mas como criação ou destruição de algo: quando a árvore deixa de ser semente, ela passa a Não-ser semente; quando a árvore produz semente, ela Não-é a semente. Nesse tipo de lógica (formal) perde-se a noção de totalidade dos objetos, assim como do processo contraditório inerente ao ser.

as categorias eram claramente definidas e não era comum qualquer tipo de mobilidade entre classes e atividades sociais. A ideologia dominante provinha dos mosteiros, onde os padres viviam e de onde exerciam o monopólio da Igreja – do clero – na forma europeia de pensar da época, e da aristocracia feudal que, dados seus interesses, incorporavam tais ideias na vida prática do feudo. A dialética, aqui, era vista pejorativamente como a lógica do movimento aparente, que distanciava o sujeito da perfeição, do *divino*.

Com o Renascimento, o caráter dinâmico e contraditório da condição humana voltou a ser ponderado, agora no *pensamento científico*⁴². De acordo com Konder (2012), só na segunda metade do século XVIII é que o amadurecimento histórico das forças produtivas do processo que desembocou nas Revoluções Industrial e Francesa criou condições para o entendimento da dinâmica das transformações sociais entre os pensadores da época. O movimento que refletiu, no âmbito das ideias, a preparação para a Revolução Francesa foi denominado *iluminismo*, uma vez que os filósofos iluministas acompanharam as reivindicações plebeias, as mudanças culturais do pensamento feudal para o pensamento renascentista e as articulações da política e da burocracia aristocrata (KONDER, 2012). Esses filósofos se preocuparam em garantir a negação da sociedade feudal, contribuindo para que a forma de sociedade subsequente se pautasse pela *racionalidade* que culminaria na organização de uma estrutura social fundamentada na ideia de igualdade, fraternidade e liberdade entre os homens⁴³. É basicamente neste momento histórico que surgem com mais força os filósofos contratualistas, os quais defendiam a noção de que deveria existir um *contrato social* entre os membros da sociedade conciliando a liberdade social do sujeito, mediante o cumprimento de direitos e deveres, com a liberdade imanente em cada homem.

A organização de uma sociedade racional passou a ser a tônica das obras filosófico-científicas no início da era Moderna⁴⁴. Descartes, no livro *O discurso do*

⁴² Na ciência "o movimento voltou a se impor à reflexão e ao debate, tornou-se outra vez um tema fundamental. O astrônomo polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) descobriu que Ptolomeu tinha se enganado, que a Terra nem era imóvel nem era o centro do universo, que ela girava em torno do Sol. Galileu (1564-1642) e Descartes (1596-1650) descobriram que a condição natural dos corpos era o movimento e não o estado de repouso" (KONDER, 2012. p. 13).

⁴³ Segundo Konder (2012, p. 15), "em sua maioria, os *iluministas* se contentaram com uma visão mais ou menos simplificada do processo de transformação social que viam realizar-se e apoiavam: não procuraram refletir aprofundadamente sobre suas contradições internas".

⁴⁴ A oposição entre as correntes metafísicas: *racionalistas* (que evidenciavam a primazia da razão e do método matemático-dedutivo como forma de conhecimento do mundo sensível e que tem Descartes, Spinoza e Leibniz como expoentes) e *empiristas* britânicos (que se fundamentaram na observação, na indução e na experimentação, considerando a razão como organizadora das informações captadas pelos sentidos humanos, tendo Locke, Bacon e Hobbes como expoentes) não foi tão radical como geralmente se pretende na filosofia. Isso

método, apresentou regras de *análise* (separação dos elementos do objeto a ser estudado) e *síntese* (reagrupamento dos elementos do objeto que foi analisado) para o estudo racional do objeto real. Kant e Comte, dentre outros, buscaram evidenciar a razão humana e a pesquisa científica como exigência fundamental no processo de conhecimento, em que por meio do isolamento do objeto a ser estudado, ficariam evidentes suas relações e ligações regulares com outros fenômenos existentes (LEFEBVRE, 2009).

É nesse contexto que o pensamento de Hegel se torna peculiar. De acordo com Chauí (s.d.), no livro *História da Filosofia*, Hegel declarou que na filosofia moderna, pela primeira vez na história, os filósofos: 1) afirmam que a filosofia só se submete à própria razão como faculdade plena de conhecimento, pois para eles o conhecimento verdadeiro só pode nascer do trabalho interior realizado pela razão, negando-se, então, dogmas religiosos, preconceitos sociais etc. Nesse contexto tem-se o imperativo: "só a razão conhece e somente ela pode julgar-se a si mesma"; 2) realizam a primeira descoberta da *subjetividade*, pois a consciência é para si mesma o primeiro sujeito e o primeiro objeto do conhecimento; 3) reconhecem que todos os seres humanos (como seres conscientes e racionais que são) têm igualmente o direito ao pensamento e à verdade.

O que Hegel vai questionar nesses filósofos modernos é o modo pelo qual a razão (ou a consciência) opera em seu processo de apreensão da realidade.

Admirador da revolução burguesa que, triunfando na França, pôs abaixo a sociedade feudal, que se supunha eterna, Hegel realizou uma revolução análoga no plano das ideias: destronou a metafísica e suas verdades eternas. A verdade não é um conjunto de princípios definitivos. É um processo histórico, a passagem de graus inferiores para graus superiores de conhecimento. Seu movimento é o da própria ciência, que não progride senão sob a condição de ser crítica incessante de seus próprios resultados, a fim de poder superá-los. Vemos, assim, que, para Hegel, o motor de toda transformação é a luta dos contrários. (POLITZER, 1954. p. 27)

Entretanto, como já se comentou, Hegel era um filósofo idealista e, portanto, ainda que formulasse o problema das relações entre filosofia e realidade, seu idealismo objetivo o forçava a se conciliar com o mundo existente, uma vez que, a seu ver, a missão da filosofia seria dar razão ao existente (racionalizando o mundo) e não forjar formas de superação e transformação do real. Para Marx, o problema é diferente e é por isso que, com base na *11ª Tese sobre Feuerbach*, da qual já se tratou no

porque ambas as escolas destacaram a razão como a mais alta faculdade humana. Essa confiança na razão humana marcou os filósofos iluministas, que buscaram sistematizar as ideias filosóficas já formuladas, confiando na razão intrínseca ao conhecimento produzido até ali (CHAUÍ, 2012).

ponto anterior, entende-se que o marxismo⁴⁵ não visa apenas descrever e explicar a realidade, mas fazê-lo como momento importante no processo de transformação revolucionária dela. E este é o divisor de águas entre as teorias de Marx e Hegel.

A diferença entre Marx e Hegel tem que ser vista também em outro nível, não só o do materialismo: a dialética de Hegel é um método de reconciliação com a realidade. Para Hegel, o papel da filosofia dialética é o de explicar, descrever e legitimar a realidade existente como racional por isso aquela célebre fórmula: tudo que é real é racional, tudo que é racional é real. Em última análise, a filosofia de Hegel é, como ele mesmo diz, a coruja de Minerva, que vem depois que a realidade já terminou seu trabalho levanta vôo ao anoitecer –, vem descrever o que já está terminado, visa simplesmente legitimá-lo como racional. É por isso que a dialética de Hegel é uma tentativa de legitimação da realidade e de reconciliação com a mesma. (LÖWY, 2008. p. 18)

O método materialista histórico-dialético vai à raiz do objeto a que se propõe compreender, não só por relacioná-lo com aspectos sociais ou entendê-lo como síntese de múltiplas determinações, mas, sobretudo, por estar vinculado a uma luta política, de compreensão da lógica presente nas sociedades de classes, e em especial a ordem capitalista vigente a fim de superar as relações racionalizadas de exploração existentes. Para Marx, uma mera conciliação com a ordem social vigente não pode ser a solução da ciência e da filosofia para os problemas do mundo. Nesse sentido, Marx e Engels lançam mão de conceitos como trabalho (*abstrato*), *alienação*, *mais-valia*⁴⁶ etc., não só para descrever as relações presentes no capitalismo, mas, principalmente, para a partir do desvelamento das entranhas dessa sociedade, fornecer fundamentos para uma luta que vise a transformação, a revolução das relações de aniquilação física e subjetiva do ser humano. Sendo assim,

A dialética é materialista porque seu motor não é o trabalho do Espírito, mas o trabalho material propriamente dito: o trabalho como relação dos homens com a Natureza, para negar as coisas naturais enquanto naturais, transformando-as em coisas humanizadas ou culturais, produtos do trabalho. Mas o que interessa realmente à dialética materialista não é a simples relação dos homens com a Natureza através (pela mediação) do trabalho. O que interessa é a divisão social do trabalho e, portanto, a relação entre os próprios homens através do trabalho dividido. Essa divisão começa no trabalho sexual de procriação, prossegue na divisão de tarefas no interior da família, continua como divisão entre pastoreio e agricultura e entre estes e o comércio, caminha separando proprietários das condições do trabalho e trabalhadores avançam como separação

⁴⁵ Neste trabalho, quando se refere ao método marxista ou à corrente teórica marxismo, está se referindo ao pensamento de Marx e Engels conjuntamente.

⁴⁶ Esses conceitos serão abordados de forma sistemática no segundo capítulo desta dissertação.

entre cidade e campo e entre trabalho manual e trabalho intelectual. Essas formas da divisão social do trabalho, ao mesmo tempo em que determinam a divisão entre proprietários e não proprietários, entre trabalhadores e pensadores, determinam-na formação das classes sociais e, finalmente, a separação entre sociedade e política, isto é, entre instituições sociais e o Estado.

O motor da dialética materialista é a forma determinada das condições de trabalho, isto é, das condições de produção e reprodução da existência social dos homens, forma que é sempre determinada por uma contradição interna, isto é, pela luta de classes ou pelo antagonismo entre proprietários das condições de trabalho e não proprietários (servos, escravos, trabalhadores assalariados). (CHAUI, 2006, p. 21-22)

Por isso, a lógica dialética de cunho materialista tem como motor as condições de produção da vida humana numa dada sociedade. O método dialético marxiano é oposto à dialética hegeliana, pois em Hegel se tem o movimento do pensamento como criador da e reconciliador com a conjuntura real; e em Marx, o *ideal* é o reflexo do real na consciência do homem e por este interpretado e potencialmente transformado (MARX, 2013). A dialética materialista destrincha as relações racionais pelas quais as relações de produção se dão, indicando a afectogênese do objeto sobre o sujeito e vice-versa. Nesse sentido, uma análise a partir da dialética é pautada no caráter intrincado e indissociável da relação entre objeto e sujeito. Além disso, tem como produto essencial dessa relação a expressão razão-afeto no sujeito. Assim, a teoria (como forma de organização do conhecimento acerca do real) expressa o movimento do objeto que é transposto para o cérebro, para a consciência do pesquisador. O objeto de Marx foi a sociedade capitalista, uma vez que ele percebeu, por meio de seus estudos movidos pela lógica dialética e de suas vivências de classe, que somente pela supressão dos pilares fundamentais da ordem burguesa (a propriedade privada dos meios de produção) é que se poderia criar condições para que de fato as pessoas fossem *iguais* e *livres* para se desenvolver omnilateralmente. Sendo assim, seu objeto tem existência objetiva e independe do sujeito (pesquisador) (NETTO, 2011). Aqui pressupõe-se, portanto, que há uma primazia ontológica do real e que o sujeito como parte constituinte da realidade busca representar fidedignamente em seu pensamento essa realidade objetiva. Isso ocorre a partir da afectogênese da realidade sobre sujeito, do que se pode derivar que o sujeito se relaciona com o objeto afetivo-cognitivamente, isto é, que o objeto o afeta e o sensibiliza de alguma maneira, ao mesmo tempo em que o leva a resgatar e formular conjecturas/ racionalizações acerca desse objeto.

Dos estudos empreendidos por Marx e Engels, derivam-se três categorias constituintes da lógica dialética no processo de apropriação do objeto (realidade) pelo

sujeito, sem as quais essa lógica não poderia operar: totalidade; movimento/história; e contradição⁴⁷.

Na filosofia moderna, foi Spinoza quem preanunciou a categoria da *totalidade* como conceito que distinguia a dialética da metafísica. Segundo Karel Kosik (2010), a posição da totalidade compreende a realidade em suas íntimas leis e revela as conexões internas dos fenômenos, colocando-se em antítese à posição do empirismo que considera apenas os dados casuais e imediatos da realidade apreendida pelos sentidos. Marx denomina como *irracionalista* essa noção empirista, pois ela desestimula o ser humano a buscar sínteses mais complexas acerca dos fenômenos imediatos e aparentes, bastando conhecer, portanto, o dado fragmentado e sensivelmente perceptível. Em contraposição ao empirismo, a noção de totalidade pressupõe que

qualquer objeto que o homem possa perceber ou criar é parte de um *todo*. Em cada ação empreendida, o ser humano se defronta, inevitavelmente, com problemas interligados. Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano precisa ter uma certa visão de conjunto deles: é a partir da visão do conjunto que a gente pode avaliar a dimensão de cada elemento do quadro. Foi o que Hegel sublinhou quando escreveu: "A verdade é o todo". Se não enxergarmos o todo, podemos atribuir um valor exagerado a uma verdade limitada (transformando-a em mentira), prejudicando a nossa compreensão de uma verdade mais geral. (KONDER, 2012, p. 36 - 37)⁴⁸

Essa visão de conjunto não se esgota no processo de conhecimento isolado, de modo que não exaure, também, o conteúdo da realidade a que se refere. Para Konder (2012), as relações que engendram a realidade são sempre mais ricas do que

⁴⁷ Alguns autores marxistas também se utilizam das *leis da dialética* para explicar a forma como essa lógica opera no pensamento. De acordo com Konder (2012), têm-se três leis da dialética: 1) lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa; essa lei demonstra o fato de as coisas não mudarem sempre no mesmo ritmo, podendo ir acumulando mudanças quantitativas até se chegar ao grau do salto qualitativo – água em ebulição, por exemplo); 2) lei da unidade da luta dos contrários (aqui se expressa que os componentes da realidade estão em constante correlação, de modo que diversos de seus aspectos se relacionam formando unidades contraditórias); 3) lei da negação da negação (essa lei aponta que o movimento do real não se finda em contradições irracionais ou sem sentido, uma vez que a afirmação de um dado aspecto da realidade engendra necessariamente sua negação e, por conseguinte, uma síntese que se diferencia dos dois primeiros polos – a negação da negação). Essas leis, apesar de clarificar aspectos da lógica dialética, são apontadas como limitadas. Segundo Konder, a lógica dialética é avessa a qualquer forma de codificação arbitrária, pois é contrária ao materialismo mecanicista que eterniza o movimento do real como repetições imutáveis do mesmo processo. Além disso, o autor comenta que Engels, ao formular tais leis, utilizou exemplos extraídos das ciências naturais, de modo que estas não podem apreender a totalidade das relações sociais desenvolvidas pelo homem ao longo da história.

⁴⁸ Michael Löwy, fazendo considerações sobre o conceito de totalidade explica: "A categoria metodológica da totalidade significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto". (LÖWY, 2008. p. 16).

o que o ser humano pode dela apreender. Por isso, o processo de conhecimento da realidade pressupõe que sínteses acerca do objeto estudado sejam feitas. A síntese permite à pessoa compreender o arcabouço significativo da realidade com que se defronta, num momento histórico determinado. Esse arcabouço significativo é o que se denomina *totalidade*. Ressalta-se que “a totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: a realidade como um todo estruturado, dialético, no qual um fato qualquer [...] pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 2010, p. 43-44). Ou seja, acumular fatos não significa chegar à totalidade concreta; fazer isso pode muito bem ser um afastamento dela. Compreender a totalidade concreta significa entender a estrutura significativa, a lógica, que preside a conexão dos fatos em um todo, mesmo que não se conheça todos seus fatos particulares (da mesma maneira que, para se saber com exatidão o que significa a palavra “fruta” não é preciso conhecer todas as frutas existentes). Evidentemente, quando aparece um novo fato, ele tem o potencial de, ele mesmo, alterar o todo, mas isso não é problema nenhum: a categoria de totalidade dialética é relativamente plástica, o que significa que pode se submeter a revisões e autocríticas.

Sendo assim, a visão de totalidade acerca de determinado objeto é datada historicamente e é continuamente reescrita pelas atividades desempenhadas por cada sujeito singular que constitui a humanidade (adensando-se, porém, a noção de que a totalidade é mais do que a mera soma das partes que a compõe). Isso porque muitas vezes essa concepção se apresenta como se fosse uma visão inocente que imagina que há um número “x” de elementos da realidade e basta apenas acumular conhecimento até se chegar a “x” para que esta realidade seja compreendida. Mas isso se trata de uma visão cartesiana desse princípio (calcada meramente na lógica formal), uma deturpação do sentido da totalidade que se busca aqui demonstrar. Ou seja,

Justamente porque o real é um todo estruturado que se desenvolve e se cria, o conhecimento de fatos ou conjuntos de fatos da realidade vem a ser conhecimento do lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real. (KOSIK, 2010, p. 40)

Esse lugar a que Kosik se refere é um processo histórico em constante movimento, uma vez que a perspectiva da totalidade pressupõe que a realidade não é estática, mas essencialmente dinâmica. Nota-se que a lógica dialética de compreensão do real no materialismo histórico-dialético é contrária à noção metafísica do movimento como dado imediato e superficial da realidade. A lógica dialética, portanto, ao buscar compreender os fenômenos em sua totalidade concreta, os

destrincha essencialmente, percebendo na lógica de seu movimento interno suas verdadeiras relações no mundo. Nesse sentido, resgatando a noção de superação dialética de Hegel, pode-se dizer que a lógica dialética supera a lógica formal (essencialmente metafísica), incorporando-a e, por conseguinte, ampliando os nexos causais do objeto que se busca conhecer.

Todavia, cabe aqui uma observação: a lógica dialética não prescinde da lógica formal. Se a primeira prima pela ênfase na totalidade e a segunda na parcialidade, na atomização, apresentam enfoques distintos no estudo científico da realidade, e, para suas máximas possibilidades explicativas, devem operar em unidade. Por isso, podemos afirmar que a lógica dialética incorpora, por superação, a lógica formal. (MARTINS, 2011, p. 11)

Dessa forma, para se entender o fenômeno em sua totalidade, faz-se mister compreender seu movimento histórico, isto é, o que o fenômeno é, como chegou a ser o que é e como pode ser diferente. Contudo, a cada período histórico alcança-se um máximo de desenvolvimento das forças produtivas, de modo que quando se conjectura algo sobre determinado fenômeno social – que está em constante movimento –, alcançando-se uma possível *totalidade* ou síntese sobre ele, o fenômeno já "avançou", tornando necessárias novas análises sobre ele⁴⁹.

Sendo assim, a segunda categoria que dispõe acerca do movimento, da história⁵⁰, é expressão da própria dinâmica da lógica dialética que se dá num incessante devir. Esse é o coração do método dialético, uma vez que não existem verdades absolutas, teorias ou doutrinas eternas. Cada teoria, cada interpretação

⁴⁹ De acordo com Konder (2012), a perenidade de dado fenômeno depende do seu grau de totalização, uma vez que existem fenômenos que permitem totalidades mais ou menos abrangentes. "Há totalidades mais abrangentes e totalidades menos abrangentes: as menos abrangentes, é claro, fazem parte das outras. A maior ou menor abrangência de uma totalidade depende do nível de generalização do pensamento e dos objetivos concretos dos homens em cada situação dada. Se eu estou empenhado em analisar as questões políticas que estão sendo vividas pelo meu país, o nível de totalização que me é necessário é o da visão de conjunto da sociedade brasileira, da sua economia, da sua história, das suas contradições atuais. Se, porém, eu quiser aprofundar a minha análise e quiser entender a situação do Brasil no quadro mundial, vou precisar de um nível de totalização mais abrangente: vou precisar de uma visão de conjunto do capitalismo, da sua gênese, da sua evolução, dos seus impasses no mundo de hoje. E, se eu quiser elevar a minha análise a um plano filosófico, precisarei ter, então, uma visão de conjunto da história da humanidade, quer dizer, da dinâmica da realidade humana como um todo (nível máximo de abrangência da totalização dialética)" (KONDER, 2012, p. 37).

⁵⁰ Hegel e Marx enxergam essa categoria de modo diverso. Para o primeiro o ser humano que fornece movimento à história é essencialmente autoconsciente; já para o segundo, o movimento autotransformador e simultaneamente transformador da natureza é essencialmente material e produzido pelos seres humanos não só pelas modificações da atividade de trabalho e da organização prática da vida, mas também dos próprios sentidos humanos – "o olho humano passou a ver coisas que não enxergava antes, o ouvido humano foi educado pela música a ouvir coisas que não escutava antes etc. 'A formação dos cinco sentidos' – escreveu Marx – 'é trabalho de toda a história passada'" (KONDER, 2012, p. 51).

acerca da realidade deve ser compreendida na sua limitação histórica, justamente porque a totalidade não evidencia a essência imutável (metafísica) da realidade, mas sim as relações *mediatas* que são constituídas e desenvolvidas no curso da história humana (PASQUALINI, 2010). Dessa forma, o movimento constituinte da lógica dialética é entendido como propriedade ontológica do real, em que

[...] esse real, que é unidade [totalidade], é também movimento. O movimento não é, portanto, um aspecto secundário da realidade. Não há natureza *mais* movimento, sociedade *mais* movimento. Não, a realidade é movimento, processo. (POLITZER; BESSE; CAVEING, 1954 *apud* PASQUALINI, 2010. p. 42)

Entretanto, esse movimento não é um processo homogêneo, linear ou fechado. O movimento enquanto categoria dialética pressupõe variação, isto é, descontinuidade na continuidade, estabilidade e instabilidade, de modo que o que alimenta esse movimento é a contradição imanente às relações objetivas, à materialidade produzida pela humanidade ao longo da história. Adensando esse argumento, busca-se respaldo em Konder que explica que

Marx não reconhece a existência de nenhum aspecto da realidade humana situado *acima* da história ou *fora* dela; mas admite que determinados aspectos da realidade humana perduram *na* história. Exatamente porque o movimento da história é marcado por superações dialéticas, em todas as grandes mudanças há uma negação, mas ao mesmo tempo uma preservação (e uma elevação a nível superior) daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudança e permanência são *categorias reflexivas*, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra. Assim como não podemos ter uma visão correta de nenhum aspecto estável da realidade humana se não soubermos situá-lo dentro do processo geral de transformação a que ele pertence (dentro da totalidade dinâmica de que ele faz parte), também não podemos avaliar nenhuma mudança concreta se não a reconhecermos como mudança de um ser (quer dizer, de uma realidade articulada e provida de certa capacidade de durar). (KONDER. 2012, p. 52-53)

O que Konder busca evidenciar nesse excerto é que, ao analisar metodologicamente a realidade objetiva, Marx a trata como *uma única* realidade, como uma *unidade* em constante movimento. Esse movimento, contudo, é expressão interna de elementos contraditórios que polarizam e tornam necessárias transformações à totalidade que configura essa realidade, o que aponta para a terceira categoria dialética: a contradição⁵¹. Dessa forma, vê-se que, para Marx, diferentemente dos

⁵¹ "A relação dialética das contradições e da totalidade, as contradições na totalidade e a totalidade das contradições, a concreticidade da totalidade determinada pelas contradições e a lei própria das contradições na totalidade constituem um dos limites que marcam a separação

metafísicos, a contradição não expressa meramente um *defeito* do raciocínio (na mente humana), mas sim as conexões íntimas e os nexos causais essenciais da realidade, os quais acabam por construir, na lógica de seu *movimento* interno, *unidades* contraditórias (KONDER, 2012). Como exemplo prático desse movimento essencialmente contraditório da realidade objetiva, tem-se que: a *dívida* só se define pelo *empréstimo* (LEFEBVRE, 2009); o *lucro* pela *mais-valia*; a *permanência* pela *mudança*; o *uno* pelo *múltiplo*; a *tristeza* pela *alegria*; a *apatia* pela *euforia*; o *sujeito* pelo *objeto*; o *singular* pelo *universal* etc. É por isso que Kosik asseverou: "*a totalidade sem contradições é vazia e inerte, as contradições fora da totalidade são formais e arbitrárias*" (KOSIK, 2010, p. 60), de modo que para a dialética as *unidades* contraditórias "são como 'cara' e 'coroa': duas faces da mesma moeda" (KONDER, 2012, p. 54).

Entretanto, no processo do conhecimento humano, essas contradições acabam tendo origem nas pequenas deficiências do pensamento em captar *imediatamente* o objeto em sua totalidade. Ao não conseguir captar de uma só vez todos os aspectos do objeto, faz-se necessário um processo de análise do conjunto do objeto em suas partes constituintes – que se mostram contraditórias –, a fim de se compreender seus nexos causais e, por conseguinte, as relações desse objeto com o mundo (LEFEBVRE, 2009). Na lógica dialética, esse processo é geralmente denominado de *ascensão do abstrato em concreto*, sendo este a materialização do próprio movimento da lógica dialética. Por isso se diz que ele é o *método dialético* de conhecimento da realidade. É nesse sentido que Konder (2012) indica que a teoria dialética deve se atentar ao "recheio" de cada síntese, ou seja, às contradições e mediações⁵² concretas que a síntese contém, de modo a explicitar as contradições concretas e as mediações específicas que dão vida a cada totalidade histórica.

O método materialista histórico-dialético segue, desse modo, os princípios da lógica dialética delineados por Hegel e materializados por Marx. O *método* pretende captar e reproduzir no pensamento o movimento próprio da realidade (PASQUALINI, 2010). O real, por sua vez, tem existência independente do pensamento humano, de modo que o conhecimento é apenas útil para a própria humanidade e para sua forma

entre a concepção materialista da totalidade e a concepção estruturalista." (KOSIK, 2010, p. 60)

⁵² "O conceito de mediação ultrapassa a *relação aparente entre coisas*, penetrando na esfera das intervinculações *entre as propriedades essenciais das coisas*. Sintetizamos, então, o percurso da atividade mediada a partir de três dimensões: dadas propriedades de um objeto (primeira dimensão) agem sobre propriedades de outro objeto (segunda dimensão) à vista do objetivo da atividade em questão (terceira dimensão). A título de exemplo: para tomar uma pedra como potencializadora da pressão sobre um objeto (terceira dimensão), é necessário dominar as características da pedra (primeira dimensão) *na relação* com seu alvo (segunda dimensão)." (MARTINS, 2011, p. 41. Grifos da autora.)

de organização enquanto sociedade. O conhecimento humano se qualifica, portanto, como o reflexo da realidade objetiva na realidade subjetiva (MARTINS, 2011) e isso só pode ocorrer na relação entre sujeito (ser social) e objeto.

Aqui, pode-se dizer que o ser humano reconstrói, pela reflexão teórica, o processo historicamente dado do objeto, empreendendo uma análise explicativa e não meramente descritiva do fenômeno. É nesse contexto que Kosik (2010) defende o *método científico* (que caminha pela lógica dialética) como meio de decifrar os fatos, que na sua *essência ontológica* refletirá toda a realidade por meio da síntese – da totalidade concreta. Para esse mesmo autor, a realidade é a *unidade* entre o fenômeno e a essência, de modo que uma análise superficial da realidade teria por consequência "esconder" a essência do objeto. Isso porque a essência em si é *unidade do diverso, síntese de múltiplas determinações* que tornam possível a própria existência desse objeto. É por isso que Marx assevera que se aparência (fenômeno) e essência coincidissem, a filosofia e a ciência seriam inúteis, meros luxos do ócio intelectual. A partir de tudo o que foi exposto sintetiza-se que a lógica dialética

[...] é o pensamento crítico que se propõe a compreender a "coisa em si" e sistematicamente se pergunta como conhecer a realidade. Por isso, é o oposto da sistematização doutrinária ou da romantização das representações comuns. O pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade, que não se contenta com os esquemas abstratos da própria realidade, nem com suas simples e também abstratas representações, tem de *destruir* a aparente independência do mundo dos contactos [sic] imediatos de cada dia. (KOSIK, 2010. p. 20)

O resultado desse processo de análise é uma síntese que expressa as tensões entre a forma fenomênica (*singular*) e o conteúdo essencial (*universal*) do objeto (MARTINS, 2007). Oliveira (2005) explica que as sínteses às quais chegamos no processo de conhecimento coincidem com a *universalidade* do objeto, ou seja, suas relações abstratas com o mundo concreto. Sendo assim, a universalidade demonstra aspectos da *singularidade* (da aparência caótica do objeto), porque esta é a base concreta de onde se abstrai elementos universais. Contudo, essa relação não é direta, uma vez que existe uma mediação *particular* que conduz o sujeito no processo de compreensão desse objeto.

Segundo Pasqualini (2010, p. 34), a partir da Ontologia do Ser Social de G. Lukács, passou-se a analisar "a vinculação entre a expressão singular específica do fenômeno e sua dimensão universal por meio de uma relação de três termos: a

dialética do singular-particular-universal"⁵³. Note-se que a mediação é um termo importante do *método dialético*, justamente por quebrar com a dicotomização do processo de conhecimento formal, em que a relação singular (tristeza, por exemplo) e universal (doença mental, complementando o exemplo) é puramente mecânica e formal, não desvelando o caminho pelo qual o singular chegou a ser universal (exploração do trabalho, finalizando o exemplo). Daqui, Oliveira assevera:

Ora, a importância da particularidade (na relação singular-particular-universal) na análise de um determinado fenômeno está no fato de que ela se constitui em mediações que explicam os mecanismos que interferem decisivamente no modo de ser da singularidade, na medida em que é através delas que a universalidade se concretiza na singularidade. A cuidadosa identificação e caracterização da particularidade é condição *sine qua non* para compreender-se como se dá essa concretização da universalidade no vir-a-ser da singularidade. Somente dessa forma é possível a aproximação do pensamento ao ser concreto da realidade em movimento, ao movimento processual da tensão entre a universalidade e a singularidade, mediada pela particularidade. (OLIVEIRA, B., 2005, p.46)

Portanto, a dialética materialista é método de explicação científica da realidade humano-social, não se reduzindo à concepção materialista feuerbachiana de uma pesquisa dos núcleos terrenos das formações espirituais (KOSIK, 2010) e religiosas ou à redução hegeliana do processo histórico do conhecimento enquanto *autoconsciência*. A relação entre sujeito e objeto para a dialética materialista se expressa como uma *unidade* que se dá na explicação dos fenômenos culturais e sociais, a partir da atividade prática, objetiva e histórica do ser humano. É nesse sentido que se justifica o estudo mais aprofundado do processo de ascensão do abstrato ao concreto, uma vez que esse processo leva à compreensão do modo como o universal se concretiza na singularidade por meio da mediação da particularidade. Para Marx, esse é o caminho científico para se compreender racionalmente a realidade com suas contradições inerentes e em sua totalidade e movimento.

No âmbito do processo do conhecimento o desdobramento do materialismo histórico-dialético leva Marx (2011) a teorizar acerca de um método⁵⁴ apropriado ao conhecimento da realidade. Esse método decorre da dialética concreto-abstrato e

⁵³ "Conforme Oliveira, B. (2005), o particular é o termo médio da relação singular-universal. A expressão singular do fenômeno é irrepetível e revela sua imediatez e definibilidades específicas, ou seja, refere-se à identidade aparente do fenômeno. Em sua expressão universal, se revelam suas conexões internas e as leis de seu movimento e evolução" (PASQUALINI, 2010, p. 34)

⁵⁴ Aqui, o método do conhecimento em Marx também será chamado de processo de elaboração do conhecimento (teórico-científico; crítico) ou apenas de processo do conhecimento, a partir de Germer (2000).

conta, esquematicamente, com três momentos essenciais: o concreto sensorial; a coleção de abstrações simples; e, por fim, o concreto pensado⁵⁵ (GERMER, 2000); sendo que o movimento feito pela consciência do sujeito nesse processo é o movimento de partir do fenômeno aparente em direção às relações essenciais que constituem esse fenômeno no mundo (KLEIN, 2011). Aqui, busca-se “num movimento de abstração ir além da factualidade para a identificação dos processos que a explicam e a implicam” (NETTO, 2002) transcendendo a imediatez. Um exemplo de como essa lógica opera na forma de Marx interpretar cientificamente a realidade pode ser retirado da seguinte citação proveniente dos *Grundrisse*:

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. P. ex., trabalho assalariado, capital etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço etc. O capital, p. ex., não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc. Por isso, se eu comesse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações. [...] O último é manifestamente o método cientificamente correto. O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. (MARX, 2011, p. 54-55)

⁵⁵ "Ilyenkov alerta que o movimento que identifica as definições ou relações particulares e as vincula tendo em vista apreender as definições abstratas universais do todo não segue uma ordem arbitrária: 'essa sequência é geralmente determinada, como demonstram os clássicos do marxismo-leninismo, pelo processo histórico de nascimento, formação e desenvolvimento da esfera concreta da realidade que está sendo reproduzida no pensamento'." (ILYENKOV, 2008, p. 58-59 *apud* PASQUALINI, 2010. p. 30)

Nesse movimento, o pensamento destrincha a realidade objetiva por meio de abstrações, reflexões e generalizações, chegando-se a uma totalidade organizada/concreta. As partes mantêm relação orgânica com o todo, compondo uma unidade indissolúvel, pois a parte existe e se explica pela sua relação com o todo. Nesse movimento de negação, busca-se investigar a proficuidade ou refutabilidade do fenômeno aparente, desenvolvendo-se o conhecimento teórico-científico, o qual é o encontro das determinações e da localização das mediações que engendram o objeto. Nesse sentido, é necessário entender que a elevação do dado imediato é uma síntese de múltiplas determinações, sendo que para desvendá-las é preciso buscar conhecê-las em sua totalidade.

Se o objeto de estudo é tomado em si mesmo, como coisa imediata, isolado do todo que o circunda, a compreensão que se terá dele será apenas parcial — não exatamente errônea, mas inacabada. Como observa Kosik (2010), o conhecimento do real não se completa se não transcender o aspecto fenomênico das coisas em direção à essência delas. Se ele se restringir à aparência exterior, fenomênica, dos fatos, o saber ficará estagnado naquilo que Kosik chamou de *pseudoconcreticidade*⁵⁶, ou seja, um conhecimento falsamente concreto, que confunde a relação entre o fenomênico e o essencial⁵⁷. A superação da pseudoconcreticidade demanda a sistematização dos dados caóticos e imediatos da organização sensível do *todo*, do objeto em seu conjunto. Logo, o método histórico-dialético empreende uma análise explicativa e não apenas descritiva do fenômeno, a fim de se alcançar a concreticidade (relações internas e dinâmicas) do objeto que se pleiteie conhecer. Dessa forma, pode-se utilizar o método dialético como critério de síntese eficiente da realidade, porque ele constitui conceitos que explicam as intrínsecas relações do objeto:

O ponto de partida do exame [da realidade] deve ser formalmente idêntico ao resultado. Este ponto de partida deve manter a identidade durante todo o curso do raciocínio visto que ele constitui a única garantia de que o pensamento não se perderá no seu caminho. Mas o sentido do exame está no fato de que no seu movimento em espiral ele chega a um resultado que não era conhecido no ponto de partida e que, portanto, dada a identidade formal do ponto de partida e do resultado, o pensamento, ao concluir o seu movimento, chega a algo diverso — de seu conteúdo — daquilo de que tinha partido. Da vital, caótica, imediata representação do todo, o pensamento chega aos

⁵⁶ “O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da *pseudoconcreticidade*”. KOSIK, K. *Obra citada*, p. 15.

⁵⁷ A diferença entre essência e aparência está aqui suposta. Ora, a investigação teórica supõe, a princípio, que existe algo para além do que as coisas aparentam. E, como Karl Marx já havia ressaltado, “toda ciência seria supérflua se a forma fenomênica e a essência coincidissem diretamente”. MARX, Karl *apud* KOSIK, K. *Idem*, p. 17.

conceitos, às abstratas determinações conceituais, mediante cuja formatação se opera o retorno ao ponto de partida; desta vez, porém, não mais como ao vivo mas incompreendido todo da percepção imediata, mas ao conceito do todo ricamente articulado e compreendido. (KOSIK, 2010, p. 36)

Vale comentar que o concreto sensível⁵⁸ (ou *difuso*) provém da realidade objetiva heterogênea e articulada por contingência imediatas, sem a qual não haveria possibilidade de conhecimento do mundo. Entretanto, Klein (2011) aponta duas possíveis consequências ao conhecimento que fica aprisionado no momento do concreto sensível: primeiro, pode-se confundir como iguais objetos que aparentemente são iguais, mas que, na verdade, são essencialmente diferentes; segundo, pode-se confundir como diferentes objetos que aparentemente são diferentes, mas que, na verdade, são essencialmente iguais. Em oposição ao concreto sensível, o concreto pensado é

[...] o concreto como produto ou resultado do pensamento através de um processo de síntese, de totalização, em que as diversas partes significativas da realidade são combinadas em uma totalidade, na qual se articulam de modo definido, não estaticamente, mas dinamicamente ou como processo. Quais são as partes da realidade cuja síntese constitui o concreto pensado? São as partes 'pensadas' do concreto real, isto é, elaboradas pelo pensamento a partir do concreto sensorial, na forma de conceitos ou abstrações simples. São, portanto, os componentes elementares do concreto sensorial, isolados e extraídos do todo caótico inicial e reduzidos à sua expressão pura. (GERMER, 2000, p. 9-10)

A partir disso, entende-se que as abstrações advêm de uma necessidade de *pôr ordem no caos*, apontando para os elementos significativos da realidade, encontrando-se como mediação particular da relação dialética entre concreto sensível e concreto pensado. Para Klein (2011), fugir do caos presente no concreto sensível pressupõe classificação, categorização, divisão, separação e subdivisão. A habilidade intelectual de categorização é de suma importância nesse processo, pois possibilita que se junte sobre uma mesma unidade fenômenos que podem ter aparências diferentes, mas que são essencialmente iguais. O momento de abstração intenciona chegar a uma unidade da diversidade (KLEIN, 2011), em que se designa um conceito universal, o qual é produto, por sua vez, do método de abstração da realidade, isto é, se isolar um aspecto específico da realidade perceptível a fim de se eliminar as características que não são fundamentais ao fenômeno. Com isso, no processo de

⁵⁸ Diferentes autores denominam esse ponto de partida (que aqui se nomeou como *concreto sensível*) do processo de produção do conhecimento de diferentes formas. Pasqualini as identificou assim: "o ponto de partida é a *contemplação*, segundo Ilyenkov, o *empírico*, segundo Davydov, o *fenômeno*, conforme Kosik ou ainda a *intuição*, conforme Marx [em *O Capital*]" (PASQUALINI, 2010, p. 27).

abstração da realidade se preserva uma propriedade geral e essencial do objeto (GERMER, 2000). No processo do conhecimento em Marx, a abstração é, portanto, um momento complexo em que o sujeito não só isola elementos, mas pensa dialeticamente os elementos da realidade.

O conhecimento não pode passar imediatamente do sensorial-concreto ao concreto no pensamento. Esse caminho, como todos os outros, é complexo e contraditório. Para atingir a concreticidade autêntica, o conhecimento perde temporariamente a concreticidade em geral e passa ao seu próprio oposto: ao abstrato. (KOPNIN, 1978, p. 158 *apud* PASQUALINI, 2010. p. 28)

Nesse sentido, o sujeito parte para uma comparação entre as semelhanças e diferenças dos diversos elementos apreendidos imediatamente; aqui, há abstração até que se reduzam as informações do concreto sensível às propriedades irreduzíveis do objeto. Em Klein (2011) se entende que há abstração de características distintas até que se chegue à propriedade única do objeto, como primeiro esforço em direção à *unidade da diversidade*. Ilyenkov (1971) explica que a análise científica começa pelas abstrações mais simples, encaminhando-se para uma síntese que é a *teoria*. Daqui, entende-se que a abstração inicial implica em uma simplificação do objeto à sua forma *universal*. Tem-se, adiante, que a redução de dado objeto a sua forma abstrata universal confere uma redução momentânea aos seus traços essenciais, que passam a atuar como mediações particulares no processo de produção do conhecimento científico.

Entretanto, isso só ocorre em função da linguagem verbal ou, mais especificamente, da apropriação de palavras, pelas quais é possível operar mentalmente e reduzir diversos elementos a uma categoria universal. Pela ação da palavra no psiquismo humano, o homem pode substituir o conjunto da diversidade para operar na unidade⁵⁹. E esse processo é de fundamental importância para se compreender o porquê de se nomear a relação entre afeto e cognição como *unidade afetivo-cognitiva*, visto que essa relação se *sintetiza* na atividade do sujeito e no seu modo de se relacionar, compreender e fornecer sentido ao mundo.

Contudo, Klein (2011) salienta que o processo de abstração não pressupõe apenas o uso da palavra, uma vez que, se se apropria da palavra apenas em sua cotidianidade, ela fica esvaziada de sentido no decorrer do processo de elaboração do

⁵⁹ Sobre essa relação *amigável* entre abstração e palavra, pode-se dizer, de acordo com Klein (2011), que a abstração é um elemento de mediação, cuja ação potencializa as operações mentais, isso porque é indissociável da palavra. Vale comentar aqui que a base da abstração é sempre prática, é sempre o concreto sensível; porém, não se pode esquecer que há transmissão de conhecimentos abstratos, objetos já abstraídos da realidade objetiva, de pessoas para pessoas.

conhecimento. Por isso, faz sentido argumentar que a abstração necessita de palavras, mas principalmente daquelas cientificamente empregadas; necessita, portanto, dos conceitos. Em Pasqualini (2010) discute-se que, diferentemente da lógica formal, em que a abstração funciona como isolamento e separação de aspectos aparentes do objeto, na lógica dialética a tarefa da abstração vai para além de separar os aspectos sensorialmente perceptíveis do objeto, pois a partir desses se busca traduzir e conceituar o que de fato o objeto é (mesmo que datado historicamente).

A classificação por meio dos conceitos científicos parte de critérios sistematizados, os quais são pensados cautelosamente de modo que a abstração ou o conceito (que também é uma abstração) sejam tão amplos que neles caibam todos os constituintes daquela classe, ou espécie, ou grupo etc.; e deve, ao contrário, ser tão restrita que nela não caiba nenhum constituinte de outro grupo (KLEIN, 2011). Sobre isso Duarte escreve:

[...] o reflexo da realidade objetiva no pensamento, isto é, a apropriação do concreto pelo pensamento, ocorre pela mediação das abstrações, pela mediação dos conceitos mais abstratos. O que aparentemente seria um afastamento da realidade concreta é, na verdade, o caminho para o conhecimento cada vez mais profundo dos processos essenciais da realidade objetiva. Vigotski via no desenvolvimento desse tipo de pensamento um dos momentos essenciais da passagem da infância à adolescência, por meio da formação do pensamento por conceitos. (DUARTE, 2008, p. 80)

A partir disso, Klein (2011) alerta que se deve ter um manejo cuidadoso no estudo do processo de abstração, pois este processo psíquico (Vigotski, 2009)⁶⁰ configura uma ideia genérica acerca de um agrupamento específico, não correspondendo a objetos concretos imediatamente provenientes da realidade, pois cada constituinte tomado em sua individualidade pode ter características próprias. Por exemplo, o conceito animal não existe na realidade, o que existem são cachorros, cavalos, gatos etc. individuais; quando se fala em animal está se retratando inteiramente o cachorro singular “Banzé”, mas quando se fala no singular “Banzé” (tamanho, pelagem, raça etc.) não se está retratando as características universais de todos os cachorros, muito menos de todos os animais.

⁶⁰ Acerca das funções psicológicas superiores, Vigotski (1995) explica que estas fazem parte de estruturas psíquicas autorreguladoras e, principalmente, socialmente constituídas. Isso ocorre tanto pela atividade de trabalho, que é constituinte do homem, quanto pelo desenvolvimento da linguagem. Nesse sentido, as funções psicológicas superiores se desenvolvem ao longo do processo de objetivação e apropriação do gênero humano, assim como de formas tipicamente humanas de se comportar; como exemplo dessas funções psicológicas, pode-se citar a memória, a atenção, o pensamento, a imaginação etc. Segundo Martins, tais processos instituem a “imagem subjetiva da realidade objetiva” na consciência humana (MARTINS, 2011, p. 96).

Nesse sentido, pode-se dizer, com o respaldo intelectual de Klein (2011), que há certos riscos em se tomar a abstração (a palavra que expressa o conceito) pelo objeto, pelo fenômeno concreto — e não de acordo com a função real da abstração, que é ser um recurso mental valioso do ser humano em direção ao ser genérico. Dada a recorrência dessa apropriação errada dos conceitos científicos, Klein (2011) classifica os seguintes problemas que podem surgir quando se toma a palavra como se fosse o fenômeno em sua totalidade: primeiro, pode-se passar a entender a realidade como uma coleção de elementos soltos e independentes das objetivações humanas; segundo, pode-se passar a tomar a referida abstração como uma verdade imutável, perdendo-se de vista o processo de contradição e de transformação da realidade, isto é, da história da humanidade.

Sobre isso, Klein (2011) aponta também dois cuidados essenciais à ciência⁶¹: primeiro, investigar permanentemente a pertinência entre o conceito cientificamente aplicado e a realidade “atual”, em que se busca uma atualização constante da relação entre concreto e abstrato; segundo, buscar sempre desenvolver outro momento do conhecimento, o do concreto pensado, o qual, conforme foi dito, não é concreto pensado para sempre; ele muda de posição constantemente entre os momentos do processo do conhecimento⁶².

Como abstrações e generalizações são complementares, no processo de abstração do concreto sensível há uma generalização dos elementos essenciais desse concreto, levando à sua universalização. Contudo, é necessário que se reflita sobre essas abstrações a fim de se entender suas relações essenciais com a totalidade do fenômeno inicialmente aparente e, agora, em vias de reflexão. Nesse sentido, utiliza-se Germer (2000) para salientar que

Estas abstrações são a matéria-prima do conhecimento verdadeiro, representado pelo concreto pensado, cuja elaboração constitui a segunda fase, que Marx concebe como método cientificamente correto. Assim o processo de elaboração do conhecimento pelo pensamento consiste, em primeiro lugar, na elaboração das abstrações, ou conceitos, a partir das abstrações elementares – a segunda fase, do abstrato novamente para o concreto, mas agora para o concreto pensado. (GERMER, 2000, p. 10)

Assim, pode-se inferir que o concreto pensado é a totalidade concreta. Isto é, a unidade da diversidade – que se apresenta, inicialmente, aos sentidos humanos – é o produto do pensamento intelectualivo (NETTO, 2002). Aqui, tem-se, conforme Kosik, que:

⁶¹ Para o marxismo toda *ciência* eleva o nível do conhecimento do sujeito acerca da realidade.

⁶² Para Klein (2011), a solução do método do conhecimento é o sujeito, munido das abstrações existentes, sempre se voltar à realidade objetiva, porém como concreto pensado, com o intuito de atualizar as categorias, captar as relações contraditórias e o movimento da realidade.

A ascensão do abstrato ao concreto não é a passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional); é um movimento no pensamento e do pensamento. Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem de mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é negação da imediatez, da evidência e da concreticidade sensível. [...] O progresso da abstratividade à concretividade é, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. [...] O processo do pensamento não se limita a transformar o todo caótico das representações no todo transparente dos conceitos; no curso do processo o próprio todo é concomitante delineado, determinado e compreendido. (KOSIK, 2010, p. 36-37)

O concreto pensado reflete o conteúdo substancial da realidade, expressando o conhecimento profundo do objeto ao qual se debruçou intelectualmente. Nesse processo, as abstrações elevaram o conhecimento geral do fenômeno (advindo como concreto sensível) ao patamar *universal*, de modo que o concreto pensado possa se qualificar enquanto conexão do *singular* com o *universal*, formando uma unidade de contrários que é inseparável, dois lados de uma mesma moeda, como no caso do objeto de estudo deste trabalho: a unidade afetivo-cognitiva. Contudo, na sociedade capitalista há uma debilitação drástica dessa forma de apropriação do conhecimento por teorizações limitadas à lógica formal. O que ocorre, conseqüentemente a isso, é uma superficialidade no processo de elaboração do conhecimento teórico por parte das teorias não críticas.

Podemos compreender, assim, que a produção do conhecimento sobre o real pautada na lógica formal não será capaz de apreender as complexas relações que ligam a essência universal do fenômeno e sua expressão singular. Isso porque a lógica formal trabalha com a identidade do fenômeno e, portanto, pode apenas apreender apenas a singularidade abstrata. A apreensão da singularidade é um momento necessário do processo de análise, incorporado pela análise dialética. A lógica dialética nos mostra, no entanto, que a identidade do fenômeno é ainda sua expressão pseudoconcreta, aparente. Superar o contato pseudoconcreto com a identidade aparente em direção à determinação essencial do fenômeno significa desvelar as mediações particulares que condicionam o modo de ser da singularidade. (PASQUALINI, 2010, p. 36)

É nesse sentido que o resultado da análise empreendida no processo de construção do conhecimento é uma *síntese*, não mera soma de abstrações esparsas, mas a união de abstrações que explicitam o conteúdo essencial e relacional entre as esferas singular e universal e entre subjetividade e objetividade. A lógica formal como movimento superficial do conhecimento que se aprisiona no momento do concreto

sensível é lógica própria do pensamento empírico, de caráter imediato e dual, de modo que as generalizações empíricas ficam limitadas à captação da repetibilidade, semelhanças ou diferenciações externas dos objetos singulares. Sendo assim, esse tipo de pensamento lógico formal fica restrito à formulação de meras concepções gerais e não de conceitos científicos propriamente ditos. O apontamento feito aqui é do problema de o pesquisador se aprisionar no tipo de pensamento dito empírico, uma vez que o pensamento teórico constituído pela lógica dialética incorpora por superação o pensamento empírico, separando, classificando e nomeando elementos do objeto, para mais tarde se conceituar o objeto chegando-se aos seus nexos causais, sua função social e sua razão de ser.

Essa discussão filosófica afetou profundamente o pensamento de Marx e Engels na questão do entendimento da relação entre subjetividade e objetividade, o que irá posteriormente afetar também os autores da Psicologia Histórico-Cultural. Doravante, abordar-se-á como as repercussões de cunho idealistas e/ou mecanicistas culminaram nas teorias psicológicas até meados do século XX e como os autores da Psicologia Histórico-Cultural se fundamentam na teoria marxista para construir uma psicologia orquestrada pelo método materialista histórico-dialético na superação da superficialidade metodológico-conceitual da chamada *Psicologia Tradicional*.

1.3 A apropriação do materialismo histórico-dialético pela Psicologia Histórico-Cultural e a dissolução da dicotomia razão - emoção

A Psicologia Histórico-Cultural, ancorada no materialismo histórico-dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, adota um enfoque sistêmico no estudo do desenvolvimento do psiquismo e da consciência humana. A questão da unidade afetivo-cognitiva permeia a obra de Vigotski, Leontiev, Luria e colaboradores, fornecendo base ao tratamento das diversas funções da psique e se instalando como categoria fundamental para o entendimento do desenvolvimento complexo do psiquismo e da consciência e, principalmente, da atividade humana. Contudo, entender a atividade consciente humana como unidade afetivo-cognitiva é, antes de mais nada, uma questão metodológica. Isso porque engendra o conhecimento acerca da constituição do homem e da forma como este ser continua se desenvolvendo ao longo da vida.

1.3.1 A crise da Psicologia

Uma questão pertinente na obra vigotskiana é a busca pela superação da "velha psicologia" e a implementação de uma "nova psicologia" que pudesse superar a dicotomização mente e corpo por meio de uma síntese dialética. Segundo Tuleski (2008, p. 81) "esta dicotomia foi historicamente o pomo da discórdia entre as teorias psicológicas, justificando sua classificação entre idealistas e materialistas". Frente a isso, Vigotski objetivou a superação dessa dicotomia pela apropriação e objetivação do método proposto por Marx e Engels na Psicologia "construindo a ponte que eliminaria a cisão entre a matéria e o espírito" (TULESKI, 2008, p. 81).

Nesse sentido, percebe-se que desde o início a Psicologia Histórico-Cultural trava questões metodológicas que a encaminham pelo terreno tortuoso da Psicologia. É por isso que, diferentemente de Marx, a obra vigotskiana conta com discussões explícitas acerca do método. No texto *O Significado Histórico da Crise da Psicologia* (1996), escrito em 1927, Vigotski aponta o caráter emergencial de uma discussão metodológica em Psicologia. Para Tuleski (2008), o motivo disso advém da Revolução de Outubro de 1917. Essa revolução abriu possibilidades históricas para a produção não só de uma Psicologia nova, mas também de uma nova sociedade constituída de um ser humano *novo*.

No entanto, com a Revolução de 1917, a luta de classes, dos interesses antagônicos entre burgueses e proletários/camponeses, não desaparece do cenário russo, mesmo com a abolição da propriedade privada dos meios de produção. A luta de classes, nesse contexto, adapta-se às etapas de construção do socialismo russo (TULESKI, 2008). Sendo assim, logo após a Revolução, a Rússia continua imersa em contradições de classes coexistindo com a perspectiva da construção de uma sociedade socialista. Sobre isso, Tuleski aponta que a contradição pendente nesse contexto histórico, que ora imprimia características burguesas, ora características socialistas às relações produtivas, foi o fio condutor da análise empreendida pela Escola de Vigotski na construção de sua ciência psicológica.

De Vigotski (1996), sintetiza-se que o projeto da transformação socialista do homem iria ao encontro da construção de uma ciência que aniquilasse as dicotomias próprias das relações burguesas entre indivíduo e sociedade. A concepção burguesa de indivíduos isolados, autossuficientes, donos de si e de suas propriedades expressa a necessidade de uma ciência reducionista e dualizante na sociedade de classe, já que esta é composta da soma de indivíduos isolados, imediatamente diferentes entre si, mas legalmente *iguais*. Desse modo, são as próprias contradições entre relações capitalistas e socialistas do período pós-revolucionário russo que criam possibilidades

para o desenvolvimento de uma ciência psicológica não burguesa, sem dicotomias. Complementando,

Pode-se dizer que a análise de Vygotski em relação à crise da "velha" psicologia expressa a luta concreta pós-revolucionária pela superação das relações capitalistas de produção. A revolução socialista possibilitava a construção de uma "nova psicologia", capaz de superar o antagonismo clássico entre materialismo e idealismo, da mesma forma que o capitalismo seria superado pelo comunismo. No entanto, como ainda permanecia a luta de classe no interior da sociedade russa, permanecia a luta pela superação da velha psicologia, que assumia um caráter cada vez mais agressivo no mundo das ideias, tal como se fazia na vida prática a expropriação da burguesia. A visão do homem unificado, uno e indivisível, só poderia afirmar-se no terreno da prática humana no interior da sociedade russa, se houvesse a união de todos os homens para a construção de um projeto também único, que sintetizasse as necessidades de toda a população russa, o projeto comunista. (TULESKI, 2008, p. 87)

Nesse sentido, a recuperação de Marx por Vigotski é certa, tanto no que concerne ao aspecto teórico-metodológico quanto à prática revolucionária⁶³. Ou seja, a elaboração da "nova psicologia" elaborada por Vigotski e seus colaboradores foi erigida pelas bases da dialética no plano teórico e da atividade humana/prática transformadora no plano histórico (TULESKI, 2008). Dessa perspectiva, Vigotski (1996) revê as principais teorias relacionadas à "velha psicologia" ou "psicologia tradicional", buscando determinar seus pontos positivos (que poderiam ser incorporados dialeticamente pela "nova psicologia") e também seus pontos negativos (que deveriam ser negados).

De acordo com Tuleski (2008, p. 81), o autor soviético faz isso "mostrando os avanços e retrocessos, historicamente determinados, como luta que se desloca do mundo real e se afirma no mundo das ideias e vice-versa". Aqui, Vigotski se opõe aos teóricos de sua época, fundamentando sua nova ciência psicológica em elementos da crítica e da análise das teorias existentes, buscando superá-las⁶⁴. Dessa forma, Vigotski empreendeu na Psicologia o mesmo movimento de análise que Marx executou na filosofia, chegando inclusive às mesmas conclusões: a dicotomia

⁶³ Como se viu, Marx (2011) propõe um método do conhecimento que seja qualitativamente distinto da lógica formal e da filosofia idealista, sendo que, para este autor (2011), o método do conhecimento da realidade é calcado na filosofia materialista, na lógica dialética e no processo histórico; em prol de um tipo de conhecimento que oriente os seres humanos ao desenvolvimento pleno e, consequentemente, em direção ao "*reino da liberdade*".

⁶⁴ Em Tuleski (2008, p. 82) encontra-se: "Vygotski deixa claro que, ao analisar as teorias psicológicas de sua época, não tem como intenção realizar críticas a esse ou àquele autor em particular, mas sim explicitar as tendências objetivas que conduzem os postulados científicos. Para ele é na objetividade, nas necessidades que a realidade impõe, de acordo com a organização dos homens, que é possível entender as ideias, suas limitações e contradições".

materialismo - idealismo assolava as produções da psicologia tradicional, dualizando esta ciência e produzindo o que Vigotski (1996) denominou de a *crise da Psicologia*.

Neste sentido, a dicotomia entre teorias materialistas e idealistas não só representaria, na sociedade burguesa, a divisão entre duas classes que se opõem, como elas (as classes) expressam a divisão, no processo de trabalho, entre o pensar e o fazer, entre o interesse individual e a realização social. A superação de tal cisão no mundo das ideias está condicionada à superação dessa dicotomia na realidade objetiva. Dito de outra forma, o enfrentamento desta dicotomia, no nível das ideias, estava posto desde o século XIX; no entanto, apenas na Rússia do início do século XX estava sendo enfrentada concretamente: a superação de tal dicotomia era possível também na prática humana, através do projeto coletivo comunista. (TULESKI, 2008, p. 83)

Para Tuleski, Vigotski traduz criticamente a luta ideológica entre concepções materialista e idealista de homem (da antiga e da *nova* sociedade que precisava ser construída e consolidada) ao criticar cientificamente as teorias psicológicas de sua época⁶⁵. Analisando historicamente, Luria (1991a) localiza na Antiguidade um enfoque *materialista* nas tentativas de descrever a vida psíquica do homem, buscando-se uma solução nas causas dos seus atos. No caminhar de sua análise histórica, Luria comenta que esse enfoque materialista foi por séculos combatido pelo enfoque *idealista*, que, tendo a Igreja como maior instituição, postulava que a consciência era expressão única da vida espiritual e em nada se subordinava às leis da materialidade.

Os filósofos idealistas tiveram grande repercussão na filosofia e na ciência, fundamentando concepções psicológicas que defendiam a vida psíquica como manifestação isolada do mundo natural, podendo ser revelada apenas pela auto-observação e autoanálise, sendo inacessível a qualquer explicação de cunho científico⁶⁶. Segundo Luria (1991a), a divisão dos fenômenos em duas grandes categorias foi consolidada pela metafísica dualística de René Descartes (1596 - 1650), para quem os processos físicos, objetivos e naturais são subordinados a leis materiais e mecânicas, enquanto os fenômenos mentais, psíquicos e espirituais são subordinados ao "automovimento" da razão e da intuição. Por se tratar de um filósofo metafísico, Descartes entende que esse movimento é apenas superficial, de modo que as bases fixas e imutáveis do espírito permanecem intactas no processo de autoconhecimento. Vigotski se deparou com essa contradição dentro da Psicologia ao

⁶⁵ Para Vigotski (1996), a tarefa principal na superação da crise da psicologia consistia em tomar como objeto da pesquisa psicológica as formas mais complexas da atividade consciente, analisando-as cientificamente, a fim de explicar sua gênese e suas leis internas. Tal tarefa exigia uma revisão sistemática e radical das teorias da Psicologia.

⁶⁶ Viu-se, no ponto 1.1 deste capítulo, o mesmo movimento de pensamento, baseado em Hegel e em outros filósofos idealistas, mas no âmbito da filosofia.

se debruçar sobre os estudos acerca das funções psicológicas do psiquismo humano. Segundo Vigotski (2009),

A análise atomística e funcional, que dominou na psicologia científica durante todo o decênio, redundou no seguinte: funções psicológicas particulares foram objeto de análise isolada; o método de conhecimento psicológico foi elaborado e aperfeiçoado para o estudo desses processos isolados e particularizados; ao mesmo tempo, a relação interfuncional e sua organização numa estrutura integral da consciência permaneceu sempre fora do campo da atenção dos pesquisadores. (VIGOTSKY, 2009, p. 1)

Para o autor, a psicologia tradicional – moderna – de sua época tratava a consciência como um todo único, com partes móveis e independentes entre si, as quais poderiam ser estudadas separadamente. Esse pensamento descende da filosofia cartesiana de que o todo é soma de suas partes e reduz a complexidade da consciência humana ao postulado tácito de que há uma imutabilidade e uma permanência das funções psicológicas, de modo que a comunicabilidade entre essas funções seguiria padrões fixos e lineares de funcionamento (VIGOTSKI, 2009).

Ao não entender que o psiquismo humano comporta o reflexo psíquico da realidade formado por meio de um sistema interfuncional historicamente constituído, a psicologia tradicional limitou, segundo Vigotski (2009), o resultado de suas pesquisas a respostas duais para fenômenos pontuais, como por exemplo: interno/externo; psíquico/orgânico; autonomia/determinação; comportamento/vivência subjetiva; natural/social, razão/emoção etc. Nesse sentido, a resposta de uma questão é sempre um polo da díade, o qual não se relaciona, mas se contrapõe ao polo oposto. Desse modo, o enfoque dualista em Psicologia tanto criou o impasse de se aplicar métodos das ciências naturais aos estudos dos processos psicológicos quanto caiu em um subjetivismo que explicava a realidade a partir da vida psíquica de indivíduos isolados. Segundo Lúria,

Se considerarmos que os pensadores do século XIX começaram a focalizar os processos elementares dos campos físico e psíquico (incluindo sensações e movimentos) como processos naturais suscetíveis de estudo por métodos científicos exatos, os fenômenos superiores do campo psíquico (consciência, pensamento) continuavam a ser considerados manifestações do campo espiritual, que podia ser abordado somente por meio da descrição subjetiva dos fenômenos que nele ocorrem. Essa tese levou à divisão real da Psicologia em dois campos no final do século XIX: a *Psicologia naturalista científica* ou *Psicologia fisiologista*, que tentava estudar com precisão e explicar pela causalidade os processos psicológicos elementares e definir-lhes as leis objetivas, e a *Psicologia descritiva* ou *subjetiva*, que estudava as formas superiores do campo consciente do homem, enfocando-as como manifestações do espírito.

O enfoque dualista aos fenômenos do campo psicológico refletiu-se nos trabalhos clássicos da psicologia como os psicólogos alemães Wilhelm Wundt (1832 - 1920), Hermann Ebbinghaus (1856 - 1909), o psicólogo americano William James (1842 - 1910) e o representante da filosofia idealista Wilhelm Dilthey (1833 - 1911) e outros. (LURIA, 1991, p. 3)

Ante o exposto, percebe-se que a lógica que opera por dualismos estanques se alastrou para vários âmbitos de análise psicológica e chegou a um ponto essencial e celular da Psicologia, isolando e dicotomizando os processos de razão e emoção, os quais dão base à existência da Psicologia em si. Como esta investigação discorre acerca da relação entre afeto e cognição, como unidade afetivo-cognitiva, entende-se necessário focar a crítica da díade razão - emoção, a qual descende da separação subjetividade - objetividade, a fim de se chegar a uma explicação mais contundente do que venha a ser o objeto deste estudo.

1.3.2 O dualismo razão - emoção e sua superação pela *análise por desmembramento em unidades* de Vigotski

A partir do suporte teórico do materialismo histórico-dialético e em vias de superar os dualismos e idealismos que embasavam as teorias psicológicas da época, Vigotski e seus colaboradores buscaram elaborar uma Psicologia científica que dissolvesse tais dicotomias pelo estudo radical da consciência e da atividade humana, visando explicitar as transformações e contradições próprias de sua ontogênese e desenvolvimento. A intenção de construir uma Psicologia que efetivamente trabalhasse com a perspectiva da *totalidade* humana levou Vigotski a questionar e criticar diversas abordagens psicológicas hegemônicas de sua época (e existentes até hoje com "novas roupagens"). No que diz respeito ao tema dos processos cognitivos e afetivos, os estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural buscaram superar as características dualistas e idealistas contidas nessas outras psicologias, a fim de resolver o problema da dicotomia desses processos pela lógica dialética e por incorporação da lógica formal empregada nos estudos dessas funções da consciência.

Vigotski trata mais especificamente sobre a temática das emoções no seu livro intitulado *A Teoria das Emoções* (2004), produzido entre 1931 e 1933. Na obra, o autor desenvolve o conceito de emoção relacionando-o metodologicamente a aspectos culturais criados pela humanidade, como o teatro, a arte⁶⁷ etc. Esse estudo

⁶⁷ "A Rússia pré e pós Revolução de Outubro foi muito rica em qualidade e quantidade de experimentação teatral. Naquele contexto, sobressaiu a figura de Stanislavski (ativo desde o fim do século XIX), e que, ao longo da vida, criou uma concepção teatral centrada em trazer o

se prestou, na época, a trabalhar de modo distinto da lógica formal, racional e dualista a repercussão de processos emocionais na consciência humana. Entretanto, tal estudo ficou inacabado em decorrência da morte precoce do autor, em 1934.

Apesar de inacabado, o referenciado estudo apontou para formas essenciais de se entender o que depois se denominou unidade afetivo-cognitiva. Para Vigotski (2009), o cerne da pesquisa acerca da unidade afetivo-cognitiva da atividade e consciência humana é antigo, perpassando reflexões filosóficas desde a antiguidade acerca das relações entre razão e emoção. No âmbito da Psicologia essa questão ganhou mais vivacidade a partir da já referenciada *crise da Psicologia*. Aqui, tinha-se de um lado a psicologia mecanicista, que separava os processos intelectuais dos processos emocionais, delegando a estes últimas funções apenas de caráter evolutivo e neurobiológico, além de delegar às emoções a função de "atrapalhar" o julgamento racional e neutro do indivíduo em relação ao mundo; por outro lado, tinha-se a psicologia subjetivista, que, pautada no idealismo, também acabava por dicotomizar razão e emoção, enfatizando aspectos desta última em detrimento da primeira.

Analisando o panorama da Psicologia, Vigotski (2004) aponta que, para se compreender as complexas relações entre as emoções e as demais funções que compõem o sistema interfuncional do psiquismo humano, deve-se ir à essência de suas relações internas, desvelando suas contradições e colocando-as em função da prática psicológica transformadora. Para o autor, o estudo acerca das emoções era insuficientemente desenvolvido, de modo que a psicologia de enfoque organicista e de cunho biologizante se despontava como referência no assunto. Conforme Martins (2011), sintetiza-se a crítica de Vigotski às concepções psicológicas ora mecanicistas, ora idealistas, no que concerne ao dualismo cartesiano, ao anistoricismo no estudo das emoções e à impossibilidade de se chegar a uma unidade entre as emoções e seus conteúdos psicológicos.

máximo possível de realismo aos fundamentos da sua arte (iluminação, cenografia, figurino etc.). O diretor radicalizou sua busca até o absurdo, o extremo, até a vivência de emoções pelo ator: especialmente no palco do Teatro-Estúdio, fundado em 1905, o termo "realismo emocional" logo ficou em uso" (TOASSA, 2009, p. 145-146). Nesse sentido, o método Stanislavski influenciou Vigotski em dois aspectos: "[...] em primeiro lugar, cremos que o método Stanislavski possibilitou a Vigotski pensar num lugar para as emoções entre as demais funções psíquicas especificamente humanas, de modo condizente com o seu racionalismo marxista e espinosano (no qual as emoções poderiam ser controladas, de algum modo, pelo pensamento e a situação psicológica, ver Vigotski, 1930/1991g, p. 80). Em segundo lugar, a profunda preocupação de Stanislavski com os sentimentos do ator destacavam-nos não apenas no cenário artístico russo, mas também em toda a história do teatro: a incansável experimentação do diretor acumulou muito conhecimento prático sobre o assunto. É compreensível que tais conhecimentos, tão vivos, avessos à mera especulação e funcionais num domínio profundamente complexo da psicologia, inspirassem Vigotski e sustentassem algumas de suas ideias sobre as emoções" (TOASSA, 2009, p. 146).

Em vias de opor-se ao dualismo cartesiano e discutir a visão organicista, Vigotski (2004) empreende uma crítica contundente ao psicólogo William James e ao fisiólogo Carl G. Lange, os quais introduziram na Psicologia o pensamento evolucionista, baseado na teoria darwinista, e calcado na verificação neurofisiológica. A teoria desses autores passou a ser denominada teoria James-Lange, sendo que para James nenhum conteúdo cognitivo poderia desencadear processos emotivos, pois estes eram meramente processos sensoriais, evolutivamente atrofiados, que respondiam a estímulos externos; Lange dualizou a teoria de Spinoza, reafirmando a dicotomização cartesiana mente - corpo, ao defender que as reações fisiológicas (materiais) são meramente manifestações da alma (imaterial, própria da *mente*) (TOASSA, 2009). Pode-se dizer, daqui, que a teoria James-Lange determinou as modificações fisiológicas como únicos condicionantes das emoções e encarnou a teoria e lógica formal de Descartes, reavivando-a no meio psicológico-científico. Sobre isso, Martins assevera que

[...] as investigações do psicólogo William James e do fisiólogo C. G. Lange, ainda que realizadas independentemente no final do século XIX, convergiram em suas proposições, tornando-se referências matriciais nos estudos sobre emoções. O enfoque desses pensadores, bem como de seus seguidores — estabelecendo relações lineares entre emoções e funcionamento orgânico —, circunscreveram-lhes uma natureza fundamentalmente corpórea, dicotomizando-as dos sentimentos humanos. Com isso, estabeleceram vínculos diretos entre emoções e corpo, sentimentos e "alma". *Eis, para Vigotski, o nascedouro das teorias materialista mecanicistas e das teorias idealistas, metafísicas, que têm povoado a psicologia das emoções e sentimentos.* (MARTINS, 2011, p. 194. Grifo nosso)

Esse excerto explicita a plasticidade da doutrina cartesiana, que com seus dualismos acaba por abarcar de modo arbitrário fenômenos contraditórios, caracterizados como incomunicáveis e de modo algum relacionáveis. Essa noção advém da formulação da *dupla natureza humana* como explicação genética dos fenômenos humanos (MARTINS, 2011). Descartes (1999), em *As paixões da alma*, publicado em 1637, define o ser humano como composto de *corpo* e *alma*, relegando a estas duas esferas formas diferentes de interpretação, de modo que o corpo responderia a leis mecânicas e materiais e a alma contaria com substratos espirituais de “outra ordem”. Vê-se, portanto, como essa teoria serviu tanto às teorias materialistas mecanicistas quanto às idealistas da psicologia tradicional.

De fato, o livro todo de Descartes é dedicado (indiretamente) ao tema das emoções, as quais são definidas como *paixões* pelo filósofo racionalista. Descartes (1999) atribuiu à glândula pineal a interpolação entre alma (*mente*) e corpo, em que as

paixões (ou emoções) atuariam como mecanismos corporais e espirituais no que fosse possível. Segundo o filósofo:

As percepções que se referem somente à alma são aquelas cujos efeitos se sentem como na alma mesma e de que não se conhece comumente nenhuma causa próxima à qual possamos relacioná-las: tais são os sentimentos de alegria, de cólera e outros semelhantes, que são às vezes excitados em nós pelos objetos que movem nossos nervos, e outras vezes também por outras causas. Ora, ainda que todas as nossas percepções, tanto as que se referem aos objetos que estão fora de nós como as que se referem às diversas afecções de nosso corpo, sejam verdadeiramente paixões com respeito à nossa alma, quando tomamos esse termo em sua significação mais geral, todavia costuma-se restringi-lo a fim de significar somente as que se relacionam com a própria alma, e apenas essas últimas é que me propus explicar aqui sob o nome de paixões da alma. (DESCARTES, 1999, p. 236)

Tem-se, de Descartes, que a alma se comunica com o corpo mobilizando as *paixões*, as quais, por sua vez, mobilizam os estados corporais pela corrente sanguínea e pelos órgãos dos sentidos — frio, calor, enrubescimento, palidez, riso, choro etc. É também nesse sentido que Martins (2011) afere sua crítica a Descartes, uma vez que, nessa doutrina, evidencia-se a disputa entre opostos inconciliáveis de modo estanque e oscilante, sempre entre os polos imutáveis e inconciliáveis nas díades: matéria e ideia; corpo e alma; objetivo e subjetivo etc. E é a partir disso também que a autora, fundamentada na *Teoria das Emoções*, de Vigotski, estende sua crítica a James e Lange, os quais não escaparam à tradição cartesiana ao buscarem comprovar com sua teoria organicista das emoções a natureza reflexa e sensorial das emoções frente às modificações corporais no indivíduo.

Para Martins (2011), contraditoriamente, a teoria James-Lange⁶⁸ acaba por recair numa concepção idealista a partir do próprio movimento de "autocorreção"⁶⁹.

⁶⁸ Apesar disso, Vigotski conferiu valor científico inegável às teorias desses dois autores por evidenciarem em sua época as modificações orgânicas específicas às reações emocionais (MARTINS, 2011).

⁶⁹ Segundo Toassa (2009, p. 156-157), no âmbito da ciência em geral "[...] Walter Bradford Cannon, fisiologista americano e aluno de James em Harvard, acabou por negar a teoria periférica das emoções, propondo uma teoria talâmica em 1915. A comprovação do papel do 'tálamo óptico' na vivência emocional relaciona-a ao sistema nervoso central: segundo Cannon [...], as diferenças entre emoções não poderiam ser encontradas nas alterações dos órgãos internos. Sua consciência, e também possibilidades de regulação voluntária (como sobre as expressões faciais, por exemplo), depende do córtex em relações com o subcórtex. Os centros talâmicos, subcorticais, seriam apenas responsáveis pela sua regulação espontânea. A evidência anatômica desta dupla regulação seria, para Vigotski, a de que nenhum impulso chega ao córtex sem passar pelo subcórtex". A partir disso, Vigotski passa a considerar "A solução do bielo-russo foi considerar que o domínio da vivência das emoções não poderia ser direto, idêntico ao dos demais processos psicológicos culturizados, mas demandaria artifícios e técnicas, uma forma indireta de regulação baseada na sua peculiar natureza. Para isto, contribuiu a concepção neurológica de Vigotski, fundamentada na teoria talâmica de Cannon, e

Esses estudiosos biologicistas acabam por efetuar a mesma operação que Descartes: efetuaram a cisão entre os processos inferiores⁷⁰ (denominadas emoções) dos processos "superiores"⁷¹ (definidos como sentimentos), os quais não teriam fundamentos orgânicos (MARTINS, 2011).

No contexto da *crise da Psicologia* têm-se ainda as psicologias subjetivistas de cunho unicamente idealista. Vigotski (2004) aponta a psicologia descritiva das vivências introspectivas, capitaneada pelo psicólogo Wilhelm Dilthey (1833 - 1911) como um dos principais expoentes dessa doutrina psicológica. Segundo Toassa (2009, p. 162), ancorada também em Vigotski (2004), essa abordagem "não contribuía para desvelar a relação entre ideia, corpo e cérebro, limitando-se a descrições nas quais uma vivência simplesmente desaguava na outra, causavam-se a si mesmas, de forma tautológica".

Toassa (2009) aponta essas concepções psicológicas como o maior exemplo da confusão que a temática das emoções causava na psicologia tradicional. Segundo a autora, tanto Dilthey quanto Lange lançaram mão da filosofia espinosana para preencher as lacunas de suas próprias teorias: Dilthey com o problema entre sentido e significado e Lange com a natureza orgânica das emoções. Contudo, esses expoentes da *velha psicologia* cometem com Spinoza todo tipo de lambança anistórica, retirando deste filósofo o que ele tem de essencial em sua obra: a noção de totalidade e, por consequência, de unidade. Vigotski (2004) assevera que a teoria James-Lange deturpa de tal forma a filosofia de Spinoza que, ao tentar juntar Descartes e Spinoza, recai ora num fisiologismo — que coloca o problema entre *alma* e *corpo* como sendo de âmbito puramente fisiológico — ora num dualismo, que se sustenta em uma concepção organicista que cinde emoções e consciência, relegando à primeira o mero papel de reagir às modificações periféricas dos músculos ou órgãos internos. Spinoza, de outra forma, vai indicar a necessidade de se entender a *unidade* entre *razão* (pensamento) e *paixão* (emoção) na relação do sujeito com o objeto do conhecimento.

Vigotski foi um estudioso ferrenho da obra de Spinoza e, por isso, refuta as utilizações deste autor por parte dos psicólogos cartesianos e idealistas. Contrariamente a isso, o autor soviético localizava Spinoza como pensador importante

nos trabalhos experimentais de Bekhterev, para quem a expressão emocional não dependia inteiramente, mas só parcialmente, do córtex, já que não poderia ser de todo suprimida por ele [...]” (TOASSA, 2009, p. 144-145).

⁷⁰ Isto é, os processos evolutivamente e fisiologicamente observáveis, como as sensações emocionais.

⁷¹ Para os quais não tinham respostas, por não empreenderem um estudo histórico do desenvolvimento humano.

para a superação dessas dicotomizações amplamente difundidas na ciência psicológica da época⁷².

Além de fornecer uma importante formulação acerca do conceito de *totalidade*, em sua obra *Ética - Demonstrada à maneira dos Geômetras*, publicada em 1677, Spinoza (2009) explica as *paixões* (emoções) como processos condicionados pelo conhecimento acerca do mundo e do objeto e não, como defendem os cartesianos e idealistas, como reações meramente psicofísicas ou atreladas ao espírito de outra ordem, que não poderia ser conhecido pelo sujeito e que, por consequência, excluiria a razão. Para Spinoza (2009) alma e razão são uma mesma coisa, de modo que o *corpo* seria um todo composto, isto é, o corpo humano seria a síntese da coletividade humana, bem como de suas produções culturais, artísticas e materiais, formada por um coletivo de corpos, que é a sociedade. "Entre corpo e mente, considerados por Espinosa como uma só coisa, não há causalidade plana eficiente, como a que existe entre corpos distintos" (TOASSA, 2009, p 196). Entendendo que a razão engendra o *dever* da própria consciência, Spinoza localiza o advento desse processo na realidade objetiva, uma vez que, para esse filósofo, o pensamento racional sobre algo, pressupõe a existência material desse *algo* no mundo.

A partir dessa concepção, Spinoza (2009) aponta que os afetos são definidos pela *inteligência*, divergindo da concepção de que eles se subordinam a reações sensoriais inferiores ou meramente à vontade (conforme em Descartes). Sendo assim, percebe-se na filosofia espinosana a noção de que as emoções ou afetos são determinados pelo desenvolvimento da inteligência, do conhecimento e por fatores sociais que o mobilizam. Como síntese tem-se que Spinoza faz uma aproximação entre afeto, cognição e consciência relacionando-os com a realidade objetiva, ou seja, estabelecendo que não existem nem *afeto frio* nem *razão fria*: "Há tão somente razão desejante e inervada de afetos. Nossa capacidade de mudá-los reside na posição da razão dentro da estrutura multidimensional do afeto" (SPINOZA *apud* TOASSA, 2009, p. 196). Em concordância com esta noção, Toassa evidencia que Vigotski

Admite, ainda, a existência de emoções desencadeadas por fatos que não dependem meramente do estímulo perceptual diferindo, neste ponto, das emoções animais. Temos, aí, um antecedente histórico para sua dura crítica às psicologias que adotavam o binômio

⁷² Além disso, Vigotski reconheceu Freud como "um dos pioneiros nas análises que negaram que o mais importante no estudo das emoções devesse ser o estudo dos componentes orgânicos que os acompanham. Ao afirmar que desconhecia algo mais indiferente do que identificar as mudanças orgânicas vinculadas à emoção, Freud reprovava a psicologia organicista unilateral fundamentada em James e Lange, defendendo como tarefa dessa ciência o estudo da dinâmica interna das emoções humanas, fundamentalmente, de seus conteúdos psíquicos" (MARTINS, 2011, p. 198).

estímulo-reação como paradigma de pesquisa da psicologia humana. (TOASSA, 2009, p. 99)

Entretanto, mesmo antes de Vigotski se debruçar sobre a filosofia espinosana, Marx já havia superado/incorporado essa forma de materialismo, relacionando afeto, cognição e consciência à atividade humana objetiva, que em sua totalidade acaba por constituir o sujeito, sua subjetividade — sujeito este que sempre está, de uma forma ou de outra, *agindo* sobre um determinado objeto. Vigotski, Leontiev e Luria inspiram-se nesse traço da obra espinosana revisitada por Marx para empreenderem sua crítica à psicologia tradicional e elaborarem a *psicologia geral* de cunho marxista. Sobre a psicologia geral Luria resume:

A Psicologia do homem deve ocupar-se da análise das formas complexas de representação da realidade, que se constituíram ao longo da história da sociedade e são realizadas pelo cérebro humano. Ela deve substituir a anterior descrição subjetiva das formas complexas de atividade consciente por uma análise científica objetiva dessas formas, sem substituir essa tarefa pelo estudo dos processos fisiológicos que lhes servem de base nem limitar-se à descrição exterior dos mesmos. É essa a tarefa da ciência psicológica, que deve estabelecer as leis da sensação e percepção humana, regular os processos de atenção e memorização, de realização do pensamento lógico, formação das necessidades complexas e da personalidade, considerando todos esses fenômenos como produto da história social e sem separar esse estudo da análise dos mecanismos fisiológicos que lhes servem de base. É isto que constituirá a essência da Psicologia geral no todo e da psicologia do homem em particular. (LURIA, 1991a, p. 7)

Assim, a Psicologia Histórico-Cultural, encabeçada por Vigotski, Leontiev, Luria e colaboradores, apresenta-se como uma possibilidade de superação de visões dicotômicas, uma vez que essa abordagem psicológica carrega consigo a possibilidade da crítica e superação da psicologia tradicional, por conta de seus fundamentos epistemológicos e metodológicos: o materialismo histórico-dialético (BOCK, 2001).

Nesse sentido, [a PHC] concebe o homem como ativo, social e histórico. A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. As idéias, como representações da realidade material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a história, como o movimento contraditório e constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda a produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia. (BOCK, 2001, p. 4)

Entender a constituição do ser humano a partir do materialismo histórico-dialético e da Psicologia Histórico-Cultural é, portanto, entender que a realidade é dinâmica e contraditória, de modo que sua dualização permite apenas a análise de um de seus aspectos (mente ou corpo, por exemplo). Além disso, o conhecimento está voltado à análise essencial da realidade, de sua gênese; assim se examina os objetos buscando compreendê-los em sua totalidade histórico-concreta, em que as partes se relacionam dinamicamente como uma unidade e não como um agrupamento. A partir dessa configuração, entende-se que a mudança dos fenômenos é qualitativa, pois a partir de acúmulos quantitativos a totalidade se desenvolve. Segundo Bock (2001), é preciso

[...] entender que o movimento e a transformação das coisas se dão porque no próprio interior delas coexistem forças opostas. A contradição existente em todos os objetos é força de um movimento de transformação. É na relação desse objeto com o mundo que o cerca que os elementos contraditórios se constituem. (BOCK, 2001, p. 12)

É por isso que Vigotski (2009) critica a lógica formal⁷³, uma vez que, para se captar o movimento dos elementos contraditórios que constituem a realidade, na concepção metodológica marxiana, busca-se empreender uma lógica inerente ao movimento dessa realidade propriamente dinâmica: a lógica dialética. Desta, de acordo com Oliveira (2005), destacam-se duas leis fundamentais: a lei da contradição e a lei da negação da negação, as quais sintetizam os princípios de totalidade, movimento e contradição já discutidos no tópico anterior.

A primeira lei indica que determinado fenômeno é composto por polos opostos que não se dicotomizam ou se excluem, mas se complementam. Nesse sentido, o termo contradição aponta para a noção de que a compreensão do movimento recíproco entre polos opostos dá origem a algo novo, movimentando e criando a história (OLIVEIRA, 2005). A segunda lei, negação da negação, dispõe sobre o processo de superação e transformação da realidade, em que "coloca-se um fim [em algo], conservando os pontos de referência válidos do existente que se constituem em germen da nova realidade" (OLIVEIRA, 2005, p. 44). Nesse sentido, supera-se o "velho" rompendo-se seus limites e incorporando-se suas possibilidades em prol do novo.

⁷³ Lembrando que essa lógica aristotélica foi resgatada pelo pensamento lógico-dedutivo em Descartes.

É a partir dessa noção que Vigotski e colaboradores buscam analisar a psique humana, superando a "velha" psicologia que decompõe o objeto em elementos isolados e construindo uma psicologia científica de fato. Utilizando-se da lógica dialética como fio condutor geral de seus trabalhos, Vigotski cria métodos e procedimentos específicos de análise do psiquismo humano. No âmbito da Psicologia, um dos mais importantes e determinantes para o presente trabalho é o método que decompõe em unidades a totalidade complexa. Para Vigotski

Subentendemos por unidade um produto da análise que, diferente dos elementos, possui todas as propriedades que são inerentes ao todo e, concomitantemente, são partes vivas e indecomponíveis dessa unidade. A chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química, mas o estudo das moléculas e do movimento molecular. De igual maneira, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, próprias do organismo vivo, é a verdadeira unidade de análise biológica. A psicologia que deseje estudar as unidades complexas precisa entender isso. Deve substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra em unidades. Deve encontrar essas propriedades que não se decompõem e se conservam, são inerentes a uma dada totalidade enquanto unidade, e descobrir aquelas unidades em que essas propriedades estão representadas num aspecto contrário para, através dessa análise, tentar resolver as questões que lhe apresentam. (VIGOTSKI, 2009, p. 8)

Sendo assim, se para a psicologia tradicional a questão das relações interfuncionais era um campo indecifrável, em razão do próprio método que utilizavam para tal tarefa, hoje esse campo se abre à Psicologia Histórico-Cultural pelo método da unidade, o qual substituiu o método da decomposição dos elementos dentro da ciência psicológica. Isso porque a *análise por desmembramento em unidades* conduz à explicitação das propriedades concretas do objeto e é por isso que se utiliza essa síntese vigotskiana como estratégia analítica nesta dissertação. No caso do objeto deste estudo, a unidade afetivo-cognitiva, entende-se que tal método a explicita, porque é expressão viva da própria constituição desse conceito. Nesse sentido, voltando-se ao exemplo da molécula da água, articulação os conceitos de *universalidade e totalidade*:

A molécula da água é o *universal* a partir do qual se pode derivar a diversidade de propriedades concretas do fenômeno, sendo que apenas se torna possível identificar esse *universal* quando não se pretende desmembrar ou decompor o *todo*. Enfatizamos ainda a importância de se garantir que ambos os sentidos da idéia de totalidade aqui mencionados sejam atendidos no movimento de análise, para não se incorrer no risco de obnubilar ou manter ocultas determinações e mediações fundamentais na relação entre a essência universal do fenômeno e as relações com suas expressões

particulares e singulares. Assim, a apreensão da dialeticidade entre singular-particular-universal implica captar as tendências generalizadas de desenvolvimento do fenômeno que se materializam nas singularidades pela mediação da particularidade. (PASQUALINI, 2010, p. 41. Grifos da autora.)

Nesse sentido, entende-se que a análise por unidades pressupõe que se chegue à menor totalidade possível na análise de determinado objeto e não no menor elemento possível. No estudo do corpo humano, por exemplo, essa menor unidade seria a célula humana e não seus componentes: ribossomos, lisossomos, mitocôndrias etc. Esses componentes singulares explicam a célula, mas não o corpo humano em sua totalidade. A forma de funcionamento e composição da célula, no entanto, é a unidade mínima de análise que fornece dados à compreensão da totalidade corporal humana. Contudo, Vigotski (2009) salienta a necessidade de se utilizar o *método inverso* de análise, em que o mais complexo e desenvolvido explica o menos desenvolvido, com isso "a chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química, mas o estudo das moléculas e do movimento molecular" (VIGOTSKI, 2009, p. 8). Tem-se que a *unidade*, diferentemente dos *elementos*, possui todas as propriedades inerentes ao todo, sendo a forma mínima de análise desse todo: a célula viva, portanto, contém todas as propriedades fundamentais que explicam a vida, da mesma forma que uma célula do corpo humano contém todas as determinações complexas que podem explicar a configuração dos coacervados — células de vida primitivas.

Até aqui pouco se falou da dimensão afetivo-cognitiva da *unidade* em foco neste trabalho, uma vez que essa dimensão só pode ser deveras compreendida se fundamentada metodologicamente. Essa fundamentação, por sua vez, demandou uma ênfase no termo unidade, porque é ele que indica a lógica pela qual se deve orientar ao analisar a dimensão afetivo-cognitiva do termo em questão. Nesse sentido, pode-se inferir que, assim como a molécula da água ou a célula viva, afeto e cognição devem ser entendidos como uma "unidade de contrários" que em algum momento podem transformar-se um no outro no decorrer de um movimento incessante. O afeto pode se transformar em conceito (cognitivamente formado) e o conceito pode desencadear reações afetivas/sentimentais em dado momento da atividade do sujeito, as quais podem requalificar tal atividade⁷⁴.

Como já foi referenciado neste texto, para o estudo do processo de constituição da consciência humana bem como das relações interfuncionais, principalmente no que tange a "relação do pensamento e da linguagem com os outros aspectos da vida da

⁷⁴ Por outro lado, uma cisão dessa unidade pode indicar lesões cerebrais ou estados patológicos da consciência.

consciência, a primeira questão a surgir é a relação entre intelecto e afeto" (VIGOTSKI, 2009, p. 16), cuja separação implicou num grave defeito da psicologia tradicional. De acordo com o autor

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que, o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice dispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (VIGOTSKI, 2009, p. 16)

Entretanto, é impossível conceber a concepção de unidade afetivo-cognitiva na PHC sem relacioná-la à influência espinosana no pensamento de Vigotski, uma vez que Spinoza, já no século XVII, se referia a uma relação de unidade entre razão e emoção. Sobre isso, Martins argumenta que,

Destarte, declarando sua anuência em relação à ideia espinosiana, Vigotski afirmou que o conhecimento sobre o afeto é capaz de alterá-lo, transformando-o de um *estado passivo* em outro, em *estado ativo*. Para ele, os afetos atuam em um complexo sistema de conceitos, e situá-los em relação à razão e às outras instâncias psicológicas representa uma das condições para a explicação da vida psíquica. Ilustrando essa proposição, Vigotski forneceu como exemplo as relações entre o conceito de fidelidade e o sentimento de ciúme da mulher pertencente à cultura maometana, que, seguramente difere em relação a outras culturas. Afirmou, assim, a natureza histórico cultural do sentimento, denominado por ele também como “emoção complexa”, que se institui e se altera em razão do meio ideológico e psicológico, isto é, pela aprendizagem da qual resulta a formação de conceitos. Trata-se, pois, de reconhecê-lo como síntese das múltiplas determinações que os conformam. (MARTINS, 2011, p. 200)

Por isso que se enfatiza aqui que a unidade afetivo-cognitiva atua como elo que unifica atividade e consciência humana, como portadora de propriedades que não se decompõem ou se anulam, mas sim que se conservam e são inerentes à totalidade da atividade humana. Deste modo, para se sistematizar a *unidade afetivo-cognitiva*, faz-se mister empreender uma análise de sua gênese, em que se coloca como unidade mínima de análise a relação atividade — consciência humana para só então se entender como a tal unidade afetivo-cognitiva se constitui. É em função dessa

problemática que se abordará no capítulo subsequente a unidade entre atividade e consciência como expressão da constituição humana ao longo da história, uma vez que a atividade consciente se qualifica como atributo do psiquismo humano e este, por sua vez, se qualifica como a própria unidade ideal - material, que comporta o reflexo psíquico da realidade objetiva que o afeta, reflexo este elaborado por meio de um sistema interfuncional requerido a qualquer forma de atividade humana (MARTINS, 2011). Nesse sentido a atividade psíquica é consciente porque é produto da interfuncionalidade do psiquismo, que forma a imagem subjetiva da realidade objetiva num processo afetivo-cognitivo oriundo da atividade prática do sujeito no objeto.

CAPÍTULO II - A UNIDADE ENTRE ATIVIDADE E CONSCIÊNCIA HUMANA COMO LÓGICA PARA O ENTENDIMENTO DA UNIDADE AFETIVO-COGNITIVA

[...] O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada para dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, nos guarda-roupas onde o sistema guarda seus velhos disfarces.

O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em vez de fazê-la.
[...]

Eduardo Galeano, *Celebração de bodas da razão com o coração*

Como se defendeu até o momento, a existência humana se configura na relação ativa entre sujeito e objeto, ou subjetividade e objetividade. A relação entre sujeito e objeto, entretanto, não se dá de forma direta, o que implica na análise da mediação entre a atividade humana⁷⁵ e a consciência humana (ciência de ser ativo no mundo). Para a Psicologia Histórico-Cultural, as categorias atividade humana e consciência formam uma unidade dialética, em que o estudo da consciência "requer estudar as relações vitais dos homens, as formas como estes produziram e produzem sua existência por meio de suas atividades" (ASBAHR, 2005, p. 110). Isso implica em buscar compreender como a estrutura da consciência do ser humano se transforma intrinsecamente com a estrutura de sua atividade (LEONTIEV, 1978a).

É nesse sentido que, ao se buscar entender a relação entre sujeito e objeto para o materialismo histórico-dialético e para a Psicologia Histórico-Cultural, se recai inevitavelmente no estudo acerca do *trabalho* e do *psiquismo* humano, uma vez que para Marx o trabalho é a síntese primordial da relação entre sujeito e objeto, lançando mão de seu produto: a consciência. A compreensão da relação ativa sujeito-objeto demanda a investigação dos meios pelos quais a imagem do objeto se figura na

⁷⁵ A categoria *atividade* é de extrema importância para a Psicologia Histórico-Cultural, de modo que esta dissertação terá um subitem particular à sua explicação. De início cabe entender que a *atividade* em si não é concernente apenas ao ser humano. São atos realizados por todos os organismos vivos com a função de suprir suas necessidades biológicas vitais. Neste caso, portanto, atividade vital. Ao passo que o ser humano vai se humanizando, sua atividade se complexifica e rompe com as determinações meramente biológicas. Contudo, neste primeiro momento basta apontar que, para o hominídeo, a categoria *atividade* coincide com o *trabalho*, uma vez que, para satisfazer suas necessidades biológicas, esse ser passa a transformar a natureza a seu favor (menos no que tange as ações de se reproduzir, dormir e se alimentar – embora, ressalta-se, que a preparação deste último ato é *trabalho*). É só quando o ser humano passa a ser regido de fato pelas *leis sócio-históricas* que a *atividade* deixa de estar vinculada unicamente ao trabalho propriamente dito, em função da criação de novas necessidades humanizadas. Voltar-se-á a isso mais adiante.

consciência humana (por meio da atividade *trabalho*) de modo distinto da do animal. Sobre isso, Martins, fundamentada em Leontiev e nos estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural, sintetiza:

A atividade humana é uma manifestação em atos pela qual o homem se firma na realidade objetiva ao mesmo tempo em que a transforma em realidade subjetiva. Os processos psíquicos incluem conexões para além do mundo interno da consciência. A vivência psíquica é produzida pela relação com o mundo objetivo externo e só se institui com base nessa relação. Por essa razão *atividade e consciência* são, na teoria histórico-cultural, as categorias centrais no estudo do psiquismo. (MARTINS, 2011, p. 28)

Sendo assim, define-se o psiquismo como a unidade entre o *material* e o *ideal*, em que a formação da imagem subjetiva da realidade objetiva na consciência humana não ocorre como cópia mecânica da realidade, mas sim como processo de síntese do que o indivíduo vivencia em sua atividade social (MARTINS, 2011). Uma vez que o *psiquismo consciente* confere caráter de humanidade à atividade, a formação da imagem subjetiva da realidade objetiva é imanente a essa atividade. Nesse sentido, lança-se a hipótese de que o que confere tônus à imagem subjetivada, em união com a atividade realizada, é a união entre razão e emoção, cognição e afeto. Dessa forma, o estudo pormenorizado da relação atividade/consciência pode fornecer pistas para o entendimento da unidade afetivo-cognitiva inerente à atividade humana como pano de fundo à constituição do ser humano enquanto tal. Desde já, aponta-se que a unidade afetivo-cognitiva expressa a união, também, entre a apreensão do mundo pelo sujeito (aspecto mais cognitivo) e a apreensão de *alguém* em relação ao mundo (aspecto mais afetivo), de modo que a apreensão de algo juntamente com a apreensão de alguém em relação a esse algo engendra necessariamente a união entre atividade e consciência.

Em meio a essas ponderações iniciais, ressalta-se que a discussão entre atividade e consciência não pode se dar de modo separado. No entanto, para fins didáticos, dividiu-se este capítulo da seguinte forma: inicialmente abordar-se-á a implicação da ontologia do trabalho e da criação da história no processo de constituição do ser humano; conecta-se a essa discussão a estrutura da atividade humana que descende do trabalho; na sequência, será abordada a constituição do psiquismo e da consciência humana, bem como a determinação desta na própria constituição humana; por fim, procura-se entender como os processos afetivo-cognitivos da consciência engendram os sentidos pessoais e os significados sociais da atividade humana, que nas sociedades de classe assentadas sobre a propriedade privada se encontram *alienados*.

2.1 A implicação da ontologia do trabalho e a criação da história no processo de constituição do ser humano

Como visto no capítulo anterior, entende-se que a história é produto da existência humana, que se perpetua como tal desde sua constituição até o momento hodierno, por meio do trabalho (MARX; ENGELS, 2007). É a relação entre sujeito e objeto que produz a história que se reflete afetivo-cognitivamente na vida dos sujeitos.

A história pressupõe tempo, mas não uma temporalidade abstrata, pois o tempo a que se refere é real, com bases fincadas na realidade e em indivíduos reais. Assim, para estes autores (2007), a primeira condição de toda história humana é a existência de seres humanos vivos, sendo que a constituição corporal desses seres somente se desenvolve pelas relações que sua *corporeidade* gera com a natureza e com outros indivíduos do corpo social. Aqui, Marx e Engels afirmam que “toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais [condições naturais, geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas etc.] e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história” (MARX; ENGELS, 2007, p. 87), de modo que a história da humanidade surge quando os homens começam a produzir seus próprios meios de existência — o que, segundo os autores (2007), é o passo que leva à consequente organização corporal humana. Nesse sentido, a história não é algo externo e remoto à constituição da humanidade, mas sim a conjunção da realidade que permitiu o ser humano se constituir enquanto tal e produzir sua própria vida material, levando à organização do próprio gênero humano, da cultura. É nesse contexto que se entende a categoria *trabalho* como algo indissociável da história, mas ao mesmo tempo constituinte da historicidade existente.

Assim, fundamentando-se no entendimento de como o trabalho criou o ser humano e da conexão intrínseca entre trabalho e história, pode-se analisar mais detalhadamente os elementos constitutivos do que se vem a chamar de trabalho. De acordo com Marx (2013), os elementos componentes do processo de trabalho são: 1) o próprio trabalho (atividade adequada a um fim); 2) o objeto de trabalho (a matéria que se aplica ao trabalho); e 3) o instrumento de trabalho (os meios utilizados para se modificar a natureza)^{76 77}.

⁷⁶ Vale ressaltar que a fabricação de instrumentos pelo homem não surge de uma ideia, mas da vida objetiva. Leontiev (1978a) explora esse campo e a partir disso afirma que certos animais (os chimpanzés, por exemplo) apresentam uma atividade instrumental rudimentar, isto

Em relação ao primeiro elemento, Marx (2013) explica que a teleologia do trabalho humano é essencial na diferenciação entre os seres humanos e os outros animais, pois agindo teleologicamente o primeiro passa a imprimir em seu psiquismo uma finalidade pré-inventada à sua ação; o trabalho é um processo no qual estão implicados, necessariamente, o ser humano e a natureza (sujeito e objeto), em que esse ser, por meio de sua própria ação, impulsiona, controla e regula seu intercâmbio material com a natureza. Todo o aparato corporal humano se volta à apropriação dos recursos da natureza, imprimindo-lhes uma forma útil à vida humana. Dessa forma, atuando sobre a natureza externa, transformando-a, o ser humano modifica também a sua própria natureza, desenvolvendo potencialidades naturais adormecidas e gerando novas potencialidades humano-sociais. Entretanto, é imensa a fenda histórica que separa essas potencialidades humano-primitivas do homem *moderno*. Para este, o trabalho não garante apenas sua sobrevivência, mas é algo que o destaca da natureza, constituindo-o em sua totalidade. Sobre isso Marx (2013) escreve:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo,

é, utilizam meios exteriores que lhes permitem realizar uma ação imediata. Todavia, essa ação não se configura como trabalho porque jamais tem o caráter de sociabilização, já que não é realizada nem produzida coletivamente e, portanto, não determina as relações de comunicação entre os seres que a efetuam. Essas ações são imediatas e apenas com materiais que já estão prontos, às vistas do animal. É por isso que não se pode falar em uma teleologia animal ou de um planejamento racional voltado às ações que os animais realizam, pois essas ações são puramente instintivas, cumprindo funções imediatas e não dependendo das mediações de outros seres da espécie ou da atividade comunicativa entre eles. Sendo assim, ressalta-se que a passagem da atividade instrumental animal para a fabricação intencional (teleológico) de instrumentos está relacionada à passagem do psiquismo animal ao psiquismo humano, ou seja, à passagem do intelecto ao reflexo psíquico consciente. Trata-se, portanto, de uma transição da estrutura da atividade de alguns animais para a estrutura da atividade humana, à qual corresponde a uma transição na qualidade do reflexo psíquico correspondente.

⁷⁷ Em complemento a isso, Leontiev (1978a) ressalta que o trabalho só poderia ser desenvolvido entre aqueles animais gregários, que vivessem em grupo e apresentassem formas suficientemente desenvolvidas de vida em conjunto, pois as relações entre uma horda de símios, por exemplo, estavam limitadas pelas suas relações biológicas, instintuais e imediatas. A vida comum é imprescindível ao nascimento do trabalho, de modo que Leontiev (1978a) afirma que as condições para que o trabalho pudesse existir são caracterizadas por elementos interdependentes: a fabricação de instrumentos; sua efetivação em condições de atividade comum coletiva; e o desenvolvimento da linguagem (além de outros pré-requisitos à gênese do trabalho, como a posição ereta, com a consequente liberação das mãos, e o polegar opositor). Dessa forma, o homem não apenas se transforma com a modificação da natureza, mas também pela sua relação com os outros homens, os quais atuam no desenvolvimento uns dos outros.

seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além dos esforços dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais. (MARX, 2013, p. 255-256)

Nesse sentido, no que tange o segundo elemento do processo de trabalho apontado por Marx, entende-se que todas as coisas que sofrem ação do homem são objetos de trabalho: o peixe a ser pescado, a árvore a ser desmatada etc. Entretanto, existem níveis de complexidade na determinação dos objetos de trabalho; a matéria-prima, por exemplo, só se torna objeto depois de ter experimentado modificações efetuadas pelo trabalho (MARX, 2013). A partir disso, pode-se inferir que o ouro, por exemplo, só é matéria-prima para anéis depois de extraído da rocha e lavado pela ação humana, ou seja, a matéria-prima é distanciada da natureza via trabalho, se tornando um objeto mais social do que natural. Contudo, não há transformação da natureza em matéria-prima sem que o ser humano utilize o terceiro elemento de trabalho, ou seja, os meios de trabalho (instrumentos) para modificá-la. Esses instrumentos de trabalho são, para Marx (2013), mediadores entre o ser humano e seu objeto de trabalho, de modo que o homem utiliza as propriedades físicas, químicas e mecânicas da matéria a fim de que esta promova uma ação previamente planejada sobre outra matéria⁷⁸.

A natureza⁷⁹, nesse contexto, fornece ao sujeito seus objetos de trabalho e os meios, embora incompletos, que viabilizam a utilização desses objetos pelo ser humano. Assim, na pesca, por exemplo, o peixe (objeto/finalidade do trabalho humano) é apanhado mais facilmente por instrumentos como varas de pesca ou redes (que são construídos por materiais retirados da natureza também, mas planejados e construídos teleologicamente pelo homem), que tornam a atividade de pesca mais

⁷⁸ Por isso, a matéria de que o homem se apropria imediatamente não se configura como objeto de trabalho, pois esse deve ser transformado, mas sim como meio que viabilizará a modificação do objeto de trabalho. Dessa forma, Marx (2013) argumenta que o meio de trabalho constitui o homem de tal forma que se torna um órgão humano; órgão de sua própria atividade que aumenta seus próprios órgãos corporais, sendo a terra o arsenal primitivo de instrumentos para a ação do homem.

⁷⁹ Marx (2013) delimita o local onde a atividade produtiva ocorre: a *terra* (o firmamento, que também compreende a água); a qual na concepção marxiana é o objeto universal do trabalho humano, pois provê os meios de subsistência para o homem, existindo independentemente deste.

viável pela potencialização da ação humana⁸⁰. Os meios de trabalho servem também para potencializar o desenvolvimento da força humana de trabalho, indicando as condições sociais em que o processo de trabalho é realizado. Marx (2013) fornece maior amplitude à definição de instrumentos, asseverando que são estes materiais que permitem ao trabalho se aplicar a seu objeto, conduzindo uma dada atividade humana. Além disso, os instrumentos se configuram por exprimirem todas as condições materiais necessárias à realização do processo produtivo.

De acordo com Netto e Braz (2007), o trabalho se especifica por seu caráter de relação mediada, não mais imediata como nos outros animais. Nessa relação estão implicados o sujeito que executa a atividade produtiva e o objeto orgânico ou inorgânico que sofrerá ação humana e será transformado via trabalho. Ancorados em Marx e Engels, os autores afirmam que há sempre um meio de trabalho, ou seja, um instrumento que medeia a ação do homem para com outros homens, para com a natureza, para com outros instrumentos etc. Por isso, a criação de instrumentos pressupõe que o homem intencione uma dada atividade, de modo que possa fabricá-lo num ato teleológico direcionado, visando tanto a construção do instrumento quanto o fim para o qual a ferramenta servirá.

Essa atividade projetada, teleologicamente direcionada, conduz o ser que a efetiva, segundo Netto e Braz (2007), a uma *prefiguração* da realização do trabalho. Este, porém, só se realiza quando o que foi anteriormente figurado na mente do sujeito se objetiva. Assim, há uma prefiguração da atividade produtiva que leva a uma ação material do sujeito sobre a realidade, gerando a transformação desta em algo *necessário* ao homem. Aqui, os autores (2007) explicam que a realização do trabalho pressupõe uma objetivação do sujeito que o efetua, de modo que se pode dizer que a dialética apropriação-objetivação pauta o processo da atividade produtiva humana.

Duarte (2005) auxilia na categorização desses conceitos: a objetivação se constitui na atividade física e/ou mental dos seres humanos, cujas características acabam por se transferir aos produtos do trabalho⁸¹, se corporificando nesse produto, o qual passa a ter, portanto, uma função específica na prática social. Já a apropriação

⁸⁰ Diferentemente dos demais seres vivos, o homem se diferenciou da natureza sem dela separar-se, e estabeleceu com ela determinado intercâmbio que transforma a própria natureza e o próprio homem, promovendo a *potencialização das forças corpóreas e psíquicas naturais e a criação de novas propriedades* (KLEIN; KLEIN, 2008) bem como a formação da consciência humana. Nesse movimento dialético, o trabalho, a construção de instrumentos e as novas formas de comunicação (não mais instintivas) potencializaram a constituição do cérebro primitivo, causando a já referida mudança qualitativa do hominídeo em homem. Além disso, também o modificaram fisicamente (a constituição de sua mão, postura ereta etc.).

⁸¹ Transferem-se aos produtos da atividade, em geral, e aos produtos do trabalho, em especial (trabalho como forma específica de atividade). Isso porque nem toda objetivação é trabalho, embora todo trabalho seja uma objetivação.

“é o processo mediador entre o processo histórico de formação do gênero humano e o processo de formação de cada indivíduo como um ser humano” (DUARTE, 2005, p. 33), de modo que o processo de transmissão das criações do gênero humano às gerações mais recentes acontece mediante um processo educativo, em que os mais novos se apropriam do conhecimento humano historicamente produzido até o momento. Por isso, a apropriação é oposta e complementar à objetivação; é o processo ativo que possibilita a objetivação, mas que também somente é possível por esta, formando uma unidade. Tanto o processo de objetivação quanto o processo de apropriação conduzem à produção e reprodução da sociedade, do gênero humano; contudo, a apropriação produz os traços essenciais da atividade acumulada no objeto no psiquismo do sujeito.

Leontiev (1978a) afirma que o trabalho voltado a um fim, por meio de instrumentos, constitui a consciência humana — não mais como reflexo psíquico sensorial elementar⁸² perceptivo⁸³ ou intelectual⁸⁴ (LEONTIEV, 1978a), mas como forma superior do psiquismo, como reflexo psíquico consciente.

No animal, o “instrumento” é utilizado apenas naturalmente, para aproximar o fruto de si, por exemplo. Mesmo quando um símio atua sobre um instrumento elaborado socialmente pelos seres humanos, sua atividade é limitada por seus instintos e direcionada organicamente. Por outro lado, sob a posse de mãos humanas, os instrumentos adquirem seu verdadeiro caráter instrumental, elaborado socialmente

⁸² "O reflexo do meio pelos animais encontra-se em unidade com a sua atividade. Isto significa que, se bem que sejam diferentes, são ao mesmo tempo inseparáveis. [...] É evidente que o que é essencial nesta unidade complexa do reflexo e da atividade é a atividade do animal, que o liga *praticamente* à realidade objetiva; o reflexo psíquico das propriedades agentes destas realidades é imediato, derivado. A atividade animal, no primeiro estágio do desenvolvimento do psiquismo, caracteriza-se pelo fato de que ela responde a tal agente particular (ou a um grupo de agentes) em razão da ligação essencial destes agentes com as ações de que depende a realização das funções biológicas essenciais dos animais. Por este fato, o reflexo da realidade, ligado a esta estrutura da atividade, tem a forma de uma sensibilidade aos agentes particulares (ou grupo de agentes), isto é, de uma sensação elementar. Chamaremos a este estágio do desenvolvimento do psiquismo de 'estágio do psiquismo sensorial *elementar*'. É o estágio de uma longa série de animais." (LEONTIEV, 1978a, p. 22-23).

⁸³ Leontiev (1978a, p. 39) caracteriza o estágio do reflexo psíquico perceptivo "pela atitude para refletir a realidade objetiva exterior, não sob a forma de sensações elementares isoladas (provocadas por propriedades isoladas ou grupos de propriedades [do objeto]), mas sob a forma de reflexo de *coisas*". Nesse estágio do desenvolvimento, a atividade animal se complexifica, de modo a se dirigir não só às propriedades dos objetos, mas também para as condições do meio de que fazem parte. É aqui que Leontiev (1978a, p. 40) apresenta o conceito de *operações* da atividade, definindo-o como o " [...] aspecto da atividade que responde às condições nas quais se encontra o objeto que a suscita".

⁸⁴ Para Leontiev (1978a), o intelecto animal, ainda que mais complexo do que as formas de reflexo psíquico anteriores (sensorial-elementar e perceptivo), é absolutamente diferente do reflexo psíquico consciente. Como exemplo, Leontiev aponta a utilização de ferramentas pelos símios. Dada a necessidade de se alimentar, um chimpanzé pode utilizar um pedaço de madeira que se encontra em seu campo visual para alcançar uma fruta em uma árvore. Este tipo de atividade, assentado no intelecto animal, está presente em símios antropóides e em alguns mamíferos superiores.

e como objetivações humanas (DUARTE, 2005). Ao contrário dos outros animais, o homem modula uma nova operação a partir dos instrumentos. Segundo Leontiev, “a sua própria mão humana está incluída em um sistema de operações elaborado socialmente e fixado no próprio instrumento e está submetida a ele” (LEONTIEV, 1978a, p.83).

Além disso, a partir do trabalho, o ser humano pôde se apropriar e transformar os fenômenos externos e *internos* tanto pela utilização de instrumentos, quanto pela vida em sociedade e, principalmente, pela utilização e desenvolvimento da linguagem. Assim, pôde desenvolver a cultura material e intelectual, alavancando com isso seu desenvolvimento psíquico. O processo de trabalho demanda a criação de instrumentos técnicos de trabalho e, por analogia com a técnica, sua apropriação e imagem subjetiva dão existência aos instrumentos psicológicos ou *signos* (VIGOTSKI, 1999)⁸⁵. Para este autor, os instrumentos psicológicos ou signos são criações artificiais — sociais — que, ao se inserirem no comportamento humano, modificam “de forma global a evolução e a estrutura das funções psíquicas” (VIGOTSKI, 1999, p. 94), transformando-as de elementares a superiores (ou complexas)⁸⁶. É importante entender que os *signos* ou *instrumentos psicológicos* surgem no desenvolvimento humano tão logo este ser passe a se relacionar com a natureza por meio do trabalho, definindo o desenvolvimento psicológico do ser humano desde então e dotando a imagem psíquica de significação. Em Vigotski tem-se que

Na singular direção que adquire do instrumento psicológico não há nada que contradiga a própria natureza, já que, nos processos de atividade e de trabalho, o homem “se confronta como um poder natural com a matéria da natureza” [Marx e Engels] (...), entendendo por matéria a substância e o produto da própria natureza. Quando o homem atua dentro desse processo sobre a natureza exterior e a modifica, também está atuando sobre sua própria natureza e a está modificando, fazendo com que dependa dele o trabalho de suas forças naturais. Subordinar também essa “força da natureza” a si mesmo, ou seja, a seu próprio comportamento, é a condição necessária do trabalho. No ato instrumental o homem domina a si

⁸⁵ Segundo Martins (2011, p. 40. Grifos da autora), “foi ao introduzir o conceito de *signo* que Vigotski aplicou o *xeque-mate* na concepção tradicional de desenvolvimento, apontando a necessidade de se distinguir, nele, os modos de funcionamento naturais e as formas artificiais ou instrumentais. Os primeiros, decorrentes do processo de evolução e comuns aos homens e aos animais superiores; os segundos, produtos da evolução histórica e especificamente humanos, ou seja, conquistas do desenvolvimento do ser social”.

⁸⁶ “Uma diferença muito importante entre o instrumento psicológico e o técnico é a orientação do primeiro para a psique e o comportamento, ao passo que o segundo, que também se introduziu como elemento intermediário entre a atividade do homem e o objeto externo, orienta-se no sentido de provocar determinadas mudanças no próprio objeto. O instrumento psicológico, ao contrário, não modifica em nada o objeto: é um meio de influir em si mesmo (ou em outro) — na psique, no comportamento —, mas não no objeto. É por isso que no ato instrumental reflete-se a atividade relacionada a nós mesmos e não ao objeto [externo].” (VIGOTSKI, 1999, p. 97)

mesmo a partir de fora, através de instrumentos psicológicos. (VIGOTSKI, 1999, p. 98)

É nessa direção que Vigotski defende a *mediação de signos* como determinante no processo de diferenciação entre o psiquismo primitivo e o psiquismo complexo. Retomando-se a tese vigotskiana de que a mediação de signos complexifica o psiquismo humano, tem-se que,

A inclusão do instrumento no processo de comportamento provoca, em primeiro lugar, a atividade de toda uma série de funções novas, relacionadas com a utilização do mencionado instrumento e de seu manejo. Em segundo lugar, suprime e torna desnecessária toda uma série de processos naturais, cujo trabalho passa a ser efetuado pelo instrumento. Em terceiro lugar, modifica também o curso e as diferentes características (intensidade, duração, sequência etc.) de todos os processos psíquicos que fazem parte do ato instrumental, substituindo certas funções por outras. Ou seja, recria e reconstrói por completo toda a estrutura do comportamento, do mesmo modo que o instrumento técnico recria totalmente o sistema de operações de trabalho. Os processos psíquicos globalmente considerados (na medida em que constituem uma completa unidade estrutural e funcional) orientam-se para a resolução de uma tarefa — de acordo com a evolução do processo, que é ditada pelo instrumento. Nasceu uma nova estrutura: o ato instrumental. (VIGOTSKI, 1999, p. 97)

Sobre o mesmo assunto, Martins explica que

[...] o *ato instrumental* introduz profundas mudanças no comportamento humano, posto que entre a resposta da pessoa e o estímulo do ambiente se interpõe o novo elemento designado signo. O signo, então, opera como um *estímulo de segunda ordem* que, retroagindo sobre as funções psíquicas, transforma suas expressões espontâneas em expressões volitivas. As operações que atendem aos estímulos de segunda ordem conferem novos atributos às funções psíquicas, e por meio deles o psiquismo humano adquire um funcionamento qualitativamente superior e liberto tanto dos determinismos biológicos quanto do contexto imediato de ação. (MARTINS, 2011, p. 40)

Sendo assim, na atividade humana se desenvolvem uma série de *dispositivos artificiais*, os quais auxiliam o homem no domínio de seus próprios processos psíquicos. Esses dispositivos são essenciais à composição psíquica humana, assim como os instrumentos, frutos do trabalho, o são à constituição do próprio homem. Por isso, Vigotski (1997) os denomina ferramentas ou instrumentos psicológicos (como exemplo, pode-se citar a linguagem, a numeração, o cálculo, os dispositivos mnemotécnicos, a arte, a escrita etc.). Os instrumentos psicológicos são criações sociais artificiais que se destinam ao autodomínio dos processos psicológicos; são

concretos como os instrumentos de trabalho, pois potencializam e facilitam a atividade produtiva, servindo de mediadores entre a consciência humana e o mundo externo.

Destarte, Martins (2011) assevera que o conceito de *signo* para a Psicologia Histórico-Cultural equivale ao conceito de *célula* para a biologia, uma vez que o *signo* é a unidade de análise do funcionamento psíquico em sua totalidade. A fim de melhor compreender essas ferramentas psicológicas, Vigotski (1997) propõe o método instrumental, o qual, como método básico à Psicologia, busca a essência do comportamento intelectual. Para Luria, o homem, em meio ao seu desenvolvimento qualitativo, desenvolve novas formas de comportamento intelectual, não puramente direto. Para Luria, a

[...] assimilação de formas novas e historicamente surgidas de atividade material, o domínio da linguagem, que permite uma codificação abstrata da informação, levam o homem a modalidades inteiramente novas de atividade de pesquisa e orientação. Esta deixa de ocorrer no campo direto, separa-se da situação imediatamente perceptível. O homem está em condições de formular em palavras a sua tarefa, de assimilar os princípios abstratos de sua solução; ele se torna capaz de transmitir a estratégia de sua atividade, apoiando-se não em imagens diretas, mas em esquemas abstratos de linguagem, e seus planos e programas de ação assumem caráter livre, tornando-se independente da situação imediata. (LURIA, 1979, p 3-4)

O processo de atividade humana decorrente da complexificação do processo de trabalho é conteúdo essencial para que se entenda como esse psiquismo humano foi se transformando e, no caso deste trabalho, como essa transformação engendrou uma qualificação consciente da própria atividade pela condição afetivo-cognitiva da imagem subjetiva refletida no processo de atividade humana.

2.2 A atividade humana

Até aqui, o trabalho foi entendido como a atividade vital humana, sem a qual o psiquismo humano como *unidade material ideal* não teria se desenvolvido. Da compreensão do processo básico de desenvolvimento da atividade de trabalho como atividade adequada a um fim, aplicando-se a um objeto por meio de um instrumento de trabalho, Leontiev (1978b) lança mão do conceito de *atividade humana* (atividade objetivada) para explicar os encaminhamentos do processo de trabalho — que, num desenrolar eterno de novas necessidades criadas na relação entre sujeito e objeto, levou ao desenvolvimento do gênero humano enquanto tal.

Nesse sentido, se para o ser humano primitivo a atividade de trabalho era vital e o produzia enquanto pessoa, hoje essa atividade vital exhibe ramificações tais que qualificam a própria relação entre sujeito e objeto. O ser humano *moderno* realiza tanto atividades vitais quanto aquelas culturalmente formadas que são vitais ao gênero humano. É por isso que entender a categoria *atividade humana* (com suas necessidades, objetos, motivos e fins) é de fundamental importância para desvelar o reflexo afetivo-cognitivo das experiências humanas na consciência. Vale afirmar que toda atividade humana descende e resguarda aspectos da atividade de trabalho tanto em sua estrutura geral quanto em sua caracterização, como será explicado a seguir.

A categoria *atividade* não é aplicável apenas à ação humana sobre a natureza. A atividade em si pode ser definida brevemente como atos realizados pelos seres vivos sobre a natureza a fim de suprir suas necessidades. Nos animais em geral, essas necessidades seguem um repertório inato pré-definido ou de aprendizagem experiencial imediata, de modo que o reflexo psíquico da materialidade objetiva direciona o organismo animal à realização de determinadas atividades que lhe assegurem sua sobrevivência. Leontiev apresenta a relação entre atividade e reflexo psíquico da seguinte forma:

O aparecimento de organismos vivos dotados de sensibilidades está ligado à complexificação da sua atividade vital. Esta complexificação reside na formação de processos da atividade exterior que mediatizam as relações entre os organismos e as propriedades do meio donde depende a conservação e o desenvolvimento da sua vida. A formação destes processos é determinada pelo aparecimento de uma irritabilidade em relação aos agentes exteriores que preenchem a função de sinal. Assim nasce a aptidão dos organismos para refletir as ações da realidade circundante nas suas ligações e relações objetivas: é o reflexo psíquico. (LEONTIEV, 1978a, p. 19).

É nesse sentido que se percebe a indissociabilidade entre a formação do reflexo psíquico e a realização de atividades pelos organismos vivos, atividades estas que realizam a mediação da sua relação com o seu meio, para dele retirar os elementos que satisfazem suas necessidades vitais. Na constituição do ser humano essa relação se complexifica, de tal modo que o psiquismo humano assume a função de imagem subjetiva⁸⁷ da realidade objetiva. Baseada em Leontiev, Asbahr (2005, p. 109) afirma que "a atividade, mediada pelo reflexo psíquico da realidade, é a unidade

⁸⁷ Para Martins (2011, p. 14), "a imagem ultrapassa a singularidade do objeto representado visando seus traços gerais, identitários, isto é, universais. Eis, assim, a raiz da formação do conceito e da própria consciência humana. Portanto, se há um trânsito dinâmico e condicionado no processo de conversão do objeto da natureza em objeto da consciência (imagem/conceito), apenas a objetivação prática do segundo poderá afirmar a sua veracidade. Nisso reside a premissa metodológica marxista segundo a qual a prática é o critério de validação do conhecimento".

da vida que orienta o sujeito no mundo dos objetos. Sua principal característica constitutiva é o caráter objetual". Ou seja, ser orientada por objetos. Leontiev (1978b) indica que o reflexo psíquico consciente que constitui o psiquismo humano não é mero espelhamento passivo ou sensório da realidade objetiva, mas é ativo, pois tem sua definição na vida prática humana, sendo caracterizado, portanto, pelo fluxo constante entre objetividade e subjetividade. Dessa forma, no ser humano o reflexo psíquico se configura enquanto imagem subjetiva da realidade material formada ativamente (MARTINS, 2011), isto é, pela atividade humana em seu meio social e natural.

Se a formação do psiquismo humano é diferente do *reflexo psíquico sensorial elementar*, do *reflexo perceptivo* e do *intelecto animal*, isso se deve, dialeticamente, à estrutura de sua atividade, que também se difere da estrutura da atividade biológica e imediata nos animais. Isso não quer dizer, porém, que a prática sensorial não é importante ao desenvolvimento histórico-social humano. Sobre isso se salienta que

O marxismo considera a percepção, ou seja, o reflexo sensorial direto da atividade, como uma etapa e também como uma forma básica de conhecimento, que alcança um alto grau de perfeição no processo de desenvolvimento histórico da humanidade. É certo que as possibilidades perceptivas estão condicionadas pela estrutura dos órgãos dos sentidos humanos, de suas capacidades sensoriais [...]. No entanto, para que se forme a imagem tátil, visual ou auricular do objeto no cérebro humano, faz-se mister que entre o homem e este objeto se estabeleça uma *relação* ativa. É da realização desses processos que se forma a relação da qual depende a adequação e o grau de complexão da imagem subjetiva. Assim, para explicar cientificamente o surgimento e as particularidades da imagem sensorial subjetiva, não basta estudar, por um lado, a estrutura e funcionamento dos órgãos dos sentidos e, por outro, a natureza física das influências dos objetos materiais sobre eles. É necessário penetrar também na atividade do sujeito, a qual mediatiza seus vínculos com o mundo objetivo. (LEONTIEV, 1978b, p. 30. Grifo do autor. Tradução nossa.)⁸⁸

A captação sensorial do objeto pelo sujeito aponta, portanto, o início da atividade. Para Leontiev (1978b), para se analisar as particularidades da imagem

⁸⁸ "El marxismo considera la percepción, o sea el reflexo sensorial directo de la actividad, como una etapa y también como forma básica del conocimiento, que alcanza un alto grado de perfeccionamiento en el proceso del desarrollo histórico del hombre. Es cierto que las posibilidades perceptivas están condicionadas por la estructura de los órganos de los sentidos del hombre, de sus capacidades sensoriales [...]. Sin embargo, para que en el cerebro del hombre se forme la imagen tátil, visual o auditiva del objeto es necesario que entre el hombre y ese objeto se establezca una *relación* activa. Es de esos procesos realizadores de esa relación de los que depende la adecuación y el grado de complejidad de la imagen. Por lo tanto, para explicar científicamente el surgimiento y las particularidades de la imagen sensorial subjetiva no basta con estudiar, por un lado, la estructura y funcionamiento de los órganos de los sentidos y, por el otro, la naturaleza física de las influencias que el objeto ejerce sobre ellos. Es necesario penetrar también en la actividad del sujeto, que mediatiza sus vínculos con el mundo objetivo" (LEONTIEV, 1978b, p. 30. Grifo do autor)

sensorial subjetiva na consciência faz-se mister estudar as atividades do sujeito que mediatizam seus vínculos com o mundo objetivo, e não apenas contentar-se com a análise da estrutura orgânica e do funcionamento dos órgãos do sentido, como o fez a psicologia tradicional. Nesse sentido, o autor defende que a pré-história da atividade humana tem início quando os processos vivos adquirem objetividade por meio do reflexo psíquico sensorial elementar, qual seja a transformação da irritabilidade elementar em *sensitividade* ou *capacidade de sensação*. Daqui, derivam-se confusões dualistas que referem a representação consciente da natureza objetiva apenas à esfera dos processos cognitivos, estendendo essa noção distorcida à esfera das necessidades e das emoções enquanto processos mecânicos ou entidades ideais. Para Leontiev (1978b), essa noção está equivocada, pois a atividade humana só passa a existir frente a relação entre emoção e necessidade, de modo que o motivo da atividade só se desdobra em *ato* pela sinalização interna dada pela emoção; é neste sentido que se pode dizer que a emoção institui a atividade. Em Machado; Facci e Barroco (2011, p. 649-650), tem-se que:

[...] as emoções, em Vigotski, [...] aparecem costurando outros fenômenos psicológicos, como a imaginação e o pensamento, mas não como epifenômenos ou fenômenos auxiliares: assumem um papel ativo, que desencadeia ações e não somente são desencadeadas por elas.

Para Vigotski (2004), as emoções são, portanto, funções psicológicas superiores formadas biológica e socialmente a partir das relações sociais. A emoção advém da afecção e sensação da realidade objetiva e da relação entre pessoas fornecendo conteúdo significativo para essas relações, tendo como característica importante a historicidade. Assim, pela modificação dos significados e sentidos em um dado momento histórico transforma-se a forma do sujeito *sentir* o mundo ao seu redor. Machado, Facci e Barroco complementam essas assertivas vigotskianas com Smirnov, afirmando que,

De acordo com a Teoria Histórico-Cultural, o homem age na realidade e também reage a ela. Para Smirnov (1969), a maneira de reagir do homem ante as coisas, os acontecimentos e as pessoas é definida por emoções e sentimentos. Estes consistem, assim, numa atitude subjetiva de *sentir* do homem que origina-se a partir da realidade objetiva, das relações estabelecidas na realidade objetiva com outros homens. (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651)

Sendo assim, as emoções como integrantes do polo afetivo da unidade afetivo-cognitiva, dependem da configuração da atividade humana para ocorrerem ou não,

além de transformarem os motivos e finalidades da atividade em conteúdo significativo na consciência à partir da internalização do processo da atividade.

A necessidade, por sua vez, pode ocorrer de duas formas distintas que devem ser levadas em consideração: enquanto condição interna do organismo (a fome, por exemplo), e aquela com função diretiva e reguladora da atividade concreta do sujeito no meio natural e/ou social (direcionar a caçada de uma forma ou de outra, por exemplo) (LEONTIEV, 1978b). No primeiro caso, a necessidade tem sua função limitada à ativação da função biológica apropriada e da excitação do aparato motor, porém neste primeiro momento não existe um objeto que a satisfaça. É, portanto, somente pela unidade entre estas duas formas de necessidade que a atividade pode acontecer, uma vez que é na objetivação da necessidade, com o encontro do objeto que a responda ou satisfaça (construindo o *motivo* da atividade), que ela se torna capaz de direcionar ou regular a atividade humana. Para Duarte

Quando ele [o ser humano primitivo] vê os animais que poderiam satisfazer sua fome distanciarem-se velozmente dele, de maneira que objetivamente ele não poderia alcançá-los e abatê-los, seu estado emocional interior não será o de frustração se os animais se dirigirem para o local no qual os outros seres humanos integrantes do grupo estão à espreita. Na realidade o batedor antecipa em sua subjetividade a sensação eufórica que acompanha a caçada bem-sucedida. Tanto em termos cognitivos como em termos afetivos, a estrutura do psiquismo humano diferencia-se da estrutura do psiquismo animal, tal como ocorre com a estrutura objetiva da atividade. Na mente humana há, portanto, uma relação indireta, mediatizada, entre o conteúdo da ação e o motivo da mesma. (DUARTE, 2005, p. 35)

Ao longo da história da humanidade, como se viu, o homem precisou desenvolver instrumentos e formas culturais de satisfazer suas necessidades, que primeiramente se limitavam ao âmbito biológico (comer, se proteger do frio etc.). Uma vez satisfeitas, novas necessidades foram geradas: por exemplo, frente à necessidade de se alimentar, abater sua caça e satisfazer sua fome, o homem primitivo passou a buscar um tipo especial de pedra que pudesse ser lascada e transformada em um objeto cortante — em instrumento de sua atividade, uma vez que existiam diferentes tipos de pedras, muitos deles que não serviam para esse fim (por se esfarelarem, quebrarem etc.). Sobre isso, Asbahr explica que

Uma necessidade, seja ela proveniente do estômago ou da fantasia (Marx, s.d.), primeiramente, não é capaz de provocar nenhuma atividade de modo definido. Somente quando um objeto corresponde à necessidade, esta pode orientar e regular a atividade. No decorrer da história da humanidade, os homens construíram infindáveis objetos para satisfazerem suas necessidades. Ao fazê-lo,

produziram não só objetos, mas também novas necessidades e, com isso, novas atividades. Superaram as necessidades biológicas, características do reino animal, e construíram a humanidade, reino das necessidades espirituais, humano-genéricas. Analisar, portanto, as necessidades humanas requer compreendê-las em sua construção histórica. (ASBAHR, 2005, p. 109)

Com isso, pode-se entender que foi no processo de gênese e de satisfação das necessidades que a história humana foi se desenrolando. Todavia, este não foi um processo direto, mas sim, desde o início, mediado por instrumentos e signos — pela própria criação dos objetos que responderiam à necessidade. Além disso, sabe-se que as atividades humanas podem diferir quanto a via de realização, a tensão emocional que provoca, a sua forma etc., mas é o objeto que distingue uma atividade particular de outra (ASBAHR, 2005), sendo este definido enquanto seu *motivo* real. O motivo, portanto, é o que articula uma dada necessidade a seu conteúdo, isto é, a seu objeto correspondente, de modo que a atividade só pode existir em vias desta mediação (LEONTIEV, 1978b). Nesse sentido, é o motivo que impulsiona a atividade em direção ao seu fim, seu objeto correspondente.

No início do processo de *humanização*, pode-se dizer que as atividades humanas, em sua totalidade, correspondiam à atividade vital do homem: o trabalho. Desse modo, praticamente todas as suas ações estavam voltadas às finalidades de produção da genericidade humana e de sobrevivência. Dada a sua importância, far-se-á uma digressão à qualificação do trabalho enquanto atividade especialmente humana, a partir da qual se desenvolveram as atividades humanas em geral, em toda sua complexidade.

Sobre a atividade especialmente humana, Leontiev (1978a) disserta:

O trabalho humano, em contrapartida, é uma atividade originariamente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções do trabalho; assim, o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação. Marx escreve: “Na produção os homens não agem apenas sobre a natureza. Eles só produzem colaborando de uma determinada maneira e trocando entre si as suas atividades. Para produzir, entram em ligações e relações determinadas uns com os outros e não é senão nos limites destas relações e destas ligações sociais que se estabelece a sua ação sobre a natureza, a produção”. (LEONTIEV, 1978a, p. 75.)

A partir desse excerto, entende-se, com base em Marx e Engels (2007), que a forma como os seres humanos produzem seus meios de vida reflete o que eles são; contudo, isso depende dos meios de vida já produzidos socialmente. Dessa maneira, os homens reproduzem esses meios, desenvolvendo habilidades que lhes possibilitam

a criação de outros meios. Assim, o *que* esses homens produzem e o *modo* de produção qualificam a história em humana (senão ela nem existiria). O aumento da população possibilita um intercâmbio dos indivíduos entre si, adensando a atividade de produção. Esse aumento populacional também permite que o trabalho seja dividido, dadas as novas necessidades que surgem com o desenvolvimento das forças produtivas. Assim, de uma “*divisão técnica embrionária*” (LEONTIEV, 1978a) do trabalho, se tem que qualquer nova força produtiva conduz a um aperfeiçoamento da divisão social do trabalho (MARX; ENGELS, 2007). Na atividade animal, por sua vez, não se encontra nenhuma “*divisão técnica embrionária*” de produção, pois eles não se dividem intencionalmente a fim de produzir sua existência, mas apenas seguem uma divisão natural guiada pelo instinto (MARX, 2013).

Dessa forma, pode-se dizer que não há produção social na ação animal. O objeto da ação dos animais confunde-se com o motivo biológico da atividade determinada. Leontiev (1978a) explica que, logo no desenvolvimento da sociedade humana, houve a necessidade de se partilhar o que era produzido, o que configura, num aperfeiçoamento posterior dessa relação de produção, uma divisão do trabalho. No trabalho coletivo e dividido tecnicamente, os integrantes que promovem uma atividade polifásica voltada a um fim satisfazem ao mesmo tempo uma necessidade individual e uma necessidade coletiva. Tomando-se o exemplo de Leontiev (1978a), na atividade de caça cada membro do grupo que desempenhará esse trabalho tem a necessidade individual de se alimentar. Entretanto, há também a necessidade de que todos os indivíduos do grupo se nutram — até porque, se não houvesse uma ação coletiva voltada para esse fim, o grupo morreria, e por consequência o próprio indivíduo desfaleceria. Além disso, a caça não poderia ser empreendida por um único membro do grupo, pois seus aparatos físicos (força, agilidade etc.) seriam inferiores aos do animal almejado como alimento. Dessa forma, quando esses indivíduos caçam coletivamente, há uma potencialização das finalidades de suas ações, de modo que a atividade de caça se torna possível — motivada. O autor soviético entende que, nessa situação, a relação do indivíduo frente aos outros membros do grupo é dada graças à parte da presa que receberá, isto é, graças ao resultado do trabalho coletivo.

Vê-se aqui que a atividade humana — o trabalho — desde seus primórdios precisou ser compartimentada para alcançar os objetos (motivos) almejados pela coletividade de seres humanos. Sendo assim, além de seus componentes estruturais (necessidade, motivo e finalidade/objeto), a atividade se constitui pelas ações, isto é, pelo conjunto de ações dependentes de objetivos parciais provenientes do objetivo geral da atividade (LEONTIEV, 1978a). Conceituando o que foi dito acima:

[...] um sujeito está com fome (necessidade de comer) e pode satisfazer essa necessidade se buscar comida (objeto). Encontra-se motivado para a atividade de buscar comida quando sente a necessidade de comer e quando idealiza um objeto que possa satisfazê-lo. Propõe-se, então, objetivos: o que poderá fazer (ações) para satisfazer sua necessidade? As ações possíveis dependerão das condições concretas de vida do indivíduo, e são engendradas historicamente. (ASBAHR, 2005, p. 110)

Sabe-se já que no animal o objeto de sua atividade está mesclado com seu motivo biológico hereditariamente dado. No ser humano, entretanto, o objeto de sua atividade não coincide sempre com seu motivo biológico, principalmente quando se enfoca o processo coletivo que serve de palco à sua realização. Nesse sentido, chama-se de *ações* os processos da atividade em que o objeto (a finalidade da atividade) e o motivo não coincidem,

Isso significa que é precisamente a atividade de outros homens que constitui a base material objetiva da estrutura específica da atividade do indivíduo humano; historicamente, pelo seu modo de aparição, a ligação entre o motivo e o objeto de uma ação não reflete relações e ligações naturais, mas ligações e relações objetivas sociais. (LEONTIEV, 1978a, p. 78)

Ainda pode-se caracterizar as *ações* que engendram uma dada atividade tanto pelo seu aspecto intencional quanto pelo operacional (ASBAHR, 2005). Nesse sentido, cada ação componente da atividade apresenta formas específicas de execução, as quais se denominam *operações*. Na situação de caça tem-se: a atividade geral enquanto objetivo de abater um determinado animal para dele retirar seu alimento (necessidade ligada ao objeto — motivada, portanto); e as diversas ações que os indivíduos do grupo empreenderão para alcançar tal objetivo. Ao selecionar-se um indivíduo do grupo, identifica-se que sua ação será assustar o animal foco da caça a fim de direcioná-lo para o encurralamento, de modo que seus companheiros de caça possam abater o animal numa ação separada, mas concernente à mesma atividade. Para que este indivíduo selecionado alcance o intento de sua ação, faz-se necessário que ele a operacionalize, isto é, que se vista de determinada forma para se camuflar, que fique a uma distância segura do animal, que produza e utilize instrumentos que de fato assustem o animal, para só ao final disso tudo chegar ao objetivo final que motivou toda a atividade, isto é, se alimentar. As operações são, portanto, os inúmeros procedimentos que o sujeito realizará em prol de alcançar o objetivo de uma dada ação, e é por isso que Leontiev (1978a) ressalta que a operação é a tecnificação da ação, chegando a ter caráter automático quando apropriada e internalizada pelo sujeito.

Os componentes da atividade podem ainda adquirir diferentes funções, dada sua dinâmica constante. Dessa forma, "uma atividade pode tornar-se ação quando perde seu motivo originário, ou uma ação transformar-se em atividade na medida em que ganha um motivo próprio, ou ainda uma ação pode tornar-se operação e vice-versa" (ASBAHR, 2005, p. 110).

Contudo, agora uma questão se revela: se a atividade é decomposta, isto é, se o trabalho é socialmente dividido, como pode fazer sentido para o indivíduo? Leontiev auxilia na busca por uma resposta a esta pergunta ao explicar que "a decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de refletir psiquicamente a relação que existe entre o motivo objetivo da ação e seu objeto" (LEONTIEV, 1978a, p.79). Segundo o autor russo, sem tal reflexo, ou melhor, sem o reflexo consciente desta relação, a ação se aliena, já que se qualifica como esvaziada de sentido para o indivíduo⁸⁹. Somente a noção da atividade em sua totalidade fornece sentido à ação isolada do indivíduo dentro dessa atividade, o que fornece subsídios ao que Leontiev (1978a) chama de "unidade" fundamental do psiquismo humano, isto é, o sentido racional para o homem do objetivo de sua atividade. Dessa forma, para que um homem se encarregue de alguma função dentro de uma atividade complexa qualquer, faz-se mister que os sentidos de suas ações repercutam na atividade geral, de modo que esse determinado homem capte em sua atividade psíquica, consciente, a totalidade desta atividade.

Em Leontiev (1978a), encontra-se que a *atividade externa* e a *atividade interna* têm a mesma estrutura geral. A atividade *interna* se forma a partir da prática sensorial externa, de modo que toda atividade humana tem a materialidade enquanto forma primária fundamental. É pelo processo de *apropriação e internalização* que a *atividade externa* se transforma em *atividade interna*, requalificando o reflexo psíquico da realidade e constituindo, simultaneamente, a *consciência humana*⁹⁰. Segundo Martins, Vigotski

[...] evidenciou a indissolúvel unidade entre atividade individual, externa e interna, a atividade social (ou coletiva), postulando a dinâmica de internalização como processo de transmutação dos processos interpsíquicos em processos intrapsíquicos. A internalização, por sua vez, ocorre por meio de signos, que são, segundo Vigotski, os mediadores semióticos das relações dos homens com a cultura humana e, conseqüentemente, constituintes centrais do desenvolvimento psíquico. (MARTINS, 2011, p. 29)

⁸⁹ Essa questão será abordada de modo específico mais adiante.

⁹⁰ Tratar-se-á da temática da consciência mais especificamente no próximo subitem deste capítulo.

Vê-se, portanto, que Leontiev (1978a) e Vigotski (1999) qualificam os processos psíquicos engendrados na transformação do homem pelo trabalho como processos provenientes e formadores da atividade consciente humana. *Consciente* significa a *qualidade* desta atividade, como produto de um salto qualitativo da atividade humano-primitiva, e não um substantivo — uma estrutura, um lugar. O atributo *consciente* é, portanto, um *adjetivo* da atividade humana⁹¹, que se qualifica como tal pela forma como abstrai, conceitualiza e re(a)presenta o real, “colocando-o” como objeto do sujeito que age; pela teleologia (como fim/finalidade posta idealmente e que orienta, regula a atividade); e pelos processos comunicativos desenvolvidos pela atividade coletiva de trabalho, que só pode existir como produto das relações sociais (LEONTIEV, 1978a).

Nesse sentido, os autores nomeiam como *pensamento* o processo de reflexo consciente da realidade que opera com objetos inacessíveis à percepção sensível, imediata, humana. O pensamento se inscreve como conhecimento humano, e não permeia o intelecto de outros animais, porque esse processo psíquico somente é viabilizado pelo seu desenvolvimento unido ao desenvolvimento da consciência social (LEONTIEV, 1978b; VIGOTSKI, 2009). No entanto, não se pode falar em consciência, em pensamento, em processo teleológico, sem demonstrar suas inextricáveis relações com a linguagem, num processo constitutivo afetivo-cognitivo. Entende-se, aqui, que o processo afetivo-cognoscitivo e teleológico do trabalho e da atividade humana, em geral, não podem ser entendidos isoladamente, mas somente pelo seu desenvolvimento conjunto a outras formas superiores do psiquismo humano como sistema interfuncional (a atenção voluntária, a memorização, a abstração, o sentimento, a imaginação etc.), em que o homem pôde, num processo de *afectogênese* com o mundo exterior, imprimir uma finalidade pensada, um objetivo, ao seu trabalho.

O trabalho só se verifica na medida em que encerra uma finalidade precedente ao seu resultado final, determinando-se por um *projeto ideal* que, mesmo não tendo existência efetiva concreta, orienta e regula os atos que o constituem. Pensamento, imaginação e afetos

⁹¹ Diz-se que a atividade tem qualidade *consciente*, uma vez que essa palavra designa "com ciência", isto é, "com saber", "com conhecimento". Isso implica a separação e distinção na atividade psíquica entre sujeito/objeto. Ou seja, uma atividade que abstrai, isola, separa e coloca a realidade como objeto — algo distinto do sujeito e “conhecido”, “ideal”, a ideia do objeto. Desse modo, o mundo das imagens psíquicas se torna também objeto da atividade interna/externa (nesse sentido, o fim ou as finalidades idealizadas também são postas como objeto do pensamento em sua unidade com a atividade — posição do fim ou o pôr teleológico proposto por Lukács). Daí que se afirma que o trabalho é uma atividade consciente dos fins, dos meios e de seu objeto (os quais conhece — têm ciência). Portanto, síntese de teleologia e causalidade.

medeiam a relação sujeito/objeto, culminando na produção de um amplo patrimônio humano genérico.

A possibilidade de construção do referido projeto, por sua vez, não é garantida pelo legado da herança biológica, mas pela relação especialmente humana que se firma entre o homem e a natureza. O processo de trabalho, como atividade socialmente determinada por fins específicos, exige a pré-ideação e, conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência e de funções que possibilitem os modos de operar necessários à sua realização, tais como planejamento, autocontrole, análise/síntese, generalizações, abstrações etc. (MARTINS, 2011, p. 14)

É a partir dessas noções gerais acerca da atividade humana que se defenderá esta mesma atividade como unidade afetivo-cognitiva no capítulo subsequente desta dissertação.

2.3 O desenvolvimento do psiquismo humano: a determinação da atividade humana no desenvolvimento das funções psicológicas superiores

Para Leontiev (1978a, p. 86), “a consciência do significado de uma ação se realiza sob a forma de reflexo do seu objeto enquanto fim consciente”, ou seja, a consciência reflete, pelo processo de trabalho, o objeto da ação do homem como objetivo a ser alcançado. Aqui, passa a estar presente ao sujeito a ligação existente entre o objeto como objetivo⁹² de uma ação (finalidade) e o que desencadeou a atividade (motivo), levando à distinção prática e teórica dos objetos. Dessa forma pode-se dizer que o objeto passa a ser conservado na consciência e torna-se “ideia” (LEONTIEV, 1978a). Contudo, esse processo de desenvolvimento da consciência humana não ocorre deslocado da fabricação de instrumentos, da vida em sociedade e da constituição da linguagem — pelo contrário, somente é possível dadas essas condições objetivas presentes na vida dos homens primitivos. Dessa forma, a consciência tem sua base sólida no trabalho, na linguagem etc., mas estes processos também só podem se desenvolver e se manter por encontrarem uma base concreta na atividade psíquica que lhe orienta, na consciência, ou seja, no organismo do sujeito, que possibilita objetivamente uma dada estrutura e um dado funcionamento psíquico

⁹² O objeto da ação é aquilo sobre o qual o sujeito age, e está refletido na consciência (é conhecido pelo sujeito, o sujeito tem “ciência” dele = com/ciência), tanto quanto está refletido o produto final (objeto transformado em outro objeto = fim/finalidade da ação como prévia-ideação, projeto ideal).

propício à realização do trabalho. Essas bases interatuam, portanto, dinamicamente, dialeticamente. Conforme Martins,

O processo de trabalho [...] intervém decisivamente na formação das propriedades humanas, nas particularidades psicofísicas requeridas à sua realização e, da mesma forma, instaura um dinamismo de transmissão dessas conquistas às novas gerações, absolutamente distintos dos padrões animais. As formas de existência social instituídas pelo trabalho engendram novas propriedades no homem, posto que não transformam apenas o seu ambiente real de vida, mas, sobretudo, *a sua forma de viver*. O desenvolvimento da atividade laboral associada às novas funções conquistadas pela complexificação das articulações entre mãos, cérebro e linguagem provocou profundas transformações na constituição psíquica humana, inaugurando um processo histórico de desenvolvimento de funções afetivo-cognitivas cada vez mais complexo. (MARTINS, 2011, p. 36)

Sobre o desenvolvimento da atividade laboral e sua relação com a formação da consciência, Leontiev (1978a) explica que a fabricação de instrumentos só é possível em ligação com a consciência teleológica da ação de trabalho. Assim, ao mesmo tempo em que as condições materiais demandaram que o homem transformasse a natureza, ele a transformou, modificando a si mesmo e criando um montante novo de necessidades que foram (e algumas ainda são), ao mesmo tempo, demandas materiais para a sobrevivência humana. Para Vygotsky e Luria (1996), “o homem moderno⁹³ conquistou a natureza, e aquilo que o homem primitivo fazia com as pernas ou as mãos, os olhos ou os ouvidos, o homem moderno faz com seus *instrumentos*” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 179). As características de produção humana acabaram por determinar as características de seus processos psicológicos. Os instrumentos desenvolvidos na atividade produtiva coletiva e comunicativa dos homens passou a mediar a atividade humana, não só no que tange o mundo das coisas materiais, mas também em relação aos outros seres humanos e a si mesmo. Para Leontiev,

Devido ao instrumento, sua atividade absorve a experiência da humanidade. Daqui se deriva que os processos psíquicos do homem (suas “funções psicológicas superiores”) assumem uma estrutura que tem como vínculo inevitável os meios e procedimentos que foram formados no plano histórico-social, que lhe são transmitidos pelos homens que o rodeiam num processo de colaboração e de comunicação com estes. (LEONTIEV, 1978b, p. 77-78. Grifos do autor. Tradução nossa.)⁹⁴

⁹³ Aqui, falar em *homem moderno* é o mesmo que falar em *homem cultural*.

⁹⁴ “Gracias a ello, su actividad *absorbe la experiencia de la humanidad*. De aquí deriva que los procesos psíquicos del hombre (sus “funciones psíquicas superiores”) adquieren una estructura que tiene como eslabón inevitable medios y procedimientos que se han formado en el plano

Para Leontiev (1978b), consistentemente com as afirmações de Vigotski, esse excerto significa que os processos psicológicos superiores se desenvolvem primeiro no âmbito *interpsicológico* da humanidade, ou seja, das relações e da comunicação entre os membros da sociedade. Somente depois disso esses processos são devidamente interiorizados e se constituem como âmbito *intrapsicológico*, como função psicológica superior singular de determinado indivíduo. Lembrando que o psiquismo é a imagem subjetiva da realidade objetiva (MARTINS, 2011) refletida na consciência do sujeito como reflexo psíquico da realidade, a forma como todo esse processo de internalização é vivenciado e apropriado pelo indivíduo constitui sua *subjetividade*. A subjetividade se forma para balizar o comportamento do sujeito na realidade concreta.

Leontiev (1978b) qualifica a *psique* como reflexo psíquico da realidade, que, distintamente do espelho passivo, é ativo. Isso porque é proveniente da vida prática humana, caracterizado pelo fluxo de movimento incessante entre *objetivo* e *subjetivo*. Outrossim, a subjetividade da imagem tem o sentido de pertencimento ao sujeito, de modo que o próprio termo *subjetividade* implica uma noção desse sujeito como ser ativo no mundo. Portanto, "a posição de que o reflexo psíquico da realidade é sua imagem subjetiva significa que a imagem pertence ao sujeito real da vida" (LEONTIEV, 1978b [2014⁹⁵], p. 52). Rossler *et al* explicam a etimologia da palavra subjetividade:

Subjetividade consiste num substantivo abstrato, composto pelo radical *subjetiv* e pelo sufixo *idade*. Em nossa língua, o sufixo *idade* é formador de substantivos abstratos derivados de adjetivos, significando a qualidade ou característica do que é uma dada coisa, ou seja, definindo algo que corresponde ao adjetivo que lhe serve de base. Por exemplo, realidade indica a qualidade ou característica do que é (de ser) real. A qual adjetivo o substantivo subjetividade corresponde? Não é difícil imaginar que corresponde ao adjetivo subjetivo. Portanto, subjetividade seria a qualidade ou característica do que é subjetivo. Sendo que o adjetivo subjetivo significa: aquilo que é próprio do sujeito ou a ele relativo. Atrelado ao conceito de subjetividade, temos, portanto, os conceitos de subjetivo e sujeito. Percebe-se, além disso, que os termos subjetivo e sujeito estão diretamente relacionados na gênese da palavra subjetividade, sendo sujeito o conceito gerador (sujeito <=> subjetivo <=> subjetividade). (ROSSLER *et al*, 2011, p. 2-3)

Também deve-se tomar cuidado para não se entender o conceito de subjetividade como um *subjetivismo*, como a psicologia tradicional costuma fazer. A

histórico-social, que le son transmitidos por los hombres que lo rodean en el proceso de colaboración, de comunicación com éstos" (LEONTIEV, 1978b, p. 77-78. Grifos do autor)

⁹⁵ Tradução de Marcelo José de Sousa e Silva.

subjetividade é qualidade do sujeito ativo, pertencente ao sujeito como “*sujeitualidade*”, e não como *subjetivismo* ou “*sensorialismo*” puro (LEONTIEV, 1978b). Nesse sentido, para o mesmo autor, os parâmetros que agem sobre os órgãos dos sentidos humanos apenas revelam suas propriedades físicas e imediatas, que quando subjetivadas remontam toda a riqueza de significações sociais, relegando a imagem ao nível de um reflexo consciente do mundo. Como parte do mesmo processo, tem-se que a característica psicológica mais importante da imagem subjetiva é a sua *objetividade*.

Na consciência, a imagem da realidade não se confunde com a do vivido do sujeito: o reflexo é como “presente” ao sujeito. Isto significa que quando tenho consciência de um livro, por exemplo, ou muito simplesmente consciência do meu próprio pensamento a ele respeitante, o livro não se confunde na minha consciência com o sentimento que tenho dele, tal como o pensamento deste livro não se confunde com o sentimento que tenho dele.

A consciência humana distingue realidade objetiva do seu reflexo, o que a leva a distinguir o mundo das impressões interiores e torna possível com isso o desenvolvimento da observação de si mesmo. (LEONTIEV, 1978a, p. 69)

Aqui, pode-se ressaltar a dimensão dialética da atividade humana, a qual, ao mesmo tempo em que subjetiva aspectos da realidade, se objetiva nesta mesma realidade transformando-a e, de modo muito peculiar, transformando-se a si mesma. A atividade consciente humana implica na separação psíquica entre sujeito e objeto, fornecendo ao ser humano a capacidade de se distanciar do real, abstraindo-o e colocando-o como objeto do pensamento⁹⁶. Esse processo constitui e qualifica o ser humano enquanto tal até hoje, por isso é o processo mais essencial e perene da vida humana, mas ao mesmo tempo um traço transformador. Nesse contexto, Martins (2011) explica que a unidade funcional entre mãos, cérebro e linguagem aperfeiçoou anátomo-fisiologicamente o córtex cerebral, na medida em que as relações entre sujeito e objeto passaram a ser balizadas pela *consciência*. Sobre a concepção marxista de consciência tem-se que:

Embora a consciência tenha também uma larga pré-história na evolução do mundo animal, no homem ela aparece pela primeira vez no processo em que se foram estabelecendo o trabalho e as relações sociais. Desde o começo — afirmam Marx e Engels em “A Ideologia Alemã” — a consciência é um produto social. (LEONTIEV, 1978b, p. 26. Tradução nossa)⁹⁷

⁹⁶ O animal vive, psiquicamente, uma fusão com o seu meio imediato (imediato justamente por conta dessa fusão).

⁹⁷ “Aunque la conciencia tiene también una larga prehistoria en la evolución del mundo animal, en el hombre aparece por primera vez en el proceso en que se fueron estableciendo el trabajo

Sendo assim, a consciência não é um epifenômeno dos processos cerebrais, mas se constitui imanentemente à formação do próprio homem pelo trabalho. É por isso que, consistentemente com o materialismo histórico-dialético, não se aceita, no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, qualquer tipo de idealismo acerca da consciência que relegue a estas capacidades místicas do cérebro humano. A consciência não é mera resposta a estímulos externos, mas é um produto das relações que somente se realizam se mediadas pelo cérebro humano, pela atividade humana e por seus órgãos dos sentidos, os quais concebem os objetos do mundo material como imagem subjetiva na *mente* humana, isto é, na *consciência*.

A consciência é a expressão *ideal* [relativo a ideias] do psiquismo, desenvolvendo-se graças à complexificação evolutiva do sistema nervoso central sob decisiva determinação do trabalho e da linguagem, inaugurando a transformação do ser orgânico em ser social. Com o advento da consciência, a realidade — e tudo que a constitui — adquire outra forma de existência representada pela *imagem psíquica*, pela ideia que dela se constrói. (MARTINS, 2011, p. 27. Grifos da autora)

A consciência é então imagem interna — subjetiva — da realidade objetiva que ocorre por apropriação do gênero humano. Esse processo é o que cria a possibilidade de o ser humano conhecer o mundo e agir sobre ele, fornecendo sentido à realidade objetiva e à sua própria existência. Dessa forma, a materialidade da consciência reside na própria atividade que a condiciona e a constitui (MARTINS, 2011). Se o *psiquismo* é a unidade material — ideal que tem como síntese a *imagem subjetiva da realidade objetiva* —, a forma como esta imagem é *construída* (a partir de apropriações que o indivíduo realiza de elementos da realidade) e objetivada socialmente pelo sujeito tem uma dupla dimensão (que forma outra unidade): a unidade atividade e consciência. Daqui sintetiza-se que a consciência é forma histórica concreta do psiquismo humano por se desenvolver intrinsecamente às relações de trabalho e de comunicação entre os homens no meio social, e continuar se desenvolvendo ontogeneticamente mediada pelas relações de apropriação e objetivação do gênero humano pelo sujeito.

Como parte importante no estudo do desenvolvimento da consciência humana e da atividade como união afetivo-cognitiva, Vigotski (1995) enfatizou que a criação de signos passou a determinar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Dando continuidade a esse pressuposto, alude-se ao fato de que a inclusão de signos e símbolos como mediadores do comportamento humano altera e reconstrói as

y las relaciones sociales. Desde el comienzo — afirman Marx y Engels en "La ideología alemana" — la conciencia es un producto social" (LEONTIEV, 1978b, p. 26)

atividades afetivo-cognitivas e comportamentais humanas, provando que a utilização de mediadores amplia as possibilidades humanas de trabalho e de transformação da própria consciência.

Daqui, infere-se que o emprego de signos, de instrumentos psicológicos apropriados culturalmente pelo indivíduo, complexifica as funções psíquicas. Isso quer dizer que há uma "ampliação do raio das ações humanas" (MARTINS, 2011, p. 66), ou seja, uma potencialização das forças corpóreas do homem. Complementando mais profundamente esta discussão, pode-se citar Vigotski & Luria, que atentam à historicidade de que

[...] paralelamente a um nível superior de controle sobre a natureza, a vida social do homem e sua atividade de trabalho começaram a exigir requisitos ainda mais elevados para o controle sobre seu próprio comportamento. Desenvolve-se a linguagem, o cálculo, a escrita e outros recursos técnicos de cultura. Com a ajuda desses meios, o comportamento do homem ascende a um nível superior. (VIGOTSKI & LURIA, 1996, p. 149)

A partir do excerto acima, pode-se atentar para o fato de que, ao longo do desenvolvimento da humanidade, foi o processo de internalização dos signos — instrumentos psicológicos — que tornou possível a relação dialética entre objetividade e subjetividade. Isso porque a existência subjetiva, em que a imagem subjetiva se torna objeto na consciência, representa a imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo da maneira mais fidedigna possível (MARTINS, 2011). Esse é o *processo de internalização*, em que, para ser representado, o objeto deve ser conhecido, internalizado pelo sujeito, de modo que "a internalização seja, em última instância, a apropriação de signos, de significados" (MARTINS, 2011, p. 192) que têm força transformadora no psiquismo humano. Esse processo ocorre tão logo a linguagem passe a significar a relação entre sujeito e objeto através do mecanismo afetivo-cognitivo da relação entre atividade e consciência.

Na filogênese, o fato de as condições materiais de vida demandarem que o homem vivesse em coletividade auxiliou tanto no desenvolvimento do trabalho humano quanto na internalização dos signos nos processos psíquicos da consciência, o que desencadeou o processo de unificação dessas duas esferas. A partir do momento em que o homem se transforma pelo trabalho e transforma a natureza pelo trabalho, surgiu a necessidade de comunicar aos outros integrantes suas novas realizações. Contudo, fazia-se necessário que o homem contivesse os aparatos biológicos básicos a essa transformação. Segundo Leontiev (1978a), pode-se dizer que, a partir do trabalho e concomitantemente a ele, a linguagem constituiu o homem.

A linguagem, que somente pôde ser desenvolvida pelo fato de o homem viver em grupos, viabilizou o trabalho e potencializou a consciência humana, sendo o principal instrumento psíquico do homem até hoje. No caso dos homens primitivos, eles precisavam se comunicar para que as atividades realizadas coletivamente fizessem sentido. Ao mesmo tempo em que a linguagem fornecia sentido às ações coletivas dos homens, também modificava qualitativamente seu cérebro e sua consciência. Historicamente, Leontiev (1978a) associa a formação da linguagem gestual (inicialmente; depois prioritariamente vocal) e da *palavra* ao fato de que no processo de trabalho os homens entravam forçosamente em relação uns com os outros. Dessa relação despontava a necessidade de comunicação, de forma que, originalmente, as ações de trabalho propriamente ditas e a comunicação humana formaram um processo único.

Esse processo decorreu de múltiplas determinações. Inicialmente, foram os sons que assumiram, aos poucos, certa função de transmitir informações mediadas; não se constituíam como *palavra*, mas como instrumento rudimentar de comunicação, que ao longo da história foi se aperfeiçoando (pelo auxílio da escrita, também rudimentar, e dos gestos) a ponto de se transformar qualitativamente em fala. Segundo Luria (1991a), esses sons não possuíam existência autônoma, de modo que somente atrelavam sentido às atividades e situações práticas e emocionais imediatas. É por isso que Luria (1986) denomina que, em sua origem, a linguagem tinha *caráter simpráxico*⁹⁸. Além disso, esses sons eram acompanhados de gestos e entonações expressivas que tanto limitavam a interpretação do seu significado, o restringindo às pessoas presentes na situação imediata, quanto viabilizavam a existência de algum tipo (mesmo que rudimentar) de linguagem. A função desempenhada por esses atos e gestos comunicativos é evidenciada pelo autor soviético, uma vez que constituíram os “fundamentos de uma *linguagem original ativa* ou *linear*” (LURIA, 1991a, p.79), subsidiando o desenvolvimento da linguagem sonora.

Sobre esse ponto, Vygotski (1995) aponta que a primeira função de toda reação vocal primitiva é de cunho emocional e aciona mecanismos fisiológicos e instintivos que revelam os estados emocionais do organismo. Assim, durante muito tempo na história da humanidade se manteve uma estreita relação afetivo-cognitiva entre os gestos e o complexo de sons, de modo que um mesmo som/gesto poderia se referir ao objeto para o qual a mão apontava, a própria mão ou a ação produzida com

⁹⁸ Para Luria (1986), o caráter simpráxico da linguagem primitiva limita o significado da *palavra*, de modo que esta (que não era palavra em si, mas um conjunto de sons de entonações específicas e gestos) somente recebia uma significação inserida na atividade prática concreta. Quando essa atividade findava, a mesma *palavra* poderia designar outra situação, ou a mesma situação poderia designar significações sonoras e gestuais diferentes.

esse objeto (LURIA, 1991a). Por isso, só depois de muitos milênios é que a linguagem dos sons se qualificou a ponto de poder se separar da ação prática e adquirir independência.

Marx e Engels (2007) escreveram que a linguagem é a *consciência prática*. Na mesma linha, Leontiev (1978a) afirma que a consciência é inseparável deste instrumento psicológico. Além disso, a própria consciência humana não poderia existir, tal como está configurada hoje, se não fosse via linguagem, pois a ação intelectual humana é guiada pelo pensamento verbal abstrato — o qual não pode se efetuar a não ser pela apropriação feita pelo homem de generalizações elaboradas socialmente, isto é, as categorizações verbais e as operações lógicas elaboradas em comum. Sobre isso Leontiev (1978a) escreve:

Como a consciência humana, a linguagem só aparece no processo de trabalho ao mesmo tempo que ele. Tal como a consciência, a linguagem é o produto da coletividade, o produto da atividade humana, mas é igualmente “o ser falante da coletividade” (Marx); é apenas por isso que existe para o homem tomado individualmente. [...] O nascimento da linguagem só pode ser compreendido em relação com a necessidade, nascida do trabalho, que os homens sentem de dizer alguma coisa. (LEONTIEV, 1978a, p. 92.)

Em complemento, Luria (1991a) assevera que a atividade consciente do homem apresenta distinções que são elencadas pelo menos em três traços fundamentais: 1) a atividade consciente humana não se liga só, e necessariamente, a motivos biológicos; 2) diferentemente do animal, não é direcionada unicamente por impressões ou experiências individuais imediatas; e, por fim, 3) a atividade consciente humana decorre do fato de a maioria dos conhecimentos e habilidades humanas procederem da *apropriação* dos conhecimentos e habilidades acumulados no processo histórico da composição da humanidade, fortalecedora do gênero humano e transmissível no processo de aprendizagem. Entretanto, esse processo de aprendizagem ou mesmo a constituição da atividade consciente humana (em seus primórdios) não teriam seu desenvolvimento viabilizados materialmente se não estivessem dialeticamente entrelaçados com o desenvolvimento da linguagem. O autor (1991a) entende que as atividades sociais de preparação de instrumentos, juntamente com o desenvolvimento coletivo da linguagem, mudaram qualitativamente, também, a realidade psíquica do homem.

Na fabricação de instrumentos, o conhecimento da sua funcionalidade futura fornecia sentido à ação do homem, criando neste a necessidade de comunicar essa ação repleta de significado social aos demais membros da comunidade. Luria (1991a) enfatiza a atividade de preparação dos instrumentos de trabalho como propulsora de

“uma *mudança radical de toda a estrutura do comportamento*” (Luria, 1991a, p. 76), em que a separação entre a atividade biológica geral e as ações instrumentalizadas não era determinada somente pelo motivo biológico da atividade, mas pelo objetivo consciente repleto de sentido. Dessa forma, para Luria (1991a), a “*mudança radical*” referida é representada pela nova estrutura de atividade consciente do homem, a qual possibilitou a ele desenvolver formas de comportamento que poderiam, muitas vezes, se opor ao motivo biológico de existência, se observada só a sua aparência. A partir daqui, da transformação da natureza via instrumentos de trabalho e sua implicação à constituição da consciência, Luria (1991a) — assim como Leontiev e Vigotski — considera que a atividade de linguagem foi condição concomitante que levou à formação da estrutura complexa de atividade consciente do ser humano. Conforme Luria (1991a):

Costuma-se entender por linguagem um sistema de códigos por meio dos quais *são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles etc.* Assim, na linguagem, a palavra “cadeira” designa um tipo de móvel que serve de assento, a palavra “pão” designa um objeto comestível, enquanto “dorme”, “corre” designam ações, “ácido”, “plano” designam qualidades dos objetos e as palavras auxiliares “sobre”, “sob”, “juntamente”, “em consequência” designam relações diferentes por complexidade entre os objetos. (LURIA, 1991a, p. 78.)

Isso posto, entende-se que as palavras, costuradas pela linha do significado e do sentido⁹⁹, são os principais meios de comunicação pelos quais a humanidade conserva e transmite conhecimentos, apropriando-se das experiências acumuladas por gerações de pessoas. Nenhum outro animal se comunica por meio de linguagem, apenas o homem o faz; os animais, ao se comunicarem, não designam a matéria, o objeto. A comunicação animal não é mediação com o mundo, mas um atributo biológico que se presta à sobrevivência, o que leva à inferência de que a comunicação animal se conecta imediatamente à natureza por consequência de um *sentido natural*.

A comunicação humana supera esse sentido natural muito antes de se tornar sistematizada. Mesmo quando a comunicação se edifica via prática imediata, de caráter *simpráxico*, contém em si mediações sociais propiciadas pela atividade de trabalho. Neste contexto, Luria (1991a) pesquisou o desenvolvimento da linguagem, evidenciando o processo de formação das primeiras palavras autônomas e, posteriormente, da *língua* como sistema de códigos independentes que foi sendo especializado pelos diferentes povos. Dessa forma, a língua passou a assumir um caráter modulador que sucumbiu numa distinção entre as línguas (aquelas que são atualmente conhecidas). Assim, Luria (1986) supõe fundamentalmente que, do caráter

⁹⁹ Como se fará referência mais aprofundada adiante.

simprático da linguagem, se encaminhou à “história da formação da linguagem quando nela se foram incluindo todos os meios indispensáveis para a designação do objeto e a expressão da ideia” (LURIA, 1986, p. 29); isso levou à emancipação da palavra do contexto simprático, direcionando-a ao *sistema sinsemântico*. Este, conforme Luria (1986), é o sistema de signos, os quais se engendram uns nos outros por causa de seus significados, formando um sistema de códigos abstraídos da realidade concreta, em que se pode compreendê-los mesmo quando não se conhece a situação concreta a qual designam. Sobre as implicações da linguagem, o teórico soviético escreve:

Enquanto sistema de códigos que designam os objetos, suas ações, qualidades ou relações e serve de meio de transmissão de informação, a linguagem teve importância decisiva para a posterior reorganização da atividade consciente do homem. Por isto têm razão os cientistas que afirmam que, a par com o trabalho, a *linguagem é o fator fundamental de formação da consciência*. (LURIA, 1991a, p. 80.)

Com isso, Luria (1991a) complementa que a linguagem imprime três transformações essenciais à consciência humana. Primeiro, permitiu a discriminação de objetos, de modo que o sujeito pode dirigir sua atenção a esses e conservá-los na memória por meio da palavra isolada ou de combinações de palavras. A linguagem duplicou o mundo perceptível ao possibilitar o armazenamento dos significados das imagens da realidade objetiva na consciência humana. Assim, retratando o mundo externo, ela criou uma imagem correspondente deste na consciência, processo que compõe a riqueza da subjetividade humana.

Segundo, a linguagem possibilitou a abstração e a generalização de propriedades essenciais dos objetos, instrumentos e relações, relacionando o que foi percebido a determinadas categorias. O terceiro ponto proveniente da transformação imprimida pela linguagem à consciência é o fato de que a linguagem, ao se portar como veículo fundamental de transmissão de informação, corroborou para que o homem pudesse assimilar as mais diversas experiências. Assim, por meio da linguagem (do trabalho e da vida em grupo), o ser humano passou a produzir, ter acesso e dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento. Portanto, a linguagem sintetiza a experiência social da humanidade.

Martins salienta que a linguagem intervém diretamente no ato intelectual, conectando os processos de linguagem externa e interna. Em decorrência disso, a linguagem, juntamente com a mediação de signos, também passa a requalificar os processos psicológicos humanos: "a percepção, a memória, a atenção, a imaginação e

os próprios sentimentos do indivíduo, conformando sua própria experiência pessoal no mundo"¹⁰⁰ (MARTINS, 2011, p. 142).

Conjuntamente a isso tudo, é a aquisição da linguagem e a transição comportamental do homem, a qual culmina no comportamento intelectual, que auxiliam no alargamento das funções psicológicas superiores. Esse processo torna possível, como se comentou anteriormente, o desenvolvimento do pensamento abstrato e categorial, a formação de conceitos¹⁰¹ etc., uma vez que o pensamento possibilita "*a construção da imagem do objeto em suas vinculações internas abstratas*" (MARTINS, 2011, p. 151. Grifo da autora). Aqui, faz-se necessário apontar o *significado da palavra* como elo ontogenético entre linguagem e pensamento, que na historicidade do desenvolvimento da consciência humana emerge como uma unidade entre estas duas funções e na estrutura geral da atividade dá suporte à união afeto-cognição. Segundo Vigotski,

O significado da palavra, [...] é uma unidade indecomponível de ambos os processos [linguagem e pensamento] e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio [assim como a necessidade não é nada sem seu objeto]. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso. Mas, como nos convencemos reiteradas vezes, ao longo de toda nossa investigação, do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento. Consequentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno de pensamento. (VIGOTSKI, 2009, p. 398)

Vigotski se utilizou do *método por decomposição em unidades*¹⁰² para elaborar seus estudos acerca da relação pensamento-linguagem e obteve o resultado de que é o *significado da palavra* que carrega a totalidade complexa que engendra esses dois processos. Para o autor (2009), a palavra nunca se refere a um objeto isolado do mundo, mas a um grupo ou classe de objetos que expressam relações concretas em conjunto com propriedades abstratas e conceituais. É por isso que se diz que toda

¹⁰⁰ Vale relembrar aqui, que os signos são instrumentos psíquicos necessários à complexificação das funções psíquicas, isto é, à transformação das *funções psicológicas elementares* em *funções psicológicas superiores*.

¹⁰¹ O desenvolvimento do pensamento por conceitos bem como sua interlocução com as emoções e sentimentos serão abordados, de modo mais aprofundado, no próximo capítulo deste trabalho.

¹⁰² Ver capítulo I, item 1.3.

palavra é uma generalização latente, pois só o fato de ela existir já carrega em si a generalização de algo. A generalização, por sua vez, reflete a imagem do real de modo diverso das sensações e percepções imediatas, uma vez que reflete as propriedades essenciais e irreduzíveis do grupo ou classe de objetos que se quer designar. Esse modo de analisar a formação da consciência está em total concordância com o emprego do método Materialista Histórico-Dialético, uma vez que concebe a consciência como constante processo de vir a ser, em que se parte dos aspectos sensíveis e caóticos da realidade concreta por meio da sensação, da percepção, da emoção, da atenção etc. para abstrair dessa realidade propriedades essenciais, generalizando-as na forma de concreto pensado por meio da linguagem, da imaginação, do pensamento intelectual, dos sentimentos etc.

Sendo assim, pode-se dizer que a linguagem por meio da *palavra* (de seu significado) fornece base contundente à constituição de formas complexas de pensamento, isto é, o pensamento abstrato e generalizado — fato que conduz, na ontogênese humana, à transição do comportamento sensorial ao comportamento intelectual/racional. Aqui, pode-se enfatizar, com o apoio de Luria (1986), que fundamentalmente o homem está em condições de não se limitar ao aparente sensível, mas de ultrapassar as barreiras sensíveis dos objetos e de se direcionar à essência da matéria por possuir a capacidade de abstrair por meio do pensamento suas características isoladas, captando relações intrínsecas entre os objetos da materialidade. A linguagem é portanto "o signo dos signos" e fornece fundamento para a complexificação das funções psíquicas tipicamente humanas.

Ao aprofundar o entendimento dos processos ou funções psicológicas, depara-se com estas nomenclaturas: elementares e superiores. Encontra-se que as primeiras (funções psicológicas elementares) são entendidas por Vigotski (1995) como ações reflexas e associações psicológicas simples reguladas pelo mundo externo. São também fundamentalmente de origem biológica, provenientes da filogênese humana. Pode-se dizer que as funções psicológicas elementares se aproximam mais das estruturas psíquicas do animal, porém sem elas o homem não poderia se constituir como tal. Apesar disso, ressalta-se a necessidade de se entender a dinâmica entre as funções psicológicas elementares e superiores de forma dialética.

Vigotski, por exemplo, é categórico ao tratar desse assunto:

Assim pois, os centros inferiores se conservam como instâncias subordinadas ao desenvolver-se os superiores e o cérebro, em seu desenvolvimento, atende as leis da estratificação e superestrutura de novos níveis sobre os velhos. **A etapa velha não desaparece quando nasce a nova, mas é superada pela nova, é dialeticamente negada por ela, se transporta a ela e existe nela.**

O instinto tão pouco se destrói, se supera nos reflexos condicionados, como função do cérebro antigo nas funções do novo. Assim também o reflexo condicionado se supera na ação intelectual existindo e não existindo simultaneamente nela. Para a ciência se delineiam duas tarefas totalmente equitativas: saber descobrir o inferior no superior e saber descobrir como madura o superior no inferior. (VYGOTSKI, 1995, p. 145 *apud* MARTINS, 2011, p. 79. Grifo nosso¹⁰³.)

Dessa forma, é somente num fluxo dialético contínuo de negação, incorporação e, por fim, superação que as funções elementares se requalificam em superiores sem deixar de existir, mas resguardando aspectos elementares e complexos simultaneamente. Estes, porém, atuam por mecanismos completamente distintos — instintivos ou mediados, por exemplo. Acerca das funções psicológicas superiores, Vigotski (1995) explica que estas fazem parte de estruturas psíquicas autorreguladoras e, principalmente, constituídas socialmente em decorrência da interiorização dos signos.

O conceito de “desenvolvimento das funções psíquicas superiores” e o objeto de nosso estudo abarcam dois grupos de fenômenos que à primeira vista parecem completamente heterogêneos, mas que de fato são dois ramos fundamentais, duas causas de desenvolvimento das formas superiores de conduta, que jamais se fundem entre si ainda que estejam indissolivelmente unidas. Trata-se, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos de desenvolvimento cultural e de pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho; e, em segundo lugar, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas com exatidão, que na psicologia tradicional se denominam atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos etc. Tanto uns como outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processos de desenvolvimento das formas superiores de conduta da criança (VYGOTSKI, 1995, p. 29 *apud* MARTINS, 2011, p. 63-64).

Nesse sentido, as funções psicológicas superiores se desenvolvem, num indivíduo singular (em sua ontogênese), ao longo do processo de objetivação e apropriação do gênero humano, de formas tipicamente humanas de se comportar. Como exemplo desses processos funcionais da consciência, pode-se citar: a sensação, a percepção, a atenção dirigida ou voluntária, a memória mediada, a imaginação, a própria linguagem, o pensamento, a emoção e o sentimento. Aqui, utilizar-se-á, para fins de organização textual, linguagem e pensamento como fios condutores na explicação das outras funções psicológicas, apesar de todas apresentarem importância cabal na incessante formação da consciência humana. Vale ressaltar, com base em Martins (2011), que o estudo dessas funções deve levar em

¹⁰³ Tradução de Martins (2011).

conta o caráter sistêmico do psiquismo humano, o qual constitui um todo único, de modo que seus constituintes se determinam, articulam-se e se desenvolvem mutuamente.

Portanto, na qualidade de produtos do desenvolvimento social do comportamento, as funções psíquicas superiores instituem-se como **formas supraorgânicas de conduta** resultantes do uso de signos e do emprego de ferramentas, graças aos quais os comportamentos se tornam conscientemente planejados e controlados. Destarte, o sistema de atividade humana determina-se, em cada etapa, pelo grau de seu desenvolvimento orgânico e pelo grau de seu domínio sobre as objetivações culturais. Esses dois sistemas diferentes desenvolvem-se conjuntamente formando um terceiro sistema, inovador e de um tipo muito especial, que aponta o psiquismo como *imagem subjetiva da realidade objetiva*, ou, *reflexo psíquico da realidade*. (MARTINS, 2011, p. 94-95. Grifos da autora)

Em meio a isso, ainda ressalta-se que a linguagem é essencial para a formação da consciência, por adentrar na totalidade de aspectos e funções da atividade consciente humana. Especificando essa questão, encaminha-se ao primeiro processo psíquico referenciado: a sensação¹⁰⁴. Esta função psicológica, em unidade com a *percepção*, possibilita a captação sensorial do mundo. Para Martins (2011), o pleno desenvolvimento da *sensação*, ou seja, a *acuidade sensorial*, é resultado das ações desempenhadas pelo indivíduo por meio de sua atividade. Se a atividade humana requalifica funções elementares em superiores numa dimensão interfuncional, o desenvolvimento da atividade e, por consequência, das outras funções psíquicas, acaba por requalificar a própria sensorialidade do sujeito.

Luria (1991a) afirma que a linguagem reorganiza qualitativamente os processos humanos de sensação e percepção do ambiente, criando novas formas de percebê-lo. Sendo assim, enquanto a sensação apreende aspectos parciais do objeto, a percepção possibilita a construção de uma imagem unificada dele. Portanto, a complexificação interfuncional da percepção lhe confere o importante atributo de integrar a formação da consciência (MARTINS, 2011). É nesse sentido que, diferentemente de Kant, se coloca a sensação como componente fundamental do

¹⁰⁴ Martins (2011) analisa os aspectos neuropsicológicos desta função e aponta dois princípios que regulam as sensações: princípio da modalidade e princípio da complexidade. O primeiro compreende a ação dos receptores externos na consciência, isto é, dos órgãos do sentido: visão, audição, paladar, olfato e tato; e o segundo qualifica os tipos de sensações intermodais e não específicas de sensação. Neste caso a autora aponta, conforme Luria, três grandes grupos de sensações: as interoceptivas (proveniente dos órgãos, sistema sanguíneo e sistema límbico do indivíduo, sendo importantes na regulação do metabolismo do corpo e de reações psicossomáticas, por exemplo); as proprioceptivas (sensação de posição no espaço e tempo, do equilíbrio corporal etc.), e, por fim, as sensações exteroceptivas (que processam as mais diversas informações provenientes do meio exterior, mas principalmente as sensações de contato e as sensações de distância).

processo de conhecimento, na medida em que é pela formação da *matriz sensorial* que se pode de fato afetar-se pelo objeto e, portanto, conhecê-lo (LEONTIEV, 1978b). Contudo, o conhecimento do objeto não se dá de forma direta, como estímulo-resposta, mas perpassa toda a sistematicidade de funções psíquicas até que o sujeito possa formular conjecturas conceituais acerca desse objeto.

Por exemplo, quando se *sente* e daí se generaliza um objeto (generalizando, também, sua cor, forma e tamanho), o sujeito encaminha sua percepção com maior velocidade, deixando de lado inúmeras variáveis (outras cores, tamanhos, formas etc.) que não são essenciais ao momento, e se concentra (direciona sua atenção) em uma categoria genérica que lhe serve ao momento. A partir da linguagem, e sua possibilidade de agrupar objetos em categorias diferentes, a percepção humana se modifica, podendo abranger um número maior de objetos, discriminando fatores essenciais desses e abstraindo-os à consciência permanentemente. É por isso que a percepção também anda em par com o pensamento, favorecendo processos de abstração e generalização de propriedade e traços essenciais dos objetos; o mesmo acontece com a linguagem, favorecendo a adequação da palavra e do seu significado à imagem do real a que se refere.

Assim, verifica-se que a percepção do ser humano é historicamente condicionada, não sendo uma mera complexificação do ato sensorial. Como afirmou Rubinstein [...], ela é “[...] um ato relativamente direto de conhecimento do mundo pelo homem histórico”, engendrada, sobretudo, na evolução histórica da prática social. Toda percepção de um objeto pressupõe sua integração a um sistema de representações ou conceitos, condicionando-se a ele, de tal forma que a percepção do mundo, de seus objetos e fenômenos se realiza sob a perspectiva da consciência social.

Portanto, seu caráter unitário ultrapassa as propriedades do objeto, abarcando também a unidade do sensitivo e do lógico, do sensitivo e do prático, ou, as sensações, pensamentos e sentimentos que conformam a atividade humana, por meio da qual se edifica a personalidade do indivíduo como ser social. (MARTINS, 2011, p. 111)

O desenvolvimento primitivo da linguagem e do pensamento, conforme salienta Luria (1991a), não fomenta só a transformação da percepção generalizada humana, mas determina a constituição de outras funções psíquicas superiores como a atenção e a memória. A atenção humana é qualitativamente distinta da atenção animal por possuir a condição de ser dirigida arbitrariamente, corroborando para a acuidade perceptiva à medida que o campo perceptual do indivíduo mobilize sua atenção (MARTINS, 2011). A atenção é recorte, é imagem focal da realidade, e consta de motivos sociais, que têm seu desenvolvimento fincado na dialética

trabalho/transformação humana. Sendo assim, a função psíquica de atenção também possibilitou uma mudança qualitativa na linguagem e no pensamento. Indo além,

A atenção é uma das formas pelas quais a percepção se torna consciente, compreendendo, pois, a seleção de dados estímulos, a inibição de seus concorrentes e a retenção da imagem selecionada na consciência. Essa função, ao elevar o nível de atividade sensorial, cognitiva e motora – isto é, por sua participação em outras funções, a exemplo do pensamento, da memória, da imaginação, afetos, dentre outras –, abre as possibilidades para o comportamento orientado por fins específicos. Ou seja, orienta programas seletivos de ação ao destacar racionalmente dadas propriedades percebidas e abstrair outras. (MARTINS, 2011, p. 113)

Vê-se que a complexificação da atenção é parte do processo de desenvolvimento interfuncional do psiquismo, de modo que certas propriedades peculiares a esse processo específico vão surgindo (como sua concentração ou distração voluntária, sua intensidade e sua distribuição), dada sua relação com outras funções psíquicas, mas principalmente considerando o papel que ocupa na atividade do sujeito. Aqui, evidencia-se que a própria estrutura da atividade remodela a atenção, desencadeando automatismos, como atributo da atenção concentrada, ou estados emocionais que balizam as propriedades da atenção de acordo com o motivo a que a atividade se conecta. Na sociedade capitalista, por exemplo, um dado indivíduo dará mais atenção a um conhecimento que lhe renda dinheiro do que o contrário. O mesmo processo geral acontece com a função da memória. Nos animais, essa função depende, segundo Luria (1991b), da orientação no meio ambiente e de motivos biológicos, os quais reforçam as lembranças animais; o ser humano, por sua vez, apresenta processos mnemônicos apoiados nos processos do discurso, em que

[...] a linguagem se torna pela primeira vez atividade mnemônica consciente, na qual o homem coloca fins especiais de lembrar, organiza o material a ser lembrado e acha-se em condições não só de ampliar de modo imensurável o volume de informação que mantém na memória como ainda de voltar-se arbitrariamente para o passado, selecionando nele, no processo de memorização, aquilo que em dada etapa se lhe afigura mais importante. (LURIA, 1991a, p. 83.)

Frente a esse pressuposto, a memória é definida como o registro afetivo-cognitivo, a conservação e a reprodução de aspectos da experiência anterior do sujeito (LURIA, 1991b). Há ainda diferenciação entre a memorização involuntária ou voluntária. Todo o processo de memorização tem como núcleo principal a atividade que está sendo realizada pelo sujeito, de modo que os traços principais dessa atividade acabam sendo memorizados e enfocados pela atenção de modo

relativamente involuntário. O caráter voluntário da memória é mediado e depende da intenção do sujeito de organizar meios e ações patentes à memorização. Dessa forma, vê-se o caráter intrínseco da relação tanto entre memória e atenção quanto entre memória e atividade, em que o *fim/objeto* desta tem papel central.

Imaginemos uma pessoa caminhando pela rua, com pressa de chegar ao trabalho. Ela passa ao lado de vitrines, ao lado de operários que consertam uma linha de bonde, ao lado de jornaleiros e bancas de jornais. O que é que lhe fica na memória depois do caminho percorrido? Os fatos mostram que nenhum dos detalhes descritos fica em sua memória; mas se ele tem pressa de chegar ao trabalho e, economizando cada minuto, entra numa rua interditada, ele recordará bem esse detalhe. Semelhantes observações nos convencem de que o homem memoriza antes de tudo aquilo que está relacionado com o fim de sua atividade, aquilo que contribui para atingir o objetivo ou serve de obstáculo. Aquilo que está relacionado com o objetivo ou com o objeto da atividade motiva a reação orientada, torna-se dominante e é memorizado, não se observando nem se conservando na memória os detalhes secundários que não têm relação com o objeto principal da atividade. (LURIA, 1991b, p. 78)

Segundo o mesmo autor, é no contexto de desenvolvimento ontogenético que a criança se apropria, via educação sistematizada, dos processos que requalificam a *memória objetiva* em *memória lógica*¹⁰⁵. Esse processo, por sua vez, acaba por transformar as operações de raciocínio e de pensamento do sujeito, o que pode dar vazão inclusive para a resignificação de emoções e sentimentos vivenciados no passado. Nesse sentido, "a memória se converte em 'parte' interna do processo de pensamento, em memória lógica que [...] adota métodos racionais, isto é, mnemotécnicas, para fixar e recordar conteúdos" (MARTINS, 2011, p. 131). Respaldados pelos processos de memória e atenção, assim como pelo trabalho e pela vida em sociedade, a linguagem e o pensamento auxiliam na superação das limitações humanas no âmbito da filogênese; não mais somente à experiência imediata, mas ao que pode vir a ser, o que pode vir a acontecer e ao que pode vir a ser feito. Desse modo, embasada por toda essa configuração de processos sociais, surge a imaginação — a qual, de acordo com Luria (1991a), leva à criação orientada e dirigida, sendo de essencial importância para o processo de objetivação teleológica do ser humano no mundo.

Se é na atividade humana que todo esse processo de formação da consciência se desenrola, o que institui a atividade no ser humano é a *emoção* (LEONTIEV,

¹⁰⁵ Neste processo tem-se a complexificação de um tipo mais elementar de memória calcada na concretude e nas relações objetivas entre as coisas (a memória objetiva), para um tipo de memória que toma a lógica da relação entre as coisas como premissa de funcionamento sem, contudo, prescindir da objetividade das coisas (a memória lógica).

1978b). Sobre isso, Martins (2011, p. 202) identifica que às emoções cabe "o papel de sancionar, positiva ou negativamente, os motivos da atividade em face de seus resultados, do atendimento de dadas 'necessidades'". Vigotski (2008) enfatiza as emoções e os sentimentos como as funções que acoplam as funções "cognitivas", possibilitando processos de autoconsciência da personalidade ou consciência da realidade. Esse mesmo autor (1997) destacou a internalização dos signos e a formação de conceitos como essenciais ao estudo das emoções e sentimentos, uma vez que o próprio sistema de conceitos inclui os sentimentos e vice-versa. Dessa forma, "o ser humano não *sente* simplesmente, mas percebe o sentimento sob a forma de seu conteúdo, ou seja, como medo, alegria, tristeza, ciúme, raiva etc." (MARTINS, 2011, p. 199).

Voltar-se-á a essa questão no próximo capítulo, mas por hora vale frisar que as emoções e os sentimentos tanto instituem a atividade, avaliando seus resultados pela conexão entre o significado e o sentido pessoal que determinou, quanto fornecem o tônus da imagem subjetivada na (formação da) consciência — fato que é essencial para a constituição da personalidade¹⁰⁶ do sujeito, uma vez que as funções psicológicas superiores se objetivam na maneira de ser da pessoa.

Em síntese, sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento e imaginação colocam-se diretamente a serviço da formação da *imagem do objeto à vista da sua concretude*, isto é, da imagem fidedignamente representativa do real existente; visam, pois, o reflexo da realidade objetiva. Tais processos funcionais representam as denominadas *funções cognitivas*, cujo parâmetro de qualidade se revela na *inteligibilidade do real* que promovem. Ocorre, porém, que toda essa dinâmica de internalização abarca apenas parte do processo, uma vez que nenhuma imagem se institui na ausência de uma *relação particular entre sujeito e objeto*. Que o objeto *afete* o sujeito se revela a primeira condição para sua instituição como imagem, a refletir também, além das propriedades objetivas do objeto, as singularidades da relação do sujeito com ele. Eis então a impossibilidade de qualquer relação entre sujeito e objeto isentar-se de componentes *afetivos*. (MARTINS, 2011, p. 192-193)

A forma como tudo isso se configura num sujeito singular expressa, conforme Martins (2011), a *personalidade* deste sujeito, que é a *síntese psíquica superior* de suas funções psíquicas, e que se materializa nas formas de agir, pensar e sentir desse sujeito único. A personalidade, portanto, se forma em meio a determinações afetivo-cognitivas da atividade humana num processo de subjetivação — internalização — e

¹⁰⁶ Martins (2004, p. 86) concebe "a personalidade como autoconstrução da individualidade por conquista de sua genericidade, ou seja, síntese de processos biológicos e psicológicos que em interação dialética com o meio transforma o indivíduo de maneira criadora e autocriadora graças à ação e consciência".

objetivação, a partir do qual se forma e se desenvolve a imagem interior da realidade material.

Entender, portanto, a indissociabilidade (e não dicotomia) dos processos afetivos e cognitivos, na dinâmica entre os processos de apropriação e objetivação, é essencial para o entendimento de que a unidade afetivo-cognitiva sustenta e fornece base a toda atividade humana, fornecendo o conteúdo do psiquismo especificamente humano, de modo que a integração da consciência humana demanda a compreensão da atividade em seus aspectos cognitivo-afetivos com seus significados e sentidos. Este, por sua vez, opera na expressão e transmissão de ideias sob a forma de *juízos*¹⁰⁷ ou *conceitos* (MARTINS, 2011).

É aqui que a análise da totalidade complexa em unidades desponta como parte da solução do problema — que, no caso da consciência, de acordo com Vigotski (2009), engendra um *sistema semântico dinâmico* que representa a unidade entre os processos cognitivos e afetivos do ser humano em relação à realidade concreta representada na ideia, no pensamento. Além disso, compreende-se, conforme Leontiev (1978a), que a constituição da unidade afetivo-cognitiva ocorre na consciência a partir da dinâmica interna da atividade humana, uma vez que esta engendra relações entre necessidades, motivos, emoções e finalidades planejadas de ação. Contudo, essa atividade afetivo-cognitiva passa a se desenvolver de modo alterado tão logo a humanidade produza a vida de forma estratificada em classes sociais, gerando, em decorrência disso, personalidades alienadas.

É nesse sentido que se propõe, portanto, o estudo da unidade afetivo-cognitiva como unidade do sistema semântico e dinâmico da consciência em relação com a atividade humana (que com dadas condições materiais pode se *alienar*), já que estudo semelhante não é encontrado no bojo da Psicologia Histórico-Cultural. Para que se entenda esse ponto, faz-se mister uma análise mais detalhada da relação entre o significado da palavra para a formação de conceitos e entre o significado social e o sentido pessoal que a atividade humana figura na consciência.

2.3.1 O significado da palavra como fundamento da formação de conceitos

A obra mais expressiva de Vigotski, no que tange a temática dos significados e, conseqüentemente, da formação dos conceitos, é o livro "A Construção do

¹⁰⁷ Entende-se juízo como um julgamento prévio que o sujeito empreende acerca do objeto, conjecturando possíveis resultados.

Pensamento e da Linguagem"¹⁰⁸. Nessa obra, Vigotski (2009) aponta duas vias de expressão para o significado: a primeira diz respeito ao aspecto semântico que as palavras podem empreender; já a segunda está relacionada ao aspecto psicológico do significado, como generalização, isto é, como conceito. Entretanto, esse processo de análise dos significados como unidade interna entre pensamento e linguagem não foi direto:

À medida de sua dedicação à própria complexidade desse processo, em especial sobre as interdependências entre as funções psicológicas e sobre os limites das análises que decompõem o psiquismo em *elementos*, Vigotski assumia novos desafios de investigação. Foi pelo *método de análise por unidade* que encontrou na *significação do signo* o dado essencial para a compreensão do psiquismo como sistema interfuncional, identificando na *palavra* o "signo dos signos", isto é, a unidade de análise nuclear no estudo do comportamento complexo. (MARTINS, 2011, p. 55)

Vigotski coloca os significados como produções históricas que possibilitam a socialização de experiências/vivências, o desenvolvimento da cultura e da comunicação, apresentando, por isso, uma dimensão mais estável — "dicionarizável". Destarte, por terem uma essência histórica, os significados se transformam ao longo do movimento histórico, de modo que "sua natureza interior se modifica, alterando, em consequência, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo" (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 226). Os significados são compartilhados subjetivamente entre os sujeitos de um mesmo momento histórico, sendo transformados mediante as modificações concretas desse contexto. Por exemplo, hoje o que significa a palavra *bruxaria*? Na Idade Média, uma pessoa poderia ir para a fogueira só por tê-la mencionado. O significado de *bruxaria* denotava conteúdos afetivo-cognitivos muito fortes culturalmente, determinando, muitas vezes, quem morria e quem vivia. Hoje, a palavra *bruxaria* não se configura necessariamente como uma sentença de morte, nem a quem a pronuncia nem mesmo a quem a pratica. Por exemplo, no dicionário "Novo Aurélio do Século XXI"¹⁰⁹, encontra-se a seguinte concepção para o termo: "1. Suposto exercício de poderes sobrenaturais". Vê-se até

¹⁰⁸ Nessa obra, Vigotski localiza o significado da palavra como unidade mínima de análise entre pensamento e linguagem, "assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por esta luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento" (VIGOTSKI, 2009, p. 398).

¹⁰⁹ Percebe-se a necessidade de localizar esses significados no tempo já no título do dicionário.

que, pelo uso da palavra "suposto", se coloca em dúvida tal exercício que na Idade Média levaria os hereges para a morte na fogueira.

O significado da palavra contém os aspectos emocionais, fonéticos e semióticos dela, formando um nexos entre pensamento e linguagem que leva ao desenvolvimento ontogenético humano, pela determinação do trabalho na formação do psiquismo. A atividade humana é, portanto, sempre significada. Segundo Aguiar & Ozella (2006), o agir humano em suas nuances externas e internas operam por meio dos significados. Esse fenômeno, segundo Martins (2011) é, ao mesmo tempo, intelectual e afetivo/verbal, levando o ser humano a alcançar complexos patamares de desenvolvimento. Para Vigotski (2009), a palavra nunca pode se referir a um objeto isolado apenas, mas a um grupo ou classe de objetos, desvelando as relações que os compõe. Por isso, este autor apontou a palavra como uma *generalização latente*, isto é, um ato *verbal de pensamento* que só pode se expressar num *sistema de significação*. Sendo assim, o significado "é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é uma unidade de pensamento verbalizado" (VIGOTSKI, 2009a, p. 10). É a unidade de generalização da comunicação.

O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo de desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática. O estabelecimento da mutabilidade dos significados só se tornou possível quando foi definida corretamente a natureza do próprio significado. Esta se revela antes de tudo na generalização, que está contida como momento central, fundamental, em qualquer palavra, tendo em vista que qualquer palavra já é uma generalização. (VIGOTSKI, 2009, p. 408)

Daí decorre a importância de se abordar a formação de conceitos no desenvolvimento ontogenético do sujeito (da criança¹¹⁰) em sua relação com o objeto,

¹¹⁰ Aqui, entende-se que a criança é um ser humano em desenvolvimento físico-psíquico, mas também se aponta para o fato de que nem todos os sujeitos que alcançaram a adultidade cronológica apresentam necessariamente desenvolvidos todos esses aspectos do pensamento por conceitos. Na verdade esse desenvolvimento é polifacetado e dinâmico, de modo que todas as pessoas, mesmo adultas, gênias ou intelectuais que ganharam o prêmio Nobel, apreendem um conceito novo, primeiramente, por *agrupamentos sincréticos* ou *pensamento por complexos* etc. O conceito está sempre em formação no psiquismo do sujeito, de modo que, quando ele está consolidado, é ressignificado, mediante uma nova leitura/aprendizagem etc. O conceito sempre pode fazer novas conexões e se ressignificar, tomar novos sentidos, novos rumos. Contudo, há que se comentar que o conceito também tem uma estrutura mais estável no gênero humano, mas que se modifica com o significado social e com seu sentido particular para o sujeito. Se eu fosse aprender sobre astrofísica (parte do conhecimento humano pelo qual tenho um encantamento particular), ainda assim precisaria de um professor que me ensinasse os conceitos pertinentes a essa área do conhecimento de forma mais concreta, visual, associativa, apesar de eu conseguir, às vezes, raciocinar por meio do *pensamento por conceitos* que se conectam entre si e produzem novos nexos de conhecimento.

uma vez que é no processo de desenvolvimento que essa formação pode ocorrer. Esse processo não é direto, mas é mediado pelas funções psicológicas do psiquismo e transformado em *palavra*, a qual encapsula o significado social das atividades do sujeito pela generalização e condensação dessa atividade no *conceito*. Esse, por sua vez, encapsula afeto e cognição, gerando um determinado sentido pessoal.

Por isso, faz-se mister uma digressão em torno da temática dos conceitos, a fim de se compreender como se dá a unidade afetivo-cognitiva expressa na apropriação de conceitos e refletida como sentido pessoal. Discutir-se-á, portanto, a unidade afetivo-cognitiva enquanto relação do sujeito com os conceitos que engendram sua atividade, gerando sentido pessoal e desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, a produção conceitual e a apropriação-objetivação dessa produção complexifica também as funções afetivo-cognitivas que relacionam atividade e consciência humana.

Encontra-se em Martins o complemento inicial para este momento:

O reflexo representa não apenas o objeto mas, sobretudo, sua conversão em "imagem cognitiva", isto é, em conceito. Como tal, potencialmente, ultrapassa os limites de uma reprodução mecânica, condensando do objeto não apenas sua expressão fenomênica, sua aparência, mas, especialmente, aquilo que ele contém, a sua essencialidade concreta, isto é, as multideterminações que encerra. Como resultado da "atividade subjetiva" o reflexo psíquico pressupõe, portanto, o *processo de refletir*, o contínuo movimento de superação da reprodução sensorial em direção à produção conceitual e, igualmente, o *produto do reflexo*, isto é, a conversão do conceito em signo, em instrumento psíquico, em mediação na atividade objetiva que liga, transformadoramente, o homem à natureza. (MARTINS, 2011, p. 32-33)

Parte-se, dessa forma, do pressuposto de que o conceito como signo medeia a atividade objetiva humana na medida em que mobiliza diversas funções psíquicas, e de diferentes formas (tonalidades), que culminam no planejamento, na execução e na avaliação da atividade. Como afirmado anteriormente, todo esse processo é determinado pela unidade afetivo-cognitiva da relação atividade-consciência, e por isso se traduz cultural e psicologicamente como significado social e sentido pessoal. Assim, é importante analisar as intervinculações entre palavra, significado e conceito para compreender qual a sua determinação na consciência e consequentemente na atividade externa do sujeito.

Na linguagem, além das denominações, há também os significados dos objetos. A criança já muito cedo não deve expressar na linguagem o significado dos objetos, senão também suas próprias ações, as alheias, assim como seus estados internos ("quero dormir",

“quero comer”, “tenho frio”). A linguagem como meio de comunicação nos obriga a designar e expressar verbalmente nossos estados internos. O nexos verbal não significa nunca que se formou uma simples relação associativa, significa sempre uma generalização; a palavra não designa um objeto isolado. Se dizemos que agora faz frio e repetimos o mesmo um dia depois, significa que toda sensação isolada de frio está também generalizada. Deste modo se produz a generalização do processo interno.

O bebê carece de percepção atribuída de sentido: percebe a casa, mas não por isolado as cadeiras, a mesa, etc.; sua percepção é totalmente diferente da percepção do adulto, que analisa as figuras que se destacam sobre o fundo. Como a criança de idade precoce percebe as suas próprias vivências? Se alegre, se enfada, mas não sabe que se alegre, assim como o bebê não sabe que está faminto quando tem fome. Há uma grande diferença entre a sensação de fome e o conhecimento de ter fome. A criança de idade precoce não conhece suas próprias vivências. (VIGOTSKI, 2009b, p. 5)

De acordo com Luria (1979), a palavra e o conceito são formas de atividade intelectual humana mais elevadas e complexas. Assim, ao se apropriar dos códigos da língua, o sujeito passa a dispor de condições que o direcionam a ultrapassar os limites da percepção sensorial imediata do mundo externo. Para Luria (1979), o ser humano em desenvolvimento não mais apenas dispõe do pensamento prático direto, mas se torna capaz, dada a apropriação das objetivações humanas, de refletir conexões e relações complexas, de formar conceitos, de inferir conclusões, podendo solucionar complexas questões teóricas. Dessa forma, a apropriação feita, principalmente por meio da linguagem, de conhecimentos socialmente produzidos ao longo da história da humanidade, leva ao desenvolvimento de complexas atividades cognitivas, que engendram em seu bojo processos afetivos. É neste íterim que o pensamento remodela as funções cognitivas no sujeito em desenvolvimento, pois se utiliza (e é utilizado) do sistema de códigos afetivo-cognitivo fornecido pela língua para se desenvolver e se firmar como atividade psíquica humana essencial.

O pensamento abstrato está intimamente conectado à construção da língua, em que a palavra é a unidade fundamental. Segundo Luria (1979), a estrutura da palavra permite a formação de conceitos, e a conexão entre palavras em um sistema complexo gera a possibilidade de se executar *operações lógicas de conclusão lógica*, o que pressupõe o desenvolvimento das funções psicológicas superiores para ocorrer. A palavra apresenta, prioritariamente, duas funções básicas, e Luria (1979) as denomina como: *representação material*, a função representativa da palavra que designa objetos; e *significado*, isto é, a função básica de representar (dar *sentido de existência* a) um objeto.

De acordo com Luria (1979), o significado da palavra permite uma análise das práticas relacionadas aos objetos dispostos socialmente, além de permitir também

uma distinção estrutural entre eles, em que suas propriedades essenciais podem ser relacionadas a determinadas categorias abstraídas e generalizadas a partir dos objetos. Nesse sentido, se entende a palavra como meio de representação (que condensa em si internalizações afetivo-cognitivas do mundo), abstração e generalização. A conexão entre palavras, constituindo frases e sentidos, desenrola um universo de significações que dialeticamente reestruturam as funções afetivo-cognitivas humanas.

Esclarecemos essa diferença entre significado e sentido da palavra tomando por base a palavra final da fábula de Krilov *A libélula e a formiga*¹¹¹. A palavra *dance*, com que termina essa fábula, tem um sentido permanente absolutamente definido, único para qualquer contexto em que venha a ser encontrado. Contudo, no contexto da fábula adquire um sentido intelectual e afetivo bem mais amplo: aí ele já significa simultaneamente "divirta-se e morra". Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. A palavra incorpora, absorve de todo o contexto com que está entrelaçada os conteúdos intelectuais e afetivos e começa a significar mais e menos do que contém o seu significado quando a tomamos isoladamente e fora do contexto: mais, porque o círculo de seus significados se amplia, adquirindo adicionalmente toda uma variedade de zonas preenchidas por um novo conteúdo; menos, porque o significado abstrato da palavra se limita e se restringe àquilo que ela significa apenas em um determinado contexto. (VIGOTSKI, 2009, p. 465-466)

Daqui entende-se, conforme Gomes (2011, p. 15), que "eis porque encontramos no sentido pessoal, a unidade afetivo-cognitivo, pois como síntese da atividade de apropriação-objetivação, é só por meio dele que o significado social adquire existência subjetiva". Nesse processo, a abstração permite que se possa pensar os traços essenciais das palavras, dos objetos e do mundo externo, de modo que, ao se relacionar, interpretar e conceituar dados da realidade, se dê um salto em direção à apropriação e à constituição do gênero humano, isto é, à humanização do sujeito.

Em par indissociável com a abstração se encontra a generalização, que se desenvolve em conjunto com a consciência humana, fornecendo base ao pensamento categorial, o qual permite que coexistam diversos significados para uma mesma palavra. Dessa forma, o sujeito, ao empregar uma palavra, escolhe afetivamente e cognitivamente o significado adequado entre vários existentes já criados pela humanidade. Isso é designado por Luria (1979) como *sentido da palavra*, em que se

¹¹¹ Esta fábula é a adaptação russa do conto ocidental *A Cigarra e a Formiga*.

utiliza um sistema adequado de relações afetivo-cognitivas em detrimento de outros que podem ser usados para a mesma palavra.

Em meio a essa sistematização racional empreendida na linguagem, tem-se a construção do sentido, que encarna afetivo-cognitivamente aspectos das vivências do sujeito em sua personalidade, passando a compô-la.

Nesses termos, o sentido da palavra é inesgotável. A palavra só adquire sentido na frase, e a própria frase só adquire sentido no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, o livro no contexto de toda a obra de um autor. O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência [vivências subjetivas] e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra. (VIGOTSKI, 2009, p. 466)

Adentrando então mais profundamente no universo das palavras, o qual fornece subsídios para se compreender o processo cognitivo-afetivo que engendra atividade e consciência, Luria (1979) explica que os substantivos – que podem denominar *coisas* diretamente (porta, mesa, papel etc.) ou que são afastados pelo significado abstrato generalizador (animal, país, pensamento etc.) – foram desenvolvidos pela humanidade anteriormente, mas dialeticamente, em relação aos verbos e adjetivos¹¹². Nestes, os componentes materiais do mundo externos são relegados a uma posição de menor relevância, e o que se obtém é a discriminação da ação ou da qualidade emotivas, respectivamente, abstraídas do objeto, do próprio ser humano ou das relações humanas. Para o autor (1979), o significado básico dos verbos e adjetivos é remetido cognitivamente à abstração de traços essenciais à vida em sociedade, afetivamente determinados conforme a relevância designada pelas forças produtivas.

Atrelado ao papel fundamental da palavra para a estruturação do psiquismo humano tem-se a formação dos conceitos como central nesse processo. De acordo com Luria (1990), abriu-se um campo de estudos acerca dos conceitos, dados os estudos prévios sobre as mudanças de significados das palavras, pois, a partir destes, os psicólogos puderam analisar a estrutura sistêmica e semântica da consciência humana. Ao se formular e se apropriar de conceitos humanamente produzidos, o ser humano em desenvolvimento tem sua estrutura psíquica potencializada, de forma que, para se operar por meio de conceitos, o sujeito “necessita” complexificar sua

¹¹² De acordo com Luria (1979), a linguagem sinsemântica acampa palavras como verbos e adjetivos, sendo mais *atual* a constituição de *palavras acessórias* (“sob”, “de”, “com” etc.), as quais não possuem significado material, não expressam objetos ou ações concretos, mas apontam para a relação entre eles, sendo fruto de um longo processo de potencialização da abstração humana.

capacidade de sensação, emoção, percepção, atenção (concentração), memorização, linguagem, imaginação, pensamento e sentimento.

O desenvolvimento das capacidades de se abstrair e generalizar elementos (significados de palavras), condensando-os em sentimentos, conceitos, valoração de si etc., caracteriza o terceiro estágio do desenvolvimento do pensamento humano: os *conceitos* (FACCI, 2004b). Luria (1990) enfatiza que, a partir da classificação abstrata ou categorial¹¹³ mediada e sancionada afetivamente, o sujeito passa a se utilizar de categorias distintas, em que os objetos do mundo passam a se encaixar numa determinada categoria correspondente aos conceitos abstratos, produzidos no âmbito da teoria. Dessa forma, pode-se dizer que, nesse momento, há uma maior preocupação em se concentrar nas relações categoriais entre os objetos do que no modo concreto das relações. Há uma correspondência aqui com o próprio método de construção do conhecimento elaborado por Marx e Engels. Primeiramente tem-se o concreto sensível que se apresenta como caótico (tanto nos agrupamentos sincréticos, como aqui ou em qualquer outra etapa inicial do conhecimento), que em um isolamento abstrato de seus elementos mobiliza as mais diversas funções psicológicas em busca de encontrar uma categoria que demonstre o sentido essencial do objeto que se pretenda conhecer. Em um terceiro momento, munido dessa abstração, o sujeito se volta à realidade, que não se apresenta mais como caótica, mas como *concreto pensado*.

2.3.2 Sentido pessoal, Significado Social e a Constituição da Consciência Humana

No âmbito do materialismo histórico-dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, encontra-se a ideia de que, ao se constituir física e psicologicamente por meio da ação do trabalho sobre a natureza, o homem passa a criar uma relação própria, íntima, com essa natureza, ou seja, passa a pensá-la, senti-la, fornecendo, em consequência disso, significados e sentidos conscientes a essa relação. Sendo assim, em Leontiev (1978a) vê-se a concepção de que a consciência é produto subjetivo das atividades realizadas pelos seres humanos por meio de instrumentos, do desenvolvimento da linguagem e da socialização com outros homens.

No âmbito do conhecimento humano em geral, os conceitos de sentido e significado apresentam grande dispersão semântica, o que não é muito diferente à psicologia tradicional como área do saber. Em relação ao que foi discutido no primeiro

¹¹³ Exemplos de categorias abstratas: animais, plantas, ferramentas etc.

capítulo deste trabalho, encontra-se que "os conceitos de sentido e significado têm adquirido uma compreensão bastante subjetivista, como se o sentido fosse atribuído pelo sujeito independentemente de sua atividade social" (ASBAHR, 2011b, p. 2). Por ser essencialmente dualista, ou seja, contrapondo seus conceitos em pares separados e opostos, a Psicologia como campo de produção e reprodução do saber psicológico e comportamental acabou por dicotomizar também os conceitos de sentido e significado como desdobramento da antiga polarização entre razão e emoção. Dessa forma, a psicologia tradicional, com suas vertentes racionalistas e empiristas, criou diversas definições aos conceitos de significado e sentido, de modo que pudesse resguardar o enfoque dualista do homem, que separa homem-natureza, subjetividade-objetividade, razão-emoção, sujeito-objeto, atividade-consciência, psicológico e social, indivíduo e sociedade etc.

Historicamente, no bojo da Psicologia Histórico-Cultural, os conceitos de *significado* e de *sentido* foram desenvolvidos a partir dos estudos publicados por Vigotski, Leontiev e Luria. Ao discorrer sobre a *crise na Psicologia*, Vigotski (1999) criticava os dualismos recorrentes nas abordagens psicológicas então existentes. Num embate com essas abordagens, o autor se utilizou do conceito de *sentido* para estruturar sua argumentação acerca da unidade (e não da dualidade) na relação entre cognição e emoção. Dessa forma, ele desenvolveu uma crítica ao redor da vertente racionalista (que compreendia o conceito "sentido" apenas em suas nuances biológicas, como "órgãos do sentido") e da vertente empirista (que apreendia o conceito "sentido" no campo perceptual da linguística como meramente conotativos ou denotativos da palavra ou de estados do espírito) (NARUMA, 2004 *apud* ASBAHR, 2011b), com o intuito de apresentar uma nova concepção do termo "sentido".

Vigotski busca superar tais dualismos e formula o conceito de "sentido" a fim de ressaltar aquilo que é especificamente humano no homem, ou seja, sua "capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência" (NAMURA, 2004, p.91). Com o conceito de sentido, o autor avança em sua investigação acerca da constituição da consciência humana e estabelece a unidade entre cognição e emoção. Na mesma perspectiva, Leontiev (1978) alerta-nos que a Psicologia burguesa estudou o sentido como fenômeno da consciência e da linguagem, tomando-o como fenômeno em si, desvinculado da vida do sujeito. (ASBAHR, 2011b, p. 2)

Com isso, tem-se que a Psicologia Histórico-Cultural buscou compreender de modo dialético esses dois conceitos, que são intrínsecos à atividade do sujeito e à formação da consciência.

Leontiev [...] postula que a atividade humana e a consciência constituem uma unidade dialética, ou seja, a consciência é produto subjetivo da atividade dos homens com os objetos e com os outros homens e, ao mesmo tempo, regula a atividade produtora da vida humana. Ao analisar a relação entre a consciência e a atividade, Leontiev rejeita e critica as concepções metafísicas que isolam a consciência da vida real. Propõe, ao contrário, uma análise da consciência a partir das condições sociais e históricas de sua constituição e postula que a consciência é a forma concreta do psiquismo humano. (ASBAHR, 2011b, p. 6)

Para que se torne possível entender a unidade dialética entre consciência e atividade humana a partir desse excerto, faz-se mister compreender o movimento dos elementos constitutivos da consciência, os quais são nomeados por Leontiev (1978a) como: 1) *conteúdo sensível* (produz o fundamento das condições de existência da consciência; são as captações sensoriais e perceptuais do sujeito); 2) *significações sociais*¹¹⁴ (são as sínteses das práticas sociais); e, 3) *sentido pessoal* (são as diferentes formas singulares de o indivíduo se apropriar das significações sociais).

Sobre o primeiro elemento constitutivo da consciência humana, Leontiev (1978a) aborda o *conteúdo sensível*, mas não da forma idealista kantiana. Para o autor russo, o homem só pode conhecer o mundo a partir de seu conteúdo sensível. Daqui, tem-se a matriz sensorial na consciência formada por apropriações provenientes das sensações, imagens de percepção, das representações, da imaginação etc. É por isso que Asbahr (2011b, p. 6) explica que o conteúdo sensível "é o que produz a base e as condições da consciência, que cria sua riqueza e seu colorido. É o conteúdo imediato da consciência, mas não exprime toda a sua especificidade". É o conteúdo sensível que fornece a matriz consciente de onde o ser humano pode conceber (construir) e compreender significados sociais e sentidos pessoais em relação ao mundo. Como exemplo da relação entre conteúdo sensível, significação e consciência, Leontiev aponta:

A minha consciência não reflete uma folha de papel apenas como objeto retangular, branco, quadriculado ou como uma certa estrutura, uma forma acabada. A minha consciência reflete-a como uma folha de papel, como *papel*. As impressões sensíveis que percebo da folha de papel refratam-se de maneira determinada na minha consciência, porque possuo as significações correspondentes; se não as possuísse, a folha de papel não passaria para mim de um objeto banco, retangular, etc. Todavia, e isto tem uma importância fundamental, quando eu percebo um papel percebo este papel real e não a significação "papel". Introspectivamente, a significação está geralmente ausente da minha consciência: ela refrata o percebido ou

¹¹⁴ Neste trabalho, os termos *significação*, *significado* e *significado social* expressarão o mesmo conceito, dado que se dispôs de diferentes obras com diferentes tradutores para fundamentar a presente análise.

o pensado, mas ela própria não é conscientizada, não é pensada. (LEONTIEV, 1978a, p. 95)

O conteúdo sensível conecta-se com o significado de modo que, ao perceber algo, percebe-se o conteúdo desse *algo*, suas relações intrínsecas e não aparentes. No que tange aos últimos dois elementos da consciência — significado e sentido — vê-se que Leontiev trabalhou com o conceito de *sentido pessoal*, entendendo-o como uma relação que é criada na vivência do sujeito, destarte o *sentido* medeia, de certa forma, as relações entre a consciência¹¹⁵ e as atividades realizadas por esse sujeito. O conceito de *significado social* é constituído segundo essa mesma lógica, formando uma unidade com o conceito de sentido, de modo que

[...] as significações mediatizam as relações do homem com o mundo. Ou seja, são reflexo da realidade elaborada historicamente pela humanidade sob a forma de conceitos, saberes, modos de ação, independentemente da relação individual que os homens estabelecem com ela. [...] Dessa forma, a significação também se constitui como fenômeno da consciência individual, o que não significa que perca seu conteúdo objetivo, social. A forma como o indivíduo apropria-se de determinadas significações, ou mesmo se se apropria ou não, depende do sentido pessoal que tenha para o sujeito (ASBAHR, 2011a, p. 88).

As significações¹¹⁶ habitam a esfera da genericidade humana, dos significados sociais universais que são constituídos coletivamente ao longo da história da humanidade, ao passo que o sentido pessoal é próprio do processo de apropriação e singularização no sujeito desses significados dispostos socialmente¹¹⁷. O que medeia essa relação particular é a linguagem — o significado da palavra — e a relação entre os motivos e fins das diversas atividades humanas que criam o sentido da ação do sujeito. Em complemento a isso, cita-se:

A significação imbrica pensamento e linguagem, e, também, *razão e afeto*. Todo e qualquer sentimento carrega consigo um complexo sistema de ideias por meio dos quais possa se expressar. Portanto, tal como não há ideia sem pensamento não há, igualmente, ideia alheia à relação da pessoa com a realidade. Da mesma forma, não há relação com a realidade que possa ser independente das formas pelas quais ela *afeta* a pessoa. Assim, **toda ideia, diga-se de**

¹¹⁵ Para a Psicologia Histórico-Cultural, como já foi visto, a formação da consciência humana se dá nas relações sociais que são produzidas ao longo da história da humanidade.

¹¹⁶ Asbahr (2011b) relembra o duplo sentido do termo significação: significação de uma palavra; e significação dos conhecimentos, conteúdo da consciência social apropriada pelo sujeito.

¹¹⁷ Os significados têm uma dupla existência: social (fixado objetivamente — como objetivação — e, portanto, objeto das apropriações) e psicológica (em que assume uma expressão particular como sentido, sem perder sua objetividade social, compartilhada). Sendo assim, afirma-se que a significação é uma zona do sentido, pois psicologicamente só existe como significado particularizado, isto é, sentido e significado como unidade dialética.

passagem, conteúdo do pensamento, contém a atividade afetiva do indivíduo em face da realidade que representa. (MARTINS, 2011, p. 57. Grifo nosso)

Ao desenvolver seu estudo radical acerca do desenvolvimento ontogenético da consciência, Vigotski (2009) buscou analisar, por meio do *método por decomposição em unidades*, processos sociais, cognitivos e emocionais a fim de chegar a uma unidade que compreendesse a totalidade dos processos conscientes. Esta unidade, para o autor, é a relação entre *pensamento e linguagem*, de modo que, se a unidade entre pensamento e linguagem é a chave para se entender a consciência humana, o *significado da palavra*, por sua vez, é a chave que desvela a relação pensamento e linguagem, como já dissemos. Ao mesmo tempo, o conceito de *sentido* aparece na obra do autor como um "divisor de águas" (ASBAHR, 2011b) por avançar nas discussões acerca da constituição da consciência e superar o dualismo entre razão e emoção, no que tange a relação entre pensamento e linguagem.

Para Vigotski (2009), na *palavra* são expressas determinadas ações humanas generalizadas, isto é, retiradas de seus contextos específicos e imediatos. Linguagem e ação são indissociáveis, por isso o significado social atribuído à palavra não é imutável. Todavia, ao se entender que o significado é a síntese de diversas ações humanas que são realizadas ao longo da história e que condensam uma mesma essência, aponta-se o significado como sendo uma zona mais estável, *perene*, do que a zona do sentido. Isso porque o "sentido enriquece a palavra a partir de seu contexto e essa é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras" (ASBAHR, 2011a, p. 86). Para Vigotski (2003), na linguagem interior o sentido tem predominância sobre o significado, uma vez que representa a totalização dos fatos psicológicos despertados pela palavra na consciência do indivíduo. Nesse sentido, o autor escreve o seguinte sobre a relação significado/sentido:

[...] o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem. O sentido real de uma palavra é inconstante. (VIGOTSKI, 2009, p. 465)

Voltando-se ao exemplo da folha de papel dado por Leontiev, infere-se que, se no âmbito do significado a folha de papel refrata o percebido e o pensado de modo

direto, isto é, refrata a conscientização socialmente dada de todos os aspectos sensíveis do objeto, ao olhar para uma folha de papel o sujeito imediatamente a percebe e a nomeia como tal. No âmbito do significado particularizado ou do sentido, essa folha de papel desempenha uma determinada *função* na consciência intrinsecamente ligada ao contexto que está sendo vivenciado pelo sujeito. Ou seja, se a folha de papel é uma folha de papel em branco, faltando cinco minutos para terminar o tempo de uma prova de vestibular, ela tem um sentido bem específico para o sujeito que a vislumbra. Se essa folha contém um diploma, certidão de nascimento, casamento, sua dissertação etc., tem outro sentido, apesar de o significado social ser o mesmo — uma folha de papel confeccionada a partir de material vegetal, celulose etc. Sendo assim, o significado social da folha se particulariza conforme a vivência do sujeito em relação a ela, assumindo uma expressão particular como sentido pessoal. Portanto, o sentido não é *outra coisa*, o sentido é a dimensão do significado que tomou uma existência singular para o sujeito em sua relação particular com o objeto, com outros seres humanos. É a dimensão afetivo-cognitiva da vivência que permite essa transformação, de genérico-social à experiencial particular.

Como o sentido se constitui dinamicamente a partir da ação do sujeito em diferentes contextos, ele é reorganizado na consciência dependendo do lugar que ocupa na estrutura da atividade desse sujeito, assim como do local que ocupa em meio às significações sociais. Sobre isso, Asbahr apresenta um exemplo esclarecedor:

Toma-se como exemplo o significado da morte. Uma pessoa pode compreender perfeitamente seu significado, conhecer sua natureza biológica, ter estudado aspectos filosóficos e religiosos acerca desse fenômeno e compreender racionalmente a inevitabilidade da morte. Mas, no plano pessoal, a morte pode não ter um sentido, aparece como coisa distante, improvável, principalmente se o sujeito for jovem e saudável. Anos depois, para o mesmo sujeito, a morte tem outro sentido, formou-se uma nova consciência acerca disso. Possivelmente não houve alteração no sistema de significações acerca da morte, o que variou foi seu sentido (ASBAHR, 2011a, p. 90).

Com isso, percebe-se que sentido e significado são polos interiores um ao outro, mediando intersíquica e intrapsiquicamente a atividade humana. Não se pode, contudo, reduzir a explicação da relação entre a formação da consciência humana (que tem como unidade o pensamento e a linguagem) e a estrutura da atividade do homem aos processos de formação de sentido e de significado, conforme Asbahr:

Ao introduzir o sentido na investigação sobre a relação pensamento e linguagem, Vigotski conclui que o pensamento não coincide absolutamente com a linguagem e que o caminho entre o pensamento e a palavra é indireto, internamente mediado, “por isso o

pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras” [...]. Nessa perspectiva, o autor ressalta uma questão central na construção de sua “psicologia concreta do homem”, o papel dos motivos e dos afetos na formação do pensamento humano (ASBAHR, 2011a, p. 86).

Além disso, a mesma autora se fundamenta novamente em Leontiev para afirmar que “o sentido é criado pela relação objetiva entre aquilo que incita a ação no sujeito (motivo da atividade¹¹⁸) e aquilo para o qual sua ação orienta-se como resultado imediato (fim da ação)” (ASBAHR, 2011a, p. 89). Por consequência, tem-se que o sentido pessoal expressa a relação do motivo com a finalidade da atividade e a mobilização de funções psicológicas superiores na consciência. E, por isso, assevera-se mais uma vez que o sentido se cria na atividade do sujeito. Em Leontiev encontra-se que

Esta relação específica estabelece-se no decurso do desenvolvimento da atividade que religa concretamente os organismos animais; é inicialmente biológica e o reflexo psíquico do meio exterior pelos animais é indissociável desta relação. Posteriormente, e pela primeira vez no homem, o sujeito distingue esta relação como sendo *a sua*, e toma consciência disso. De um ponto de vista psicológico concreto, este sentido consciente é criado pela relação objetiva que se reflete no cérebro do homem, entre aquilo que o incita a agir e aquilo para o qual a sua ação se orienta como resultado imediato. Por outras palavras, o sentido consciente traduz a relação do motivo ao fim. Devemos apenas sublinhar que não utilizamos o termo “motivo” para designar o sentimento de uma necessidade; ele designa aquilo em que a necessidade se concretiza de objetivo nas condições consideradas e para as quais a atividade se orienta, o que a estimula. (LEONTIEV, 1978a, p. 97)

Daqui abstrai-se que todo sentido é sentido de alguma coisa, é sentido de uma significação social que se subjetiva (individualiza) na consciência do sujeito, sendo particularizada e formatada de acordo com as formas de agir, pensar e sentir do indivíduo. Esse processo, portanto, depende dos motivos da atividade posta ao ser humano, de modo que o tipo de motivo que impulsiona a atividade é essencial na investigação acerca do sentido pessoal. Asbahr (2011a) explica tal relação a partir da constatação de que o sentido se concretiza no significado da mesma forma que o motivo se materializa nos objetivos da atividade do sujeito. A partir desse ponto, enfatiza-se o papel das condições objetivas de vida na determinação da relação e da distinção entre significado e sentido na consciência individual. Uma vez que na sociedade capitalista se tem condições objetivas de vida mediadas por processos exploratórios, desiguais e de alienação das relações sociais, pode-se inferir que há um

¹¹⁸ É importante afirmar que uma atividade pode ser “polimotivada”.

desenvolvimento desintegrado da consciência (ASBAHR, 2011a). Igualmente, há um rompimento estrutural na configuração das atividades realizadas pelos homens, de modo que os fins das ações não se conectam aos motivos da atividade, levando à experiência de “falta de sentido” à atividade realizada pelo sujeito. Sobre isso, a autora afirma:

Essa união [da consciência] rompeu-se e essa ruptura liga-se intimamente às contradições da produção capitalista, que gera a contraposição entre trabalho manual e intelectual e aliena a atividade humana. Tais condições produzem uma dualidade real dos significados para o sujeito, o que faz com que as significações manifestem-se como existência independente, tanto como objeto da consciência, como em suas formas de conscientização. [...] O homem cria produtos ideais, teóricos, que são transformados em objetos para satisfazer suas necessidades práticas de alimentação, vestuário, moradia etc. No caso da sociedade capitalista, há uma separação entre a atividade ideal e a atividade material prática, o que tem como consequência o distanciamento, na consciência dos homens, dessas duas dimensões da atividade humana. (ASBAHR, 2011a, p. 91)

O sentido do trabalho para o trabalhador, na sociedade atual, não é produzir bens que satisfaçam as necessidades coletivas ou individuais, mas sim o de receber um salário que possa garantir sua subsistência. Esse fato causa uma cisão entre os significados sociais e os sentidos pessoais da atividade vital humana na sua raiz. Dessa forma, tem-se na sociedade capitalista a formação de uma atividade alienada em sua estrutura e, por consequência, uma consciência desintegrada.

Se nas formas primitivas de consciência os objetos se expressavam na *língua* e na *consciência* conjuntamente por refletirem as necessidades humanas objetivas, de modo que o sentido coincidia com a significação coletiva de dado fenômeno, essa união se rompeu tão logo as sociedades passaram a se dividir em classes sociais. No contexto das sociedades de classes, esse fenômeno é denominado alienação por Marx (2004), e expressa o distanciamento do ser humano do gênero humano. Como esse conceito é de essencial importância para se entender o panorama social que corrobora para que a atividade humana seja vista não como unidade afetivo-cognitiva, mas como técnica pura, bruta e sem sentido, abordar-se-á no próximo subitem a temática da alienação na sociedade capitalista¹¹⁹.

¹¹⁹ Em outro extremo, basta perceber que, para atingir um grau máximo de subjetivação e contato consigo mesmo, muitas pessoas se utilizam da meditação que é supressão "total" de "toda e qualquer" atividade consciente ou prática. Só assim pode-se atingir o "nirvana", a liberdade espiritual que está desvinculada e é atrapalhada pela vida material.

2.3.3 A produção de alienação humana

Se o trabalho, como já se salientou, é o que constitui o ser humano e o diferencia dos outros animais, a forma como essa atividade produtiva está configurada e dividida passa a determinar as relações sociais entre os homens. Em Marx (2004), vê-se que tais relações na sociedade capitalista desvirtuam o trabalho como essência humana, por não possibilitarem o fruir dessa atividade vital a todos os indivíduos que dela participam. Isso porque no cerne do capitalismo há uma separação entre a atividade vital e o trabalhador, em que as relações de produção só lhe asseguram a existência e reprodução física, limitando-o de se reproduzir como ser genérico.

Na sociedade capitalista, a divisão do trabalho se desdobra na existência de duas classes fundamentais: a dos proprietários e dos não-proprietários¹²⁰ dos meios de produção, como explica Marx.

[...] a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação de capital em poucas mãos, portanto a mais tremenda restauração do monopólio, que no fim a diferença entre o capitalista e o rentista fundiário desaparece, assim como entre o agricultor e o trabalhador em manufatura, e que, no final das contas, toda a sociedade tem de decompor-se nas duas classes dos *proprietários* e dos *trabalhadores* sem propriedade. (MARX, 2004, p. 79)

A burguesia é detentora dos meios de produção, os quais lhes garantem acumulação de capital mediante exploração da força de trabalho do proletário, de modo que o tempo de trabalho não pago ao trabalhador, a mais-valia, constitui o mecanismo mais elementar dessa exploração. Mas é o trabalhador quem tem papel principal na gênese e no desenvolvimento do capitalismo, pois é de sua força de trabalho vendida que provém a mais-valia que torna possível a dinâmica de reprodução do próprio capital.

O proletário é forçado a vender sua força de trabalho aos detentores dos meios de produção, já que esta se configura como o único *valor* que o trabalhador possui na produção do capital. Sendo assim, o trabalhador também é transformado em mercadoria, de modo que, de acordo com Marx,

O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isso na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta

¹²⁰A divisão da sociedade em classes não é uma exclusividade do capitalismo, mas presente em diversas formações sociais anteriores (no feudalismo, por exemplo, tinha-se os senhores feudais, os membros do clero e os servos).

como um *ser estranho*, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa, é a *objetivação* do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desefetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento*, como *alienação*. (MARX, 2004, p. 80)

Em consonância com isso, Mészáros (2006) acrescenta que o produto do trabalho humano se torna fetichizado, tornando-se mais humanizado do que o próprio ser humano que o produziu, já que para este o que foi produzido por suas mãos lhe é estranho e sem sentido. Para Marx,

A *exteriorização* do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa*, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele*, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2004, p. 81)

Contudo, Marx (2004) salienta que a alienação do trabalhador não ocorrem apenas na relação entre ele e seu produto de trabalho, mas, principalmente, na própria atividade produtiva, no ato de trabalho. Assim, quando o homem se defronta com a alienação relativa à sua própria atividade produtiva, a forma de atividade mais essencial lhe é negada, de modo que o trabalho se torna não mais algo que o humaniza, mas algo obrigatório, torturante. Dessa forma, em Marx, encontra-se que “[...] o trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele” (MARX, 2004, p. 83). Por isso, Marx alude

[...] ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. [...] Comer, beber e procriar etc., são também, é verdade, funções genuína[mente] humanas. Porém na abstração que as separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são [funções] animais. (MARX, 2004, p. 83)

A relação do trabalhador com o produto e com o ato do seu trabalho é permeada por uma alienação (uma cisão), de modo que esse produto se defronta de maneira poderosa e hostil diante do homem que lhe criou. Não apenas isso, *o homem se relaciona de forma alienada com todo o mundo exterior sensível* (MARX, 2004). Além disso, o trabalhador passa a estranhar a si mesmo, como se não se conhecesse e se reconhecesse naquilo que produz. De acordo com Marx “[...] a atividade [é reconhecida] como miséria, a força como impotência, a procriação como castração.

[...] O *estranhamento-de-si*, tal qual acima o estranhamento da *coisa*” (MARX, 2004, p. 83).

Segundo Marx (2004), o trabalho alienado inverte a relação entre sujeito e objeto, de modo que o trabalho, ao invés de aparecer como atividade consciente e essencial do ser humano, se coloca apenas como um meio de subsistência individual. Assim, na medida em que o sujeito se estranha em relação à natureza, seu objeto de trabalho, e na medida em que o homem se estranha em relação a si mesmo, ele se encontra alienado do próprio gênero humano.

Nesse sentido, o ser humano não reconhece a outro ser humano, pois tanto um quanto o outro está alienado da essência humana, de modo que o que lhes une é a própria alienação¹²¹.

Netto e Braz (2007) explicam que, no modo de produção capitalista, não se trata do trabalho como expressão de humanidade, mas do trabalhador imbuído do *trabalho abstrato*, o qual é resultado da divisão social do trabalho na lógica burguesa. Nesse contexto, quanto mais a lógica da propriedade privada dos meios de produção, respaldada pela *lei* da concorrência, se estende, mais as relações sociais passam a sujeitar o homem a um poder exterior a *si*, proveniente da mercadoria e de seu fetichismo (MÉSZÁROS, 2006).

Marx (2013) ressalta que tanto a atividade do trabalhador se encontra apartada de seu motivo (o trabalhador pode tecer, por exemplo, não pela atividade em si, mas pelo salário “proveniente” do tempo de vida e esforço gasto para realizar essa atividade) quanto a atividade do capitalista, pois este não obtém os conhecimentos da produção, detendo somente os meios de produção. Para o capitalista, o sentido da produção reside no lucro, ou seja, em algo estranho às propriedades do fruto da produção e à sua significação social objetiva (LEONTIEV, 1978a).

A alienação das relações pessoais dos homens e sua transformação em puras relações entre coisas manifestam-se de maneira flagrante no poder que o dinheiro, modo de troca universal, tomou sobre a vida do homem. (LEONTIEV, 1978a, p. 124)

Em Marx encontra-se que:

¹²¹ É importante salientar que *todas as referenciadas formas de alienação* são, na verdade, decorrentes de um único processo, o da alienação, que como categoria engloba todos esses subtipos, de modo que um está indissociavelmente e dialeticamente conectado ao outro. Ou seja, a alienação do homem perante o produto de seu trabalho não existiria se esse não estivesse também estranho aos outros homens, ao *ser genérico* e ao próprio ato de produção. Não obstante, a alienação do trabalho não existiria se não estivessem engendradas no modo de produção capitalista, a divisão do trabalho, o valor de troca, a propriedade privada, a concorrência etc.

Quanto menos comeres, beberes, comprares livros, fores ao teatro, ao restaurante, pensares, amares, teorizares, cantares, pintares, esgrimires etc., tanto mais tu poupas, tanto *maior* se tornará o teu tesouro, que nem as traças nem o roubo corroem, teu *capital*. Quanto menos tu fores, quanto menos externares a tua vida, tanto mais *tens*, tanto maior é a tua vida *exteriorizada*, tanto mais acumulas da tua essência estranhada. E tudo aquilo que tu não podes, pode o teu dinheiro: ele pode comer, beber, ir ao baile, ao teatro, sabe de arte, de erudição, de raridades históricas, de poder político, pode viajar, pode apropriar-se disso tudo para ti; pode comprar tudo isso; ele é a verdadeira capacidade. (MARX, 2004, p. 141-142)

É nesse sentido que Leontiev (1978a) fala de contradições da consciência e da consciência desintegrada dos seres humanos residentes nas sociedades de classes, já que a constituição da consciência se submete às relações de propriedade privada e de divisão social do trabalho.

Leontiev (1978a) enfatiza que a atividade produtiva é a substância da consciência e, assim, no decorrer do comunismo primitivo, a estrutura elementar da consciência humana era integrada, de modo que os sentidos provocados pelas diversas atividades estavam intimamente relacionados aos significados sociais engendrados em tais atividades. Isso porque as relações de produção eram realizadas a partir de uma unidade entre as ações executadas por diversos sujeitos, os quais se reconheciam e se realizavam tanto no ato quanto no produto de seu trabalho. De acordo com Leontiev (1978a), a propriedade coletiva resguardava aos seres humanos relações idênticas entre os meios e os produtos do trabalho, o que proporcionava à comunidade primitiva o reconhecimento do homem com outros homens e com o gênero humano. Sobre isso, Asbahr disserta que

Na sociedade de classes, que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção e pela separação entre trabalho manual e intelectual, a consciência humana sofre uma transformação radical: significações e sentidos não apenas deixam de ser coincidentes, como se tornam contraditórios. [...] Leontiev (1978, 1983) chama de alienação a esta contraposição entre significado e sentido. Assim, operar uma máquina, costurar uma peça ou executar tarefas parceladas da produção não têm um sentido em si mesmo, mas o sentido está em ganhar determinado salário após trabalhar tantas horas. A atividade humana, aquilo que mais fortemente caracteriza a vida do homem, aliena o conteúdo de sua própria vida. A consciência humana na sociedade de classes é fragmentada, desintegrada; significados e sentidos têm uma relação de exterioridade. (ASBAHR, 2005, p. 112)

No decorrer da história, as condições materiais de vida da humanidade passaram a demandar novas formas de desenvolvimento da divisão do trabalho. Isso, segundo Leontiev (1978a), possibilitou a constituição das relações alicerçadas na propriedade privada, tendo por consequência o desenvolvimento de uma consciência

humana *desintegrada*, pois essa divisão do trabalho culminou, juntamente com outros fatores, na sociedade dividida em classes, em que necessariamente a atividade física e a atividade intelectual são realizadas separadamente (LEONTIEV, 1978a).

Martins (2004) enfatiza que o empobrecimento humano, sob condições da alienação do trabalho, engloba não somente o âmbito do trabalho social, mas também o âmbito da vida pessoal, uma vez que o desenvolvimento da atividade interna – da consciência – decorre da atividade produtiva humana e das relações que dela resultam. Em Asbahr (2005) encontra-se que, ao mesmo tempo em que essas contradições da consciência podem gerar diferentes formas de intenso sofrimento psíquico, podem também impulsionar a tomada de consciência das relações de exploração submersas na configuração ideológica da sociedade. Isso pode desencadear, além disso, o engajamento de classe em lutas pela superação da ordem social imposta e a consequente construção de uma sociedade socialista. Leontiev (1978a) afirma que

Se, nas condições da sociedade de classes antagônicas, a maioria dos homens, que pertence às classes exploradas e aos povos oprimidos, é obrigada a efetuar quase exclusivamente os trabalhos físicos grosseiros, as dificuldades correlativas destes homens para desenvolver suas aptidões intelectuais superiores não se explicam pela "sua incapacidade para se adaptarem" às exigências superiores, mas pelo lugar que ocupam – independentemente da sua vontade – no sistema de relações sociais. Determinando as possibilidades destes homens para assimilar a atividade humana, este fato determina, ao mesmo tempo, a sua possibilidade de "adaptação", isto é, a possibilidade de desenvolver sua natureza humana, as suas aptidões e propriedades humanas (LEONTIEV, 1978a, p. 173).

É importante salientar, em conformidade com Leontiev (1978a) que a desintegração da consciência só pode ser eliminada pela transformação prática das condições objetivas que a criam. Mészáros (2006) é enfático ao ressaltar que

De acordo com Marx, uma vez que a atividade vital deixe de ser regulada com base na propriedade privada e na troca, ela irá adquirir o caráter de atividade do homem como ser genérico. Em outras palavras: o caráter social do trabalho irá manifestar-se diretamente, sem a mediação alienante da divisão do trabalho. Do modo como as coisas estão, porém, a divisão do trabalho torna as condições e os poderes da vida independentes do homem, e faz com que eles o governem. (MÉSZÁROS, 2006. p. 132).

Sabe-se, com base em Marx (2004), que via trabalho o homem produz seus meios de vida e cria a si mesmo num processo de autocriação, isto é, todos os homens produzem os meios de vida que compõem o gênero humano, os quais não podem ser acessados por todos os seres humanos, dada a desigualdade social

gerada nas sociedades de classes. Nesse sentido, o homem está alienado daquilo que produziu, já que não pode ter acesso às objetivações humanas socialmente produzidas ao longo da história.

Nesse contexto, a ideologia passa a se corporificar com o desenvolvimento de diversas ciências, principalmente as ciências humanas (inclusive a Psicologia) que viriam, respaldadas pela falsa ideia de neutralidade, exaltar a individualidade do ser, bem como os fatores biológicos e genéticos como determinantes sociais e individuais. Entretanto, no que tange aos estudos da Psicologia Histórico-Cultural acerca do fenômeno da alienação, pode-se dizer que todo o desenvolvimento psíquico consciente se compromete, de modo que o sujeito, por não ter acesso livre ao *ser genérico*, não pode desenvolver suas habilidades humanas plenamente. Além de que, no âmbito da alienação e da aparente ruptura entre cognição e emoção, a atividade concreta do sujeito está ideologicamente distante da forma como ele aprendeu a agir, pensar e sentir acerca do mundo, de modo que a própria relação entre cognição e emoção aparece estranha, desnecessária e *desmotivada* ao sujeito. É nesse sentido que se pode dizer que os indivíduos se tornam *co-autores* da própria vida (MARTINS, 2004), uma vez que, sob condições alienantes de desenvolvimento, há um empobrecimento do desenvolvimento psíquico destes indivíduos pelo seu afastamento do gênero humano, isto é, de toda a produção humana desenvolvida ao longo da história. Sendo assim, as relações de exploração da sociedade capitalista alienam a configuração das funções psicológicas superiores, alienando, com isso, a própria personalidade do sujeito, uma vez que esta se configura como síntese de processos biológicos e psicológicos. Outrossim, vê-se que o próprio reflexo psíquico da realidade se encontra distorcido no sujeito. Isso implica na formação de uma imagem subjetiva estranha à vivência da realidade objetiva (por meio de mecanismos afetivo-cognitivos distorcidos) e por consequência uma consciência desintegrada.

Neste capítulo, procurou-se entender a união entre atividade e consciência, a fim de se fornecer uma base para o estudo da unidade afetivo-cognitiva como mecanismo interno que medeia o processo de internalização da realidade objetiva, no processo de atividade externa, convertendo-a em atividade interna. Contudo, para se chegar a esse ponto, fez-se mister esmiuçar o desenvolvimento ontológico humano pela atividade de trabalho, a fim de se chegar à estrutura geral da atividade humana, das necessidades, dos motivos e das finalidades dessa atividade. Isso foi necessário para a determinação da atividade humana na constituição do psiquismo e das funções psicológicas superiores, culminando-se na formação do significado social e do sentido pessoal dessa atividade na consciência, como união da razão e da emoção no sujeito.

E, por fim, foi demonstrado como essas relações se desintegram, se alienam, nas sociedades de classes, mais especificamente, na sociedade capitalista.

Este percurso servirá de base para se entender como se forma o sistema de conceitos na consciência humana e como eles se corporificam no estilo pessoal, no modo de ser do indivíduo, isto é, em sua personalidade, em decorrência do caráter afetivo-cognitivo da atividade humana, como unidade dialética. Além disso, indicará os limites e as possibilidades de desenvolvimento e de expressão da individualidade humana, postos pela sociedade capitalista, que traz em seu âmago o desenvolvimento alienado das relações sociais e, por consequência, do próprio indivíduo que se singulariza a partir destas relações.

CAPÍTULO III - A Unidade Afetivo-Cognitiva como expressão da relação entre Atividade Humana e Consciência

Quando me dizem: "Você, como intelectual..." eu interrompo e digo, "Espere lá, um momento..." Não gosto que me chamem de intelectual. A palavra intelectual soa-me a alguém que é uma cabeça. Uma cabeça que rola pelos caminhos, e eu não sou uma cabeça que rola pelos caminhos. Eu sou uma pessoa, sou uma cabeça, um corpo, um sexo, uma barriga, tudo! Pela sincera razão que sou, como me ensinaram já há muitos anos uns pescadores no litoral da Colômbia, que era a palavra "sentipensante". Porque acredito que eu também sou "sentipensante". Se sou só pensante, sou metade de mim, mas não sou eu inteiro. Se sou alguém que só sente, também sou metade de mim. A razão divorciada da emoção, a razão divorciada do coração é muito perigosa.

Eduardo Galeano

Até o presente momento, a sistematização da *unidade afetivo-cognitiva* esteve concentrada na construção do pano de fundo metodológico-conceitual essencial à compreensão deste objeto de pesquisa. Neste íterim, destacou-se a importância do método materialista histórico-dialético na análise da relação sujeito-objeto e subjetividade-objetividade, a fim de se chegar à discussão acerca da dualização entre os processos afetivo-cognitivos — tão presente na filosofia de modo geral, mas mais especificamente nas teorias idealistas e materialista-mecanicistas do século XIX, que repercutem na ciência hodierna com novas roupagens. Apontou-se o método preconizado por Marx e Engels como chave para a superação dessa dualização estagnada, defendendo-se a *unidade* formada dialética, material e historicamente entre cognição e emoção.

Sabe-se que Vigotski, Leontiev e Luria amparam-se no método materialista histórico-dialético para desenvolver uma nova psicologia do desenvolvimento humano na URSS. É nesse sentido que se explicou a *análise por decomposição em unidades*, desenvolvida por Vigotski, como método decorrente da apropriação do materialismo histórico-dialético — lembrando-se que a *unidade* contém em si as propriedades essenciais, vivas e indecomponíveis de uma dada totalidade que se pretenda investigar (VIGOTSKI, 2009). Aqui, faz-se mister um esclarecimento: tomou-se no presente trabalho essa síntese vigotskiana tanto para se compreender o porquê de se falar em *unidade* afetivo-cognitiva quanto para se entender a importância de se colocar como unidade mínima de análise a relação entre a atividade e a consciência humana

no estudo da gênese dessa outra unidade sistemática da constituição humana, isto é, da própria unidade afetivo-cognitiva.

Como já se asseverou, foi a atividade de *trabalho* que tornou possível a transformação do *homem primitivo* em ser humano propriamente dito. Ou seja, é pela confecção de instrumentos de trabalho, pela vida em sociedade e pelo desenvolvimento da linguagem para comunicação e planejamento grupal acerca do processo de trabalho que o ser humano foi se constituindo tanto físico quanto psiquicamente.

O trabalho é um processo que liga o homem à natureza, o processo de ação do homem sobre a natureza. Marx escreve: "O trabalho é primeiramente um ato que se passa entre homem e natureza [sujeito e objeto]. O homem desempenha aí para com a natureza o papel de uma potência natural. As forças de que seu corpo é dotado, braços, pernas, cabeça e mãos, ele as põe em movimento a fim de assimilar as matérias dando-lhes uma forma útil à vida. Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica a sua própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas. (LEONTIEV, 1978a, p. 74)

Tendo isso em mente, os autores da Psicologia Histórico-Cultural ativeram-se ao desenvolvimento de uma psicologia radicalmente distinta da tradicional (cindida em psicologias de cunho idealista-subjetivista e as de cunho materialista-organicista), a qual, de modo geral, utilizava-se do método lógico-formal¹²² cartesiano — dualizando o mundo, o ser humano etc. e, por vezes, negando a importância de um dos polos da dicotomia instaurada. Por exemplo: tem-se a dicotomia clássica sujeito-objeto, da qual decorre os estudos acerca da relação homem-natureza, ser humano-mundo, pensamento-matéria etc. Como se viu, na psicologia tradicional ora se nega a importância do sujeito no processo de apreensão do mundo — como o fizeram os estudiosos da reflexologia e os organicistas, mostrando que o sujeito em sua totalidade não apreende o objeto, mas este é que causa uma série de reações psicofisiológicas no sujeito, sendo este prisioneiro dessas reações — ora se nega a importância do objeto, como o fizeram os subjetivistas, que secundarizam a importância material da relação entre sujeito e objeto, dando ênfase ao estudo da psique sem considerar a atividade humana no mundo.

¹²² Vale lembrar que, ao se defender a utilização da lógica dialética de compreensão da realidade, não se nega a lógica formal. A dedução lógico-formal dos fenômenos da realidade são de essencial importância para a sua compreensão, classificação, catalogação etc. Contudo, ela não abarca a totalidade das relações humano-sociais dessa realidade. É por isso que se defendeu a lógica dialética, aprimorada pelo método marxiano, como superação por incorporação da lógica formal no primeiro capítulo desta dissertação.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a relação entre sujeito e objeto é mediada pela atividade humana. E, uma vez que mediação "é interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade construída e promove desenvolvimento" (MARTINS, 2011, p. 42), produzindo tanto modificações qualitativas no sujeito quanto na materialidade (objetiva e/ou subjetiva) do objeto, tem-se que a relação sujeito-atividade-objeto supera a dicotomia polarizada entre sujeito-objeto expressa na psicologia tradicional. Essa relação mediada produz tanto modificações qualitativas no sujeito quanto na materialidade (objetiva e/ou subjetiva) do objeto. Sendo assim, defende-se que

A atividade é uma unidade molecular, não uma unidade aditiva da vida do sujeito material, corporal. Em um sentido mais estreito, isto é, a nível psicológico, é a unidade da vida mediatizada pelo reflexo psicológico, cuja função real consiste em orientar o sujeito no mundo objetivo. Em outras palavras, a atividade não é uma reação num conjunto de reações, mas sim um sistema que tem estrutura, com suas transições e transformações internas, seu desenvolvimento. (LEONTIEV, 1978b, p. 66-67. Tradução nossa)¹²³

Cabe ressaltar que a atividade não é um mero elo do ser humano com o mundo. É na relação que sujeito e objeto estabelecem por meio da atividade que a humanidade desenvolve sua história, e é no desenrolar desse processo que surge o psiquismo humano e as formas tipicamente humanas de se comportar. Mas por que tratar deste problema se o objeto de pesquisa aqui é a unidade afetivo-cognitiva? Em resposta, porque esta discussão fornece substância para se entender a unidade afetivo-cognitiva como aspecto constitutivo da atividade objetivada humana, ou seja, como mecanismo interno de funcionamento da própria relação entre a atividade humana no mundo e a constituição da consciência humana. Nesse sentido, há que se focar no balizamento afetivo-cognitivo do mundo, na relação entre sujeito e objeto, a fim de se melhor compreender a essência do termo *unidade afetivo-cognitiva*.

Antes de dar continuidade a esse assunto, faz-se necessário frisar que, por mais diversa que seja, a atividade individual é um sistema imerso no sistema de relações sociais, de modo que a atividade individual é sempre uma síntese de múltiplas determinações sociais, pois se constituiu como tal socialmente, pelo trabalho.

¹²³ "La actividad es una unidad molecular, no una unidad aditiva de la vida del sujeto corporal, material. Es un sentido más estricto, es decir, a nivel psicológico, es la unidad de vida mediatizada por el reflejo psicológico, cuya función real consiste en que orienta al sujeto en el mundo objetivo. En otras palabras, la actividad no es una reacción ni un conjunto de reacciones, sino un sistema que tiene estructura, sus transiciones y transformaciones internas, su desarrollo" (LEONTIEV, 1978b, p. 66-67)

Segundo Leontiev (1978b, p. 67. Tradução nossa)¹²⁴, "se subentende que a atividade de cada homem depende, mais de seu lugar na sociedade, das condições que lhe tocam e de como se vão conformando em circunstâncias individuais que são únicas". Desse modo, a atividade humana só existe em meio ao sistema de relações estabelecidas socialmente num dado período da produção histórica.

A partir dessa noção, pode-se demonstrar com mais calma como a relação sujeito-objeto se transforma na relação subjetividade-objetividade:

A característica básica ou, como se dizem, constitutiva da atividade é a sua objetividade. Em rigor, no próprio conceito de atividade está implicitamente contido o conceito de seu objeto (*Gegenstand*). A expressão "atividade não objetivada" carece de todo sentido. A atividade pode *parecer* não objetivada, mas a investigação científica da atividade exige peremptoriamente que se descubra seu objeto. Além disso, o objeto da atividade aparece de duas maneiras: primeiro, em sua existência independente, como subordinando e transformando a atividade do sujeito; segundo, como imagem do objeto, como produto do reflexo psíquico de sua propriedade, que se efetua como resultado da atividade do sujeito e não pode se efetuar de outro modo. (LEONTIEV, 1978b, p. 68. Grifos do autor. Tradução nossa.)¹²⁵

É no processo de ação sobre o objeto que a atividade humana se objetiva no mundo e nas relações sociais, na mesma medida em que vai produzindo a subjetividade do sujeito, a imagem subjetiva do objeto ou seu reflexo psíquico. Por isso é que Leontiev confere à atividade a característica especial de posicionar o sujeito na realidade objetiva, ao mesmo tempo em que transforma essa realidade em uma forma de subjetividade: a imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano.

Retomando Martins (2011), pode-se frisar o psiquismo como unidade material-ideal, que se expressa no sujeito como síntese das relações sociais a que este está exposto e cuja internalização produz um ser humano psicologicamente único. O psiquismo é a imagem do real refletida psiquicamente, que no universo humano engendrado pela vida social, pelo trabalho, pela internalização de signos e pelo

¹²⁴ "Se sobrentiende que la actividad de cada hombre depende, además, de su lugar en la sociedad, de las condiciones que le tocan en suere y de cómo se va conformando en circunstancias individuales que son únicas" (LEONTIEV, 1978b, p. 67.)

¹²⁵ "La característica básica o, como suele decirse, constitutiva de la actividad es su objetividad. En rigor, en el concepto mismo de actividad está implícitamente contenido el concepto de su objeto (*Gegenstand*). La expresión "actividad no objetivada" carece de todo sentido. La actividad puede *parecer* no objetivada, pero la investigación científica de la actividad exige perentoriamente que se descubra su objeto. Además, el objeto de la actividad aparece de dos maneras: primero, en su existencia independiente como subordinando y transformando la actividad del sujeto; segundo, como imagen del objeto, como resultadi de la actividad del sujeto y no puede efectuarse de otro modo" (LEONTIEV, 1978b, p. 68. Grifos do autor).

desenvolvimento da linguagem passa à qualidade consciente, como ser consciente. A imagem subjetiva é produzida, portanto, na relação ativa entre sujeito e objeto, a qual apreende as propriedades objetivas dos objetos da atividade, suas determinações, sua causalidade (elementos que lhe causam e lhe determinam como algo distinto de outro, como um “determinado ser”). A consciência é, assim, expressão ideal desse processo, mas não como *vivências internas* unicamente; outrossim, como "ato psíquico experienciado pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo" (MARTINS, 2011, p. 28).

Nesse processo, tem-se a estruturação da atividade consciente internalizada conforme a mesma estrutura da atividade externa, de modo que se pode dizer que elas têm uma estrutura comum. A atividade subjetiva, *interna*, deriva da atividade prática externa, sintetizando as relações sociais que a produzem — ao mesmo tempo em que, dialeticamente, produz e regula idealmente essa mesma atividade prática. Essa é a dinâmica entre os processos de apropriação e objetivação inerente a atividade humana, de modo geral: apropriação pelo sujeito do mundo subjetivo em forma de reflexo psíquico consciente, isto é, em sua forma ideal, e objetivação como processo de e produto da objetivação, como resultado da atividade regulada por essa apropriação (LEONTIEV, 1978b).

A constituição do reflexo psíquico como imagem subjetiva do mundo, ou seja, o processo de reflexão ideal da realidade objetiva, é a apreensão cognitiva-afetiva desta realidade. Sendo assim, falar em reflexo psíquico demanda entender a vinculação da atividade aos processos cognitivo-afetivos de apreensão da causalidade imanente ao real, da processualidade que regula a existência dos objetos e que orientam a atividade humana (LUKÁCS, 2013). Em outras palavras, a reflexão cognitiva-afetiva da realidade objetiva possibilita a apreensão abstrato-concreta das propriedades causais dos objetos existentes, isto é, dos elementos que lhe causam e lhe determinam como sendo *o que é* e não *outra coisa*. Por exemplo, quando surge ao sujeito uma dada necessidade, como descascar um abacaxi para comê-lo, imediatamente este sujeito reflete as propriedades causais dos objetos existentes de que dispõe: deve-se descascá-lo com uma faca; uma tigela não serviria, uma vez que suas propriedades não cortantes não possibilitariam a ação ou a tornariam muito dispendiosa.

Posta didaticamente, a polarização do aspecto cognitivo da atividade passa então por três aspectos constitutivos: a consciência do objeto sobre o qual se age (conhecimento, ciência, reflexo psíquico de suas propriedades essenciais); a consciência dos meios que melhor se ajustem às propriedades objetivas do objeto (instrumentos e signos); e a consciência dos fins que orientam esse processo. Entretanto, sabe-se que o caráter cognitivo da atividade está imanentemente

conectado ao seu aspecto afetivo, uma vez que a consciência dos objetos, dos meios e dos fins da atividade afetam positiva ou negativamente o sujeito, passando a regular a atividade e, com isso, a retroagir sobre a própria atividade que lhe produz, podendo inclusive modificar a sanção dos objetos, dos meios, e, conseqüentemente, dos resultados dessa atividade.

A partir daqui, pode-se conectar a função da constituição consciente da atividade ao processo cognitivo teleológico de planejamento coletivo dessa atividade, para o homem primitivo e o de hoje, com suas particularidades, na sociedade capitalista. Sendo assim, é pela consciência que a mobilização do reflexo psíquico da realidade, elaborado por meio do sistema interfuncional exigido — e formado — pela atividade humana, toma forma ao sujeito. É pela qualidade consciente do psiquismo que a imagem subjetiva da realidade objetiva se concretiza em motivos e objetivos da atividade, bem como em significados sociais e sentidos pessoais conferidos à atividade, uma vez que a qualidade desse reflexo (do real, dos objetos) implica na qualidade da atividade orientada pelo objeto refletido.

É por causa dessa conjectura que se entende a unidade afetivo-cognitiva como mecanismo interno e expressão da *relação* entre atividade e consciência humana. Isso porque a afectogênese do objeto ao sujeito é primordial para o estabelecimento da atividade, bem como dos processos conscientes e cognoscíveis decorrentes dela. Antes que a atividade possa ocorrer, a necessidade é *sentida*; e, quando encontra com o objeto se sua satisfação tanto lógica, quanto psicológica e materialmente, ela se motiva e cria sentido para o sujeito, além de mobilizar as funções psíquicas necessárias ao encontro e à efetivação dos meios de alcançá-lo, isto é, à solução exitosa de tal atividade. Vê-se, portanto, que a unidade afetivo-cognitiva concatena atividade e consciência numa relação essencial de constituição do sujeito em meio ao seu desenvolvimento; por isso, somente com o destrinchamento e a devida conexão entre os componentes da consciência (conteúdo sensível, significado social e sentido pessoal) e a estrutura da atividade (necessidades, motivos e finalidades) é que se pode chegar à determinação afetivo-cognitiva que constitui os processos psíquicos humanos.

Nos próximos tópicos, o intuito deste trabalho é sintetizar de forma preliminar alguns apontamentos gerais sobre a gênese desse processo que se pensa estar contida na própria gênese da relação entre atividade humana e consciência, para então sistematizar preliminarmente formas de expressão afetivo-cognitiva na vida humana, como na formação de conceitos e na personalidade.

3.1 A matriz sensorial como fundamento dos processos afetivo-cognitivos

Com o intuito de salientar a dimensão material do psiquismo, os autores da Psicologia Histórico-Cultural apontaram o conteúdo sensorial da consciência como matriz cognitivo-afetiva da atividade. Uma vez entendido que é na relação entre ser humano e natureza (sujeito-objeto) que a realidade se torna cognoscível ao sujeito, toma-se essa relação na constituição do psiquismo humano. Esse movimento pode indicar o papel da matriz sensorial na relação entre atividade e consciência humana, isto é, na unidade afetivo-cognitiva inerente a essa *relação* para o sujeito individual. Foi Leontiev quem desprendeu um maior esforço ao estudo de como se elabora a trama sensorial como matéria-prima da consciência e de como essa trama é embasada pela atividade do sujeito, constituindo, por consequência, a própria consciência.

Em Leontiev (1978b), encontra-se que, historicamente, é pelo processo de trabalho que o mundo passa a ser *conhecido* pelo ser humano, isto é, que surge a *com-ciência*¹²⁶ do mundo, como reflexo da realidade objetiva no psiquismo humano. Esse processo, por sua vez, tem raiz material no reflexo sensorial direto da relação sujeito-objeto — reflexo este desenvolvido nas relações sociais humanas e que passa a conter um significado social.

No começo, o conhecimento das propriedades do mundo objetivo que transcende os limites do conhecimento sensorial direto é um resultado não premeditado de ações orientada a fins práticos, isto é, de ações incluídas na *atividade produtiva* dos homens. Logo começa a responder a tarefas especiais como, por exemplo, a tarefa de apreciar a adequação do material original por meio de uma prova prática prévia, do *experimento* mais simples. Este tipo de ações

¹²⁶ "O fato de Vigotski dar ênfase à consciência como objeto da psicologia, por ser o modo de funcionamento psíquico que nos diferencia de outros animais, não implica que o sujeito de Vigotski seja "cartesiano", ou seja, aquele que se garante enquanto tal, tão somente pelo fato de que não pode negar que pensa (*cogito ergo sum*). Não se trata de um sujeito cartesiano porque esta consciência não é uma descoberta individual pelas leis da razão autoexercidas mediante a dúvida metódica. Esta consciência é um processo que não nasce conosco, mas se constitui historicamente ao longo do nosso processo de desenvolvimento. Sou consciente de mim mesmo porque passo a atuar com relação a mim, tal como antes atuava com relação ao outro; torno-me consciente de quem sou, sendo um outro para mim mesmo. Existe uma relação *duplicada* na definição de "consciência" por Vigotski: "a ideia do duplo é a mais próxima da ideia real da consciência" (VYGOTSKI, 1925/1991, p. 57). Desde os seus primeiros trabalhos em linguagem reflexológica: a consciência não aparece como um simples reflexo condicional, nem mesmo apenas como um sistema de reflexos, mas como um "*mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos*" (VYGOTSKI, 1924/1991, p. 11 – itálico na fonte), ou, para abreviar, como "reflexo de reflexos" (VYGOTSKI, 1924/1991, p. 18; 1925/1991, p. 59). Outra "duplicação" aparece, na linguagem da velha psicologia, propondo que a consciência é: "vivência de vivências" (VYGOTSKI, 1925/1991, p. 50). E também, segundo relato de Leontiev (1982/1991), Vigotski gostava de ver a consciência como "co-conhecimento", conhecimento do conhecimento." (DELARI JR., 2012, p. 7)

subordinadas a uma finalidade cognoscitiva consciente é um autêntico pensamento, embora conserve também a forma de processos externos. Seus resultados cognoscitivos, generalizados e reforçados por meio da linguagem, diferem essencialmente dos resultados do reflexo sensorial direto, que se generalizam nas correspondentes formações sensoriais. Eles diferem dessas últimas não só porque encerram propriedades, vínculos e relações inacessíveis à apreciação sensorial direta, como também porque ao ser transmitidos a outros homens no processo de comunicação verbal, formam um sistema de conhecimentos que integram o conteúdo da consciência coletiva, da sociedade. (LEONTIEV, 1978b, p. 34. Grifos do autor. Tradução nossa)¹²⁷

Como foi demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, o conhecimento humano parte do caótico *concreto sensível* e, por meio de abstrações e generalizações acerca da realidade, chega a conceitos que o explicam, tendo como resultado o *concreto pensado*. No próprio movimento da construção do conhecimento, no entanto, tão logo o concreto pensado se sintetize, já passa a ser engendrado por uma série de novas questões, por novas necessidades etc., as quais acabam por transformá-lo em *concreto sensível*, porém de forma qualitativamente diferente. É nesse movimento espiralizado que o conhecimento humano se desenrola e se complexifica.

A matriz de todo esse conhecimento é, em última análise, a sensorialidade humana. Ao longo da história da formação do ser humano, essa aptidão foi se transformando de irritabilidade animal em sensorialidade humana, que é significada pela atividade externa e refletida psiquicamente pela unidade estabelecida entre significado social e sentido pessoal. Assim, se pode asseverar que o reflexo psíquico da realidade é sua imagem subjetiva objetivada no psiquismo, a qual pertence ao sujeito de carne e osso. Este sujeito, por sua vez, age sobre o objeto, transformando-o e transformando a si mesmo — subjetivando daí uma imagem parcial da totalidade de relações que engendraram sua atividade bem como seu objeto dela. Dessa forma,

¹²⁷ "Al comienzo, el conocimiento de las propiedades del mundo objetivo que transiende los límites del conocimiento sensorial directo, es un resultado no premeditado de acciones orientadas hacia fines prácticos, es decir, de acciones incluidas en la *actividade industrial* de los hombres. Luego comienza a responder a tareas especiales como, por ejemplo, la tarea de apreciar la aptitud del material original por medio de una prueba práctica previa, del *experimento* más simple. Este tipo de acciones subordinadas a una finalidad cognoscitiva consciente es ya un auténtico pensamiento, aunque conserva también la forma de procesos externos. Sus resultados cognoscitivos, generalizados y reforzados por medio del lenguaje, difieren esencialmente de los resultados del reflejo sensorial directo, que se generalizan en las correspondientes formaciones sensoriales. Difieren de estas últimas no sólo porque encierran propiedades, vínculos y relaciones inaccesibles a la apreciación sensorial directa, sino también porque al ser transmitidas a otros hombres en el proceso de comunicación verbal, forman un sistema de conocimientos que integran el contenido de la conciencia de la colectividad, de la sociedad" (LEONTIEV, 1978b, p. 34. Grifos do autor)

[...] a descrição da imagem reproduzida na linguagem das modalidades sensoriais (em um “código” sensorial), os parâmetros do objeto agindo sobre os órgãos do sentido do sujeito, representa em essência o resultado da análise do nível físico. É exatamente nesse nível que a imagem sensorial revela a si mesma como mais pobre em comparação com o possível modelo matemático ou físico do objeto. A situação é diferente quando consideramos a imagem no nível psicológico – como um reflexo psíquico. Nesta capacidade ela aparece, ao contrário, em toda sua riqueza, como tomando em si mesma aquele sistema de relações objetivas nas quais somente o conteúdo refletido por elas existe de verdade. Tudo o mais que foi dito se refere à imagem sensorial consciente, à imagem ao nível de um reflexo consciente do mundo. (LEONTIEV, 1978b, p. 47)¹²⁸

O reflexo psíquico da realidade parte então da realidade objetiva captada sensorialmente e dotada de emocionalmente conteúdo significativo pelo sujeito (que está imerso em relações sociais), mobilizando nesse processo todas as suas funções psíquicas que, mediatizadas pela internalização dos signos objetivados na cultura, são complexificadas e reequipadas. Nesse sentido, ressalta-se o defeito das concepções pré-marxistas, tanto do materialismo metafísico em conceber a sensorialidade como mera contemplação do real quanto do idealismo em compreendê-la como abstrações elevadas a abstrações, desligadas da realidade objetiva. Para Marx, Engels e para os autores da Psicologia Histórico-Cultural, a sensorialidade só pode ser concebida no processo de atividade humana, portanto, como verdadeira atividade sensorial prática do homem¹²⁹, que determina a formação da unidade entre objetividade e subjetividade

¹²⁸ Tradução de Marcelo José de Souza e Silva.

¹²⁹ Como exemplo disso, Leontiev (1978b, p. 51. Tradução de Marcelo J. S. Souza) escreve: "O fato de que a objetividade (objetivação) das sensações e percepções não é algo secundário é confirmada por muitos notáveis fatos bem conhecidos para a psicologia. Um destes é o chamado problema de sondagem. O fato é embaçado para o cirurgião sondando uma ferida, o final da sonda com a qual ele toca a bala parece ser “sensível” – isto é, sua sensação parece estar paradoxalmente misturada com o mundo das coisas externas e não localizado na fronteira “sonda-mão”, mas na fronteira “sonda-objeto percebido” (a bala). [...] O efeito que a sonda tem sobre o aparato receptor da mão evoca sensações que são integradas em uma imagem tátil-visual complexa dele, e que mais adiante completa um papel fundamental nos processos regulatórios de segurar a sonda na mão. A segunda relação é a relação “sonda-objeto”. Ela é estabelecida tão logo a ação do cirurgião coloca a sonda em contato com o objeto. Mas, mesmo nesse primeiro exemplo o objeto, sendo ainda indeterminado – como “algo”, como o primeiro ponto sobre a linha de uma futura imagem-“retrato” – aparece sendo relacionada com o mundo externo localizado no espaço objetivo. Em outras palavras, a imagem psíquica sensorial exibe a propriedade de relacionamentos objetivos já no momento de sua formação. Mas, para realizar a análise da relação “sonda-objeto” um pouco mais, a localização do objeto no espaço expressa sua separação do sujeito, isso está “delineando as fronteiras” de sua existência independente do sujeito. Estas fronteiras aparecem somente enquanto a atividade do sujeito é forçada a se subordinar ao objeto, e ocorre até mesmo no caso quando a atividade leva à divisão do objeto ou até mesmo destruição. A característica notável do relacionamento considerado consiste no fato de que essa fronteira passa como uma fronteira entre dois corpos físicos: um dele, a ponta da sonda, realiza uma atividade cognitiva, perceptiva do sujeito, a outra é o objeto dessa atividade. Na fronteira entre estas duas coisas materiais estão localizadas as sensações que formam o “tecido” da imagem subjetiva do

(LEONTIEV, 1978b). A sensorialidade e as emoções¹³⁰ instauram o reflexo psíquico da realidade por meio da atividade humana. Esta, por sua vez, é a unidade da vida humana¹³¹ mediada pelo reflexo psíquico.

No livro intitulado *Psicologia da Arte*, Vigotski (2001) fornece importantes fundamentos para a compreensão do conceito de emoção, trabalhando-o sob o prisma da reação estética e das vivências suscitadas pela arte. Aqui, Vigotski fundamenta a unidade biológica e social das emoções colocando a reação essencialmente emocional como uma energia condensada no sistema nervoso central que ao ser mobilizada articula desejos, fantasias, representações, memórias, percepções, sentimentos etc. que são culturais, dotando-as de conteúdo significativo ou de falta de sentido para o sujeito que sente. Em *Teoria das Emoções*, Vigotski (2004), apresenta as emoções como funções psicológicas superiores que fornecem o tônus do sistema interfuncional do psiquismo, mediando o desenvolvimento e o conteúdo apropriado e transformado pelas outras funções psíquicas (memória, percepção, imaginação etc.), isto é, o que se recorda, por exemplo, está fundamentado em um conteúdo significativo emocional, mesmo que esta emoção não desencadeie reações corporais ou psíquicas mais complexas.

Desse modo, pode-se dizer que mesmo que as emoções e as sensações atuem em unidade na instauração da atividade humana, não se pode reduzir uma à outra. As emoções, por estarem essencialmente vinculadas com a linguagem e configurarem o tônus emocional que o significado da palavra e da vivência desencadeiam psicologicamente, transformam os conteúdos significativos das sensações e das outras funções psíquicas. É nesse processo que se pode falar também no desenvolvimento dos sentimentos, que tomam esses conteúdos

objeto: elas aparecem como ajustadas sobre o ponto que toca da sonda, o receptor distante artificial que forma uma extensão da mão do sujeito agindo".

¹³⁰ Sensação e emoção não captam o objeto em sua totalidade, captando apenas propriedades isoladas que são abstratamente significadas conscientemente no processo de atividade.

¹³¹ Mas o que é a vida humana? É o conjunto, mais precisamente, o sistema, de atividades que se substituem umas as outras. É na atividade que se produz a transição do objeto a sua forma subjetiva, à imagem; por sua vez, na atividade se opera também a transição da atividade a seus resultados objetivos, a seus produtos. Tomada deste ângulo a atividade aparece como um processo no qual se concretizam as transições recíprocas entre os polos "sujeito-objeto". "Na produção se objetiva a personalidade; no consumo se subjetiva o objeto", assevera Marx. (LEONTIEV, 1978b, p. 66. Tradução nossa). No original: "Pero qué es la vida humana? Es el conjunto, más precisamente, el sistema, de actividades que se sustituen unas a otras. Es en la actividad donde se produce la transición de objeto a su forma subjetiva, a la imagen; a la vez, em la actividad se opera también la transición de la actividad a sus resultados objectivos, a sus productos. Tomada desde este ángulo la actividad aparece como un proceso en el cual se concentran las transiciones recíprocas entre los polos "sujeto-objeto". "En la producción se objetiviza la personalidad; en el consumo se subjetiviza el objeto", acota Marx" (LEONTIEV, 1978b, p. 66).

significativos da atividade, da cultura e da vida humana como conceitos que são a própria complexificação da unidade afetivo-cognitiva na consciência humana.

Para Machado, Facci e Barroco,

As emoções e os sentimentos são, ao mesmo tempo, subjetivos para aquele que sente e objetivos em sua gênese. **O autor [Smirnov] esclarece que nem tudo na realidade objetiva provoca uma reação, mas apenas aquilo que corresponde a uma necessidade ou motivo da atividade do sujeito, que age sobre ele. De acordo com o significado dos objetos que motivam o sujeito, os quais dependem dos fenômenos e das atividades que este desenvolve para cumprir as exigências sociais às quais deve responder, tem-se a variação de intensidade das emoções e dos sentimentos** (Smirnov, 1969). (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651. Grifo nosso)

Daqui, fica cada vez mais evidente que a atividade humana vai formando o reflexo psíquico da realidade e se articulando com ele por meio de uma relação cognitivo-afetiva. Se toda possibilidade de realização da atividade surge do encontro entre uma necessidade e seu objeto de satisfação, esse motivo (necessidade) é *sentido* (mesmo que não significado de imediato) pelo sujeito; após encontrar seu objeto de satisfação, torna-se viável a avaliação racional e emocional de todo o processo da atividade. Essa avaliação será subjetivada pelo indivíduo a partir do tono emocional que desencadear e da avaliação cognitiva consciente que resultar. Para Leontiev, as

Emoções preenchem as funções de signos internos, internos no sentido de que eles não aparecem diretamente como reflexo psíquico da própria atividade objetivada. A característica especial das emoções é que elas refletem relacionamentos entre motivos (necessidades) e sucesso, ou a possibilidade de sucesso, de realizar a ação do sujeito que responde a esses motivos. Aqui não estamos falando do reflexo desses relacionamentos, mas sobre um reflexo sensorial direto deles, sobre experimentação. Assim, elas aparecem como resultado da realização de um motivo (necessidade), e diante de uma avaliação racional pelo sujeito de sua atividade. (LEONTIEV, 1978b, p. 154)¹³²

A dimensão cognitivo-afetiva desse processo, contudo, só pode ser entendida na análise teórica da relação essencial entre atividade e consciência. O que confere de fato existência material ao mundo exterior é o conteúdo sensível da consciência, ou seja, as imagens sensoriais captadas pelo sujeito no decorrer da sua atividade sobre os objetos naturais e sociais da realidade objetiva. As imagens sensoriais e emotivas da consciência conferem realidade e objetividade ao quadro consciente do mundo

¹³² Tradução de Marcelo José de Souza e Silva.

(LEONTIEV, 1978b), possibilitando no âmbito da consciência a distinção: ser humano-natureza; sujeito-mundo. No âmbito das emoções (e sentimentos), tem-se que essas funções psíquicas são desenvolvidas e complexificadas pela internalização de signos e da avaliação consciente da atividade, sendo engendradas em sua gênese pelas necessidades e motivos da atividade. Abrangendo essa análise, tem-se que

Todas as funções constituem igualmente a base dos correspondentes fenômenos subjetivos de consciência, isto é, sensações, experiências emocionais, fenômenos sensoriais e a memória, que formam a "matéria subjetiva", por assim dizer, a riqueza sensível, o policromismo e a plasticidade da representação do mundo na consciência humana. (LEONTIEV, 2014, p. 76)

A unidade afetivo-cognitiva é, destarte, tanto produto quanto substância para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A habilidade cognitivo-afetiva consciente de avaliar as informações sensoriais, respondendo-as com conjecturas, pensamentos e ações complexifica as funções psicológicas, bem como o seu desenvolvimento torna o processo de avaliação afetivo-cognitiva da atividade mais crítico e desenvolvido. O desenvolvimento do ser humano se dá, portanto, segundo a lógica afetivo-cognitiva do movimento entre a atividade e a consciência humana e, por consequência, dos produtos desse movimento.

Aqui se faz mister uma breve discussão acerca da *unidade afetivo-cognitiva* e sua conexão com as funções psicológicas superiores. Sabe-se que a unidade entre atividade e consciência humana depende da interfuncionalidade das funções psicológicas superiores, pois a natureza da dinâmica entre essas funções determina a natureza da relação entre atividade e consciência nos seres humanos. Sendo assim, o fato de a atividade humana ser consciente, isto é, ser calcada no reflexo psíquico consciente, depende desse sistema interfuncional do psiquismo humano¹³³. Em meio a isso, tem-se a unidade afetivo-cognitiva da relação atividade-consciência humana como expressão, isto é, manifestação psicológica da totalidade da integração das funções psicológicas superiores na relação entre atividade e consciência humana. Por isso, a unidade afetivo-cognitiva não pode ser reduzida ou identificada a funções psicológicas superiores isoladas, como por exemplo a redução da unidade afetivo-

¹³³ Pode-se sintetizar aqui que não existe a consciência (o substantivo, *a coisa em si*) nem a atividade consciente (o adjetivo, *a qualidade de algo*) sem a integração do sistema interfuncional do psiquismo, das funções psicológicas superiores. As diversas formas de adoecimento psíquico, por exemplo, se configuram a partir da alteração, desintegração ou mau funcionamento dessas funções. Aqui, a atividade consciente também fica comprometida, uma vez que essas funções se complexificam na e pela atividade humana que se internaliza sob a forma de atividade interna.

cognitiva à relação entre emoção/sentimento¹³⁴ e pensamento, apesar de a unidade afetivo-cognitiva compor essa relação como lógica de funcionamento. A unidade afetivo-cognitiva emerge, antes de tudo, da captação sensorial da realidade objetiva, possibilitando que essa captação seja complexificada e dotada de significado e sentido pelas funções psicológicas superiores.

Por isso uma atividade específica que é executada afetivo-cognitivamente pode não mobilizar nenhum sentimento (que engendra conceitos elaborados culturalmente), reação estética ou sentido. Essa unidade é a própria relação entre atividade e consciência e, além disso, está contida nos produtos dessa relação: as funções psicológicas superiores, a personalidade, a consciência de si etc. As sensações (como polo cognitivo) juntamente com as emoções (como polo afetivo)¹³⁵ tanto instauram a atividade quanto emanam das mediações desta, pois a atividade é sustentada por múltiplas determinações, das quais os estados afetivos-cognitivos são parte (MARTINS, 2011). Segundo Larisa Vasil'evna Blagonadezhina,

Também se incluem dentro das emoções as reações afetivas relacionadas com as sensações. Cores, sons, odores, etc. são agradáveis, enquanto que outros, pelo contrário, são desagradáveis. Esta reação afetiva é o *tono emocional das sensações*. Tais emoções têm grande importância na vida humana, já que este correntemente reage ante os objetos e fenômenos em seu conjunto e não só ante as qualidades isoladas deles. (BLAGONADEZHINA, 1969, p. 358. Grifos da autora. Tradução Nossa¹³⁶)

¹³⁴ Segundo Martins, sobre a relação entre emoção e sentimento, "trata-se de considerá-las unidas na atividade humana posto que as emoções se revestem de sentimentos, ou seja, os sentimentos conferem-lhes *conteúdos*, da mesma forma que as emoções conferem aos sentimentos sua tonicidade afetiva. Nessa direção, ambos se *encontram* no funcionamento humano, em uma dinâmica figura-fundo, lembrando que não há figura sem fundo nem fundo sem figura" (MARTINS, 2011, p. 205).

¹³⁵ Essa polarização é meramente didática. Entende-se a unidade sensação-emoção na instauração da atividade humana como a própria integração dos polos cognitivos e afetivos dessa atividade. A sensação, ou sensorialidade, representa a própria captação sensorial do objeto, sendo este refletido em suas propriedades essenciais que tornam a atividade possível. Já a emoção é produto dessa mesma captação, sancionando tais propriedades do objeto e possibilitando a correlação dessas propriedades com o que se espera da atividade que se pretenda realizar. Assim, enquanto que os aspectos mais cognitivos da captação sensorial levam à identificação e avaliação do próprio objeto, os aspectos mais emocionais sancionam, no que foi captado da realidade objetiva, as propriedades essenciais do objeto que possam levar à satisfação de uma necessidade. Assim, afetivo-cognitivamente, a captação sensorial do objeto tanto se dirige à avaliação da atividade em si quanto à avaliação da atividade no contexto das relações em que ela está inserida.

¹³⁶ "También se incluyen dentro de las emociones las reacciones afectivas relacionadas con las sensaciones. Unos colores, sonidos, olores, etc. son agradables, mientras que otros, por el contrario, son desagradables. Esta reacción afectiva es *el tono emocional de las sensaciones*. Tales emociones tienen gran importancia en la vida del hombre, ya que éste corrientemente reacciona ante los objetos y fenómenos en su conjunto y no sólo ante cualidades aisladas de ellos." (BLAGONADEZHINA, 1969, p. 358.)

Como síntese, aponta-se a atividade prática sensorial externa como constituinte e determinante da atividade interna, consciente. É pela atividade sensório-prática que o ser humano vai se apropriando do mundo em sua forma imediata e pode, a partir daí, refletir afetivo-cognitivamente as relações mais essenciais da materialidade. É esse *movimento* do mundo externo para o mundo interno, subjetivo, que Leontiev (1978b) denomina *consciência*. O psiquismo humano, diferentemente do psiquismo animal, é a unidade entre a materialidade e a idealidade existente, mas a faculdade humana de distinção entre essas instâncias é consciente e parte de uma matriz sensorial. Sendo assim, o reflexo psíquico consciente caracteriza o psiquismo humano na medida em que torna possível ao ser, por meio da atividade, diferenciar a realidade objetiva de sua representação subjetiva, como imagem psíquica. Entretanto, vale atentar para o fato de que a consciência não se reduz à atividade interna individual; ela é produto das relações sociais e da atividade humana genérica que é internalizada e concretizada por meio dos signos e das significações sociais, desenvolvendo todo o psiquismo humano, inclusive seu reflexo consciente. Com respaldo em Asbahr, argumenta-se:

A consciência não se reduz a um mundo interno, isolado; ao contrário, se está intimamente vinculada à atividade, só pode ser expressão das relações do indivíduo com os outros homens e com o mundo circundante, sendo social por natureza. Mas a passagem do mundo social ao mundo interno, psíquico, não se dá de maneira direta, pois o mundo psíquico não é cópia do mundo social. No trânsito da consciência social para a consciência individual, a linguagem e a atividade coletiva laboral têm papel fundamental. Sendo o trabalho atividade socialmente organizada, a linguagem torna-se necessidade e condição para o desenvolvimento social e individual dos homens. Pela linguagem os homens compartilham representações, conceitos, técnicas, e os transmitem às próximas gerações. O homem apropria-se das significações sociais expressas pela linguagem e confere-lhes um sentido próprio, um sentido pessoal vinculado diretamente à sua vida concreta, às suas necessidades, motivos e sentimentos. (ASBAHR, 2005, p. 111)

Daqui deriva-se o postulado de que se, na relação sujeito-atividade-objeto, o psiquismo se constitui como imagem subjetiva da realidade objetiva, é pela relação afetivo-cognitiva entre atividade externa e atividade interna que a conformação dessa subjetivação se torna possível. Se a relação entre o significado social, o sentido pessoal e o conteúdo sensível é a principal componente da estrutura interna da consciência no que tange a atividade humana, tem-se como componentes principais da estrutura interna da atividade a relação entre as necessidades, os motivos e as finalidades da ação. Ou seja, se falar de unidade afetivo-cognitiva é falar da relação entre consciência e atividade humana, há que se centrar na relação intrínseca entre

significados, sentidos, conteúdo sensível, necessidades, motivos e finalidades. Só assim poderá se chegar à síntese empreendida por Vigotski (2009) que coloca a unidade afetivo-cognitiva como sistema semântico dinâmico no desenvolvimento de uma personalidade singular.

O esforço que se fez neste ponto foi o de qualificar o conteúdo sensível da consciência como produto das relações materiais e sociais e, portanto, instauradores dos processos afetivo-cognitivos. Somente caracterizando a atividade como alicerce material de todo conteúdo sensível da consciência e, conseqüentemente, de toda representação subjetiva na consciência é que se pode analisar as demais relações entre os componentes das estruturas internas da atividade e da consciência, isto é, a correlação entre significados, sentidos, necessidades, motivos e fins da atividade. Por fim, ressalta-se a importância da formação da matriz (trama) sensorial da consciência, uma vez que o entendimento da função da sensorialidade na relação entre a atividade e o reflexo psíquico da realidade evita que se recaia em uma compreensão idealista ou solipsista desse processo. O conhecimento é produto concreto da relação entre sujeito e objeto, em que é a apreensão sensível do segundo pelo primeiro que viabiliza o desenvolvimento ulterior da idealidade humana.

3.2 A complexificação da relação afetivo-cognitiva: o significado e o sentido como expressões dessa unidade

Como foi visto no ponto anterior, a trama sensorial da consciência humana (seu conteúdo sensível, sua sensorialidade formada principalmente pelas sensações) fornece base material às idealizações, às representações e às formulações conscientes acerca do mundo. Isso permite ao ser humano correlacionar significados sociais com sentidos pessoais de suas vivências. Para Vigotski (1999b), a vivência se refere à experiência internalizada pelo sujeito em sua relação com o objeto. Toassa resume esse conceito da seguinte forma:

A vivência torna-se unidade dinâmica da vida consciente, marcada pela referência ao corpo [matéria], às representações e ideias, ou ao mundo externo; com maior atividade desta ou daquela função psíquica. A lógica empregada é dialética, pois observa o humano em permanente movimento, relações de parte-todo, síntese e mudança histórico-cultural pela qual o sujeito reconhece-se tanto como objeto no meio, como se nega como algo coincidente com o que o rodeia, como com outros homens, afirmando suas relações com as condições particulares encontradas. (TOASSA, 2009, p. 278-279)

A vivência emerge sempre com tons emocionais perpassados pelos significados sociais condensados nos signos e nas palavras. Por isso, ela reflete o experienciado de forma singular e subjetiva para o sujeito, como imagem subjetiva do real. Segundo Leontiev (1978b), os conteúdos sensoriais incluídos no sistema da consciência se expressam subjetivamente de modo indireto na vivência difusa do sentido da realidade, sendo formados em primeira instância pela atividade do sujeito. Aqui, tem-se sensação e emoção instituindo a vivência subjetiva a partir de uma experiência que provém da atividade.

No caso da instauração da atividade humana, esse processo só se completa com a união entre o estado carencial (necessidade) do sujeito frente a uma série de estimulações sensório-perceptivas, sancionadas pelo crivo da emoção conforme as possibilidades reais de se atender ao estado carencial determinado pela necessidade. Sendo assim, parte-se da noção sintética (e puramente didática) de que a atividade é instaurada pelo conjunto necessidade/conteúdo, sensação/emoção, que obtém objetividade pela descoberta do objeto gerador de tensão, ou seja, de carência.

O próprio conceito de *necessidade*, para Leontiev (1978b), expressa a síntese acima, uma vez que a necessidade é vivenciada pelo sujeito como um estado carencial, de cunho emocional e mobilizador de uma tensão que prepara o sujeito para a ação, mas que por si mesma se expressa como sensação de vazio, de falta.

Essa necessidade como força interior pode realizar-se somente na atividade; pensá-la como algo intrínseco, inerente ao sujeito, é incorrer no risco de um pensamento subjetivista e idealista. Se a necessidade se efetiva em motivo por meio do conhecimento o modo como esse objeto é percebido, concebido, representado pelo sujeito, ou seja, o seu conhecimento dependerá de como acontecem as mediações entre sujeito e realidade concreta, dado que esses mesmos objetos vão se modificando, se transformando e, ao fazê-lo, transformam os motivos. (GOMES, 2011, p. 14)

Essa tensão, portanto, indica tanto uma emoção (*carência*) quanto uma direção de satisfação (*carência de algo*). Destarte, é só no encontro do objeto¹³⁷ que satisfaça essa carência que a atividade pode se instalar e a necessidade pode se objetivar, se significar, ou seja, se *motivar*.

Esse processo, de ação do sujeito no mundo a partir das suas necessidades, só vai completar-se quando o sujeito significar algo do mundo social como possível de satisfazer suas necessidades. Aí sim

¹³⁷ O objeto é refletido psiquicamente, de modo que suas propriedades essenciais são abstraídas e internalizadas, concretizando-se na ação do sujeito e no seu conhecimento sobre o objeto. Assim, sensação, emoção e cognição se integram na atividade consciente, complexificando todo o sistema interfuncional psíquico nesse processo.

esse objeto/fato/pessoa vai ser vivido como algo que impulsiona/direciona, que motiva o sujeito para a ação no sentido da satisfação das suas necessidades. Tal movimento, [...] com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade. Afirmamos, assim, que a necessidade não conhece o seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o "descobre" na realidade social. (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 228)

Vale frisar que é a partir de uma demanda externa vivenciada pelo sujeito que todo esse processo pode ser internalizado e convertido em ação. Até porque

[...] as vivências subjetivas, o querer, o desejar etc., não são motivos, porque não são capazes de engendrar por si só uma atividade orientada e, conseqüentemente, a questão psicológica fundamental reside em compreender em que consiste o objeto desse querer, desse desejo ou paixão. (LEONTIEV, 1978b, p. 153. Tradução nossa)¹³⁸

Ao motivar-se no objeto, a necessidade se transforma psicologicamente, traduzindo-se em imagem subjetiva. Essa imagem formada se desmembra em significados particularmente convertidos em sentidos para o sujeito a fim de possibilitar o atendimento satisfatório da finalidade da atividade. Na estrutura da atividade esse processo se traduz pelo salto qualitativo entre necessidade e motivo, ou seja, uma *carência* afeta o sujeito impelindo-o a buscar meios racionais, lógicos e práticos que satisfaçam essa sensação de *vazio*. Essa expressão embrionária da unidade afetivo-cognitiva na estrutura da atividade humana possibilita que a necessidade seja ligada a um fim cabível. Destarte, a unidade afetivo-cognitiva se expressa sob a forma de significados sociais, que em sua genericidade representam o universo simbólico humano, convertendo-se em sentido na medida em que unifica o significado à finalidade da atividade do indivíduo que pensa, sente e age de forma singular.

Vale salientar que a atividade é a vida humana que se desenrola numa cadeia de ações, as quais se articulam entre si demandando algo (instrumento/signo) e alguém (outros seres humanos) para mediá-las. Nesse sentido, a atividade tem caráter teleológico, tendo sempre um *por que* de existir (seu motivo) e um *para quê* (seu objeto/sua finalidade, que, de modo pragmático, pode se fragmentar em diversas ações que cumpram da melhor forma o projeto teleológico para satisfação da necessidade). Em meio a isso, quando motivo e objeto coincidem, a atividade ocorre e pode gerar sentido que afeta o desenvolvimento da personalidade do sujeito, por concatenar o *para quê* (objeto/finalidade) da atividade com significados sociais que se

¹³⁸ "Pero las vivencias subjetivas, el querer, el desejar, etc., no son motivos porque no son capaces de engendrar por sí solos una actividad *orientada* y, consiguientemente, la cuestión psicológica fundamental reside en comprender en qué consiste el objeto de esse querer, de esse deseo o pasión." (LEONTIEV, 1978b, p. 153)

particularizam na ação do sujeito que a realiza. Vale frisar também que a finalidade da ação nem sempre reflete o motivo da atividade. Isso é importante porque confere um caráter prático, objetivo e objetivado à atividade, possibilitando a avaliação racional e a sanção emocional dela enquanto ocorre. Essa sanção pode tanto mudar o curso da atividade quanto o caráter de certas ações, transformando-as em uma nova atividade, pelo deslocamento do motivo da atividade para o fim da ação.

Contudo, num primeiro momento, é a *tonalidade* emocional que demanda a atividade interna das funções psicológicas superiores. Para cada tonalidade, diferentes funções são sensibilizadas em diferentes graus de atuação, convertendo-se afetivo-cognitivamente em conteúdo consciente da atividade, como num prisma que refrata a luz branca em diferentes frequências tonais da cor. Porém, se esse processo fosse inteiramente semelhante à refração da luz, tudo seria mais fácil. No caso do fluxo afetivo-cognitivo de formação do conteúdo consciente, tem-se balizadores dinâmicos, que se transformam a partir das relações sociais: o significado social e o sentido pessoal. Esse processo, portanto, não é direto, pois é mediado pelas funções psicológicas do psiquismo¹³⁹.

Distintos tons emocionais, provocados pelos estados emocionais da atividade humana no psiquismo, mobilizam de forma diferenciada as funções psicológicas, formando-as, transformando-as e as complexificando nesse processo. A imagem subjetiva da atividade social se singulariza em atividade interna de funcionamento psíquico do sujeito, sendo que as diferentes agudezas que essa atividade demanda das funções psíquicas determinam a sua forma de funcionamento e o caráter da vivência dela sintetizada¹⁴⁰. Um exemplo desse processo é a formação da memória voluntária, que engendra conexões mentais entre a imagem subjetiva, os signos e o ato mnésico voluntário (MARTINS, 2011). Essa mnemotécnica do sujeito demonstra sua necessidade e intenção de não se esquecer de algo. Sendo assim, deve existir uma aliança com outras funções psíquicas que viabilizem a satisfação desse objetivo por mobilizarem diferentes reações do sistema psíquico interdinâmico.

¹³⁹ "Na qualidade de vivências imediatas, de reflexos sensoriais diretos, a diferenciação dos estados emocionais resulta do desenvolvimento da sensorialidade primária, na qual todos os aspectos psíquicos fundem-se à emoção [...]. Graças a esse desenvolvimento, ao qual se vincula o próprio desenvolvimento da consciência, os estados emocionais se especializam, por assim dizer, conferindo diferentes tons emocionais ao experienciado" (MARTINS, 2011, p. 203).

¹⁴⁰ "Ao debruçar-se sobre essas questões, Vygotski (1995) tornou incontestável a existência de um *sistema dinâmico* na base do desenvolvimento de todas as funções psicológicas superiores, formulando um preceito geral básico para a compreensão do psiquismo como sistema interfuncional, qual seja: o curso de desenvolvimento de cada uma das funções e, consequentemente, das relações entre elas não é linearmente uniforme. Isto é, existe uma dinâmica psíquica instituída pela especificidade das mesmas e pelo papel que desempenham nas *atividades realizadas* pelo indivíduo ao longo de seu desenvolvimento" (MARTINS, 2011, p. 57).

Conforme Martins:

Essa reação, por sua vez, ocorre à medida da mobilização de todo sistema psíquico, isto é, reage-se ao mundo pelas sensações, percepções, pela atenção, pelo memorizado, pelo pensamento, linguagem, imaginação, emoções e sentimentos. Não há, portanto, um *status* que qualifique diferencialmente tais processos na formação da imagem psíquica; existe sim uma dinâmica entre eles, um amálgama condicionado pela natureza da atividade em curso, que confere especificidade à expressão de cada função e em que medida participam da atividade em questão.

O produto desse amálgama afeta o indivíduo de diferentes modos e em diferentes graus, na dependência dos quais ele institui suas vivências. Portanto, definimos como *vivência* o experienciado pelo sujeito em face do objeto que culmina representado sob a forma de imagem subjetiva. A vida do indivíduo comportará, então, uma infinidade de vivências e, por isso, conquistarão intensidades distintas e desempenharão diferentes papéis na vida do sujeito. (MARTINS, 2011, p. 204-205)

Aqui tem-se, voltando ao exemplo da memória, a captação sensorial de um dado que se queira ou que seja necessário guardar. Esse dado tem sua gênese localizada na busca por satisfação da necessidade da atividade, e, no desenrolar desta, pressupõe a percepção do conjunto das propriedades do objeto, despontando nesse processo diferentes tonalidades de atenção¹⁴¹, além da formação do motivo que gere um sentido dessa atividade na consciência. Segundo Blagonadezhina (1960), um aumento na tensão emocional, dependendo dos conhecimentos e hábitos do sujeito para desempenhar determinada atividade, pode prepará-lo para atuar, aumentando o nível de atenção focada (concentração da atenção) dele. Ou então pode gerar um estado de inibição e desorganização da conduta, impedindo a fixação da atenção. O motivo da atividade é, portanto, síntese entre objetividade e subjetividade, mobilizando as funções psíquicas necessárias à intervinculação entre significado e sentido, transformando zonas de significados advindos das relações sociais em zonas de significados particulares do sujeito, isto é, como sentido pessoal. Sendo assim,

Aquilo que afeta movimentando ou não a atividade, o faz porque se relaciona com os motivos construídos na história da vida de cada sujeito em particular, a partir das mediações estabelecidas com a realidade. As emoções não são o reflexo mesmo dos objetos — Smírnov et al. (1961) — mas o *reflexo da relação* que existe entre aquele objeto, as necessidades e os motivos sujeito [sic.], por isso são *vivências* e Vigotski não deixou de contemplar o afetivo e o cognitivo como uma unidade constante nesse processo, mediando a relação

¹⁴¹Concentração ou distração de estímulos, selecionando-os; inibição de estímulos concorrentes; e retenção dos estímulos apropriados à execução de ações que alcancem a finalidade da atividade.

atividade-consciência na constituição do psiquismo humano.
(GOMES, 2011, p. 14-15)

Essa mobilização desigual das funções psíquicas frente à afecção da atividade na consciência aponta para a síntese proposta por Spinoza e depois revisitada por Marx de que existe uma unidade dos processos cognitivos e afetivos na relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Sobre isso, Gomes comenta:

A distinção dessas funções psicológicas no psiquismo permite concluir que as funções cognitivas constroem a imagem subjetiva do objeto em sua concretude e as funções afetivas, igualmente, cumprem a representação da imagem do objeto, porém constroem a imagem da *relação do sujeito com aquele objeto*. Portanto, o *pensamento* e os *sentimentos* são processos psicológicos desenvolvidos pelo homem na sua relação com o mundo. (GOMES, 2011, p. 12)

A partir disso, vale ressaltar que a mobilização das funções psicológicas no processo de atividade engendra significados e sentidos que corporificam a unidade afetivo-cognitiva no âmbito tanto subjetivo singular do sujeito quanto no das relações sociais¹⁴².

Assim, defende-se um sujeito único, singular e datado, que se constitui nas e pelas relações sócio-históricas. Vigotski (2009) aponta esse sujeito de relações sociais como um sujeito das *relações dramáticas*, que se constitui na contradição e na tensão inerente aos diversos *papéis sociais* que uma mesma pessoa assume ao longo da vida. Esse ser, constituído na e pela atividade ao produzir sua vida, manifesta em suas expressões mais íntimas a historicidade social, as relações sociais de que é fruto, a ideologia e o modo de produção vigentes. Nesse mesmo íterim, esse ser expressa em sua personalidade singular produções novas, novas necessidades, novos sentidos e significados sociais. Nesse sentido, entender a unidade afetivo-cognitiva como a própria relação entre atividade e consciência que se materializa no significado e no

¹⁴² "Quanto ao conceito de "relações sociais", cabe dizer que em Vigotski ele pode tomar pelo menos dois significados. O primeiro diz respeito às relações sociais em termos de processos coletivos mais amplos, como a inserção num determinado modo de produção, e na dinâmica da luta entre classes sociais num determinado contexto histórico. O segundo diz respeito às relações intersubjetivas, ou seja relações face-a-face entre duas ou mais pessoas, reciprocamente posicionadas como sujeitos de relações complementares ou antagônicas, em função de determinados papéis sociais definidos cultural e historicamente. [...] Evidentemente, num referencial marxista como o de Vigotski, o segundo significado para as relações sociais está imbricado com o primeiro, contudo, ao mesmo tempo, não pode ser deduzido diretamente dele. Se é certo que a dinâmica das relações intersubjetivas, nesta abordagem, não pode ser considerada como ideologicamente neutra nem abstraída com relação às posições de cada ser humano no processo produtivo, também é verdade que a posição nas relações de produção e as diferentes posições ideológicas não se encarnam nas relações intersubjetivas de modo direto nem unidimensional." (MELLO, 2001, p. 38)

sentido envolve a noção de que a forma como isso se dá, na consciência do sujeito, sintetiza as relações sociais de que ele é fruto e as quais constitui.

Vigotski afirma que o pensamento nasce do campo da consciência que o motiva, a qual abrange os pendores e necessidades, os interesses e motivações, os afetos e as emoções. Desse modo, para Vigotski uma vez que a pessoa pensa, é necessário perguntar que pessoa o faz. O autor compara a Psicologia a um drama, com "lutas" radicalmente distintas de um processo de reflexão estática da realidade na consciência, lutas em que a simples adoção de um significado externo não resolverá o problema existente. Tornar-se livre é, portanto, assimilar um significado diferenciando-se dele – é tornar-se indivíduo humano que recria a realidade na consciência, constituindo um ativo conhecimento das determinações da conduta e, nesse processo de conhecimento, modifica a realidade objetiva (natural e/ou social). (TOASSA, 2004, p. 5)

Da mesma forma que indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, constituindo-se um ao outro (AGUIAR & OZELLA, 2006), significado social e sentido pessoal, como materializações da unidade afetivo-cognitiva, constituem-se reciprocamente. No âmbito intrapsíquico, o fim último da atividade é gerar sentido e engendrar a personalidade do indivíduo frente às relações sociais (fazendo um caminho que vai "da sociedade para o indivíduo"). Outrossim, a nível interpssíquico, essa mesma atividade que particulariza o sentido pessoal faz o caminho inverso, refletindo esses sentidos pessoais singulares em significados culturais, podendo transformá-los a nível das relações sociais (fazendo um caminho inverso, "do indivíduo para a sociedade"). Sendo assim, a consciência se constitui tanto como produto quanto como produtora de relações sociais. Essa dinâmica é própria da dialética singular-particular-universal¹⁴³.

¹⁴³ "[...] a singularidade [do sujeito] se constrói na universalidade [das relações sociais] e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação [signos/linguagem, instrumentos, outros seres humanos]. E por que? Para essa concepção de homem, o homem singular (que aqui seria chamado de indivíduo) não é um ser que traria já, dentro de si mesmo, ao nascer, essa essência já delimitada e que, por isso, esse homem poderia existir isoladamente, sendo a sociedade somente o ambiente através do qual essa sua essência se desenvolveria. De modo algum! Segundo a mencionada concepção histórico-social, o homem singular é um ser social, uma "síntese de múltiplas determinações" (Marx). Em outras palavras: é uma síntese complexa em que a universalidade se concretiza histórica e socialmente através da atividade humana que é uma atividade social — o trabalho —, nas singularidades, formando aquela essência. Sendo assim, tal essência humana é um produto histórico-social e, portanto, não biológico e que, por isso, precisa ser apropriada e objetivada por cada homem singular ao longo de sua vida em sociedade. É, portanto, nesse vir-a-ser social e histórico que é criado o humano no homem singular. Como se pode depreender daí, a relação dialética singular-particular-universal é fundamental e, enquanto tal, indispensável para que se possa compreender essa complexidade da universalidade que se concretiza na singularidade, numa dinâmica multifacetada, através das mediações sociais — a **particularidade**" (OLIVEIRA, 2005, p. 26. Grifo nosso).

O ser humano como ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, constitui sua singularidade através de mediações sociais particulares. Como já foi dito, essa mediação ocorre por meio dos instrumentos de trabalho, de atividade, dos signos que constituem a atividade interna e da relação entre os seres humanos mediadas por esses instrumentos. Além de possibilitar o desenvolvimento da cultura, do gênero humano, o instrumento psicológico é um meio de influir em *si mesmo* — não só no objeto externo, mas na própria consciência humana. A linguagem é o signo que torna o produto da atividade reconhecível idealmente pelo sujeito por se configurar como meio de comunicação entre os participantes do processo de produção e como produto — significado social — desse processo. Para Leontiev:

A linguagem vincula em seus significados (conceitos) um ou outro conteúdo objetivo, mas um conteúdo liberado por completo de sua materialidade. Assim, o alimento é, naturalmente, um objeto material; em contrapartida, o significado da palavra "alimento" não contém nenhum grama de substância alimentícia. Ao mesmo tempo, a própria linguagem também possui sua existência material, sua *matéria*; mas a linguagem tomada na relação com a realidade que denota, é apenas uma forma de existência desta, o mesmo que os processos cerebrais materiais dos indivíduos em virtude dos quais se efetua a tomada de consciência da realidade. (LEONTIEV, 1978b, p. 103. Tradução nossa)¹⁴⁴

Dessa forma a atividade integra afetivo-cognitivamente a consciência por meio da linguagem, do pensamento e da relação entre os seres humanos. Como o significado social e o sentido pessoal carregam em si a essência afetivo-cognitiva da atividade humano-social de que decorrem, Vigotski (2009) considerou de essencial importância estudar a intervinculação entre pensamento e linguagem para melhor compreender o desenvolvimento do psiquismo. Para Vigotski,

A análise que decompõe a totalidade complexa em unidade reencaminha a solução desse problema vitalmente importante para todas as teorias aqui examinadas. Ela mostra que existe um *sistema semântico dinâmico* que representa a unidade dos processos afetivos e intelectuais, que em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia. Ela permite revelar o movimento direto que vai da necessidade e das motivações do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso da dinâmica do pensamento à

¹⁴⁴ "El lenguaje conlleva en sus significados (conceptos) uno u otro contenido objetivo, pero un contenido liberado por completo de su materialidad. Así, el alimento es, por supuesto, un objeto material; en cambio, el *significado* de la palabra "alimento" no contiene ni un gramo de sustancia alimenticia. A la vez, el propio lenguaje también posee su existencia material, su *materia*; pero el lenguaje, tomado en relación con la realidad que denota, es sólo una forma de la existencia de ésta, lo mismo que los procesos cerebrales materiales de los individuos en virtud de los cuales se efectúa la toma de conciencia de la realidad" (LEONTIEV, 1978b, p. 103)

dinâmica do comportamento e à atividade concreta do indivíduo.
(VIGOTSKI, 2009, p. 16)

Para Vigotski a unidade interna da relação entre pensamento e linguagem é o *significado da palavra*, que sintetiza na consciência os significados sociais do universo simbólico humano, de modo que o sentido se coagula no significado da palavra retroalimentando a sua existência. O sentido expressa a unidade de todos os processos afetivos, cognitivos e biológicos da vida do sujeito. Dessa forma, o significado é uma zona do sentido que unifica a relação simbólico-afetiva de todos os tipos de expressões humanas na personalidade do sujeito singular (AGUIAR & OZELLA, 2006). É por isso que se entende a necessidade de se estudar a formação do conceito e da personalidade como processo próprio da movimentação dos significados sociais em sentidos que se *personalizam*. Nesse ínterim, estudar a encarnação da unidade afetivo-cognitiva nas manifestações do significado social e, conseqüentemente, do sentido pessoal é estudar como significado e sentido se produzem culturalmente, constituindo conceitos e formas singulares de expressão da individualidade humana. Desse modo, falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da forma como o sujeito sente e reflete o mundo ao redor, formando em seu psiquismo uma imagem subjetiva complexa desse mundo objetivo.

Portanto, a adequada construção da imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano, a qual surge da dinâmica atividade-consciência, demanda um objeto que afete o sujeito de uma determinada maneira e com uma dada intensidade. A forma de compreensão dessa *maneira* e *intensidade* se expressa afetivo-cognitivamente por meio dos significados (pensamento de algo) e sentidos (afeto singular e correspondente ao pensamento de algo). Esse é o processo de expressão da unidade afetivo-cognitiva no significado social e no sentido pessoal, o qual demanda uma dinâmica interfuncional do psiquismo para formação adequada da imagem subjetiva. Por isso, aponta-se que a dinâmica interfuncional do psiquismo produz a unidade afetivo-cognitiva, a qual, por sua vez, tonifica essas funções psicológicas de diferentes maneiras e intensidades dependendo das demandas apresentadas pelas atividades que o sujeito está realizando. As funções psicológicas pensamento (de algo) e sentimento (da afectogênese do objeto e a partir do *pensamento de algo*) são a forma mais complexa de manifestação da unidade afetivo-cognitiva; seu estudo demanda uma nova pesquisa, que poderá partir dos elementos abordados nesta pesquisa preambular que destrincha os elementos fundamentais e mais básicos da formação da unidade afetivo-cognitiva. Contudo, por se entender que a formação de conceitos é essencial para a compreensão dessas funções psicológicas de pensamento e sentimento, dar-se-á continuidade ao estudo basal da unidade

afetivo-cognitiva a partir da formação de conceitos, os quais, por complexificarem a dinâmica interfuncional do psiquismo, acabam por complexificar também a unidade afetivo-cognitiva da relação atividade-consciência.

3.2.1 Unidade afetivo-cognitiva: relação afetivo-cognitiva com os conceitos que engendram a atividade gerando sentido.

Como já se asseverou, entende-se que na formação dos conceitos todas as funções psicológicas superiores se inter-relacionam (desenvolvendo-se umas às outras), determinadas pelas relações sociais que o sujeito estabelece, fundamentando, por sua vez, o comportamento intelectual desse sujeito¹⁴⁵. Sobre o emaranhado de condições sociais e psíquicas que auxiliam a formação dos conceitos, Vigotski esclarece que

O conceito surge quando uma série de atributos abstraídos torna a sintetizar-se, e quando a síntese abstrata assim obtida se torna forma basilar de pensamento com o qual a criança percebe e toma conhecimento da realidade que a cerca. (VIGOTSKI, 2009, p. 226)

Em Martins (2011, p. 175), encontra-se que "são os domínios do pensamento por conceitos que sintetizam, efetivamente, as mudanças qualitativas mais decisivas produzidas pelo pensamento no sistema interfuncional psíquico — o que quer dizer, na vida dos indivíduos". O conceito possibilita a síntese afetivo-cognitiva das relações sócio-históricas em uma palavra. Por exemplo, a palavra *trabalho* pode concatenar reações emocionais de revolta, fracasso, desgaste, sucesso ou satisfação, unidas à compreensão cognitiva de que se o sujeito não trabalha (ou se não trabalham por ele), ele não sobrevive.

Luria (1990) salienta essa questão quando afirma que o pensamento categorial implica um determinado desenvolvimento do pensamento verbal e lógico complexo,

¹⁴⁵ "[...] um conceito é mais do que a soma de certas conexões associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental da criança; é um ato real e complexo de pensamento que não pode ser ensinado por meio de treinamento, só podendo ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança já tiver atingido o nível necessário. Em qualquer idade, um conceito expresso por uma palavra representa um ato de generalização. Mas os significados das palavras evoluem. Quando uma palavra nova é aprendida pela criança, o seu desenvolvimento mal começou: a palavra é primeiramente uma generalização do tipo mais primitivo; à medida que o intelecto da criança se desenvolve, é substituída por generalizações de um tipo cada vez mais elevado — processo este que acaba por levar à formação dos verdadeiros conceitos. O desenvolvimento dos conceitos ou dos significados das palavras pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Esses processos psicológicos complexos não podem ser dominados apenas através da aprendizagem inicial" (VYGOTSKY, 1998. p. 104).

em que há uma demanda do potencial da linguagem já desenvolvida, em formular abstrações e generalizações, ou seja, ocorre uma transição do comportamento visual ao comportamento conceitual. Aqui, o sujeito

[...] não generaliza já com base em suas impressões imediatas, mas isola certos atributos distintos dos objetos como base de categorizações; a essa altura, faz inferências sobre os fenômenos, destinando cada objeto a uma categoria específica (relacionando-o a um conceito abstrato). (LURIA, 1990, p. 69)

A formação do conceito abstrato fornece ao sujeito a possibilidade de atribuir, afetivo-cognitivamente, a uma categoria geral, certas características do objeto, bem como o próprio objeto. Por isso, a capacidade de se movimentar entre diversas categorias e conceitos abstratos é a principal característica do pensamento abstrato (LURIA, 1990), que, num processo contínuo de construção de significados sociais, vincula sentidos singulares a esses significados. Evidencia-se, então, o sentido como complexificação da unidade afetivo-cognitiva (racional-emocional) na consciência humana.

As palavras podem destoar do sentido nelas expresso. Há muito se sabe que as palavras podem mudar de sentido. Há relativamente pouco tempo foi observado que também se deve estudar como os sentidos mudam as palavras, ou melhor, que se deve estudar como os conceitos mudam de nome. [...] O sentido também pode ser separado da palavra que o expressa, assim como pode ser facilmente fixado em outra palavra. Da mesma forma que o sentido de uma palavra está relacionado com toda a palavra e não com sons isolados. Portanto, uma palavra pode às vezes ser substituída por outra sem que haja nenhuma alteração de sentido. O sentido se separa da palavra e assim se preserva. Mas, se as palavras podem existir sem sentido, de igual maneira o sentido pode existir sem palavras. (VIGOTSKI, 2009, p. 467)

Essa fluidez do sentido torna possível que ele transite por diferentes gradações de significados na consciência do sujeito durante seu desenvolvimento. No âmbito dos conceitos, essas "gradações" são comumente chamadas: *conceitos espontâneos* e *conceitos científicos* (LURIA, 1979; VYGOTSKY, 1998). Os primeiros geralmente são apropriados pela criança no processo de experientiação prática do mundo — partem da vivência imediata cotidiana, encaminhando-se do concreto ao abstrato (VYGOTSKY, 1998). Segundo Luria (1979), as relações direto-figuradas predominam, pois esse sujeito consegue enxergar na concretude objetos designados e generalizados pelas palavras. Já os conceitos científicos partem do conhecimento científico, artístico e filosófico produzido pelos homens ao longo da história da humanidade, constituindo também o gênero humano.

Sobre isso, Duarte (2008) comenta que a passagem ao pensamento por conceitos é um divisor de águas que ocorre, geralmente, no período da adolescência (período de transição), engendrando o desenvolvimento da personalidade, em que a concepção de mundo do adolescente passa a ser guiada por esse “novo” modo de pensamento.

Nessa concepção vigotskiana do desenvolvimento da personalidade por meio do conhecimento mais profundo da realidade objetiva (incluindo nestas as ações realizadas pelos seres humanos e pelo próprio indivíduo em desenvolvimento), evidencia-se a importância da educação escolar, da transmissão do saber objetivo pelo trabalho educativo na escola. Ao conseguir que o indivíduo se aproprie desse saber, convertendo-o em “órgão de sua individualidade” (segundo uma expressão de Marx), o trabalho educativo possibilitará ao indivíduo ir além dos conceitos cotidianos, superá-los, os quais serão incorporados pelos conceitos científicos. Dessa forma, o indivíduo poderá conhecer de forma mais concreta, pela mediação das abstrações, a realidade da qual ele é parte. (DUARTE, 2008, p. 82)

Vale frisar que os conceitos científicos são apropriados pelo sujeito via aprendizagem escolar¹⁴⁶, sendo que eles se incorporam à consciência desse sujeito, tornando-o dialeticamente diferente. Ainda assim, uma criança, por exemplo, pode pronunciar termos que designem conceitos científicos (por exemplo, as palavras “verbo”; “Estado”; “mamífero”) sem compreender as completas generalizações e abrangências significativas desses conceitos, as quais somente durante o processo de desenvolvimento humano têm condições de serem complementadas com conteúdos válidos, corretos. Para Luria (1979),

É natural que sejam totalmente distintos a estrutura dos dois tipos de conceitos e o sistema dos processos psicológicos que participam da formação deles: nos conceitos “comuns” [espontâneos] predominam as relações circunstanciais concretas, nos “científicos”, as relações lógicas abstratas. Os conceitos “comuns” se formam com a participação da atividade prática e da experiência figurado-direta, os “científicos”, com a participação determinante das operações lógico-verbais. (LURIA, 1979, p. 39)

Sendo assim, infere-se que esses dois tipos de conceitos – espontâneos e científicos – não ocupam a mesma posição na vida afetiva/intelectual e material do ser humano. Refletem, pois, formas distintas de experiência e desenvolvimento humano.

¹⁴⁶ Com base em Vigotskii (1988), pode-se adensar tal questão pela via do constructo teórico acerca do *nível de desenvolvimento real* e da *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP), as quais servem de ilustração teórica da relação entre aprendizagem e desenvolvimento que ocorre na realidade/prática. O nível de desenvolvimento real é constituído, principalmente, por aquilo que já foi apropriado pelo sujeito, ou seja, por aquilo que o sujeito consegue realizar sem auxílio de outrem. Já a zona de desenvolvimento proximal é identificada pelas tarefas, operações, ações e atividades, cujo manejo e solução só se tornam viáveis por meio do auxílio de adultos, professores ou outras pessoas mais experientes.

Nesse contexto, os conceitos científicos são elo de conexão entre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, conseqüentemente, da personalidade do sujeito. Sobre isso, Vigotski salienta que

Os conceitos científicos, com seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos. (VYGOTSKY, 1998, p. 115)

Além disso, Vygotsky (1998) remete a formação de conceitos a um sistema de relações de generalidade, em que o conceito submetido ao controle deliberado e consciente começa a fazer parte de um sistema. Assim, se a consciência pressupõe generalização, toda generalização da realidade, por sua vez, pressupõe o desenvolvimento de um conceito supra-ordenado (VYGOTSKY, 1998). Este lança mão da existência de diversos conceitos subordinados, o que gera uma hierarquização motivacional no sistema generalizado dos conceitos, os quais passam a apresentar diversos níveis de generalidade, numa típica combinação relacional do concreto e do abstrato¹⁴⁷. Essa combinação resguarda a possibilidade de que os conceitos espontâneos também se desenvolvam, de modo a chegar numa zona de desenvolvimento proximal que permite a “evolução” destes conceitos espontâneos à condição de conceitos científicos. Um conceito dito espontâneo/cotidiano como o *número*, por exemplo, requer toda uma sistematização e explicação científica, de modo que o *número*, apenas entendido em sua praticidade cotidiana de “contar”, pode passar a conter uma análise científica que lhe configure como conceito científico no desenvolvimento afetivo-volitivo do sujeito.

O próprio pensamento não nasce de outro pensamento mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último *porquê* na análise do pensamento. Se antes comparamos o pensamento a uma nuvem pairada que derrama uma chuva de palavras, a continuar essa comparação figurada teríamos de

¹⁴⁷ Com subsídios em Marx (2011), entende-se que a dinâmica de se abstrair o concreto, pensá-lo sistematicamente, por vias de conceitos científicos e voltar-se a esse concreto com uma visão qualitativamente diferenciada, a visão do concreto pensado, só é possível se, no movimento de abstração desse concreto, houver generalizações e categorizações que permitam a reflexão, o pensamento social desse concreto inicial. Por outro lado, a generalização dos objetos existentes no mundo concreto só é possível se se puder pensá-los não através de dados concretamente dados (como a forma, o tamanho etc.), mas sim sistematicamente, categorizando suas semelhanças e distinções em relação a outros objetos. A generalização é, portanto, o passo inicial para qualquer forma de conceituação.

assemelhar a motivação do pensamento ao vento que movimenta as nuvens. A comparação efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetivo-volitiva. (VIGOTSKI, 2009, p. 479-480. Grifo do autor)

Vale salientar o caráter dialético complementar entre palavra e conceito, em que, mesmo na criança, o uso da palavra dirige arbitrariamente sua atenção a certos atributos de determinados objetos (FACCI, 2004a). A utilização de palavras leva o sujeito a sintetizar e simbolizar conceitos abstratos, passando a fazer uso delas como signos mediadores de várias operações afetivas/intelectuais. Por isso é que, mediante o pensamento abstrato conceitual, o sujeito pode se apropriar e compreender a realidade, a história, bem como a realidade de vida de outras pessoas e de *si mesmo*. Sendo assim, o pensamento em conceitos pode penetrar radicalmente os objetos, chegando a destrinchar os nexos e relações inerentes a esses (VYGOTSKY, 1998). Partindo-se da dialética entre o universal, o particular e o singular, o pensamento em conceitos também pode auxiliar num processo de desenvolvimento mais apurado da consciência social dos sujeitos (OLIVEIRA, 2005).

Por fim, vimos — e devemos-lo sublinhar particularmente — que a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social. A consciência é o reflexo da realidade, refratada através do prisma das significações e dos conceitos *linguísticos*, elaborados socialmente. Estes traços característicos da consciência são todavia apenas os mais gerais e os mais abstratos. A consciência do homem é a forma histórica concreta do seu psiquismo. Ela adquire particularidades diversas segundo as condições sociais da vida dos homens e transforma-se na sequência do desenvolvimento das suas relações econômicas. (LEONTIEV, 1978, p. 88)

Para Vigotski (2009), a formação de conceitos pode ser interpretada como uma estrutura de generalização, engendrando a dinâmica entre os conceitos gerais e os conceitos particulares, assim como entre os conceitos abstratos e os concretos. Ao final, os conceitos *mais complexos* se estabelecem como generalização das generalizações, relacionando conceitos semelhantes entre si e qualificando-os à totalidade da esfera dos conceitos, materializando-se nos significados e sentidos vivenciados pelos seres humanos de carne e osso. Dessa forma, o que confere sentido à atividade humana são as relações sociais que conectam um indivíduo ao restante da sociedade.

A relação entre atividade e consciência humana possibilita a apropriação de conceitos produzidos socialmente por parte dos indivíduos e, ao mesmo tempo, desenvolve, forma e potencializa essa apropriação. Na dialética entre atividade e consciência, ocorre outra dinâmica: a dialética entre a apropriação da atividade e da

palavra gerando o desenvolvimento dos conteúdos afetivo-cognitivos do psiquismo. Isso porque o conceito medeia a representação do mundo na psique humana, mediando também o desenvolvimento de novas funções e habilidades.

O pensamento, assim como todas as outras funções psicológicas superiores, apresenta seu caráter cognitivo unificado com sua dimensão afetiva, por imbricar emoções, significações e suas manifestações mais fluidas, as zonas de sentido. Estas, como já se abordou, tanto apontam para o surgimento de novas necessidades e, portanto, de novas atividades, quanto sintetizam o sentimento e/ou a avaliação racional de uma dada atividade. Dessa forma, o pensar, o sentir e o agir que constituem a personalidade humana são processos inseparáveis que se retroalimentam, complexificando-se no desenrolar das atividades do sujeito. Essa ideia vem de Spinoza e é complementada por Vigotski (2004, 16): a unidade afetivo-cognitiva concatena esses pressupostos por partir de uma compreensão "[...] que entende por afetos, os estados corporais que aumentam ou diminuem a capacidade do corpo para a ação, a favorecem ou a limitam, assim como as ideias que se tem desses estados".

Da mesma forma, os sentimentos como expressões mais complexas da unidade afetivo-cognitiva condensam as necessidades e os motivos desenvolvidos no decurso da história em conceitos e, a partir dessa experiência histórica, sintetizam as correlações entre as sanções positivas ou negativas dos objetos humanos que fornecem sentido à atividade. Para Martins, enquanto as manifestações emocionais são analíticas, capturando e sancionando as características isoladas dos objetos que podem colocar o sujeito singular em ação, os sentimentos condensam em conceitos (significados sociais complexos), "o conjunto de propriedades do objeto ou fenômeno" (MARTINS, 2011, p. 209).

Emoções e sentimentos separados podem ter a mesma denominação, porém, sua origem e o papel que desempenham na vida da pessoa são diferentes. Por exemplo, o *medo*, em condições de perigo para a vida, é uma emoção relacionada com o instinto de conservação, enquanto que o *medo* de fazer algo ridículo ou o de perder a consideração dos demais é um sentimento ligado às reações sociais do indivíduo. (BRAGONADEZHINA, 1969, p. 359. Grifos da autora. Tradução nossa¹⁴⁸)

¹⁴⁸ "Emociones y sentimientos aislados pueden tener la misma denominación; sin embargo, su origen y el papel que desempeñan en la vida del hombre son diferentes. Por ejemplo, el *miedo*, en condiciones de peligro para la vida, es una emoción relacionada con el instinto de conservación, mientras que el *miedo* a hacer el ridículo o a perder la consideración de los demás es un sentimiento ligado a las relaciones sociales del individuo." (BLAGONADEZHINA, 1969, p. 359)

Sobre a dinâmica entre as manifestações emocionais e os sentimentos na constituição da personalidade, Martins explica que

Na regulação das manifestações emocionais, os sentimentos exercem um papel de primeira grandeza, entretanto, essa não é uma tarefa que eles possam desempenhar por si mesmos. É também a serviço dessa regulação que se coloca o desenvolvimento do *autodomínio da conduta*, objetivo maior da formação de cada processo funcional em si e conseqüentemente do próprio sistema psíquico. Vygotski [...] reiteradamente afirmou que a confluência das funções psíquicas só pode ser verificada na *personalidade* do indivíduo, nas propriedades que ela adquire ao tornar-se *maneira de ser* do mesmo. (MARTINS, 2011, p. 209)

Ante o exposto, vê-se que o conceito é a unidade entre pensamento e palavra, a qual compõe os significados desta e permite que o próprio real se transforme em sentimento, ideia, noção, teoria, ciência, poesia, literatura, arte e filosofia. Vigotsky (1999a) coloca os conceitos como reflexos das relações reais entre pessoas, dos problemas que precisam ser solucionados, da relação entre objetos etc., explicando que mesmo os conceitos mais abstratos (como os matemáticos ou físicos, que são apenas deduções teóricas sem comprovação prática possível no momento histórico a que se referem — teorias dos buracos negros, números imaginários etc.) apresentam em seu âmago uma necessidade real que desencadeou uma atividade teórico/prática que a correspondesse¹⁴⁹.

No próximo tópico deste capítulo, abordar-se-á o processo pelo qual a unidade afetivo-cognitiva é expressa pelo significado social e pelo sentido pessoal¹⁵⁰ na relação atividade-consciência que se apresenta na formação da personalidade singular. Sabe-se que essa unidade se complexifica nesse processo de apropriação-objetivação dos signos; dessa forma, as significações como condensações da experiência humana ao

¹⁴⁹ "No trânsito da consciência social para a consciência individual, a linguagem e a atividade coletiva laboral têm papel fundamental. Sendo o trabalho atividade socialmente organizada, a linguagem torna-se necessidade e condição para o desenvolvimento social e individual dos homens. Pela linguagem os homens compartilham representações, conceitos, técnicas, e os transmitem às próximas gerações. O homem apropria-se das significações sociais expressas pela linguagem e confere-lhes um sentido próprio, um sentido pessoal vinculado diretamente à sua vida concreta, às suas necessidades, motivos e sentimentos." (ASBAHR, 2005, p. 111)

¹⁵⁰ "Todo o sentido é sentido de qualquer coisa. Não há sentidos "puros". Razão por que, subjetivamente, o sentido faz de certa maneira parte integrante do conteúdo da consciência e parece entrar na sua significação objetiva. Foi este fato que engendrou na psicologia e na linguística psicologizante um grave mal-entendido que se traduz quer por uma total indiferenciação destes conceitos, quer pelo fato de o sentido ser considerado como a significação em função do contexto ou da situação. Na verdade, se bem que o sentido (sentido pessoal) e a significação pareçam, na introspecção, fundidos na consciência, devemos distinguir estes dois conceitos. Eles estão intrinsecamente ligados um ao outro, mas apenas por uma relação inversa da assinalada precedentemente; ou seja, é o sentido que se exprime nas significações (como o motivo nos fins) e não a significação no sentido" (LEONTIEV, 1978a, p. 97-98).

longo da história apontam determinadas formas de *ser humano* numa dada época¹⁵¹. O *sentido* dessa significação no sujeito singular se edifica na relação desse sujeito com a imagem psíquica formada a partir da conexão entre o motivo e o fim de sua atividade, sendo que a síntese concreta desses processos culmina na formação da personalidade do sujeito. Sendo assim, a análise da expressão da unidade afetivo-cognitiva na personalidade se coloca como indispensável por apresentar essa síntese no sujeito de carne e osso. Se a unidade afetivo-cognitiva se complexifica e, por consequência, complexifica também a relação entre atividade e consciência pelo processo de apropriação dos conceitos, a própria relação afetivo-cognitiva com esses conceitos engendram a atividade humana, gerando um sentido pessoal para esta atividade e, por vezes, novas significações, novos conceitos. Isso é importante porque tudo o que gera sentido para o sujeito afeta a sua personalidade e, conseqüentemente, molda a sua forma de agir, pensar e sentir sobre si mesmo, bem como sobre as relações sociais que o constituem.

3.2.2 O sentido e o significado como expressão da unidade afetivo-cognitiva na personalidade humana

A evolução da investigação acerca da unidade afetivo-cognitiva desemboca necessariamente na análise da personalidade. Isso porque é na existência do sujeito singular que as relações sociais ganham vida. Para Vigotski (1995, p. 337), a personalidade é "o social em nós", que só se torna possível pela tomada de consciência de *si mesmo* e do mundo social que rodeia o ser humano. Em complemento, Leontiev explica que

O conceito de personalidade, assim como o conceito de indivíduo, expressa a integridade do sujeito da vida; a personalidade não se reduz a fragmentos, não é um coral formado por diversos pólipos. Mas a personalidade constitui uma formação integral de um tipo especial. Não é uma integridade condicionada de modo genotípico: a personalidade não nasce, a personalidade se faz. É por isso que não falamos sobre a personalidade de um recém-nascido ou de um lactante, ainda que os traços da individualidade se manifestam nos estágios iniciais da ontogênese com clareza não menor que nas etapas mais tardias. A personalidade é um produto relativamente avançado do desenvolvimento histórico-social e ontogenético do homem. (LEONTIEV, 1978b, p. 137-138. Tradução nossa)¹⁵²

¹⁵¹ Por exemplo, um "bárbaro" adulto da Idade Média, que se configurou a partir de outras relações e significações sociais, teria milhões de problemas para entender a sociedade contemporânea, se fosse possível transplantá-lo de lá para cá.

¹⁵² "El concepto de personalidad, lo mismo que el concepto individuo, expresa la integridad del sujeto de la vida; la personalidad no se reduce a trocitos, no es un "polípero". Pero la

Já de início faz-se necessário apontar, brevemente, a diferença entre os conceitos de indivíduo e de personalidade. Para Leontiev (1978b), o conceito de indivíduo se baseia na indivisibilidade, na integralidade e na presença de particularidades que são próprias ao sujeito como produto do desenvolvimento filio e ontogenético. Sendo assim, o indivíduo é a unidade do desenvolvimento filio e ontogenético da humanidade, que em determinadas condições externas produziram o ser humano como produto do desenvolvimento da vida, como a própria relação com o meio, com a natureza. Segundo Martins, o conceito de indivíduo é

[...] antes de tudo uma formação genotípica que guarda as possibilidades de desenvolvimento filio e ontogenético posto em determinadas condições externas. [...] a individualidade é síntese de peculiaridades congênicas e adquiridas. Já a personalidade constitui uma formação integral de um tipo especial que não pode ser referida da palavra adaptativa, pois é criada, realizada pelas relações sociais que o indivíduo estabelece por meio de sua atividade revelando-se como um produto relativamente avançado do desenvolvimento histórico-social e ontogenético do homem. (MARTINS, 2007, p. 88)

O indivíduo, portanto, tanto tem gravado em seu ser, em seu DNA, o processo de construção da sociedade quanto é o principal agente de construção e transformação dessa sociedade. Assim, como na relação entre significado e sentido, em que este é uma manifestação mais fluida daquele, a personalidade é uma manifestação fluida da constituição do indivíduo. Aqui, o momento histórico, as vivências desse indivíduo, seu movimento de apropriação-objetivação na relação com o gênero humano e a estruturação da sua atividade, com *hierarquização de seus motivos*, vão moldando a sua *forma de ser* como pessoa. A personalidade se coloca como atributo do indivíduo que tem sua constituição no próprio desenvolvimento da humanidade. É por isso que se defende, em concordância com Martins,

[...] a personalidade como autoconstrução da individualidade por conquista de sua genericidade, ou seja, síntese de processos biológicos e psicológicos que em interação dialética com o meio transforma o indivíduo de maneira criadora e autocriadora graças à ação e consciência.
A construção do indivíduo pressupõe que durante sua vida ele vá apropriando-se das objetivações, garantindo sua própria objetivação

personalidad constituye una formación integral de un tipo especial. No es una integridad condicionada de modo genotípico: la personalidad no nace, la personalidad *se hace*. Es por eso que tampoco hablamos sobre la personalidad de un neonato o un lactante, aunque los rasgos de la individualidad se ponen de manifiesto en los estadios tempranos de la ontogénesis con claridad no menor que en las etapas *más tardías*. *La personalidad es un producto relativamente avanzado de desarrollo histórico-social y ontogenético del hombre*" (LEONTIEV, 1978b, p. 137-138).

como pessoa. Temos então que a personalidade representa uma objetivação da individualidade, o *estilo pessoal* que lhe configura e, como tal, revela-se a continuidade na mudança permanente do processo de individualização. Estruturar essa continuidade, esta coerência interna, significa estruturar a personalidade, que para cada indivíduo se realiza segundo as condições concretas de sua vida aliadas às suas possibilidades para uma atividade consciente. (MARTINS, 2004, p. 86. Grifo nosso.)

A personalidade é formada pela trama de relações sociais produzidas pelos indivíduos de uma dada sociedade¹⁵³. Por isso, ao mesmo tempo em que revela sua dimensão subjetiva, ressalta sua objetividade, uma vez que é formada nas condições sociais objetivas, unindo *atividade externa* e *atividade interna*. Essa objetividade da formação da personalidade está calcada na atividade humana que conecta sujeito e objeto (ser humano/natureza; indivíduo/sociedade), produzindo no sujeito sua própria *personalidade*, o seu próprio *eu*. Retomando a dinâmica sujeito-atividade-objeto, coloca-se que as relações estabelecidas entre as diferentes atividades desenvolvidas pelos seres humanos são *relações sociais*. Essas relações são fundamentais para o indivíduo, mas, por se constituírem numa trama entre as milhares de atividades produzidas por milhares de indivíduos de um dado tempo histórico, num dado modo de produção, elas não determinam a constituição do psiquismo singular de maneira imediata; pelo contrário, precisam antes ser mediadas pelos signos e instrumentos da atividade humana. Mas o essencial aqui é que são as condições sociais objetivas de produção que determinam a existência da atividade e não apenas a vontade psicologicamente instaurada de um indivíduo, como os idealistas e os subjetivistas afirmam.

Segundo Martins (2004), as condições objetivas que levam um determinado indivíduo a desempenhar uma dada atividade vão determinar também que o sujeito da ação possa refletir psiquicamente as características dessa atividade, concatenando conceitos (espontâneos e científicos), ideias e formulações acerca do *fez*, com o sentido que esse *fazer* reflete em sua personalidade.

As características da atividade determinam que o sujeito da ação possa refletir psiquicamente as relações entre ações (e seus fins), pois o sentido do ato já não se encerra em si mesmo, não se fecha na especificidade de seu fim, mas surge refletido em suas ligações com os motivos e as finalidades da atividade na qual se insere. Assim sendo, para que o homem possa apreender as ligações entre o motivo da atividade e as relações entre ações em seus fins

¹⁵³ Segundo Martins (2004, p. 86) “a construção do indivíduo pressupõe que durante sua vida ele vá apropriando-se das objetivações, garantindo sua própria objetivação como pessoa. Temos então que a personalidade representa uma objetivação da individualidade, o estilo pessoal que lhe configura e como tal revela-se a continuidade na mudança permanente do processo de individualização”.

específicos, há a necessidade de que estas conexões se firmem, a partir da ação concreta, na “cabeça” do homem; *configurem-se sob a forma de ideias a serem conservadas pela consciência* [como conceitos]. Apenas por esta via poderá o homem atribuir significados e chegar ao sentido de suas próprias ações. (MARTINS, 2004, p. 88)

Compreende-se, assim, a personalidade como síntese afetivo-cognitiva da relação entre atividade e consciência no sujeito singular. Essa síntese se constitui pela encarnação dos significados sociais que sobremaneira vão adquirindo sentidos pessoais na coincidência entre o motivo e o objeto da atividade. É por isso que a ligação entre os motivos da atividade do sujeito singular ou da atividade humana em geral passa a fazer sentido tão logo o indivíduo comece a conceituar, pensar, sentir sobre as *conexões entre o motivo da atividade e as relações entre ações em seus fins específicos*. Uma vez que isso se constitua na consciência pela formulação de ideias (conceituações), esse sujeito passa a compreender e atribuir significados à atividade, às suas ações. Nesse desenrolar, o significado passa a ser *sentido/afetado particularmente*, passa a afetar a personalidade desse sujeito por engendrar em si um *sentido pessoal*. É por isso que, além da unidade afetivo-cognitiva se constituir na relação entre atividade e consciência — se configurando como mecanismo e lógica interna de funcionamento dessa relação —, ela se materializa nas produções humanas¹⁵⁴ por meio dos significados sociais (complexificados em conceitos) e dos sentidos pessoais como produtos da atividade humana.

Além desse caráter duplicado e social da consciência¹⁵⁵, cabe lembrar que Vigotski não tem uma visão racionalista da consciência, trata-se de um processo ao mesmo tempo cognitivo e afetivo, que reflete a realidade objetiva, mas também a refrata, em função das necessidades e motivos do sujeito. Ou seja, a consciência aqui não é apenas consciência de algo (aspecto cognitivo), mas sempre consciência de alguém com relação a algo (aspecto afetivo). (DELARI JR., 2012, p. 7)

A relação entre atividade e consciência, entretanto, só existe nas relações objetivas sob a forma de atividade, em que a consciência reflete afetivo-cognitivamente, como ato psíquico o experienciado pelo sujeito, as relações deste com outros indivíduos e com o mundo que o cerca (MARTINS, 2004). Por se relacionarem afetivo-cognitivamente, atividade e consciência traduzem sua relação sob a forma de

¹⁵⁴ Produções artísticas, filosóficas, científicas, musicais etc., as quais não foram explanadas em toda a sua riqueza neste trabalho (por fugir de seu objetivo), mas apontadas de início pela formação de conceitos e pela formação da própria personalidade que vem se trabalhando aqui.

¹⁵⁵ “[...] sou consciente de mim mesmo porque passo a atuar com relação a mim, tal como antes atuava com relação ao outro, torno-me consciente de quem sou, sendo um outro para mim mesmo” (DELARI JR., 2012, p. 7).

significados sociais e sentidos pessoais. Os significados, sendo as formas objetivas (objetivadas) pelas quais todos os indivíduos podem se apropriar da experiência histórica humana generalizada, possibilitam a construção do conhecimento e a formação do gênero humano. Entretanto, ao se colocarem como objetos da ação humana, acabam por se converter em dado do reflexo psíquico de um sujeito determinado, passando a desempenhar um papel específico na forma desse sujeito se relacionar com o mundo e consigo mesmo. Ao assumir o papel de sentido subjetivo, o significado gera seu conteúdo particular na vivência de determinado indivíduo sem perder a sua objetividade social generalizada (MARTINS, 2004).

Sendo assim, a personalidade é formada na atividade e encorpa a atividade consciente que é apreendida como ato psíquico experienciado pelo indivíduo. Ao se formar na e pela atividade, a personalidade, assim como a consciência, acaba por incorporar a essência da estrutura da atividade, possibilitando a composição da singularidade do sujeito como resultado desse processo. Nesse sentido, pode-se falar da estrutura motivacional da personalidade que encampa o contíguo de motivos "construídos pelo indivíduo em decorrência das atividades que o colocam em relação com o mundo, e de estrutura emocional, ao sistema de relações mútuas entre o experimentado pelo indivíduo e os sentimentos mobilizados pela experiência" (MARTINS, 2007, p. 108).

A estrutura motivacional da personalidade se constitui segundo a dinâmica que engendra a estrutura da atividade — necessidades, motivos e finalidades das ações — e a dinâmica entre significados sociais e sentidos pessoais, sendo que estes últimos formam o *núcleo da estrutura motivacional da personalidade*. Para Martins (2004), na estrutura motivacional da personalidade podem existir movimentos de interpenetração entre significados e sentidos, em que tanto os sentidos podem se formar a partir dos significados quanto os significados sociais podem se ressignificar pela força criativa expressa no sentido subjetivo que foi desencadeado, produzindo novos sentidos aos significados existentes.

Esse processo, por sua vez, é **acompanhado de reações emocionais e sentimentos** ou, por outra, revela-se também como vivência emocional que se diferencia em duas categorias fundamentais: as emoções e os sentimentos. Segundo Leontiev as emoções cumprem a função de sinais internos e resultam das relações entre necessidades, motivos e possibilidades de realização das atividades que respondem a eles. **Motiva reação emocional aquilo que acena positiva ou negativamente à satisfação dos motivos da pessoa.** Expressam-se como reflexo sensorial direto ou vivência imediata da atualização do motivo em atividade, prescindindo, portanto, de **mediações cognitivas**. Diferentemente das emoções ou afetos, que são sempre circunstanciais, os **sentimentos podem ter um caráter**

circunstancial ou constante e prolongado, podendo em sua manifestação, inclusive, independe de uma situação exatamente determinada. (MARTINS, 2004, p. 90. Grifo nosso)

Já se enfatizou neste trabalho as reações emocionais como sinalizações que resultam das relações entre as necessidades, os motivos e as possibilidades de satisfação das atividades a que eles correspondem. Aqui, os motivos hierarquizados na personalidade são sinalizados positiva ou negativamente, possibilitando uma resposta concreta do sujeito, assim como uma reação emocional contida nessa resposta. Esse processo ocorre mediante a mediação, em diferentes tons, das funções psicológicas superiores — que se complexificam nesse processo, além de possibilitarem a apreensão cognitiva dos processos que engendram tal atividade — catalisam uma resposta cognitiva-emotiva para ela.

Em meio a isso, Martins (2004) explica que os estados emocionais humanos possuem uma história de desenvolvimento pela complexificação das atividades humanas que acabam por complexificar também seus elementos constituintes e seus produtos. Sendo assim, os estados emocionais foram se diferenciando e adquirindo uma dimensão motivacional que fundamenta o sentido do experienciado, de modo que, dependendo da sanção positiva ou negativa dos motivos da atividade, esses estados podem tanto organizá-lo quanto desorganizá-lo. Novamente como na dinâmica entre significado e sentido, emoções e sentimentos são zonas mais fluidas ou mais estáveis de um mesmo processo. Os sentimentos são os estados emocionais mais complexos, que, por apresentarem uma natureza histórico-social, engendram conceitos que expliquem tais estados emocionais.

Os sentimentos são específicos dos homens, possuem natureza histórico-social, originando-se de necessidades e vivências culturais e organizando-se em função das condições sociais de vida e das atitudes do homem perante suas experiências. Embora possuam uma dimensão individual, por sua natureza são sempre sociais e históricos.

[...] É por esta razão que os sentimentos dependem sempre de objetos e fenômenos em conjunto e não de suas propriedades isoladas, motivando-se por complexas relações temporais estabelecidas entre a experiência passada, as expectativas futuras e a realidade presente. (MARTINS, 2004, p. 90-91)

Esse processo, portanto, só pode ocorrer pela unidade afetivo-cognitiva que, como máxima expressão da relação entre atividade e consciência, se corporifica no estilo pessoal de cada ser humano compondo suas formas de pensar, sentir e agir no mundo concreto das relações sociais e no mundo interno das aspirações individuais. Contudo, vale destacar que as emoções e os sentimentos não seguem a mesma

lógica de complexificação das funções cognitivas. São funções psicológicas que nascem da relação entre intelecto e mundo. Segundo Blagonadezhina,

As emoções e os sentimentos não são, como as funções cognitivas, o reflexo mesmo dos objetos e fenômenos reais, ao contrário são o **reflexo da relação que há entre eles**, das necessidades e dos motivos da atividade do sujeito. Nem todo objeto ou fenômeno real motiva uma atitude emocional em relação a ele: muito do que se percebe é indiferente. Somente motiva uma reação emocional aquilo que de uma maneira direta ou indireta serve para satisfazer **as necessidades do sujeito e está ligado às exigências sociais**. As emoções e os sentimentos são as vivências de que os objetos e fenômenos reais correspondem, ou não, às necessidades do ser humano e às exigências da sociedade. (BLAGONADEZHINA, 1969, p. 355. Grifos nossos. Tradução nossa)¹⁵⁶

Em concordância com essa autora, falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da união do "reflexo mesmo dos objetos", isto é, sua imagem objetiva que se configura na atividade humana, com a imagem subjetivada desse objeto na consciência (como reflexo das relações que existem entre os objetos e fenômenos do mundo real). Os significados que esses objetos passam a ter socialmente incorporaram um sentido na medida em que esses objetos corresponderem ou não às *necessidades do ser humano e às exigências das relações sociais pautadas no momento histórico/produtivo de uma dada sociedade*. Sendo assim, conforme Magliolino (2010, p. 166), "a emoção está no âmago do processo de significação, de tudo o que tem sentido e significado na vida" do sujeito e na produção do gênero humano. Para Leontiev (1978b), a relação que as emoções e os sentimentos empreendem com o motivo da atividade gera a unidade entre a estrutura motivacional da personalidade e os aspectos emocionais da atividade, o que produz uma triagem, uma seleção afetivo-volitiva, dos motivos que direcionam a atividade.

Na esfera dos motivos hierarquizados na personalidade, Leontiev (1978b) apresenta dois tipos de motivos: os *geradores de sentido*¹⁵⁷ e os *apenas compreensíveis*¹⁵⁸. Os *motivos apenas compreensíveis* são aqueles que não geram um sentido pessoal por não estarem conectados diretamente com a finalidade da

¹⁵⁶ "Las emociones y los sentimientos no son, como las funciones cognoscitivas, el reflejo mismo de los objetos y fenómenos reales, sino que son el reflejo de la relación que hay entre ellos, las necesidades y los motivos de la actividad del sujeto. No todo objeto o fenómeno real motiva una actitud emocional hacia él: mucho de lo que se percibe es indiferente. Solamente motiva una reacción emocional aquello que de una manera directa o indirecta sirve para satisfacer las necesidades del sujeto y está ligado a *las exigencias sociales*. *las emociones y los sentimientos son la vivencia de los objetos y fenómenos reales corresponden, o no, a las necesidades de hombre y a las exigencias de la sociedad*" (BLAGONADEZHINA, 1969, p. 355. Grifos nossos)

¹⁵⁷ Ou motivos realmente eficazes.

¹⁵⁸ Ou motivos estímulos.

atividade. No entanto, de modo indireto, esses motivos impulsionam emotivamente, positiva ou negativamente, a atividade. Apresentam, pois, função sinalizadora em relação à atividade, desencadeando fatores que apenas a impulsionam. Por exemplo, um aluno que entra em uma faculdade apenas com o objetivo de obter o diploma. Nesse caso, o ato de ingressar em uma faculdade é externo ao estudante e apenas serve como um estímulo à atividade. Se a motivação dele é apenas pegar o diploma, sua maior preocupação será com a nota e não com o aprendizado efetivo. Assim, a “cola” e outras ações similares podem se tornar um hábito frequente.

Os *motivos geradores de sentido* são aqueles que efetivamente permitem a atribuição do sentido pessoal à atividade, porque “há uma relação consciente entre os motivos da atividade e os fins das ações” (ASBAHR, 2011a, p. 89). Esse segundo grupo se caracteriza pela identificação da atividade com seu motivo original, como entrar para a faculdade para aprender, se apropriar de um determinado conhecimento ou profissão. Nesse caso, o motivo deixou de ser externo e passou a ser realmente eficaz, pois gerou um sentido pessoal para o processo de aprendizagem de uma profissão. Outro exemplo, neste caso, é o de um estudante que vai à biblioteca do colégio para retirar um livro de mistério para ler porque gosta deste tipo de literatura. Aqui, a finalidade da ação – pegar um livro emprestado – corresponde ao motivo que gerou toda a atividade – ler um livro de mistério, porque o estudante gosta desse tipo de leitura (além disso, tem-se intrinsecamente conectado ao motivo da atividade uma dimensão afetiva mediando a escolha cognitiva de algo).

Segundo Leontiev (1978a), o processo de transformação da ação em atividade expressa a forma pela qual surgem todas as atividades, as novas relações do indivíduo com a realidade e as mudanças de atividade principal. Segundo o mesmo autor, a transformação de motivos externos para internos ou de *apenas compreensíveis* para *realmente eficazes* é comum durante o processo de desenvolvimento, mas não pode ser visto como um processo natural e espontâneo.

Ao longo do desenvolvimento, muitas atividades são inicialmente motivadas por *apenas motivos compreensíveis*. Nenhuma criança entra na escola com o objetivo de aprimorar seu desenvolvimento humano, por exemplo. Estudar não é essencialmente prazeroso. Na maioria dos casos, a entrada na escola pela criança é imposta pelos pais ou pela sociedade. No primeiro momento, o motivo da criança estudar é *apenas compreensível* e imposta externamente. Seu motivo seria agradar os pais com boas notas, por exemplo. No entanto, durante processo de estudo, a criança pode acabar descobrindo um novo mundo e novas relações e conceitos, de modo que o resultado de sua ação se torna mais significativo que o motivo que realmente a induziu. Ou seja, no início, a criança estuda para agradar aos pais, mas, no decorrer do estudo, pode

acabar gostando tanto do conteúdo como do processo. Assim, surgem novas necessidades e motivos, de modo que, depois de alguns anos, ela pode atingir um *motivo realmente eficaz* no ato de estudar. Pode ser que, depois de alguns anos, estudar e aprender tornem-se uma necessidade que, se motivada, dá vazão a uma atividade repleta de sentido para esse sujeito. Sendo assim,

As relações hierárquicas estabelecidas entre motivos geradores de sentido e os motivos-estímulo são, por sua vez, estabelecidas pela atividade da pessoa, de tal forma que numa atividade certo motivo pode cumprir a função de gerar sentido e em outra, a função de estimulação complementar e vice-versa. Dessa forma, a estrutura motivacional da personalidade apenas pode ser desvelada na análise de todo o sistema de atividades, pelo qual ambas, estrutura motivacional e personalidade, formam-se. (MARTINS, 2004, p. 91)

Como a relação afetivo-cognitiva entre atividade e consciência é transladada socialmente ao nível do sujeito concreto, a constituição da personalidade expressa e direciona tal relação ao longo da vida desse sujeito. A constituição de personalidade apresenta quatro propriedades que sintetizam a forma como cada pessoa possui "particularidades individuais do psiquismo geradas pela atividade humana" (MARTINS, 2007, p. 93). Segundo Martins (2007), essas propriedades¹⁵⁹ são denominadas: 1) temperamento; 2) capacidades; 3) aptidões; e 4) caráter.

A primeira dessas propriedades da personalidade comporta os aspectos genotípicos do indivíduo. Os traços de temperamento são as qualidades naturais, os aspectos biológicos da atividade psíquica mais estáveis e, geralmente, herdados. Sobre isso, Martins escreve

É sabido que mesmo depois do nascimento o cérebro continua a se desenvolver, especialmente (não exclusivamente!) na primeira infância. Neste processo operam experiências sensoriais, emocionais e cognitivas, de tal forma que experiências formativas tradicionalmente consideradas puramente sociais ou psicológicas na verdade sustentam a criação de conexões neurônicas e o estabelecimento de parâmetros hormonais e emocionais que tornam único o cérebro de um indivíduo e os padrões de comportamento que ele adquire. (MARTINS, 2007, p. 93-94)

Dessa forma, fazendo-se um recorte, a propriedade de temperamento da personalidade atua no processo de instauração da atividade junto à matriz sensorial do psiquismo. Petrovski (*apud* MARTINS, 2007, p. 95-96) aponta seis tipos de temperamento que, combinados em diferentes níveis, fundamentam características

¹⁵⁹ Aqui, entretanto, apenas far-se-á menção aos aspectos dessas propriedades que se conectam mais diretamente com o objeto desta pesquisa.

psicológicas inatas que podem ser reniveladas socialmente. São eles: a) sensibilidade (velocidade no surgimento de reações psíquicas); b) reatividade (força da reação emocional); c) atividade (grau de energia com que o sujeito age no mundo exterior); d) plasticidade/rigidez (grau de "resiliência"); e) ritmo de reações (velocidade de execução das diversas reações afetivo-cognitivas ou processos psíquicos); f) extroversidade/introversidade (determinação das impressões exteriores de determinada situação, com suas imagens, representações e ideias no surgimento de reações e atividades temperamentais). Vê-se que o temperamento é dotado de disposições neurofisiológicas e de qualidade emocional que predispõem o indivíduo a realizar determinada atividade de determinado modo¹⁶⁰.

As capacidades, apresentadas como segunda propriedade da personalidade, são as formas humanas de se objetivar no mundo. Elas fazem parte de um sistema de atividades psíquico-físicas que dão origem à atividade humana por objetivarem a satisfação de necessidades, levando em conta as sinalizações advindas das reações temperamentais (MARTINS, 2007). As capacidades atuam em par com as emoções na avaliação dos motivos da atividade (de acordo com os resultados esperados desta), de modo que essas capacidades são mobilizadas e desenvolvidas durante a execução das ações que estruturam a atividade. Para Martins (2007), as capacidades aparecem no curso da atividade, apesar de que, para se realizar tal atividade, é necessário que o sujeito já disponha de algumas capacidades. Em seu desenvolvimento, essas capacidades físicas e psicológicas vão demandando a complexificação das mais diversas funções psicológicas, participando de sua transformação de elementares a superiores. Esse processo por si só já não pode existir senão pela determinação de aspectos cognitivos, referentes à apreensão do objeto, em união com aspectos afetivos da atividade, no que se refere à relação que esse objeto engendra com outros objetos, com outras pessoas, consigo mesmo etc.¹⁶¹

[...] a divisão e especialização do trabalho têm conduzido à especialização das capacidades humanas, o que as coloca sob um absoluto condicionamento histórico-social. Assim sendo, as capacidades não são dons do indivíduo, mas produtos da história humana. Desenvolvem-se pela apropriação da linguagem, dos instrumentos de trabalho, da ciência, da arte etc. Os homens

¹⁶⁰ "Enfim o temperamento abarca características entre as quais se considera a suscetibilidade e o estilo de reação a uma estimulação, a velocidade e intensidade de resposta, o nível de atividade, a qualidade de estado de ânimo predominante etc., expressos na forma de ansiedade, irritabilidade, impulsividade, placidez, entusiasmo, quietude etc." (MARTINS, 2007, p. 96-97)

¹⁶¹ Além disso, as capacidades engendram hábitos (sínteses de operações automáticas, treinadas) e habilidades (complexificação dos hábitos, possibilitando à pessoa realizar ao mesmo tempo diversas operações, tornando a execução de ações mais complexas mais fácil).

constroem suas capacidades à medida que conquistam as objetivações humanas. (MARTINS, 2007, p. 98)

Como exemplo desse condicionamento histórico-social das capacidades humanas tem-se a divisão do trabalho social por gênero, em que determinadas atividades são "de mulher" e outras "de homem". Com isso, homens podem desenvolver melhor seus músculos e suas capacidades mecânicas ao consertarem carros, enquanto as mulheres podem desenvolver melhor sua capacidade motora fina e atenção concentrada ao costurar, por exemplo. Nesse processo, a própria divisão social do trabalho leva ao desenvolvimento de capacidades distintas a seres humanos vistos como distintos — e, nas sociedades de classes, a seres humanos de classes distintas.

Já a terceira propriedade da personalidade segundo Martins (2007), as aptidões, facilitam o desenvolvimento de certas capacidades e dificultam o de outras, uma vez que se definem como as peculiaridades anátomo-fisiológicas que caracterizam as diferenças inatas entre as pessoas, fornecendo a umas um "ouvido absoluto" — treinável — e a outras a possibilidade de dar um "duplo twist carpado" na ginástica olímpica, por exemplo.

Por fim, com a síntese dessas propriedades, têm-se os traços de caráter. Esses traços envolvem todas as outras propriedades da personalidade humana por dizerem respeito aos traços essenciais ou estilo pessoal que configura cada pessoa (MARTINS, 2007). Por se tratar de uma síntese pessoal, o caráter expressa a unidade afetivo-cognitiva por sintetizar a forma como a relação entre atividade externa e atividade interna/consciente se dará. Sendo assim, a forma como a imagem subjetiva da realidade objetiva/social se apresentará no psiquismo do sujeito dependerá, também, do que foi desenvolvido em sua personalidade como traços de caráter. Do mesmo modo, o que já foi desenvolvido desses traços articulará a própria percepção, memorização, atenção, emoção, pensamento/sentimento do indivíduo na formação de sua imagem subjetiva. Sendo assim, os traços de caráter são resultados da relação entre sujeito-objeto, sujeito-mundo, qualificando as diferentes atitudes do sujeito perante situações distintas¹⁶².

¹⁶² Há uma diferenciação dos traços de caráter em *caráter psíquico* e *caráter moral*, sendo os primeiros formados pelo conjunto de traços psíquicos fundamentados nas vivências do sujeito; os segundos demandam que o sujeito se eleve acima de suas motivações particulares, eleja e sustente valores para além da particularidade e desenvolva sua capacidade de aplicar tais valores nas demandas reais de sua vida (MARTINS, 2007). Sendo assim, "a espontaneidade está para o 'caráter psíquico' na mesma medida em que a consciências, a criticidade, o ser-sujeito estão para o 'caráter moral'" (Idem, p. 105).

A psicologia fundada no materialismo histórico-dialético, [...] destaca dois grandes sistemas de traços de caráter. O primeiro grupo compreende os traços que refletem o sistema de relações com a realidade externa, ou para com a sociedade, para com as outras pessoas e para com o trabalho. Por exemplo: coletivismo, humanitarismo, sinceridade, autenticidade, individualismo, egoísmo, honestidade, laboriosidade, iniciativa pessoal, negligência etc. O segundo grupo abarca as atitudes perante a realidade interna ou para com a própria pessoa. Envolvem os traços advindos da auto-avaliação, como por exemplo: autocrítica, autoestima, arrogância, prepotência, segurança/insegurança pessoal, timidez etc.; bem como os traços volitivos de caráter, que refletem como o indivíduo regula conscientemente sua atividade com vistas ao máximo desenvolvimento de si mesmo, por exemplo: orientação a um fim determinado, decisão própria, independência, sugestionabilidade, perseverança, domínio de si, autodisciplina, coragem etc. (MARTINS, 2007, p. 103)

Nesse sentido, o que a pessoa é dependerá desse amálgama de traços que refletem o sistema de relações entre o sujeito consigo mesmo (realidade interna). Entretanto, o que a pessoa saberá do que é (compreensão de si, consciência de si), dependerá das relações sociais em que está inserido e cuja ação ajuda a construir. Por isso, no sistema capitalista de produção alguns traços de caráter são mais requeridos e, conseqüentemente, desenvolvidos do que outros. No âmbito do sujeito, essa determinação puramente externa pode entrar em choque com suas aspirações, volições, ideias e sentimentos. Outrossim, essas propriedades essenciais da personalidade formam o estilo pessoal de atividade do sujeito, compreendendo seus motivos, emoções e sentimentos. Para Martins,

Se considerarmos que os sentimentos se originam das atividades pelas quais o indivíduo estabelece relações com o mundo, seu conteúdo encontra-se unido aos interesses e tendências gerais da personalidade, ou aos seus motivos. Por isso, não se podem avaliar as propriedades da personalidade, sejam elas temperamento, capacidades e caráter, senão em seu conjunto e por suas relações com os sentimentos e motivos da pessoa.

As emoções e os sentimentos estão inseparavelmente ligados às necessidades, de cuja satisfação/insatisfação dependem. (MARTINS, 2007, p. 108)

O que fornece base à configuração da estrutura motivacional da personalidade e à sua estrutura emocional, tonalizando também sua propriedade¹⁶³, é a vivência subjetiva/pessoal. A vivência se configura como unidade fundamental da personalidade por ser a própria união entre ela e o meio social (VIGOTSKI, 2009b). A vivência se reflete na formação do próprio "eu", sintetizando personalidade e meio. As configurações de vivências, portanto, como elo com o meio, podem levar o sujeito a

¹⁶³ Na mesma medida em que mobiliza diversas funções psicológicas superiores.

desenvolver vontades, interesses, juízos, autocontrole da conduta. Algumas vivências passarão despercebidas pelo sujeito por não mobilizarem *motivos geradores de sentido*. Outras, porém, deixarão marcas na constituição da personalidade do sujeito justamente por mobilizarem tais motivos. Essas vivências são chamadas por Martins (2011) de *vivências afetivas*, uma vez que modificam a atitude da pessoa em relação ao objeto por meio de uma mudança do tono reativo determinado pelo objeto. Isso advém de relações afetivo-cognitivas, em que a relação (afetiva) do sujeito com o objeto requalifica a própria apreensão cognitiva deste na consciência do sujeito. Porém, em condições desintegradoras do desenvolvimento da consciência humana, como nas relações de exploração da sociedade capitalista, fica difícil desenvolver um autocontrole da conduta que direcione essas aspirações, volições, ideias e sentimentos de vivências para o "lugar" adequado.

Como ponto final deste trabalho, buscar-se-á fornecer alguns apontamentos preliminares à discussão da alienação da relação atividade-consciência e, conseqüentemente, da unidade afetivo-cognitiva que se expressa nesta relação — alienação esta decorrente das relações de dominação e exploração que se estabelecem nas sociedades de classes, assentadas sobre a divisão do trabalho e a propriedade privada, como é o caso da sociedade capitalista contemporânea.

3.3 A alienação da unidade afetivo-cognitiva: apontamentos preliminares

Até aqui, fez-se a opção metodológica por um determinado aspecto do movimento de sistematização teórico-abstrata da unidade afetivo-cognitiva, a partir do arcabouço teórico da Psicologia Histórico-Cultural. Assim, dada a incipiente sistematização do conceito e a carência de estudos sobre o tema, optou-se por abordá-la em sua positividade, ou seja, em seu caráter histórico-ontológico, portanto, abstrato. Em outras palavras, definindo o que é a unidade afetivo-cognitiva no seio do processo de humanização; contextualizando-a no processo de desenvolvimento dos indivíduos como seres pertencentes ao gênero humano, porém descolada das relações sociais que, dialeticamente, impõem uma condição de alienação ao processo de humanização. Assim, dada a complexidade dessa sistematização, restou pouco espaço neste trabalho acadêmico para, agora, negá-la concretamente no âmbito das relações sociais de exploração, dominação e alienação produzidas pelo sistema capitalista de produção. Todavia, por se saber que a unidade afetivo-cognitiva não é expressão puramente abstrata da atividade consciente humana, o esforço que se empreenderá aqui é o de fornecer as bases e alguns direcionamentos preliminares

para o estudo de como a unidade afetivo-cognitiva se aliena. Dados os objetivos desta pesquisa, o holofote estará direcionado, aqui, à dimensão psicológica da alienação¹⁶⁴, sem preterir sua análise material, econômico-social¹⁶⁵.

Nas sociedades de classes ocorre um esvaziamento do trabalho, em que a relação entre os motivos e os fins da atividade (seu conteúdo) fica cindida — fato que gera um hiato crescente entre o sentido pessoal e o significado social da atividade. Sobre esse processo, Almeida, baseada em Leontiev, afirma que,

Ao remontar o desenvolvimento histórico da consciência, [Leontiev] esclarece que com a divisão social do trabalho e com a propriedade privada sucede uma dissociação entre o conteúdo e o motivo da atividade, ou, uma ruptura entre o significado e o sentido. Nas relações sociais capitalistas, a alienação provoca o efeito de que o sentido do trabalho de um operário passa a ser o salário (relação com o trabalho abstrato), com o que obtém os meios de satisfação de suas necessidades e não a significação social de seu trabalho concreto, relacionado com a demanda social de tal ou qual produto. O exemplo dado por Leontiev é do tecelão. O sentido da tecelagem para o operário é dado por aquilo que o leva a tecer. Na sociedade capitalista, o único sentido é a obtenção do salário, e não as necessidades sociais de tecido. Fica evidente a relação entre a atividade material do trabalho e a estrutura da consciência, que também dissocia o sentido da significação social (ALMEIDA, 2008, p. 67).

Nesse sentido, essa ruptura entre significação social (o que o sujeito está fazendo) e sentido pessoal (aquilo que conecta na consciência o objeto — conteúdo — ao motivo de sua ação) acaba por fraturar a própria relação entre atividade e consciência e sua expressão psicológica afetivo-cognitiva (como unidade afeto-cognição). Ou seja, restringe a capacidade dos sujeitos de apreender cognitivamente os objetos que orientam sua atividade e, indissociavelmente, de apreender afetivamente as relações desse objeto com todos os aspectos do mundo circundante, inclusive consigo mesmo. Como afirma Martins, a dissociação entre sentido e significado "impossibilita o indivíduo viver a unidade entre as experiências subjetivas e

¹⁶⁴ Martins (2007, p. 131-132) discute cinco formas de expressão psicológica dos fenômenos de alienação: 1) *sentimento de impotência* (em que as condições objetivas de vida do sujeito o impedem de desenvolver "capacidades necessárias à autogestão de sua vida"); 2) *sentido do absurdo* (vivência da contradição entre os aspectos emocionais de satisfação do motivo de sua atividade e as possibilidades concretas de alcance desses resultados); 3) *isolamento* (que incorpora a alienação do homem pelo homem, em que os grupos e valores sociais vão se tornando alheios à sanção emocional e cognitiva do objeto e das relações objetivas que satisfaçam uma dada necessidade); 4) *autoestranhamento* (em que o sujeito tanto não se reconhece afetivamente naquilo que produz quanto não se compreende como ser ativo nas relações sociais das quais faz parte); e, 5) *ausência de normas* (em que há uma ruptura de vínculo com as normas da sociedade). Essas formas de alienação expressas psiquicamente possibilitam a fetichização do sujeito e de suas relações afetivo-cognitivas com o mundo, tornando a relação atividade-consciência fragmentárias e contraditórias.

¹⁶⁵ Sobre a qual já se discutiu no segundo capítulo desta dissertação.

objetivas, obliterando o desenvolvimento máximo de sua genericidade consciente" (MARTINS, 2007, p. 130).

Essa cisão, por sua vez, vai determinar uma forma dissociada de estruturação da consciência. Considerando-se que os aspectos emocionais, mais diretamente conectados ao sentido da ação, estão dissociados do seu significado social, as emoções, sentimentos e pensamentos (ideias, conceitos) que acompanham tal ação podem ganhar contornos psicológicos negativos, traduzindo-se naquilo que Leontiev define como problemas ou contradições da consciência (LEONTIEV, 1978b). Essas contradições se assentam na contradição fundamental das sociedades de classes, entre o trabalho como atividade vital humana e o trabalho alienado, a qual se desdobra nas contradições entre a atividade e a consciência; entre a atividade e seus objetos e objetivos; entre a reprodução do indivíduo e a reprodução da sociedade; entre o aspecto individual do trabalho e a sua função social; entre a vida do indivíduo e a vida genérica; entre os próprios homens.

Assim, segundo Duarte,

No que se refere aos processos psicológicos, a ruptura entre o sentido e o significado das ações humanas tem como uma de suas consequências o cerceamento do processo de desenvolvimento da personalidade humana. Isso ocorre porque o indivíduo, por vender sua força de trabalho e, em decorrência disso, ter o sentido de sua atividade como algo dissociado do conteúdo dessa atividade, acaba distanciando o núcleo de sua personalidade da atividade de trabalho. O trabalho torna-se algo externo e estranho à personalidade do indivíduo quando, na realidade, deveria a atividade centrar-se em termos do processo de objetivação da personalidade do indivíduo. Sem a possibilidade dessa objetivação, a personalidade fica restrita, limitada em seu desenvolvimento. (DUARTE, 2004, p. 59)

Nesse sentido, a ruptura da unidade da consciência, expressa no fluxo afetivo-cognitivo entre significados e sentidos, leva a uma desintegração e alienação da própria consciência e da própria personalidade do sujeito: por que *eu* sou assim? Por que o *mundo* é assim? Por que *eu sinto* isto? Por que *eu faço* isto? Para que *eu faço* isto?

[...] com a divisão social do trabalho as relações entre significado e sentido pessoal não são necessariamente coincidentes, observação fundamental no estudo da personalidade. A ruptura entre significados e sentido pessoal determina uma mudança na estrutura interna da consciência própria da sociedade de classes desenvolvida. Nela o trabalhador aparta-se de seu próprio trabalho e a sua atividade vai deixando de ser para ele o que ela é de fato. *Por este processo, pode ir se estabelecendo uma absoluta discordância entre o resultado objetivo da atividade e o seu motivo*, acompanhada consequentemente do descompasso entre seu conteúdo objetivo e

seu conteúdo subjetivo, descaracterizador dos mais elementares sentimentos humanos. *Esta ruptura se traduz psicologicamente na desintegração da unidade da consciência, outrora garantida pela compatibilidade entre significados sociais e sentido pessoal, dando origem ao aparecimento de uma relação de alienação entre eles.* (MARTINS, 2004, p. 89. Grifo nosso.)

Nesse processo, a própria personalidade do sujeito se torna estranha a ele e, com isso, a união entre os aspectos cognitivos e afetivos da relação entre sua atividade e seu conhecimento (sua consciência) se tornam indiferentes, apartados. Isso porque o que dá sentido à atividade do sujeito na estrutura motivacional de sua personalidade é a interpenetração entre significados sociais e sentidos pessoais deles advindos. Para Martins,

A compreensão de si, o reconhecimento permanente que o processo de personalização demanda, exige o *confronto mediado pela consciência entre atividades e motivos*, sem o qual impossível se torna a organização da atividade em torno de motivos vitais, isto é, tendo em vista o atendimento de motivos geradores de sentido para a vida. A desarticulação entre atividades e motivos ou a inexistência desta unidade na personalidade cria as condições internas para que o homem viva fragmentariamente, em consonância com motivos-estímulo em detrimento dos motivos vitais. (MARTINS, 2007, p. 94. Grifo nosso.)

A tomada de consciência dos motivos da atividade, e consequentemente da hierarquia destes para o sujeito singular, ocorre sob a forma de conceitos, de articulações com outros sujeitos e pela sinalização das emoções e sentimentos advindos do sentido da atividade. Mas como relacionar significado e sentido no âmbito individual se a alienação faz parte das próprias relações sociais de produção que constituem o sujeito? O processo capitalista de exploração de mais-valia leva à alienação do ser humano em relação ao produto (objeto) de seu trabalho; ao ato de produção (motivos, ações/operações, finalidades); ao gênero humano (às objetivações humanas produzidas ao longo da história e que, por serem humanas, pertencem a todos os seres humanos); e, por fim, em relação aos próprios seres humanos entre si (MARX, 2004), que, ao desenvolverem traços de caráter individualistas, egoístas, calculistas e competitivos, respondem às demandas de lucro do mercado, mas não da humanidade, a qual acaba lhe aparecendo como estranha.

Esse empobrecimento da individualidade humana, entretanto, não se limita apenas ao âmbito das relações sociais de trabalho, posto que, como extensão dessas relações, acaba por se expressar na vida pessoal do indivíduo como um todo. Nesse processo,

[...] a *economia doméstica* reflete a *economia política* de tal forma que as próprias relações interpessoais na esfera da vida familiar, das relações entre os sexos, da amizade, do tempo livre etc. acabam estruturando-se também na base de um complexo sistema de trocas no qual impera a fetichização. (MARTINS, 2007, p. 135)

Sendo assim, falar em alienação da relação atividade-consciência é falar, também, da dissociação aparente e ideológica da unidade afetivo-cognitiva que decorre desse processo e que constitui a relação subjetividade-objetividade. A unidade afetivo-cognitiva é inalienável em sua essência, mas a sua compreensão e estudo pode aparecer cindido, dualizado e, portanto, levar a uma falsa consciência acerca do que seja e de como se constitui essa unidade afetivo-cognitiva. A união afeto-cognição torna possível a relação sujeito-objeto, sujeito-mundo, e a avaliação posterior dessa relação. A separação meramente aparente entre afeto (os processos psíquicos que instauram a atividade, dando-lhes seu tônus emocional ou sentimental e produzindo o motivo desta atividade na consciência, em razão do objeto que afeta o sujeito por corresponder a uma determinada necessidade) e a cognição (os processos psíquicos que captam o objeto que nos afeta, possibilitando o deslindamento das suas propriedades essenciais, bem como sua conceptualização na forma de e por meio de signos ou significados socialmente estabelecidos); leva a uma distorção da imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano, a qual oblitera a relação subjetividade-objetividade, o que se traduz psicologicamente na naturalização dos fenômenos, na generalização de sua forma caótica e aparente na consciência, numa atitude espontânea, pragmática e imediatista frente ao mundo, frente à realidade social. Disso decorre todo tipo de ação e compreensão alienada sobre a realidade.

Apesar disso, não se pode esquecer que todo fenômeno contém em si o seu contrário. Na sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que as atividades produtivas humanas carregam uma dimensão de exploração, elas possuem também uma dimensão humanizadora e emancipatória. Tais condições degradantes de vida podem impulsionar os seres humanos à tomada de consciência das relações de exploração a que estão submetidos e contra as quais podem lutar em direção ao fim da dominação do homem pelo homem.

Portanto, na medida em que a alienação é característica inerente à organização social capitalista, o problema da consciência dos indivíduos sobre ela revela-se como um problema de grau, que será maior ou menor dependendo do quanto o indivíduo possa compreender sua existência para além da particularidade, ou seja, possa superar sua condição particular em direção à condição humano-genérica. (MARTINS, 2007, p. 137)

Por isso, a luta pela superação da condição alienada humana não é uma luta individual, mas depende da união e organização dos seres humanos forjados nas tramas das inúmeras formas de atividade e de trabalho. Portanto, é no processo de luta contra a produção exploradora do capital e concomitantemente na apropriação humano-genérica que o ser humano poderá tomar consciência das relações de alienação que o engolem e, a partir disso, delas emancipar-se.

Considerações Finais

A partir da Psicologia Histórico-Cultural, sob os fundamentos do materialismo histórico-dialético, buscou-se, ao longo desse trabalho teórico, desenvolver uma reflexão acerca da unidade afetivo-cognitiva da atividade consciente humana. Assim, neste trabalho inicial de sistematização do conceito, trilhou-se um caminho metodológico-conceitual que pudesse fornecer substância e corpo ao objeto de pesquisa apresentado.

Alicerçando-se nesse plano, discorreu-se inicialmente, no primeiro capítulo, acerca da relação entre sujeito-objeto, subjetividade-objetividade, compreendida pelo método materialista histórico-dialético, com o intuito de se empreender a crítica à dualização da relação entre os processos afetivos e os processos cognitivos, tão recorrente na filosofia de modo geral. Nesse sentido, foi dada ênfase às teorias idealistas e materialistas mecanicistas do século XIX, teorias essas que repercutem na construção do conhecimento até hoje, em especial na Psicologia. Daqui, apontou-se o método sintetizado por Marx e Engels como chave para a superação dessa dualização estagnada, defendendo-se a *unidade* entre cognição e emoção formada dialética, material e historicamente.

Esse pano de fundo foi pensado com o objetivo de se sistematizar as bases teórico-metodológicas da Psicologia Histórico-Cultural para o estudo da razão e da emoção como unidade dialética, partindo-se da *análise por decomposição em unidades* de Vigotski. Para este autor, a unidade contém as propriedades essenciais, vivas e indecomponíveis de dada totalidade que se pretenda conhecer. Sendo assim, é na unidade da relação entre sujeito e objeto, subjetividade e objetividade, que se torna possível ao ser humano conhecer, sentir e refletir o mundo. Esse processo, contudo, tem suas bases materiais no movimento próprio da atividade humana sobre o mundo, sendo esta o elo fundamental entre sujeito e objeto. Como já se salientou, foi a atividade de *trabalho* que tornou possível a transformação humana tanto físico quanto psicologicamente, isso porque, no processo de sua atividade laboral o sujeito foi tomando consciência, foi conhecendo seu objeto de trabalho em suas propriedades mais íntimas e essenciais, em suas intervinculações com os outros objetos do mundo e a partir das diferentes necessidades supridas por tal objeto, transformando também a sua atividade em atividade consciente.

É nesse sentido que se asseverou, no segundo capítulo desta dissertação, que a atividade coletiva do ser humano leva ao desenvolvimento do psiquismo pela apropriação dos signos, da linguagem, das funções psicológicas superiores e,

consequentemente, da unidade que se estabelece entre significado social e sentido pessoal. O significado social como síntese entre pensamento e linguagem, se manifesta afetivamente no âmbito do sujeito singular como sentido pessoal, sem perder sua conexão essencial com a significação social.

Assim, viu-se que a consciência, como qualidade do psiquismo, se forma no processo de apropriação e objetivação do sujeito, enquanto produto das relações sociais no mundo. Por isso que se defendeu a relação entre atividade e consciência como unidade mínima de análise da *unidade afetivo-cognitiva*, uma vez que ao *afetar-se* com o objeto, o sujeito passa a refleti-lo, senti-lo, racionalizá-lo, conhecê-lo, desmembrá-lo, caracterizá-lo, classificá-lo e conceituá-lo. Desse processo, emanam reações corporais no sujeito, necessidades, emoções e sentimentos de carência, falta e vazio que podem motivá-lo, desencadeando emoções diversas de completude, determinação e satisfação, dando sentido à atividade. Tem-se, portanto, que da relação entre subjetividade e objetividade, ocorre a construção do sujeito como "sujeito das relações sociais". Ao se apropriar das produções humanas produzidas ao longo da história, o sujeito se produz enquanto ser social e produz a própria genericidade humana, substrato das relações sociais.

Dessa forma, enfatizou-se que o sujeito "não é nem um sujeito hipostasiado (cartesiano, que funda tudo o que existe ao seu redor), nem um sujeito inexistente (assujeitado, que apenas espelha o que existe ao seu redor)" (DELARI JR., 2012, p. 7). Defendeu-se, portanto, que é em sua relação com o objeto que o sujeito se constitui afetivo-cognitivamente emergindo das relações sociais, agindo sobre o mundo e tomando consciência sobre suas relações materiais e ideais. Assim, o sujeito é "[...] emergente nas relações nas quais a pessoa necessita colocar-se como tal, assumindo um determinado papel social, um sujeito pai na relação com seu filho, um sujeito filho na relação com seu pai [...]" (Idem, p. 7-8). É do conflito entre esses diferentes papéis que geram conflito e tensão na personalidade que se localiza a pessoa como procedente de relações *dramáticas*, as quais põem o sujeito perante uma situação de escolha, de controle de sua própria conduta, de consciência de suas vivências e de seus desejos.

Isso, portanto, só pode ser compreendido se se toma o sujeito como produto da relação afetivo-cognitiva decorrente da relação essencial entre atividade e consciência. Essa foi a tônica defendida no terceiro capítulo deste trabalho, em que se enfatizou as formas mais fundamentais de expressão da unidade afetivo-cognitiva: a dinâmica psicológica estabelecida e entre o significado social e o sentido pessoal, a formação de conceitos (conteúdo principal dos pensamentos e sentimentos complexos) e a constituição da personalidade humana. Nesse momento, reafirmou-se

que: "se subentende que a atividade de cada homem depende, mais de seu lugar na sociedade, das condições que lhe tocam e de como se vão conformando em circunstâncias individuais que são únicas" (LEONTIEV, 1978b, p. 67. Tradução nossa). Desse modo, fica claro que a atividade humana só existe em meio ao sistema de relações estabelecidas socialmente num dado período da produção histórica.

Foi a partir daqui que se mostrou que a relação sujeito-objeto, se transforma afetivo-cognitivamente na relação subjetividade-objetividade. Portanto, é no processo de ação do sujeito sobre o objeto que a atividade se objetiva no mundo e nas relações sociais, na mesma medida em que vai produzindo a subjetividade do sujeito. É pela qualidade consciente do psiquismo que a imagem subjetiva da realidade objetiva se concretiza afetivamente em motivos e finalidades da atividade, bem como em significados sociais que adquirem, cada qual, um sentido pessoal. Contudo, como se salientou, esse processo não é direto, pois perpassa vivências, depende da formação de conceitos e da hierarquia de motivos na personalidade do sujeito. Além disso, esses aspectos são forjados concretamente numa sociedade de classes que propicia o desenvolvimento desintegrado da consciência humana por alienar a relação entre sujeito e objeto, alienando também as relações entre os próprios sujeitos produtores de relações sociais.

Ainda que a unidade afetivo-cognitiva da atividade consciente humana se manifeste concretamente atravessada por relações sociais alienadas, o foco desta dissertação foi buscar compreendê-la teórico-metodologicamente priorizando sua análise abstrata, isto é, momentaneamente descolada, isolada, dessas relações. Problema este o qual, sugere-se que deva ser aprofundado em futuros estudos.

Sobre a alienação desta unidade, viu-se que a divisão social do trabalho acoplada à propriedade privada dos meios de produção possibilitou historicamente a desintegração da consciência humana por gerar uma dissociação entre significado e sentido da atividade. A dissociação entre significado e sentido, levou, historicamente, à compreensão apenas fenomênica de que razão e emoção, afeto e cognição, são cindidos - como nas filosofias cartesianas, idealistas etc. Por isso que se identificou a urgência da necessidade de se contrapor às filosofias subjetivistas ou mecanicistas que dicotomizam afeto e cognição.

Como foi discutido, esse problema histórico emana das relações sociais produzidas objetiva e coletivamente, de modo que só poderão ser sobrepujadas desta mesma forma. A alienação, produto inerente à exploração de classe do ser humano pelo ser humano, produz significações distorcidas que levam à singularização de sentidos estranhos ao que o sujeito de fato apreende de sua atividade. Esse processo de alienação teve diversas roupagens ao longo do desenvolvimento do capitalismo,

conforme as necessidades de acúmulo e exploração contidas neste modo de produção. Martins (2004) corroborou para esse argumento, afirmando que na consciência desintegrada há uma desconexão entre os processos afetivos e cognitivos que distancia ainda mais o entendimento do trabalhador acerca de seu trabalho (seja do produto deste, do ato de produção, do gênero humano e em relação aos outros homens). Esta mesma autora sinalizou a importância das emoções e dos sentimentos, inter-relacionados ao pensamento, para o desenvolvimento da consciência humana. Seja da consciência de si, da autoconsciência ou da consciência de classe.

Esta dissertação se encerra aqui como uma aproximação preambular à sistemática do conceito de *unidade afetivo-cognitiva*, tão caro à Psicologia Histórico-Cultural e tão importante de ser estudado em tempos de luta contra o capital. Por esta unidade estar contida na própria relação complexa entre a atividade e a consciência humana, não há como defini-la em uma simples frase. Desse modo a resposta à questão: *o que é, de fato, a unidade afetivo-cognitiva?*, fica indicada conforme em Vigotski (2009), isto é, a unidade afetivo-cognitiva é o sistema semântico, da relação significado-sentido, na consciência humana. Portanto, falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da forma como o sujeito sente e reflete o mundo ao redor, formando em seu psiquismo uma imagem subjetiva desse mundo objetivo e fornecendo-lhe, em suas vivências, sentidos afetivo-cognitivos.

Em decorrência disso, a unidade afetivo-cognitiva se expressa sob a forma de significados sociais que em sua genericidade representam o universo dos signos humanos, convertendo-se em sentido na medida em que unifica o significado à finalidade afetiva da atividade do indivíduo que pensa, sente e age de forma singular (mas podendo pleitear fins coletivos). É neste processo que a imagem mental produz ou não o sentido (em relações sociais alienadas produz-se também vivências carentes de sentido, "vazias"), mediada pelo signo, pelas funções psicológicas superiores, pelas vivências que configuram a história do sujeito, pelo conhecimento, pelos conceitos e produzindo, também, o estilo pessoal que configura cada ser humano como um sujeito único. É a partir dessa base metodológica e conceitual que se propõe a continuação deste estudo no que tange a proposição vigotskiana da unidade afetivo-cognitiva como sistema semântico dinâmico no desenvolvimento de uma personalidade singular, buscando-se compreender como esse sistema se desintegra na consciência pela alienação.

Por fim, espera-se que o resultado deste esforço possa contribuir, no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, para o desenvolvimento dos estudos acerca da unidade entre pensamento e emoção/sentimento como complexificação da unidade afetivo-

cognitiva da atividade-consciência humana, podendo corroborar teoricamente para a elaboração de práticas mais críticas no trabalho do psicólogo de modo geral.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, vol. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

ALMEIDA, M. R. de. *A Relação entre a Consciência Individual e a Consciência de Classe: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora*. Dissertação de Mestrado, Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2008.

ANTUNES, R. Os exercícios da subjetividade: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. In: *Caderno CRH*. Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 121 – 131. 2011.

ASBAHR, F. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. In: *Revista Brasileira de Educação*. nº 29: maio/jun./jul./ago., 2005.

_____. “Por que aprender isso, professora?” *Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011a.

_____. Sentido Pessoal, Significação Social e Atividade de Estudo: uma revisão teórica. In: *Anais do V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo: marxismo, educação e emancipação humana*, Florianópolis: UFSC, 2011.

BLAGONADEZHINA, L. V. Las emociones e los sentimientos. In: SMIRNOV, A.; LEONTIEV, A. N., et al, (orgs.). *Psicologia*: Grijalbo, 1969, p. 355-384.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: Bock, A. M. B.; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (orgs.) *A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

BUEY, Francisco Fernández. *Marx (sem ismos)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *Empirismo x Racionalismo*, 2012. Obtido em 04/06/2014, de: <http://filosofia-brasil.blogspot.com.br/2012/03/texto-9-empirismo-x-racionalismo-or.html>.

_____. *Filosofia Moderna*. Obtido em 04/06/2014, de <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/chaui.htm>.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(9):3893-3900, 2011. Obtido em 04/06/2013, de: http://link.periodicos.capes.gov.br/ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=1000000000002113&request_id=28143975

DELARI JR., A. *o sujeito e a clínica na psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais*. Mimeo. Umuarama-PR, 2012. Obtido em 19/05/2015, de: <http://www.vigotski.net/clinica-ufms.pdf>.

DESCARTES, R. *Discurso do método: as paixões da alma*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DIOGO, M. F.; MAHEIRIE, K. Uma breve análise da constituição do sujeito pela ótica das teorias de Sartre e Vygotski. In: Aletheia, n.25, p.139-151, jan./jun, 2007. Obtido em 04/06/2013, de http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=1000000000002113&request_id=28144189.

DUARTE, N. Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: o ser humano na Psicologia de A. N. Leontiev. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44 - 63, Abril, 2004.

_____. O significado e o sentido. In: *Revista viver mente & cérebro. Lev Semenovich Vygotski: uma educação dialética*. Coleção Memória da Pedagogia. São Paulo, n.2, 2005.

_____. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?: quatro ensaios crítico-dialético em filosofia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2008.

EAGLETON, T. *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: *Karl Marx, Friedrich Engels: Obras Escolhidas*. V. 2. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, [19--a].

FACCI, M. G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas: Autores Associados, 2004a.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotski. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64 - 81, Abril, 2004b.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREDERICO, C. *O jovem Marx: 1843 - 1844 as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GERMER, C. M. *Contribuição ao entendimento do método da economia política, segundo Marx*. Curitiba PR: Curso de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Econômico - UFPR, 2000.

GOMES, C. A. V. Revisitando Espinosa e Marx na Psicologia Histórico-Cultural: reflexões sobre a unidade afetivo-cognitivo. In: *Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 10., Maringá-PR. Anais..., 2011.

ILYENKOV, E. V. *Humanism and Science*, 1971. Obtido em 28/04/2013, de: <http://www.marxists.org>.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2008.

KLEIN, L. R. *Fundamentos para uma Proposta Pedagógica para o Município de Campo Largo*. Campo Largo, PR: PM/SED, 2007.

_____. Mini-curso: O Método do Conhecimento. In: *Curso Imersão em Luria*, realizado na chácara da APUFPR, no Município de Tijucas do Sul. 2011.

KLEIN, L. R.; KLEIN, B. L. Considerações críticas às noções de habilidade e competência, reivindicadas em propostas curriculares contemporâneas: relações entre trabalho, direito e educação. In: *IV Colóquio sobre questões curriculares: s: currículo, teorias, métodos*. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2008.

KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LAZARETTI, L. M. *Daniil Borisovich Elkonin: um estudo das ideias de um ilustre (des)conhecido no Brasil*. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis, Assis, 2008.

LEFEBVRE, H. *Marxismo*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA A. R.; LEONTIEV A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2014.

_____. *Atividade e Consciência*, 1972. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1972/mes/atividade.htm>. Obtido em 21/10/2013.

_____. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978a.

_____. *Atividade, consciência y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978b.

LESSA, S.; TONET, I. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LÖWY, M. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2008.

LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

LURIA, A. R. *Curso de Psicologia Geral*. v. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. *Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. *Curso de Psicologia Geral*. v. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991a.

_____. *Curso de Psicologia Geral*. v. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991b.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. In: *Psicol. estud.* [online]. vol.16, n.4, pp. 647-657. ISSN 1413-7372, 2011.

MAGLIOLINO, L. L. S. *Emoções Humanas e Significação numa perspectiva Histórico-Cultural do Desenvolvimento Humano*: um estudo teórico da obra de Vigotski. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas/SP, 2010.

MARTINS, L. M. A natureza histórico-social da personalidade. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 82 – 99, Abril, 2004.

_____. Psicologia Sócio-Histórica: o fazer científico. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R. MARTINS, S. T. F. (orgs.) *Método Histórico-Social na Psicologia Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Tese de Livre Docência. Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, Bauru, 2011. Disponível em: <http://www.vigotski.net/ditebras.html#martins>.

MARTINS, M. S. C. A escrita e as outras linguagens. In: Alfa, São Paulo, 47 (2): 41-58, 2003. Obtido em 04/06/2013, de http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=1000000000002113&request_id=28144133.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MELO, D. M. *A construção da subjetividade da mulher assentada pelo MST*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UniCamp, 2001.

MELLO, S. A. Ensinar e Aprender a Linguagem Escrita na Perspectiva Histórico-Cultural. In: PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 10. Nº 20. PP. 329-343. JUL. – DEZ, 2010. Obtido em 04/06/2013, de: http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=32770000000000006&request_id=28144002.

MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

NETTO, J. P. *Curso: o método em Marx*. Aula 5. 2002. Disponível em: www.cristianapagiago.com/josé_p_netto_-_curso_o_método_em_marx_-. Obtido em 08/12/2013.

_____. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, J. P.; BRAZ M. *Economia política: uma introdução crítica*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; da SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (orgs.) *Método Histórico-Social na Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAN, M. A. G. S. *et al.* Subjetividade: um diálogo interdisciplinar. In: *Interação em Psicologia*, v. 15. 2011.

PASQUALINI, J. C. *Princípios para a organização do ensino na Educação Infantil na perspectiva Histórico-Cultural: um estudo a partir da prática do professor*. Tese de doutorado. Departamento de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho', campus Araraquara, Araraquara, 2010.

POLITZER, G., BESSE, G.; CAVEING, M. *Princípios fundamentais de filosofia*. Tradução de João Cunha Andrade. São Paulo: Hemus, 1954.

ROSSLER, J. H. *et al.* Subjetividade: um diálogo interdisciplinar. In: *Interação em Psicologia*, v. 15. 2011.

SADER, E. Apresentação. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHUHLLI, M. S. Mini-curso: A Teoria da Atividade In: *Curso Formação de Professores: A Violência Escolar*, realizado na UFPR, no Município de Curitiba, 2014.

SILVA, R. L. *Leontiev e a natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, 2013.

SPINOZA, B. *Ética: demonstrada à maneira dos geômetras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Conceito de liberdade em Vigotski. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, vol. 24, n. 3, p. 2-11, 2004.

TULESKI, S. C. *Vygotski: a construção de uma Psicologia Marxista*. 2ª ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM, 2008.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular; Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales - CLACSO, 2007.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5ª ed. São Paulo: Ícone, EDUSP, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas: historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

_____. *O significado histórico da crise da Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Obras escogidas*. Tomo I. Madrid: Visor, 1997.

_____. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Teoria e método em psicologia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. Conferências sobre psicologia. In: *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Teoria de las emociones*. Estudio Histórico-Psicológico. Madrid: Akal, 2004.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R. *A História do Comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ANEXOS

Procedimentos realizados para a tabulação dos dados:

1. Tabulação dos estudos em tabela do software Excel em que constam: o título, nome do(s) autor(es), ano e periódico.
2. Leitura dos resumos de todos os artigos e verificação se o artigo aborda os conceitos de afeto e cognição na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Em caso positivo, a linha na tabela referente a esse artigo foi pintada de verde (4 artigos); se negativo, a linha foi pintada de vermelho (227 artigos). E, neste último caso, a análise desse artigo se findou nesta etapa.
3. Nos estudos encontrados que abordam os conceitos de afeto e cognição numa perspectiva da psicologia histórico-cultural realizou-se a identificação do termo "unidade afetivo-cognitiva" (ou derivados: "unidade entre afeto e cognição", "relação dialética entre afeto e cognição", unidade afetivo-cognitivo, "unidade dos processos afetivos e intelectuais") ao longo do corpo do artigo.
4. A partir disso, realizou-se a classificação do termo encontrado no artigo como sendo: a) noção não sistemática (quando o autor referencia a importância da unidade entre afeto e cognição sem explicá-la, por exemplo no artigo de MARTINS, 2003, e DIOGO; MAHEIRIE, 2007); b) noção sistemática (quando o autor cita o termo, explicando-o, porém sem desenvolvê-lo e conceituá-lo, como em COMBINATO; QUEIROZ, 2008, e MELLO, 2010); c) conceito sistemático (quando o autor efetivamente sintetiza o termo "unidade afetivo-cognitiva" num conceito teórico, explicando-o e situando-o cientificamente no âmbito Psicologia Histórico-Cultural, o que não foi encontrado em nenhum dos artigos analisados).

A partir dessa estrutura, seguem os dados tabulados:

Título	Autor	Ano	Periódico
Fatores determinantes da carga de trabalho em uma unidade básica de saúde.(Texto em Português)	Da Silva, Nilson Rogério	2011	Ciência & Saúde Coletiva, August, 2011, Vol.16(8), p.3393(10)
Práticas pedagógicas e moralidade em unidade de internamento de adolescentes autores de atos infracionais	De Carvalho Monte, Francieli Felix ; Sampaio, Leonardo Rodrigues	2012	Psicologia: Reflexão & Crítica, April-June, 2012, Vol.25(2), p.368(10)
Characterization of admission of chemical-dependents in a psychiatric admission unit of the General Hospital/ Caracterização das internações de dependentes químicos em Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital Geral.(texto em português)	De Sousa, Fernando Sergio Pereira ; Oliveira, Eliany Nazare	2010	Ciência & Saúde Coletiva, May, 2010, Vol.14(5), p.671(7)
The representation of alcoholic beverages consumption for adolescents in a Family Health Unit/A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família.(texto em português)	Souza, Sinará De Lima ; Ferrani, Maria Das Graças Carvalho ; Silva, Marta Angelica Iossi ; Gomes, Romeu ; Souza, Tatiana Costa	2010	Ciência & Saúde Coletiva, May, 2010, Vol.14(5), p.733(9)
Bases epistemológicas da psicologia cognitiva experimental.(Report)	Beatriz Neufeld, Carmem ; Goergen Brust, Priscila ; Minitsky Stein, Lilian	2011	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-March, 2011, Vol.27(1), p.103(10)
Memórias e prevalência de transtorno de estresse pós-traumático em uma unidade de terapia intensiva	Bender Rovatti, Karla ; Teodoro, Maycoln ; Kern De Castro, Elisa	2012	Psicologia: Reflexão & Crítica, July-Sept, 2012, Vol.25(3), p.499(7)
Assisting users of a health care unit to stop smoking: an experience report/Auxiliando usuários de uma unidade de saúde a parar de fumar: relato de experiência.(OPINION/OPINAO)(Report)	Ramos, Donatela ; Soares, Thais Da Silva Tavares ; Viegas, Karin	2009	Ciência & Saúde Coletiva, Sept, 2009, p.S1499(7)
Analisando frames tecnológicos: um estudo das interpretações sociais da tecnologia da informação no contexto organizacional	Carneiro Mussi, Clarissa ; Zwicker, Ronaldo	2012	Revista de Administração Contemporânea - RAC, May-June, 2012, Vol.16(3), p.418(20)
Cognitive polyphasia and the iconic structure of the social representation of death/ Polifasia cognitiva e a estrutura icônica da representação social da morte	Do Nascimento, Alexandro Medeiros ; Roazzi, Antonio	2008	Psicologia: Reflexão & Crítica, Sept, 2008, Vol.21(3), p.499(10)
Leitura e cognição: propósitos de leitura diferentes influem na geração de inferências?	Gerber, Regina Marcia ; Braga Tomitch, Leda Maria	2008	Acta Scientiarum Language and Culture (UEM), April, 2008, Vol.30(2), p.139(9)
Percepção ambiental no turismo do Parque Ecológico Cachoera do Urubu nos municípios de Esperantina e Batalha no Estado do Piauí.(texto em português)	Rodrigues Pinto De Sousa, Accyoli ; Lopes Araujo, Jose Luis ; Gomes Reis Lopes, Wlza	2012	Ra'e Ga, March, 2012, Issue 24, p.69(23)
Trabalhadores afastados por transtornos mentais e de comportamento: o retorno ao ambiente de trabalho e suas consequências na vida laboral e pessoal de alguns bancários.(Report)	Oliver, Marilene ; Storch Perez, Cristiani ; Da Costa Fernandes Behr, Simone	2011	Revista de Administração Contemporânea - RAC, Nov-Dec, 2011, Vol.15(6), p.993(23)
Políticas de visibilidade como fatos de afecção: que ética para as visibilidades?(CULTURA E MÍDIA/CAO)(Report)	De Melo Rocha, Rose	2010	Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Sept-Dec, 2010, Vol.17(3), p.199(8)
Perfil psicológico de mulheres e a cirurgia bariátrica: estudo exploratório	De Almeida Ribeiro, Graziela A. Nogueira ; Ernesto Dos Santos, Jose ; Regina Loureiro, Sonia	2011	Revista Interamericana de Psicologia, May, 2011, Vol.45(2), p.169(8)
Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski.(texto em português)	Stefanoni Combinato, Denise ; De Souza Queiroz, Marcos	2011	Ciência & Saúde Coletiva, Sept, 2011, Vol.16(9), p.3893(8)
O impacto da deficiência nos imãos: histórias de vida.(Texto em Português)	Messa, Alcione Aparecida ; Fiamenghi, Geraldo Antonio, Jr.	2010	Ciência & Saúde Coletiva, March, 2010, Vol.15(2), p.529(10)
A expectativa do professor e o desempenho dos alunos.(Report)	Machado Soares, Tufi ; Da Silva Fernandes, Neimar ; Botarro Ferraz, Mariana Santos ; Ruas De Riani, Juliana De Lucena	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-March, 2010, Vol.26(1), p.157(14)
Estudo quantitativo sobre a qualidade de vida de los pacientes em hemodialis de Paraíba, Brasil.(Artículo de Investigación)(Report)	Alves De Sousa, Milena Nunes ; Sarmento, Thyara Carla ; Alchieri, Joao Carlos	2011	Revista CES Psicologia, July-Dec, 2011, Vol.4(2), p.1(14)
Linguagem e cultura no espaço dos praticos do no madeira (rondonia): uma leitura das representações	Felitsa Sousa, Lucileide	2011	Ra'e Ga, June, 2011, Issue 22, p.155(20)
Afetividade e fluência na interação empresarial: um estudo sobre mediação	Manfredi, Denise A. ; Barros De Oliveira, Vera	2007	Avances en Psicología Latinoamericana, July, 2007, Vol.25(2), p.7(13)
Alcohol: gender and implications in the violence/Alcohol e violência em homens e mulheres.(Report)	De Almeida, Rosa Maria Martins ; Pasa, Graciela Gema ; Scheffer, Morgana	2009	Psicologia: Reflexão & Crítica, June, 2009, Vol.22(2), p.252(9)
O uso dos Sistemas de Suporte a Decisão (SSD) visando a melhoria da qualidade do conteúdo jornalístico.(DIVERSIDADE NO JORNALISMO)(Report)	Teixeira Lima, Walter, Junior	2009	Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, April, 2009, Issue 38, p.79(7)
Characteristics of the personality of incestuous fathers through Rorschach Method according to the comprehensive system/Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach, conforme o sistema compreensivo	Pasqualini - Casado, Lilian ; Vagostello, Lucilena ; De Villemor - Amaral, Anna Elisa ; Do Nascimento, Regina Gattas	2008	Psicologia: Reflexão & Crítica, June, 2008, Vol.21(2), p.293(9)
Functional theory of human values: applications to organizations/Teoria funcionalista dos valores humanos: aplicações para organizações.(Report)	Gouveia, Valdeiney V. ; Milfont, Tacião L. ; Fischer, Ronald ; Coelho, Jorge Artur Pecanha De Miranda	2009	Revista de Administração Mackenzie, May-June, 2009, Vol.10(3), p.34(26)
Repetitive tasks under time pressure: the musculoskeletal disorders and the industrial work/Tarefas repetitivas sob pressão temporal: os distúrbios musculoesqueléticos e o trabalho industrial.(texto em português)	Fernandes, Rita De Cassia Pereira ; Assunção, Ada Avila ; Carvalho, Fernando Martins	2010	Ciência & Saúde Coletiva, May, 2010, Vol.14(5), p.931(12)
Representações sociais, representações individuais e comportamento	Rech Wachelke, Joao Fernando ; Vizeu Camargo, Brígido	2007	Revista Interamericana de Psicologia, Sept, 2007, Vol.41(3), p.379(12)
Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia.(Report)	Torres, Marcos Alberto ; Kozel, Salette	2010	Ra'e Ga, July, 2010, Issue 20, p.123(10)
Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife.(Artículo de Investigación)	Pontes De Lima, Ana Karolina ; De Oliveira Lima, Albenise	2012	Revista CES Psicologia, Jan-June, 2012, Vol.5(1), p.11(15)
Efeitos de instruções sobre respostas de checagem.(Report)	Abreu, Paulo Roberto ; Costa Hubner, Maria Martha	2011	Psicologia: Teoria e Pesquisa, July-Sept, 2011, Vol.27(3), p.301(7)
Cenário do atendimento aos agravos provocados por acidentes e violência contra idosos na rede SUS de Manaus (AM, Brasil).(Texto em Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Ribeiro Dos Santos, Edinilza ; Ramos De Souza, Edinilza ; Peixoto Ribeiro, Adalgisa ; Medeiros De Souza, Ana Maria ; De Sousa Lima, Rodrigo Tobias	2010	Ciência & Saúde Coletiva, Sept, 2010, Vol.15(6), p.2741(12)
Ergonomic work analysis in agricultural products packinghouses: job demands of the selection workplaces/Análise ergonômica do trabalho em unidades de beneficiamento de produtos agrícolas: exigências laborais dos postos de seleção.(Texto em Portuguese)	Braga, Celso De Oliveira ; Abrahão, Roberto Funnes ; Tereso, Mauro Jose Andrade	2009	Ciência Rural, August, 2009, Vol.39(5), p.1552(6)
Fenomenologia das motivações do adolescente em conflito com a lei.(Report)	Jost, Maria Clara	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-March, 2010, Vol.26(1), p.99(10)
Ensinar e Aprender a Linguagem Escrita na Perspectiva Histórico-Cultural	Mello, Suely Amaral	2010	Revista Psicologia Política, 2010, Vol.10(20), pp.329-343
Discusiones sobre la Metodología de Pesquisa sobre Redes de Negocios Presente en una Muestra de Produccion Científica Brasileira y Propuesta de un Modelo Orientador.(Área Temática: Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade)(Report)	Giglio, Ernesto Michelangelo ; Guagliardi Hernandez, Jose Luis	2012	Revista Brasileira de Gestão de Negócios (Brazilian Journal of Business Management), Jan-March, 2012, p.78(24)
Racionalidade e organização: as múltiplas faces do enigma	Schwetter Silveira, Victor Natanael	2008	Revista de Administração Contemporânea - RAC, Oct-Dec, 2008, Vol.12(4), p.1107(24)
Severe Carbamazepine-Induced Cutaneous Reaction in the Treatment of Post-herpetic Neuralgia. Case Report	Garcia, João Batista Santos ; Ferro, Letácio Santos Garcia ; Carvalho, Anamada Barros ; da Rocha, Rosyane Moura ; de Souza, Livia Maria Lima	2010	Brazilian Journal of Anesthesiology, 2010, Vol.60(4), pp.429-437
Genero e qualidade de vida percebida-estudo com professores da área de saúde.(TEMAS LIVRES)(Texto em Portuguese)	De Oliveira, Elizabete Regina Araujo ; Garcia, Atala Lotti ; Gomes, Maria Jose ; Bittar, Telmo Oliveira ; Pereira, Antonio Carlos	2012	Ciência & Saúde Coletiva, March, 2012, Vol.17(3), p.741(7)
Mari e a psicologia/Mari's psychological ideas	González Serra, Diego Jorge	2009	Psicologia & Sociedade, 2009, Vol.21, p.358-363
A percepção e as estratégias de ação do pesquisador de café em sua rede colaborativa.(Texto em Portuguese)	Pessoa Araujo, Uajara ; Marcelo Antonialli, Luiz ; Muller Guerrini, Fabio ; Ferreira De Oliveira, Renato	2011	Revista de Administração Contemporânea - RAC, July-August, 2011, Vol.15(4), p.670(19)
Discalculia do desenvolvimento: avaliacao da representacao numerica pela ZAREKI-R.(Report)	Adilson Da Silva, Paulo ; Heloisa Dos Santos, Flavia	2011	Psicologia: Teoria e Pesquisa, April-June, 2011, Vol.27(2), p.169(9)
Relatório de estágio pedagógico desenvolvido na Escola Secundária Infanta D. Maria, junto da turma do 7º B no ano letivo 2011-2012	Coelho, Inês Alexandra Figueira Abreu, Antero 2012		
Inteligência coletiva: o ciberespaço como retrato da sociedade ou uma discussão da ética da estética.(Multidisciplinariedades)(Report)	Preis Moraes, Heloisa Juncklaus	2011	Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, May-August, 2011, Vol.18(2), p.542(15)
Processos Interativos de Bebês em Creche	De Souza Amornin, Katia ; Mara Dos Anjos, Adriana ; Clotilde Rossetti - Ferreira, Maria	2012	Psicologia: Reflexão & Crítica, April-June, 2012, Vol.25(2), p.378(12)
A personificação em textos de natureza formal	Wenzel Torres, Regina Celi	2005	Alfa: Revista de Linguística, Jan, 2005, Vol.49(1), p.161(23)
A concepção de família e religiosidade presente nos discursos produzidos por profissionais médicos acerca de crianças com doenças genéticas.(TEMAS LIVRES)(Texto em Portuguese)	Martins, Antília Januária ; De Almeida Cardoso, Maria Helena Cabral ; Junior, Juan Clinton Llerena ; Moreira, Martha Cristina Nunes	2012	Ciência & Saúde Coletiva, Feb, 2012, Vol.17(2), p.545(9)
Temperamento e comportamento materno-filial de ovinos das raças Corriedale e Ideal e sua relação com a sobrevivência dos cordeiros.(Texto em Portuguese)	De Souza Rech, Carmen Lucia ; Rech, Jose Luiz ; Fischer, Vivian ; Moreira Osorio, Maria Teresa ; Manzoni, Nelson ; Marques Moreira, Heden Luiz ; Barbosa Da Silveira, Isabella Dias ; Kroef Tarouco, Adriana	2008	Ciência Rural, August, 2008, Vol.38(5), p.1388(6)
As crises silenciadas pela modernidade e pelas tecnologias da cultura da virtualidade real.(texto em português)	Coutinho Marcal, Maria Christians ; Benicio De Mello, Sergio Carvalho ; De Souza Correa, Maria Irae	2012	Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Jan-April, 2012, Vol.19(1), p.249(15)
Ethical relationship in Primary Health Care: the experience of medical students/ Relações éticas na Atenção Básica em Saúde: a vivência dos estudantes de medicina.(FREE THEMES/TEMAS LIVRES)(Report)	Ferreira, Ricardo Correa ; Da Silva, Roseli Ferreira ; Zanoli, Mauricio Braz ; Varga, Cassia Regina Rodrigues	2009	Ciência & Saúde Coletiva, Sept, 2009, p.S1533(8)
Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma análise comportamental de fenômenos sociais.(Report)	Silva Sampaio, Angelo Augusto ; Abib Andery, Maria Amalia Pie	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-March, 2010, Vol.26(1), p.183(10)
Criação de valor: incorporando elementos da economia dos custos de transação na visão portuária	Toledo, Ana Grazielle Lourenço ; Bandeira - De - Mello, Rodrigo	2013	Revista de Administração Contemporânea - RAC, May-June, 2013, Vol.17(3), p.285(19)
Coping através do lazer na dor crônica	Teixeira, Carla Sofia Dos Santos Meneses, Rute 2012		
Sentimentos de mulheres após o diagnóstico de diabetes tipo 2/Feelings of women after the diagnosis of type 2 diabetes	Peres, Denise Siqueira ; Franco, Laércio Joel ; Santos, Manoel Antônio dos	2008	Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2008, Vol.16, p.101-108
Violência sexual contra a criança: estratégias de enfrentamento adotadas pelas mães.(Report)	Vidres Inoue, Silvia Regina ; Ristum, Marilena	2010	Revista Interamericana de Psicologia, Sept, 2010, Vol.44(3), p.560(11)
Travestidades nomades: a explosão dos binarismos e a emergência queering	Siqueira Peres, William	2012	Revista Estudo Feministas, May-August, 2012, Vol.20(2), p.539(9)
Economic action and social structure: the problem of immersion/Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão/Acción económica y estructura social: el problema de la inmersión.(FORUM-ECONOMIC SOCIOLOGY/FORUM-SOCIOLOGIA ECONOMICA/FORUM-SOCIOLOGIA ECONOMICA)(Report)	Granovetter, Mark	2007	RAE Eletrônica, Jan, 2007, Vol.6(1)
Knowledge management in transnational organizations: the organizational environment as a scatter instrument/Gestão do conhecimento em transnacionais: o ambiente organizacional como instrumento disseminador.(Texto em Portuguese)	Da Cunha, Julio Araujo Carneiro ; Yokomizo, Cesar Akira ; Capellini, Gustavo Almeida	2011	Journal of Information Systems & Technology Management, Jan, 2011, Vol.8(1), p.213(24)
Processos de aprendizagem organizacional no desenvolvimento de competências em instituições de ensino superior para a oferta de Cursos Superiores de Tecnologia (CSTS).(Clinical report)	Wunsch Takahashi, Adriana Roseli ; Fischer, Andre Luiz	2010	Revista de Administração Contemporânea - RAC, Sept-Oct, 2010, Vol.14(5), p.818(18)
Saúde e nutrição: os conceitos, as doenças e os medicamentos, as vacinas e os dados do Brasil e do mundo.(texto em português)	Autor não especificado	2010	Almanaque Abril, Annual, 2010, Vol.36, p.139(22)
Conceitos de acesso a saúde.(Temas de actualidade)(Texto em Portuguese)	Sanchez, Raquel Maia ; Ciconelli, Rozana Mesquita	2012	Revista Panamericana de Salud Publica, March, 2012, Vol.31(3), p.260(9)
Extinção e estímulos independentes da resposta: efeitos de relações de não-contingência sobre o comportamento	Da Silva Souza, Alessandra ; Abreu - Rodrigues, Josele	2012	Psicologia: Reflexão & Crítica, Oct-Dec, 2012, Vol.25(4), p.764(10)
Alterações comportamentais na Síndrome de Noonan: dados preliminares brasileiros.(I. Artículos)(Report)	Mota, Erica Regina ; Romeo Bertola, Debora ; Kim, Chong Ae ; Veloz Teixeira, Maria Cristina Triguero	2010	Revista Latinoamericana de Psicologia, Wntr, 2010, Vol.42(1), p.87(9)
Racionalidades em jogo em um processo de profissionalização organizacional.(artículo em português)(racionalidad instrumental, profesionalización)	Muzzio, Henrique	2012	Revista de Administração Contemporânea - RAC, Nov-Dec, 2012, Vol.16(6), p.827(18)

Identificacao de individuos vulneraveis no entorno de um hospital universitario: conectando vulnerabilidade, solidariedade e saude.(Texto em Portuguese)	Sthal, Hellen Cristina ; Berti, Heloisa Wey	2011	Ciencia & Saude Coletiva, July, 2011, Vol.16(7), p.3151(10)
Avaliacao da resiliencia: controversia em torno do uso das escalas	Reppold, Caroline Tozzi ; Mayer, Jeferson Charles ; Almeida, Leandro Silva ; Hutz, Claudio Simon	2012	Psicologia: Reflexao & Critica, April-June, 2012, Vol.25(2), p.248(8)
Operacionalizacao do conceito de vulnerabilidade a tuberculose em alunos universitarios.(TEMAS LIVRES)(Texto em Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Munoz Sanchez, Alba Idaly ; Bertolozzi, Maria Rita	2011	Ciencia & Saude Coletiva, Feb, 2011, Vol.16(2), p.669(7)
Interactividad: un factor que aumenta la memorizaci3n.(Area Tematica: Marketing)(Report)	Bedinell Rossi, George ; Liveri, Fernanda ; Da Silva, Dirceu ; Neves Garcia, Mauro	2012	Revista Brasileira de Gestao de Negocios (Brazilian Journal of Business Management), Jan-March, 2012, p.59(19)
Avaliacao psicologica, neuropsicologica e recursos em neuroimaging: novas perspectivas em saude mental	Veira, Carolina ; Moreira Fay, Eliane Da Silva ; Neiva - Silva, Lucas	2007	Revista Aletheia, July, 2007, Issue 26, p.181(15)
Legal, medical and lay understanding of embryos in Portugal: alignment with biology?/A compreensao juridica, medica e "leiga" do embriao em Portugal: um alinhamento com a biologia?/La comprensi3n juridica, medica y "lega" del embri3n en Portugal: Len linea con la biologia?(Report)	Silva, Susana ; Machado, Helena	2009	Interface: Comunicacao Saude Educacao, July, 2009, Vol.13(30), p.31(13)
A configurac3o da questao dos interesses no ambito de uma etica do profissional de comunicacao.(texto em portugues)	Salgueiro Marques, Angela Cristina ; Sa Martino, Luis Mauro	2011	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, Sept-Dec, 2011, Vol.18(3), p.816(18)
Triagem diagnostica no processo de avaliacao neuropsicologica interdisciplinar (Report)	Navatta, Anna Carolina Rufino ; Fonseca, Maria Fernanda ; Muszkat, Mauro ; Miranda, Monica Carolina	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2009, Vol.22(3), p.430(9)
Num desporto com valores: construir uma sociedade mais justa.(EDITORIAL)	Vasconcelos - Raposo, J.	2012	Motricidade, April-June, 2012, Vol.8(2), p.1(7)
Adoption of technological innovations in the field of health: a study on information systems in the perspective of the theory of diffusion/ Adocao de inovacoes tecnologicas na area de saude: um estudo sobre sistemas de informacao sob a optica da teoria de difusao.(Report)	Perez, Gilberto ; Zwicker, Ronaldo ; Ziber, Moises Ari ; De Medeiros, Alberto, Jr.	2010	Journal of Information Systems & Technology Management, Jan, 2010, Vol.7(1), p.71(24)
Social representations at work: comparative analysis of working and non-working teens/Representacoes sociais do trabalho: uma analise comparativa entre jovens trabalhadores e n3o trabalhadores.(texto em portugues)	De Oliveira, Denize Cristina ; Fischer, Frida Marina ; Teixeira, Maria Cristina Trigueiro Velloz ; De Sa, Celso Pereira ; Gomes, Antonio Marcos Tosoli	2010	Ciencia & Saude Coletiva, May, 2010, Vol.74(5), p.763(11)
A influencia da apresentacao do preco sobre as avaliacoes dos clientes	Afonso Vieira, Valter ; De Matos, Celso Augusto	2012	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, July-August, 2012, Vol.16(4), p.544(22)
A reflexao estetica na filosofia de Kant.(Texto em Portuguese)	De Oliveira Lopes, Luis Sergio	2010	Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM), Jan, 2010, Vol.32(1), p.73(8)
Familias de mulheres com cancer de mama: desafios associados com o cuidado e os fatores de enfrentamento.(artigos)(Report)	Campos Tavares, Jeane Saskya ; Bomfim Trad, Leny Alves	2009	Interface: Comunicacao Saude Educacao, April-June, 2009, Vol.13(29), p.395(14)
Occupational Exposure to Noise Pollution in Anesthesiology	Oliveira, Carlos Rogério Degrandi ; Arenas, Gilberto Walter Nogueira	2012	Brazilian Journal of Anesthesiology, 2012, Vol.62(2), pp.253-261
Hipertexto e construc3o do sentido	Villaca Koch, Ingedore G.	2007	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2007, Vol.51(1), p.23(16)
Atividades marcarias na vida cotidiana dos consumidores: descoberta de uma nova forma de se pensar as marcas?	Maranhao De Souza Leao, Andre Luiz ; Carvalho Benicio De Mello, Sergio	2009	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Jan-March, 2009, Vol.13(1), p.92(25)
Compreensao da sexualidade por jovens com diagnostico de deficiencia intelectual (Report)	Souza Morales, Aida ; Guarneri Batista, Cecilia	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, April-June, 2010, Vol.26(2), p.235(9)
Estudo da efetividade de um programa de triagem auditiva neonatal universal.(Texto en Portuguese)	Fernandes, Juliana Cristina ; Nozawa, Marcia Regina	2010	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2010, Vol.15(2), p.353(9)
Comunidades de pratica enquanto viabilizadoras de projetos comuns em ambientes turbulentos: uma abordagem critica	Gazzoli, Patricia	2012	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Nov-Dec, 2012, Vol.16(6), p.806(21)
A morte simbolica em mudancas organizacionais: o caso do Banco do Brasil.(Casos de Ensino em Administracao)(Report)	Cesar, Ana Maria Roux	2010	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Jan-Feb, 2010, Vol.14(1), p.172(17)
Efetividade da propaganda na comunicacao de marcas com diferentes graus de funcionalidade e simbolismo.(Artigo - Marketing)	Benicio De Mello, Sergio Carvalho ; De Souza Leao, Andre Luiz Maranhao ; De Souza Neto, Arcanjo Ferreira ; De Brito Viêitez, Cristina Alciantara	2008	Revista de Gestao USP - REGE-USP, Jan-March, 2008, Vol.15(1), p.79(19)
An investigation about the consumer actor in the piracy network and a strategy combat alternative proposal/Uma investigac3o sobre o ator consumidor na rede de pirataria e uma proposta de alternativa de estrategia de combate.(Report)	Giglio, Ernesto Michelangelo ; Ryngeblum, Arnaldo Luiz	2009	Revista de Administracao Mackenzie, July-August, 2009, Vol.10(4), p.131(25)
Desenvolvimento e estrutura interna de uma escala de competencias gerenciais.(Report)	Pena Brandao, Hugo ; Borges - Andrade, Jairo Eduardo ; Aparecida De Freitas, Isa ; Teles Vieira, Fernanda	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-March, 2010, Vol.26(1), p.171(12)
Adolescentes e comunicacao: espacos de aprendizagem e comunicacao.(INVESTIGACIONES)	Esperon Porto, Tania Maria	2005	Comunicar, Jan, 2005, Issue 24, p.133(10)
Identidade surda e intervencoes em saude na perspectiva de uma comunidade usuaria de lingua de sinais.(Texto en Portuguese)	Nobrega, Juliana Donato ; De Andrade, Andrea Batista ; Pontes, Ricardo Jose Soares ; Bosi, Maria Lucia Magalhaes ; Machado, Marcia Maria Tavares	2012	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2012, Vol.17(3), p.671(9)
Capacidade funcional de idosos atendidos em um programa do SUS em Belem (PA).(articulo en portugues)	Santos, Maria Isabel Penha De Oliveira ; Griep, Rosane Harter	2013	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2013, Vol.18(3), p.753(9)
Programas sociais corporativos e capital social: proposta de qualificacao.(Report)	Macke, Janaina ; Machado Carrion, Rosinha ; Kunrath Dilly, Eliete	2010	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Sept-Oct, 2010, Vol.14(5), p.836(18)
Projeto Aprendendo Saude na Escola: a experiencia de repercussoes positivas na qualidade de vida e determinantes da saude de membros de uma comunidade escolar em Vitoria, Espirito Santo.(Report)	Maciel, Ethel Leonor Noia ; Oliveira, Carla Braga ; Frechiani, Janaina Menezes ; Sales, Carolina Maia Martins ; Brotto, Leila Damasceno De Aguiar ; Araujo, Maristela Dalbello	2010	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2010, Vol.15(2), p.389(8)
Estado de ferro e retinol serico entre crianas e adolescentes atendidos por equipe da Estrategia de Saude da Familia de Itajaí, Santa Catarina.(Texto en Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Mariath, Aline Brandao ; Giachini, Rubia Mara ; Lauda, Laiz Guedes ; Grillo, Luciane Peter	2010	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2010, Vol.15(2), p.509(8)
Gaston bacheler e o espaco poetico: contribuicoes para a geografia e o turismo.(Report)	Scalsse Horodyski, Graziela ; Bartoszeck Nitsche, Leticia ; Soares De Oliveira, Diorella Maria ; Solange Biesek, Ana	2011	Ra'e Ga, June, 2011, Issue 22, p.74(21)
Segmentacao de Mercado com Base em Coortes: uma investigac3o qualitativa.(texto en portugues)	Feitosa, Wilian Ramalho ; Ikeda, Ana Akemi	2011	Revista Brasileira de Gestao de Negocios (Brazilian Journal of Business Management), Dec, 2011, p.359(17)
As representacoes sociais dos trabalhadores sobre o Programa Saude da Familia.(Texto en Portuguese)	Shimizu, Helena Eri ; Reis, Leonardo Da Silva	2011	Ciencia & Saude Coletiva, August, 2011, Vol.16(8), p.3461(8)
Sistema educacional italiano e o papel da geografia na Italia.(Report)	Kozel Teixeira, Salete ; Ribeiro Alves, Alceli	2011	Ra'e Ga, June, 2011, Issue 22, p.193(26)
Um novo olhar sobre o conceito de abandono de crianas.(Texto en Portuguese)	Medeiros Dos Santos, Sheila Daniela	2010	Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM), Jan, 2010, Vol.32(1), p.63(10)
Geografia e pratica social: configuracoes no espaco da escola.(Report)	Fernandes, Antonio Carlos ; Gebran, Raimunda Abou	2010	Acta Scientiarum, Education (UEM), July, 2010, Vol.32(2), p.255(8)
Trepica-relacoes entre suicidio e trabalho: diferencas epistemologicas e (im)possibilidade de dialogo.(Documentos e Debates)	Finazzi Santos, Marcelo Augusto ; Soares Siqueira, Marcus Vinicius ; Magnolia Mendes, Ana	2010	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Sept-Oct, 2010, Vol.14(5), p.956(12)
A zona muda das representacoes sociais: uma aproximacao a partir do jogo de areia.(Report)	Lima Scoz, Beatriz Judith ; Miljans Martinez, Albertina	2009	Revista Interamericana de Psicologia, Sept, 2009, Vol.43(3), p.432(10)
Personalidade e cancer de mama: producao cientifica em Psico-Oncologia.(Report)	Sanches Peres, Rodrigo ; Dos Santos, Manoel Antonio	2009	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Oct-Dec, 2009, Vol.25(4), p.611(10)
Da sensibilidade a representacao da paisagem: consideracoes sobre a estetica da natureza como um recurso para a sensibilizacao ambiental.(Report)	Carlos Vite, Antonio	2010	Ra'e Ga, July, 2010, Issue 20, p.7(11)
Por uma visao discursiva do fenomeno da hesitacao	Chaves Nascimento, Juliana ; Chacon, Lourenco	2006	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2006, Vol.50(1), p.59(18)
Por uma retorica do discurso: argumentacao tecnica, emotiva e representacional	Ditrich, Jo Jose	2008	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2008, Vol.52(1), p.21(17)
Impacto da noticia da síndrome de Down para os pais: historias de vida.(Texto en Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Cunha, Aline Maria Fernandes Vohik ; Blasnovi - Assis, Silvana Maria ; Fiamenghi, Geraldo Antonio, Jr.	2010	Ciencia & Saude Coletiva, March, 2010, Vol.15(2), p.445(7)
Hemerobias das paisagens: conceito, classificacao e aplicacao no bairro Pici-Jardaleza/CE	Godinho Belem, Anderson Luiz ; Nucci, Joao Carlos	2011	Ra'e Ga, Jan, 2011, Issue 21, p.204(30)
O uso da tecnica do cliente oculto como ferramenta de avaliacao do atendimento aos usuarios de bibliotecas publicas: uma experiencia brasileira na graduacao de Biblioteconomia.(articulo en portugues)	Furnival, Ariadne Chloe Mary ; Teruo Ouchi, Marcos ; Pinto, Euzebio Luiz	2012	Revista Interamericana de Bibliotecologia, Jan, 2012, Vol.35(1), p.27(12)
A participacao popular em Ipatatinga (MG, Brasil): conquistas e desafios do setor de saude.(TEMAS LIVRES)(Texto en Portuguese)	Da Costa Batista, Elizabeth ; Machado De Melo, Elza	2011	Ciencia & Saude Coletiva, Jan, 2011, Vol.16(1), p.337(11)
A questao das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicologico as queixas escolares	Brito Da Justa Neves, Marisa Maria ; Marinho - Araujo, Claisy Maria	2006	Revista Aletheia, July, 2006, Issue 24, p.161(10)
El espacio como categoria socio-culturales de analisis: um dialogo entre sociologia de la cultura y la geografia	De Sena Abraham, Cinthia Maria	2011	Ra'e Ga, June, 2011, Issue 22, p.175(18)
A escrita e as outras linguagens	Martins, Maria Silvia Cintra	2003	Alfa: Revista de Linguistica, July, 2003, Vol.47(2), p.41(18)
A representacao dos aspectos simbolicos das festas de Santos Reis de Goiania por meio de mapas mentais.(Articulo en portugues)	Dias Mota, Rosiane ; De Almeida, Maria Geraldia	2012	Ra'e Ga, July, 2012, Issue 25, p.92(19)
Violencia contra a pessoa idosa: analise de aspectos da atencao de saude mental em cinco capitais brasileiras.(Texto en Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Castelo Valadares, Fabiana ; Ramos De Souza, Edinisa	2010	Ciencia & Saude Coletiva, Sept, 2010, Vol.15(6), p.2763(12)
Crescimento e parametros reprodutivos de ratas Wistar, em restricao alimentar desde o nascimento	Montoro Mazeti, Camila ; Diaz Pedrosa Furlan, Maria Montserrat	2008	Acta Scientiarum Biological Sciences (UEM), April, 2008, Vol.30(2), p.197(8)
Psychosocial analysis of violence against elders/Analise psicossocial da violencia contra idosos.(Text in Portuguese)	De Araujo, Ludgleydson Fernandes ; Filho, Jorgeano Gregorio Lobo	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, March, 2009, Vol.22(1), p.153(8)
Marcas de subjetividade em enunciados ressoantes em portugues.(Texto en Portuguese)	Fonseca Saraiva, Maria Elizabeth	2008	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2008, Vol.52(1), p.157(10)
Philosophical psychology in the 19th century: soul faculties and relations among intelligence, sensibility and will/Psicologia filosofica no Seculo XIX: faculdades da Alma e relacoes entre inteligencia, sensibilidade e vontade.(Report)	De Assis, Raquel Martins	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, June, 2009, Vol.22(2), p.304(8)
Atendimento de reabilitacao a pessoa idosa vitima de acidentes e violencia em distintas regioes do Brasil.(Texto en Portuguese)(Perspectiva general de la enfermedad/trastorno)	Pexoto Ribeiro, Adalgisa ; De Paiva Barter, Elaine Aparecida Chaves	2010	Ciencia & Saude Coletiva, Sept, 2010, Vol.15(6), p.2729(12)
Past, present and future discussions of organizational learning—a comparative study between national and international academic production/Debates passados, presentes e futuros da aprendizagem organizacional—um estudo comparativo entre a producao academica nacional e internacional.(Report)	Takahashi, Adriana Roseli Wunsch ; Fischer, Andre Luiz	2009	Revista de Administracao Mackenzie, Sept-Oct, 2009, Vol.10(5), p.53(24)
O que leva uma mae a abandonar um filho?(Report)	Santos Soejima, Carolina ; Dobriansky Weber, Lidia Natalia	2008	Revista Aletheia, July, 2008, Issue 28, p.174(14)
Percebendo o corpo que aprende: consideracoes teoricas e indicadores para avaliacao da linguagem n3o-verbal de escolares do 1º ciclo do ensino fundamental/Perceiving the body wich learns: theoretical considerations and indicators to evaluate non-verbal language of students from age of basic school	Silva, Iris Lima e ; Almeida, Ana Cristina M. T. de ; Romero, Elaine ; Beresford, Heron	2004	Ensaio: Avaliac3o e Politicas P3blicas em Educac3o, 2004, Vol.12, p.995-1012
A etnometodologia enquanto caminho teorico-metodologico para investigacao da aprendizagem em organizacoes.(articulo en portugues)(etnometodologia, estudos basados en la practica)	De Souza Bispo, Marcelo ; Schmidt Godoy, Anilda	2012	RAC - Revista de Administracao Contemporanea, Sept-Oct, 2012, Vol.16(5), p.684(21)
O humano desumanizado num mundo sem sentido: Samuel Beckett e o heroi absurdo.(texto en portugues)(Ensaio critico)	De Lima Giroia, Maristela Kirst	2011	Acta Scientiarum, Language and Culture (UEM), Jan, 2011, Vol.33(1), p.55(7)
Interacoes entre a cartologia e a geografia cultural.(p.130-154)	Panisset Travassos, Luiz Eduardo	2011	Ra'e Ga, June, 2011, Issue 22, p.130(25)
Ecologia y evolucion aplicadas al estudio del registro arqueologico	Forancelli Pacheco, Mirian Liza Alves ; Fagundes, Marcelo ; Ladeira Oses, Gabriel ; Soares, Wilson, Jr.	2011	Revista de Arqueologia Americana, Annual, 2011, Issue 29, p.53(32)

Niveles de Entrega de las Competencias de Soporte a la Ecoeficiencia Organizacional: un estudio de caso en una industria del sector electro electrónico.(Área Temática: Gestao de Pessoas e o Capital Intelectual)(Report)	Munck, Luciano ; Galleli, Barbara ; Borim De Souza, Rafael	2012	Revista Brasileira de Gestao de Negocios (Brazilian Journal of Business Management), July-Sept, 2012, p.274(19)
Analgesia and Sedation in Intensive Care Unit	Sakata, Rikio Kimiko	2010	Brazilian Journal of Anesthesiology, 2010, Vol.60(6), pp.648-658
Praxis psicoterapêutica de estagiários de psicologia: análise do relato e da trama narrativa.(Report)	De Conti, Luciane ; Sperb, Tania Mara	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa, April-June, 2010, Vol.26(2), p.305(9)
O perigo vermelho no cinema Brasileiro: as narrativas de exilados e ex-presos políticos da ditadura militar no documentário contemporâneo.(DOSSIE DITADURA)(Report)	Dos Santos Tomaim, Cassio	2010	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, May-August, 2010, Vol.17(2), p.59(9)
Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas.(Report)	Da Cunha Victorio De Oliveira Andrade, Maria Lucia	2010	Forma y Funcion, July-Dec, 2010, Vol.23(2), p.73(23)
Categorias configuradoras de la Ciencia de la Informacion: seleccion, exploracion y sistematizacion.(Report)	Dotta Ortega, Cristina	2010	Documentacion de las Ciencias de la Informacion, Annual, 2010, p.289(40)
Polyglot survey of all papers published in I&M vol. 1	Autor não especificado	1979	Information & Management, 1979, Vol.2(3), pp.108-125
Semiologia das alafas: uma discussao critica.(Report)	Pinto, Rosana Do Carmo Novaes ; Santana, Ana Paula	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2009, Vol.22(3), p.413(9)
Avaliacao do raciocinio abstrato, numerico e espacial em adolescentes surdos	Kieling Monteiro, Janine ; Galecki Andrade, Clarissa	2005	Revista Aletheia, Jan, 2005, Issue 21, p.93(7)
Organizacoes, representacoes e sincretismo: a experiencia de uma empresa familiar que enfrenta mudancas e sucessoes de gestao.(Texto em Portugues)	Waizand, Claudiani ; Davel, Eduardo	2008	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, April-June, 2008, Vol.12(2), p.369(26)
Uma breve análise da constituicao do sujeito pela otica das teorias de Sartre e Vygotski	Diogo, Maria Fernanda ; Maheine, Katia	2007	Revista Aletheia, Jan, 2007, Issue 25, p.139(13)
Recursos organizacionais em frigorificos e sua relacao com a implantacao de estrategias voltadas a sustentabilidade ambiental: o caso do Grupo Marfrig Alimentos S.A.(texto em portgues)	Sehnem, Simone ; Pereira Pavao, Yeda Maria ; Marques Rossetto, Adriana ; Aparecida Leonardi, Vilisiane	2012	Revista Brasileira de Gestao de Negocios (Brazilian Journal of Business Management), April-June, 2012, p.193(23)
Tecendo as redes de apoio na prematuridade	Andreani, Grace ; Aparecida O. Custodio, Zaira ; Aparecida Crepaldi, Maria	2006	Revista Aletheia, July, 2006, Issue 24, p.115(12)
Assimetria de informacao e confianca em interacoes cooperativas.(Texto em Portugues)	Violetti Bertolin, Rosangela ; Carlos Dos Santos, Antonio ; Braga De Lima, Juvenico ; Jose Braga, Marcelo	2008	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Jan-March, 2008, Vol.12(1), p.59(23)
Estagio Docencia: um estudo no Programa de Pos-graduacao em Administracao da Universidade Federal de Lavras.(Documentos e Debates)	De Fatima Joaquim, Nathalia ; De Brito Nascimento, Joao Paulo ; Vilas Boas, Ana Alice ; Tavares Silva, Fernanda	2011	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Nov-Dec, 2011, Vol.15(6), p.1137(15)
Vulnerabilidade ao burnout entre medicos de hospital publico do Recife	Dos Santos Lima, Raiza Araujo ; Impieri De Souza, Ariani ; Hirschle Galindo, Renata ; De Oliveira Feliciano, Katia Virginia	2013	Ciencia & Saude Coletiva, April, 2013, Vol.18(4), p.1051(8)
Occupational Health Hazards in ICU Nursing Staff	Shimizu, Helena Eri ; Couto, Djalmia Ticiani ; Merchán-Hamann, Edgar ; Branco, Anadergh Barbosa Davidson, P. M	2010	Nursing Research and Practice, 2010, Vol.2010, 6 pages
Associacao entre o estado de saude autorreferido de adultos e a area de localizacao do domicilio: uma análise de regressao logistica ordinal usando a PNAD 2008.(texto em portgues)(Dados estatísticos)	De Moraes, Jose Rodrigo ; Pronestino De Lima Moreira, Jessica ; Raggio Luiz, Ronir	2011	Ciencia & Saude Coletiva, Sept, 2011, Vol.16(9), p.3769(12)
Habitar el patrimonio cultural: el caso del ferrocarril de Anhumas-Jaguariuna.(Report)	Fernandes Geribello, Denise	2011	APUNTES - Journal of Cultural Heritage Studies, Jan-June, 2011, Vol.24(1), p.76(16)
Risco reprodutivo e renda familiar: análise do perfil de gestantes.(TEMAS LIVRES)	Bispo Xavier, Rozania ; Bonan Jannotti, Claudia ; Silveira Da Silva, Katia ; De Carvalho Martins, Aline	2013	Ciencia & Saude Coletiva, April, 2013, Vol.18(4), p.1161(11)
Psicologia e publicidade: velhos e novos encontros.(REPRESENTACOES NA CONTEMPORANEIDADE)(Report)	Hennigen, Ines ; Brandelli Costa, Angelo	2009	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, Dec, 2009, Issue 40, p.117(7)
Adesao medicamentosa em idosos em seguimento ambulatorial.(TEMAS LIVRES)(Texto en Portugues)	Aparecida Cintra, Fernanda ; Elena Guarento, Maria ; Akemi Miyasaki, Llian	2010	Ciencia & Saude Coletiva, Nov, 2010, Vol.15(7), p.3507(9)
"Todo mundo conhece a gente agora": cultura e identidade de jovens rurais em Minas Gerais (Brasil).(Report)	Magno, Lucas ; Doula, Sheila Maria ; De Almeida Pinto, Neide Maria	2011	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ninez y Juventud, Jan, 2011, Vol.9(1), p.305(15)
A terra fértil do cotidiano.(O COTIDIANO EM PERSPECTIVA)	Maffesoli, Michel	2008	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, August, 2008, Issue 36, p.5(5)
SIM e SINASC: representacao social de enfermeiros e profissionais de setores administrativos que atuam em hospitais no municipio de Sao Paulo	Schoeps, Daniela ; Furquim De Almeida, Marcia ; Ribeiro Respanitini, Priscila ; Dutth Novaes, Hillegonda Maria ; Pereira Da Silva, Zilda ; Lefevre, Fernando	2013	Ciencia & Saude Coletiva, May, 2013, Vol.18(5), p.1483(10)
Para uma critica da razao metafórica na cultura contemporânea-bases teoricas.(Multidisciplinariades)(Report)	Dravet, Florence	2011	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, May-August, 2011, Vol.18(2), p.577(22)
O efeito de vizinhanca ortografica no Portugues do Brasil: acesso lexical ou Processamento estrategico?	Dos Reis Justi, Francis Ricardo ; Vieira Pinheiro, Angela Maria	2006	Revista Interamericana de Psicologia, Sept, 2006, Vol.40(3), p.275(14)
Emergencia e conexonismo como hipoteses suplementares ao Entwurf einer Psychologie de Freud	Sathier Guimaraes, Andre	2007	Revista Aletheia, July, 2007, Issue 26, p.41(9)
Juventude e socializacao politica: atualizando o debate.(Report)	Rabello De Castro, Lucia	2009	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Oct-Dec, 2009, Vol.25(4), p.479(10)
Dialectica da exclusao/inclusao em uma organizacao industrial.(FORUM-NOVOS MODELOS ORGANIZACIONAIS: PARADOXOS E CONTRADICOES ENTRE O DISCURSO E A PRATICA)(Report)	Coutinho, Maria Chafin	2006	RAE Eletronica, Jan, 2006, Vol.5(1)
A gramatica e suas interfaces	De Moura Neves, Maria Helena	2007	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2007, Vol.51(1), p.81(18)
Information systems adherence in the decision taking: a multicase study with business games/ Aderencia de sistemas de informacao na Tomada de Decisao: um estudo multicase com jogos da empresa	Maccari, Emerson Antonio ; Sawaia, Antonio Carlos Aidar	2006	Journal of Information Systems & Technology Management, July, 2006, Vol.3(3), p.371(18)
As dimensoes do corpo e a topologia cultural.(Report)	Danzato, Leonardo	2009	Revista Aletheia, Jan, 2009, Issue 29, p.129(13)
Familias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos	Sanchothene De Souza, Nadir Helena ; Wagner, Adriana ; De Moraes Branco, Bianca ; Bonatto Reichert, Claudete	2007	Revista Aletheia, July, 2007, Issue 26, p.109(13)
Interaction among children with special needs in free-play situations: possibilities of development/Interacao entre criancas com necessidades especiais em contexto ludico: possibilidades de desenvolvimento	De Souza, Carolina Molina Lucenti ; Batista, Cecilia Guamieri	2008	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2008, Vol.21(3), p.383(9)
Contexts and the partners of children's narration in the preschool/Contextos e parceiros do narrar de criancas na escola infantil.(Report)	Smith, Vivian Hamann ; Bordini, Gabriela Sagebin ; Sperb, Tania Mara	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, June, 2009, Vol.22(2), p.181(10)
Estrategias de interacao no ensino do texto dissertativo.(Tema central: linguagem na interacao social)	De Oliveira Massoni, Maria Izabel	2002	Alfa: Revista de Linguistica, Annual, 2002, Vol.46, p.19(20)
Telling feminist stories/countando estorias feministas.(Texto en Portugues)	Hemmings, Clare	2009	Revista Estudo Feministas, Jan-April, 2009, Vol.17(1), p.215(27)
Condicoes socioeconomicas, consumo alimentar e estado nutricional de preescolares pertencentes a uma creche.(Texto en Portugues)	Bitencourt Valente, Tessa ; Rychekci Hecktheuer, Luisa Helena ; Bauermann Brasil, Carla Cristina	2010	Alimentos e Nutricao (Brazilian Journal of Food and Nutrition), July-Sept, 2010, Vol.21(3), p.421(8)
Experiencias inovadoras de cuidado no Programa Saude da Familia (PSF): potencialidades e limites.(artigos)(Report)	Uchoa, Alice Da Costa	2009	Interface: Comunicacao Saude Educacao, April-June, 2009, Vol.13(29), p.299(13)
Genogram use as a collect tool in qualitative research/A utilizacao do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa	Wendt, Naiane Carvalho ; Crepaldi, Maria Aparecida	2008	Psicologia: Reflexao & Critica, June, 2008, Vol.21(2), p.302(9)
Conexoes politicas e desempenho: um estudo das firmas listadas na BM&FBovespa	Oliveira Camilo, Silvio Parodi ; Marcon, Rosilene ; Bandeira - De - Mello, Rodrigo	2012	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, Nov-Dec, 2012, Vol.16(6), p.784(22)
O jogo de empresas no processo de aprendizagem em administracao: o discurso coletivo de alunos.(articulo en portgues)	Da Silva Motta, Gustavo ; Armond De Melo, Daniel Reis ; Brasileiro Paixao, Roberto	2012	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, May-June, 2012, Vol.16(3), p.342(18)
Análise diagnostica do atendimento pre-hospitalar para acidentes e violencias contra idosos em Curitiba (PR, Brasil).(Texto en Portugues)	Ferreira De Mello, Ana Lucia Schaefer ; Moyses, Samuel Jorge	2010	Ciencia & Saude Coletiva, Sept, 2010, Vol.15(6), p.2709(10)
A interferencia da linguagem jornalística na cultura amazônica: a construçao de novos sentidos transformando contextos e cenários.(PESQUISA EM JORNALISMO)	Agra, Klondy Lucia De Oliveira ; Albuquerque, Lucio	2010	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, Jan-April, 2010, p.36(10)
Imagens na oralidade (1).(Tema central: linguagem na interacao social)	Dionisio, Angela Paiva	2002	Alfa: Revista de Linguistica, Annual, 2002, Vol.46, p.71(23)
O discurso documental na historia das ideias linguisticas e o caso dos dicionarios.(Texto en Portugues)	Horta Nunes, Jose	2008	Alfa: Revista de Linguistica, Jan, 2008, Vol.52(1), p.81(20)
A transformacao da pratica do bancario e a exigencia de multiplas competencias.(Texto en Portugues)	Santos Goes, Antonio Oscar ; Alves De Souza, Maria Eliane	2008	RAC-Eletronica, Jan, 2008, Vol.2(1), p.123(18)
Analysis of consumer goals: a methodological contribution/Análise das metas do consumidor: uma contribuicao metodologica.(Report)	Escudero, Fabiana Thiele ; Prado, Paulo Henrique Muller	2008	RAE Eletronica, July, 2008, Vol.7(2)
Explicar las posturas, los enfoques y las palabras: elementos para pensar la escritura de un articulo, desde la voz de evaluadores expertos.(Report)	Perez - Abri, Mauricio	2010	MAGIS. Revista Internacional de Investigacion en Educacion, July-Dec, 2010, p.21(32)
Musica e cibercultura.(MULTIPLoS ESPACOS)(Report)	Montenegro De Lima, Clovis Ricardo ; Santini, Rose Marie	2009	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, Dec, 2009, Issue 40, p.51(6)
Fracasso escolar: do que se trata? Psicologia e educacao, debates "possiveis"	Coelho Heckert, Ana Lucia ; Barros De Barros, Maria Elizabeth	2007	Revista Aletheia, Jan, 2007, Issue 25, p.109(14)
Buscando uma linguagem para a cibermotia: (re) conhecendo o leitor/usuario como fator decisivo para definicoes.(PRATICAS COMUNICACIONAIS)	Baldessar, Maria Jose ; Ritter Longhi, Raquel	2008	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, Dec, 2008, Issue 37, p.128(5)
Levi-Strauss, teorico da comunicacao.(PENSAR A COMUNICACAO)(Report)	Rodrigues, Jose Carlos	2009	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, August, 2009, Issue 39, p.57(6)
Information systems: what kind of science is this?/ Sistema de informacao: que ciencia e essa?	Filho, Jose Rodrigues ; Ludmer, Gilson	2005	Journal of Information Systems & Technology Management, April, 2005, Vol.2(2), p.151(16)
Estudo longitudinal do desenvolvimento de criancas nascidas pre-termo no primeiro ano pos-natal.(Report)	Nobre, Fabiela Dantas Andrez ; Carvalho, Ana Emilia Vita ; Martinez, Francisco Eulogio ; Linhares, Maria Beatriz Martins	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2009, Vol.22(3), p.362(8)
Aprendizagem na acao revisitada e seu papel no desenvolvimento de competencias	Simone Antonello, Claudia	2007	Revista Aletheia, July, 2007, Issue 26, p.146(22)
Causalidade, propriedade diferencial e construçao de dominios notionais	Rezende, Leticia Marcondes	2003	Alfa: Revista de Linguistica, July, 2003, Vol.47(2), p.21(19)
Os modelos multistagios de maturidade: um breve relato de sua historia, sua difusao e sua aplicacao na gestao de pessoas por meio do People Capability Maturity Model (P-CMM)	Schwetter Silveira, Victor Natanael	2009	Revista de Administracao Contemporanea - RAC, April-June, 2009, Vol.13(2), p.228(19)
Qualidade de vida de sobreviventes do transplante de medula ossea (TMO): um estudo prospectivo.(Report)	Arantes De Oliveira - Cardoso, Erka ; Mastropietro, Ana Paula ; Voltarelli, Julio Cesar ; Dos Santos, Manoel Antonio	2009	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Oct-Dec, 2009, Vol.25(4), p.621(8)
Os estudos interculturais e a cabeca do brasileiro.(RELACOES SOCIAIS E CULTURAIS)(Report)	Alkalai Wainberg, Jacques	2009	Revista Famecos - Midia, Cultura e Tecnologia, April, 2009, Issue 38, p.51(11)
Mulheres brasileiras e militancia politica durante a ditadura militar: a complexa dinamica dos processos identitarios	Gianordoli - Nascimento, Ingrid Faria ; Araujo Trindade, Zeidi ; De Fatima De Souza Santos, Maria	2007	Revista Interamericana de Psicologia, Sept, 2007, Vol.41(3), p.359(12)
Os ratings de risco soberano e os fundamentos macroeconomicos dos paises: um estudo utilizando redes neurais artificiais.(Report)	Ferreira Frascariol, Bruno ; Costa Silva, Luciano Da ; Silva Filho, Osvaldo Candido Da	2009	Revista Brasileira de Financas, Jan, 2009, Vol.7(1), p.73(34)
A sincronizacao da tomada de decisao estrategica com o planejamento estrategico formal	Bataglia, Walter ; Sin Oh Y, Abraham	2008	Revista de Administracao Mackenzie, Sept-Oct, 2008, Vol.9(5), p.82(30)
A lingua espanhola no trabalho dos agentes de turismo	Da Cunha, Cleverson Renan ; Lopes, Melo Marlene Catarina De Oliveira	2006	RAE Eletronica, July, 2006, Vol.5(2)
Estudo de caso como procedimento de pesquisa científica: reflexao a partir da clinica fonocardiologica.(Report)	Almeida De Freitas, Luciana Maria	2005	Alfa: Revista de Linguistica, July, 2005, Vol.49(2), p.41(23)
Burnout: implicacoes das fontes organizacionais de desajuste individuo-trabalho em profissionais da enfermagem.(Report)	Pereira, Lais De Toledo Kruken ; Godoy, Dalva Maria Alves ; Terceiro, Denise	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2009, Vol.22(3), p.422(8)
Desafios para uma epistemologia da pesquisa com grupos	Tamayo, Mauricio Robayo	2009	Psicologia: Reflexao & Critica, Sept, 2009, Vol.22(3), p.474(9)
	Da Penha Nery, Maria ; Fortunato Costa, Liana	2007	Revista Aletheia, Jan, 2007, Issue 25, p.123(16)

A escrita do caso e a ressignificação da experiência de estágio	Maraschin, Cleci ; De Leao D' Agord, Marta Regina ; Silveira Dos Santos, Nair Tracema ; Orgler Sordi, Regina	2006	Revista Aletheia, July, 2006, Issue 24, p.35(13)
O acompanhamento familiar antes e depois da morte da criança: uma proposta de intervenção para o psicólogo hospitalar	Bolze, Simone D. A. ; Castoldi, Luciana	2005	Revista Aletheia, Jan, 2005, Issue 21, p.79(13)
A consciencia metalinguística pragmática e sua relação com a produção escrita	Della Giustina, Flavia Pinheiro ; De Freitas Rossi, Tania Maria	2008	RLA: revista de linguística teórica y aplicada, July, 2008, Vol.46(2), p.29(23)
A study of regional archaeology in the mid-course of the Tocantins river valley, TO, Brazil/Um estudo de Arqueologia Regional no meio curso do rio Tocantins, TO, Planalto Central brasileiro	Morales, Walter Fagundes	2007	Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Annual, 2007, Issue 17, p.69(29)
Gestão de informações de custos para a atividade de importação em uma indústria automobilística.(Artigo-Economia das Organizações)	Ribeiro De Oliveira, Josmaria Lima ; De Souza, Antonio Artur ; De Rezende Freitas, Adriana Gonçalves ; Bessa Ribeiro, Karla Lorena	2008	Revista de Gestão USP - REGE-USP, Jan-March, 2008, Vol.15(1), p.15(14)
Advertising ethics from the viewpoint of advertising executives/Ética da propaganda sob o olhar dos publicitários.(Report)	Acevedo, Claudia Rosa ; Nohara, Juliana Jordan ; Campanario, Milton De Abreu ; Telles, Cecilia Caraver Prado	2009	RAE Eletrônica, Jan, 2009, Vol.8(1)
Information technology investments and impact on the productivity of firms: an empirical analysis in light of the productivity paradox/Investimentos em tecnologia da informação e impactos na produtividade empresarial: uma análise empírica a luz do paradoxo da produtividade.(Report)	Gartner, Ivan Ricardo ; Zwicker, Ronaldo ; Rodder, Wilhelm	2009	Revista de Administração Contemporânea - RAC, July-Sept, 2009, Vol.13(3), p.391(19)
O processo de criação das telenovelas.(FORUM)(Report)	Oguri, Lucia Maria Bittencourt ; Chauvel, Marie Agnes ; Suarez, Maribel Carvalho	2009	RAE, Jan-March, 2009, Vol.49(1), p.38(11)
Networks of co-authorships among professors of Brazilian programs of post graduate (stricto sensu) in administration: structural aspects and dynamics of relationship/Rede de coautorais entre docentes de programas Brasileiros de pós-graduação (stricto sensu) em administração: aspectos estruturais e dinâmica de relacionamento.(Report)	De Mello, Cristiane Marques ; Crubellate, Joao Marcelo ; Rossini, Luciano	2009	Revista de Administração Mackenzie, Sept-Oct, 2009, Vol.10(5), p.130(24)
The internet as informational source for mis: the processes of capture and the forms of evaluation/A internet como fonte informacional para o sim: os processos de captura e as formas de avaliação	Crescitelli, Edson ; De Oliveira, Erica Custodia ; Barreto, Ina Futino	2006	Journal of Information Systems & Technology Management, July, 2006, Vol.3(3), p.347(24)
Gender theories or theories and gender? If and how feminist gender studies became a new science field/Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências.(Report)	Matos, Marise	2008	Revista Estudo Feministas, May-August, 2008, Vol.16(2), p.333(25)
Análise discursiva dos saberes e fazeres pedagógicos de professores do ensino fundamental.(Texto em Português)	Assolini, Flomene Elaine P.	2008	Alfa: Revista de Linguística, Jan, 2008, Vol.52(1), p.123(25)
In the labyrinth, swords and thread: beauvoir and haraway, otherness at, and alterity in, social theory/No labirinto, espadas e novelo de linha: beauvoir e haraway, alteridades, e alteridade, na teoria social.(Report)	Kofes, Suelly	2008	Revista Estudo Feministas, Sept-Dec, 2008, Vol.16(3), p.865(13)
Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfológico e latitude funcional/Non-concatenative morphological processes in Brazilian Portuguese: form and meaning	Gonçalves, Carlos Alexandre	2004	Alfa: Revista de Linguística, Jan, 2004, Vol.48(1), p.9(20)
Data organization and systematization as a tool for understanding results from education assessments/Organização e contextualização de dados como subsídio para a compreensão dos resultados das avaliações educacionais.(Report)	Watanabe, Margareth ; Perez, Maria Candida Raizer Cardinali	2009	Sao Paulo em Perspectiva, Jan-June, 2009, Vol.23(1), p.149(16)
A capacitação tecnológica das indústrias de lousas de mesa de campo largo (PR)	Soares Ferreira, Setembrino, Jr. ; Cunha, Joao Carlos Da	2008	Revista de Administração Mackenzie, March-April, 2008, Vol.9(2), p.31(27)
The structure of information for the process of strategic decision making: a study based on the strategy while in practice/A estrutura informacional no processo de decisão estratégica: estudo baseado na estratégia enquanto prática	Abib, Gustavo ; Bulgacov, Sergio ; Do Amorim, Andre Luis Marra	2007	Journal of Information Systems & Technology Management, July, 2007, Vol.4(3), p.333(20)
Investigação de grupos estratégicos na indústria de laticínios por meio da abordagem multivariada	Marques Ferreira, Marco Aurelio ; Abrantes, Luiz Antonio ; Perez, Ronaldo	2008	Revista de Administração Mackenzie, March-April, 2008, Vol.9(2), p.152(21)
Acidentes e doenças do trabalho notificadas, de motoristas profissionais do Estado de São Paulo.(Report)	La Porte Teixeira, Monica ; Marina Fischer, Frida	2008	Sao Paulo em Perspectiva, Jan-June, 2008, Vol.22(1), p.66(13)
McLuhan e neuromancer: aldeia global e outros conceitos no imaginário cyberpunk.(REDES E SUJEITOS)(Report)	Gomes, Marcia ; Rorato Londero, Rodolfo ; Araujo Do Nascimento, Michelle	2009	Revista FAMECOS - Midia, Cultura e Tecnologia, April, 2009, Issue 38, p.111(7)
Periodicos brasileiros de administração: análise bibliométrica de impacto no triênio 2005-2007	Machado - Da - Silva, Clovis L. ; Filho, Edson Ronaldo Guardido ; Rossini, Luciano ; Graeff, Julia Furlanetto	2008	RAC-Eletronica, Sept-Dec, 2008, Vol.2(3), p.351(23)
La concepción de universidad en Iyotard: ¿crisis o erosión de la ciencia?(Texto em Português)	Silva, Joao Dos Reis, Jr. ; Pinto E Silva, Eduardo	2009	Fundamentos en Humanidades, June, 2009, Vol.10(1), p.91(27)
Competências, gestão de competências e profissões: perspectivas de pesquisas.(Texto em Português)	Martins De Paiva, Kely Cesar ; De Oliveira Lopes Melo, Marlene Catarina	2008	Revista de Administração Contemporânea - RAC, April-June, 2008, Vol.12(2), p.339(30)
Linguagem e interdisciplinaridade.(Report)	Fiorin, Jose Luiz	2008	Alfa: Estudos Neolatinos, Jan, 2008, Vol.10(1), p.29(25)
Economia: conceitos e dados para entender o mundo da produção e das finanças.(texto em português)	Autor não especificado	2010	Almanaque Abril, Annual, 2010, Vol.36, p.79(30)
The leadership as element of the entrepreneurial behavior: an exploratory study/A liderança como elemento do comportamento empreendedor: um estudo exploratório	Armond, Alvaro Cardoso ; Nassif, Vania Maria Jorge	2009	Revista de Administração Mackenzie, Sept-Oct, 2009, Vol.10(5), p.77(30)
Disciplinary limits and possibilities of public administration and organizational studies/Limites e possibilidades disciplinares da administração pública e dos estudos organizacionais.(Report)	Fadul, Elvia Mirian Cavalcanti ; Da Silva, Monica De Aguiar Mac - Alister	2009	Revista de Administração Contemporânea - RAC, July-Sept, 2009, Vol.13(3), p.351(15)
Argentina, Brasil e Venezuela: as diferentes percepções sobre a construção do Mercosul.(Report)	Saraiva, Miriam Gomes ; Ruiz, Jose Briceno	2009	Revista Brasileira de Política, Jan, 2009, Vol.52(1), p.149(18)
Dicionário e cores	Zavaglia, Claudia	2006	Alfa: Revista de Linguística, July, 2006, Vol.50(2), p.25(17)
A tentativa de construção sequencial da verdade num interrogatório policial da delegacia de repressão a crimes contra a Mulher	Marques, Debora	2008	Veredas - Revista de Estudos Linguísticos, Jan, 2008, p.61(19)
The users' view on the delivery of speech therapy in the Brazilian Unified Health System in Salvador (Bahia, Brazil)/ A ótica dos usuários sobre a oferta do atendimento fonoaudiológico no Sistema Único de Saúde (SUS) em Salvador.(FREE THEMES/TEMAS LIVRES)(Report)	Bazzo, Leda Maria Fonseca ; Noronha, Ceci Vilar	2009	Ciência & Saúde Coletiva, Sept, 2009, p.S1553(11)
A internacionalização de empresas brasileiras em uma perspectiva motivacional	Honorio, Luiz Carlos	2008	Revista de Administração Mackenzie, March-April, 2008, Vol.9(2), p.128(24)
Música e Fala: O Discurso Verbal em um Espetáculo de Samba	Lima, Luiz Fernando Nascimento De	2003	Latin American Music Review, 2003, Vol.24(1), pp.95-125
Tempo de mudanças: sobrevida de um hospital público.(Report)	Cherchiglia, Marangela Leal ; Dallari, Sueli Gandolfi	2006	RAE Eletrônica, July, 2006, Vol.5(2)
Comorbidades psiquiátricas no tabagismo	Vitoria Calheiros, Paulo Renato ; Da Silva Oliveira, Margareth ; Andretta, Ilana	2006	Revista Aletheia, Jan, 2006, Issue 23, p.65(10)
O tema da cultura na filosofia brasileira	De Carvalho, Jose Mauricio	2002	Utopia y Praxis Latinoamericana, June, 2002, Vol.7(17), p.87(22)